

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Priscilla Adriane Ferreira Almeida

ILÍADA LATINA:

TRADUÇÃO E ESTUDO LITERÁRIO DA ADAPTAÇÃO DA
ILÍADA DE HOMERO NA ANTIGUIDADE LATINA

Belo Horizonte
2012

Priscilla Adriane Ferreira Almeida

ILÍADA LATINA:
TRADUÇÃO E ESTUDO LITERÁRIO DA ADAPTAÇÃO DA
ILÍADA DE HOMERO NA ANTIGUIDADE LATINA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Matheus Trevizam

Belo Horizonte
2012

Para os meus pais

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela conclusão de mais essa fase da minha vida.

A meu pai, Elvécio, sempre dedicado e carinhoso. À minha mãe Sandra, que infelizmente não pôde acompanhar mais esse desafio vencido. Aos meus irmãos, Karla e Juninho, pelo apoio, amizade e companheirismo.

Ao Flávio, que além de ser meu ombro nos momentos difíceis, me incentivou em cada momento de desânimo, e esteve sempre ao meu lado, iluminando e alegrando meus dias.

Às queridíssimas Juliana, Xuxu, Isabelle, Priscilla e Marina, pela amizade incondicional.

Ao Matheus, excepcional como orientador e pessoa, agradeço pela confiança e paciência que depositou em mim.

Aos meus professores da área de latim e grego da Faculdade de Letras, pelos alegres momentos de aprendizado.

À Tereza Virgínia, pelo carinho.

Agradeço a Faculdade de Letras da UFMG, ao POSLIT e CAPES, pela oportunidade de realizar esse trabalho.

*Triste destino Zeus grande nos deu, para que nos celebrem,
nas gerações porvindouras, os cantos excelsos dos vates.*

Helena (*Iliada*, canto III, vv. 352 e 353)

Resumo

O poema *Ilíada Latina* é uma adaptação resumida em latim da *Ilíada*, da época de Nero. Já no século I a.C., o mito troiano passou a ser cada vez menos conhecido através da *Ilíada*, já que o grego era apenas aprendido pela elite romana. Durante a Idade Média, o grego deixou de ser aprendido no Ocidente, e assim, a *Ilíada* se perdeu durante esse período, até que estudiosos italianos começaram a aprender grego com os viajantes bizantinos no século XIV.

A história da guerra de Troia, portanto, passou gradativamente a ser conhecida através de resumos, adaptações e versões em latim da *Ilíada*. É nesse contexto que se insere a *Ilíada Latina*, única obra desse conjunto que sobreviveu ao longo dos séculos, e que nos chegou bem conservada.

Na presente dissertação traduzimos integralmente o poema *Ilíada Latina*, e fizemos um estudo comparativo de certas passagens dessa obra com a *Ilíada*, sobretudo quanto ao enredo, estilo e construção das personagens.

Por pertencer à literatura latina, a *Ilíada Latina* também se aproxima de Virgílio e Ovídio, ao adaptar passagens do poema de Homero à ideologia romana. Por conseguinte, também comparamos essas passagens com as obras latinas, especialmente a *Eneida*, a *Arte de amar* e as *Metamorfoses*.

Com esse estudo, perceberemos como a adaptação latina tem um significativo impacto na transmissão da história da guerra de Troia, além de nos propiciar outro ponto de vista sobre Homero; e de como se desenvolveram as narrativas do ciclo troiano durante a Idade Média.

Palavras-chave: *Ilíada*, *Ilíada Latina*, poesia épica, Virgílio, Ovídio, ideologia romana.

Abstract

The poem *Ilias Latina* is a Latin resumed adaptation of *Iliad*, from Neronian times. In the first century B.C, the Trojan myth became gradually unknown through *Iliad*, since Greek was learned only by the Roman aristocracy. During the Middle Age, Greek language was left aside in Occident and *Iliad* was lost until Italian scholars started to learn Greek with Byzantine travelers in the XIVth century.

The Troy War history had been more and more known via resumes, adaptations and Latin versions of *Iliad*. This is the context in which *Ilias Latina* could be inserted; the only work of this group that survived well preserved over the centuries.

In this paper the poem *Ilias Latina* was fully translated and a comparative study of some passages was made, focusing plot, style and characters' construction.

Being part of Latin literature, *Ilias Latina* is close to Virgil and Ovid, and has adapted passages of *Iliad* into Roman ideology. Moreover, it is possible to compare these extracts with some Latin works, such as *Eneid*, the *Art of Love* and the *Metamorphoses*.

This research helps to realize how the Latin adaptation has a significant impact in the transmission of Troy War history, provide another point of view of Homer and show how narratives have been developed in the Trojan cycle, during the Middle Age.

Key words: *Iliad*, *Ilias Latina*, epic poetry, Virgil, Ovid, Roman ideology.

Sumário

1 – Introdução	p. 10
1.1 – Justificativa	p. 11
1.2 – Objetivos e metodologia	p. 17
2 – <i>Ilíada & Ilíada Latina: a tradição épica na Antiguidade clássica.....</i>	p. 19
2.1 – Homero e a poesia épica	p. 19
2.1.1 – Composição dos poemas homéricos	p. 19
2.2 – A <i>Ilíada</i>	p. 22
2.2.1 – Homero e a literatura grega	p. 24
2.3 – A epopeia em Roma do seu surgimento ao período republicano	p.26
2.3.1 – Épica no período de Augusto.....	p.29
2.3.2 – Épica pós augusta e período flaviano	p. 33
2.4 – A <i>Ilíada Latina</i>	p. 35
2.4.1 – Da autoria e data de composição da obra	p. 35
2.4.2 – Da estrutura e tradição manuscrita	p. 40
3 – Facetas de Ílio	p. 44
3.1 – O enredo da <i>Ilíada</i>	p. 44
3.2 – Estilo da <i>Ilíada</i> : epítetos, fórmulas e símiles	p. 48
3.3 – Construção das personagens no poema homérico	p.53
3.4 – Construção narrativa da <i>Ilíada Latina</i>	p. 57
3.5 – Estilo da <i>Ilíada Latina</i>	p. 68
3.6 – Aspectos latinos na <i>Ilíada Latina</i>	p.79
3.6.1 – Virgílio	p. 80
3.6.2 – Ovídio	p.91
3.6.3 – Outros aspectos ideológicos.....	p. 94
4 – Considerações finais	p. 99
4.1 – O ciclo troiano no fim do império romano	p. 99
4.2 – O ciclo troiano durante a Idade Média	p. 100

4.3 – Troia	p. 102
5 – Texto latino da <i>Ilíada Latina</i>	p. 104
5.1 – tradução da <i>Ilíada Latina</i>	p. 144
6 – Sobre o processo tradutório da <i>Ilíada Latina</i>	p. 183
6.1 – dos nomes das personagens	p. 185
6.2 – da tradução dos termos complexos	p. 186
7 – Referências bibliográficas	p. 198

1 – Introdução

O poema *Iliada Latina* (*Ilias latina*) é uma adaptação resumida, em latim, da *Iliada* de Homero, com 1070 versos em hexâmetros datílicos – por oposição aos quase 16 mil versos do texto grego – e apresenta uma linguagem despretensiosa e clara.

A língua grega era apenas aprendida pelas classes cultas e ricas de Roma, e o povo não tinha acesso direto às obras homéricas.

A história da guerra de Troia, portanto, passou gradativamente a ser conhecida através de resumos, versões e epítomes em latim da *Iliada*. É nesse contexto que se insere a *Iliada Latina*, única obra desse conjunto que sobreviveu ao longo dos séculos, e que nos chegou em ótimo estado de conservação.

Na tradução espanhola dessa obra publicada pela Gredos, temos, na introdução¹:

Desde o final da Antiguidade e durante toda a Idade Média – até que em 1358 Leôncio Pilato difunde sua tradução em latim do texto grego, iniciando a série de versões humanísticas da *Iliada* -, o poema latino foi a única via pela qual se conservou o conhecimento do poema homérico na cultura europeia ocidental. Por este motivo, o poema foi conhecido nesta época como *Liber Homeri*, ou simplesmente *Homerus* ou, em razão de sua brevidade, *Omerulus*.

Albin Lesky detalha mais a questão da transmissão da literatura grega no Ocidente, a partir do declínio de Roma:

De qualquer modo, foi sobretudo a Igreja, além da legislação, que, no séc. IV, fez com que o códice passasse a ser forma dominante de livro. Uma vez que a nova forma de livro suplantara a antiga, perdeu-se também tudo aquilo que não participou nesta transformação. O final do séc. IV e o começo do séc. V ainda assistiram a um ressurgimento dos interesses filológicos, que depressa se desvaneceu, cedendo o lugar à implantação de um ideal de cultura superficial e enciclopédico. Os pontos mais baixos da nossa história da transmissão correspondem aos “obscuros” séculos VII e VIII. E ter-se-ia chegado quase à perda completa da literatura grega, se no séc. IX não tivesse vingado aquele movimento, inspirado pelo patriarca Fócio, que frequentemente é designado como uma espécie de Renascimento (...). Durante a ocupação de Constantinopla, Tessalónica e outras cidades prosseguiram, em parte, o trabalho filológico, e por volta de 1200 também na capital se reiniciou nova

¹ As traduções de citações aqui apresentadas são nossas, e virão com o original em nota de rodapé. “Desde el final de la Antigüedad y durante toda la Edad Media - hasta que en 1358 Leoncio Pilato difunde su traducción al latín del texto griego, iniciando la serie de las versiones humanísticas de la *Iliada* -, el poema latino fue la única vía por la que se conservó el conocimiento del poema homérico en la cultura europea occidental. Por este motivo, el poema se conoció en esta época como *Liber Homeri*, o simplemente *Homerus* o, en razón de su brevidad, *Omerulus*”. (Vega, López, 2001, p. 9 e 10)

actividade. Já no séc. XIII se tinham fortalecido as relações culturais entre Bizâncio e a Itália; Palermo, Messina e Nápoles eram importantes pontos de contacto. Eruditos como Manuel Crisóloras trouxeram para o Ocidente manuscritos gregos; a Biblioteca Vaticana em meados do séc. XV possuía já 350 exemplares. Pôs-se em marcha uma evolução que, com a queda de Constantinopla em 1453, se transformaria num grande movimento cultural. Transfere-se em definitivo nesta altura para o Ocidente a transmissão da literatura grega. (Lesky, 1995, p. 14 e 15)

Em relação ao papel da *Ilíada Latina* durante a fase medieval, Thompson afirma²

Enquanto isso, no Ocidente latino as pessoas cessaram de ler o grego e rejeitaram as histórias pagãs como as que foram contadas por Homero (embora eles continuassem a ler e a aprovar a *Eneida* do latino Virgílio). Seguindo o ponto de vista pró-Troia de Virgílio, as pessoas no Ocidente latino consideraram os gregos de Homero os vilões da guerra de Troia. Quando Homero era lido no Ocidente, era na forma da *Ilíada Latina* ou *Ilias Latina* (...) Consequentemente, Homero ficou “perdido” por mil anos no Ocidente, até que escolares na Itália começaram a aprender grego com viajantes bizantinos no século XIV.

Assim, encontrando-se os livros de Homero de certo modo inacessíveis, as versões eram muito comuns, e a *Ilíada Latina* correspondeu a uma das mais antigas e populares. Além disso, a obra fez parte da tradição escolar, junto com Lucano, Virgílio, Estácio, Juvenal e Horácio (*Arte poética* e epístolas), por sua linguagem despojada e sua brevidade (Butler, 2008, p. 159). Justamente por ter sido muito utilizada nas escolas é que foi bem preservada até os dias de hoje: restam trinta manuscritos, sendo os mais antigos dos séculos X e XI.

1.3 – Justificativa

A redução da *Ilíada* para apenas 1070 versos inevitavelmente acarreta perda da profundidade original, mas a *Ilíada Latina* também encerra aspectos interessantes. É possível ver claramente como o autor entendia a *Ilíada*, através das passagens e aspectos (mitológicos, estilísticos etc.) que ele escolhe transmitir; suas omissões e inovações em relação ao texto original, além da influência e contaminação de autores latinos, sobretudo Virgílio e Ovídio.

² “Meanwhile, in the Latin West people ceased to read Greek and rejected pagan stories such as those told by Homer (although they continued to read and approve of Virgil’s Latin *Aeneid*). Following Virgil’s pro-Trojan point of view, people in the Latin West condemned Homer’s Greeks as the villains of the Trojan War. When Homer was read in the West, it was in the form of the Latin Iliad or *Ilias Latina* (...) Consequently, Homer became “lost” for a thousand years in the West, until scholars in Italy began learning Greek from Byzantine travelers in the fourteenth century.” (Thompson, 2004, p. 129)

Temos, por exemplo, a seguinte passagem da obra latina no livro III, dos versos 320 a 331, em que Helena fala de seus sentimentos e preocupações a Páris, após ele ter sido salvo por Vênus da luta contra Menelau. Ela diz:

*“Venisti, mea flamma, Paris, superatus ab armis
coniugis antiqui? Vidi puduitque uidere,
arreptum cum te traheret uiolentus Atrides
Iliacoque tuos foedaret puluere crines.
nostraque – me miseram! – timui ne Doricus ensis
oscula discuteret; totus mihi, mente reuincta,
fugerat ore color sanguisque reliquerat artus.
Quis te cum saeuo contendere suasit Atrida?
An nondum vaga fama tuas peruenit ad aures
de uirtute uiri? Moneo ne rursus inique
illius tua fata uelis committere dextrae”.*
Dixit. Tum largis perfudit fletibus ora.

“Vieste, minha chama, Páris, superado pelas armas do antigo esposo? Vi e tive vergonha de ver, quando o violento Atrida te puxava, arrastando-te, e sujava teus cabelos com a poeira Ilíaca. E temi – miserável de mim! – que a espada Dórica dissipasse os nossos beijos; com a mente confusa, toda minha cor fugira do rosto e o sangue deixara os membros. Quem te persuadiu a lutar contra o cruel Atrida? Acaso ainda não chegou aos teus ouvidos a errante fama da bravura do homem? Aconselho-te a não confrontar de novo o teu destino contra a destra dele desigualmente.” Disse. Então ela banhou o rosto com abundantes lágrimas.

(tradução nossa)

O forte caráter sentimental e uma expressiva representação de afeto associável³ àquela do amor como doença evocam lugares-comuns da lírica greco-romana. Da literatura grega, temos o conhecidíssimo fragmento de Safo⁴, no qual ela faz detalhada descrição dos sintomas que a acometem:

Parece-me aquele igual aos deuses
ser, o homem que diante de ti
se senta e perto tua doce fa-
la escuta
e teu riso sedutor – o que, a mim,
o coração no peito dilacerou!
Pois com te olhar apenas, já nada falar
mais me é dado.
Faz-se minha língua em pedaços e, fino,
logo sob a pele um fogo corre.
Com os olhos nada vejo e ribom-
bam-me os ouvidos.

³ No caso, do medo de perder o ser amado para seu inimigo, tendo como sintomas o que se expressa em v. 326.

⁴ Fragmento 31 de LOBEL, E.e PAGE, D. *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

De mim suor frio escorre e um tremor
toda me prende. Mais verde que erva
estou – e, bem morta, por bem pouco,
pareço...
Mas tudo é para ousar...

(Tradução de Jacyntho Lins Brandão⁵)

Foi em Homero que Safo buscou esses sintomas. Fontes (2003, p. 195) ressalta que eles assinalam, em momentos nodais da *Iliada*, o medo, a cólera, a aflição, os desgostos do herói em situações-limite. Podemos destacar a fala de Idomeneu a Meríones, quando ambos se dirigem para a batalha. Idomeneu fala das atitudes do guerreiro covarde, em oposição ao guerreiro valente (*Il. XIII*, v. 276 a 291):

Pois se agora junto às naus nos reuníssemos, nós os melhores,
para uma emboscada, situação em que melhor se avalia o valor
dos varões, onde tanto o covarde como o valente se revelam –
é que a pele do covarde está sempre a mudar de cor,
nem o ânimo lhe assenta imperturbável no espírito,
mas fica irrequieto e apoia-se ora num pé, ora no outro,
e o coração bate com força dentro do peito
ao pressentir a morte e na boca lhe chocalham os dentes;
porém a cor do valente não se altera nem sente medo
em demasia, depois de estar no seu lugar na emboscada
de varões: reza é para depressa entrar na cópula da luta funesta –
ora nem em tal situação tua força ou teus braços seriam aviltados!
E se fosses atingido por um dardo na labutação da refrega,
ou ferido por um golpe, não seria por trás ou no pescoço
que o projétil te atingiria; mas apanhava-te no peito ou na barriga,
no momento de te lançares em frente para namorar os dianteiros.

(tradução de Frederico Lourenço)

Fontes (2003, p. 198) afirma que nos versos de Safo projetam-se, uma sobre a outra, a imagem lírica do amoroso agonizante e a do guerreiro covarde recortada do universo épico: ele não consegue ficar sentado, tranquilo, e não contém seus sentimentos.

Foi durante o período helenístico que houve a associação dos sintomas amorosos com doença. Temos também, como exemplo, estes dois fragmentos de Arquíloco⁶:

⁵ Esta tradução foi retirada de BRANDÃO, J. L. e LAGE, C. F. (orgs.). *Lírica Grega - Antologia*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 1996.

⁶ Respectivamente os fragmentos 191 e 193 de WEST, M. L. *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati I*. Oxford, 1971, 1972. As traduções foram retiradas da monografia de conclusão de curso de Marina P. D. Mortoza, *Imagens do amor como doença em Safo*, defendida em dezembro de 2009 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

pois um tal desejo de amor enrolado sob o coração
derramava densa bruma sobre os olhos,
roubando do peito a suave inteligência.

(tradução de Marina P. D. Mortoza)

Infeliz, estou envolvido por um desejo,
sem vida, por terríveis dores por vontade dos deuses
estou trespassado nos ossos.

(tradução de Marina P. D. Mortoza)

Esse tema também aparece no romano Catulo, que inclusive traduziu para o latim o poema de Safo citado acima:

*Lesbia mi praesente uiro mala plurima dicit;
haec illi fatuo maxima laetitia est.
Mule, nihil sentis. Si nostri oblita taceret,
sana esset; nunc quod gannit et obloquitur,
non solum meminit, sed, quae multo acrior est res,
irata est; hoc est, uritur et coquitur.*

Lésbia, diante do marido, fala muito mal de mim.
Isto para aquele imbecil é o máximo prazer.
Seu mulo, não percebes nada.
Se ela esquecida de mim se calasse,
estaria curada; agora como está a ganir e a maldizer-me,
não só se lembra de mim,
mas, o que é muito mais excitante,
está irritada, isto é, se abrasa e arde de amor.⁷

(Catulo, 83)

Cardoso (2003, p. 84 e 85) ressalta a passagem da metamorfose de Eco em pedra, por seu amor não correspondido por Narciso, nas *Metamorfoses* de Ovídio (III, vv. 393 a 401):

*Sed tamen haeret amor crescitque dolore repulsae.
Extenuant uigiles corpus miserabile curae,
adducitque cutem macies et in aera sucus
corporis omnis abit. Vox tantum atque ossa supersunt:
uox manet; ossa ferunt lapidis traxisse figuram.
inde latet silvis nulloque in monte uidetur;
omnibus auditur: sonus est, qui uiuit in illa.
Sic hanc, sic alias undis aut montibus ortas
luserat hic nymphas, sic coetus ante uiriles.*

Desprezada, ela se esconde nas florestas e protege entre as folhagens o rosto envergonhado; vive, então, desde esse dia, nas grutas solitárias. O amor, porém, subsiste, e cresce com a dor da repulsa, o sofrimento e a vigília extenuam seu próprio corpo, a magreza seca-lhe a pele e a doce umidade da carne

⁷ Tradução de Lauro Mistura, in NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória (orgs.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

evapora-se no ar. Sobram-lhe a voz e os ossos.
A voz permanece. Os ossos assumem a forma das pedras.
Ela se oculta, então. Ninguém a vê pelos montes
mas todos podem ouvi-la: a voz é o que vive dela.

(tradução de Zélia de Almeida Cardoso)

Horácio também expressa os sintomas do amor-doença, na Ode I, 13:

*Cum tu, Lydia, Telephi
ceruicem roseam, cerea Telephi
laudas bracchia, uae, meum
feruens difficili bile tumet iecur.
Tum nec mens mihi nec color
certa sede manet, umor et in genas
furtim labitur, arguens
quam lentis penitus macerer ignibus.
Vror, seu tibi candidos
turparunt umeros inmodicae mero
rixae, siue puer furens
impressit memorem dente labris notam.
Non, si me satis audias,
speres perpetuum dulcia barbare
laedentem oscula, quae Venus
quinta parte sui nectaris imbuat.
Felices ter et amplius
quos inrupta tenet copula nec malis
diuolsus querimoniis
suprema citius soluet amor die.*

Quando a Télefo, ó Lídia, o colo róseo louvas
e nos seus céreos braços tanto encanto encontras,
o fígado me ferve, ai! Lídia, inflado em bÍlis.
Já nem a minha mente, nem a minha cor
em sede certa assentam: mas, rolando a furto
pelo meu rosto, bem as lágrimas revelam
o quanto em lento fogo inteiro me definho.
Ardo em ciúme, se te vejo os brancos ombros
macerados nas lutas lascivas do amor
regado a vinho, ou se nos lábios inda levas,
marcado a dente, o sensual furor de um jovem.
Se bem me ouvisses, Lídia, nunca havias de crer
que há de eterno ser o que, barbaramente,
ousa ferir os doces beijos onde Vênus
a quintessência derramou de suas delícias.
Por três vezes felizes e mais os que um laço
indissolúvel liga; os que um sólido amor,
que danosas contendidas não podem romper,
jamais desligará primeiro que lhes chegue o último dia.⁸

⁸ Tradução de Ariovaldo Augusto Peterlini, in NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória (orgs.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Por fim, temos o belo exemplo da elegia de Propércio:

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
contactum nullis ante cupidinibus.
Tum mihi constantis deiecit lumina fastus
et caput impositis pressit Amor pedibus,
donec me docuit castas odisse puellas
improbis et nullo uiuere consilio.
Et mihi iam toto furor hic non deficit anno,
cum tamen aduersus cogor habere Deos.*

Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que me enfeitiçou
(infeliz, não tocado anteriormente por nenhuma forma de paixão).
O Amor, então, abateu-me a usual altivez dos olhos,
dominou minha cabeça, calcando os pés sobre ela,
e ao mesmo tempo me ensinou, falso que é,
a ter ódio das moças honestas e a viver sem pensar.
Tal loucura não me abandonou ainda, durante todo este ano,
e, no entanto, sou forçado a ter os Deuses como contrários a mim.⁹

(Propércio, *Elegias I*, 1, 1-8)

Tal representação afetiva associável àquela do amor como doença de maneira alguma caracteriza a *Ilíada* grega. Podemos observar isso, nos versos 428 a 436 do canto III da *Ilíada* de Homero, em que Helena, após ter sido conduzida contra sua vontade por Afrodite até Páris, lhe diz:

Voltaste da guerra. Quem me dera que lá tivesses morrido,
vencido por homem mais forte, como é o meu primeiro marido!
Na verdade te vangloriaste no passado de seres melhor
que Menelau, dilecto de Ares, pela força das mãos e da lança!
Vai lá agora desafiar Menelau, dilecto de Ares, para de novo
combater contigo, corpo a corpo. Mas eu própria
te mando desistir: contra o loiro Menelau não combatas
um combate corpo a corpo nem queiras contra ele lutar
insensatamente, para que não sejas vencido pela lança dele.”

(tradução Frederico Lourenço)

A *Ilíada Latina* dá mais destaque aos troianos, por serem considerados pelos romanos os fundadores míticos de sua sociedade, mas, ao contrário da *Eneida*, carece de elementos moralizantes (Rigall, 2007, p.17).

Itálico apenas se propõe a narrar os acontecimentos, e não descreve os conflitos das personagens como Virgílio faz, sobretudo em relação a Eneias. No verso 378 da *Eneida*, o

⁹ Tradução de Zélia de Almeida Cardoso, in NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória (orgs.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

próprio Eneias se apresenta como piedoso, qualidade marcante e várias vezes repetida ao longo da obra:

Sum pius Aeneas (...).

Sou o piedoso Enéias.

(tradução nossa)

Já havia em Roma, desde o século III a.C., a tradução de trechos da *Odisseia*, feita por Lívio Andronico. Ao fim do período republicano surgem outras traduções da *Ilíada*, que não alcançaram sucesso. Do século I d.C. também temos traduções desta obra feitas por Átio Labeão, Pérsio, e Políbio, que não nos chegaram (Butler, 2008, p. 181).

Tem-se ainda notícia da obra perdida de Lucano, *Iliacon*, da qual restou apenas o título (Conte, 1999, p. 440), e entrevê-se, no *Satyricon* de Petrônio, o poema *A queda de Troia*. As várias obras sobre a Guerra de Troia do período se justificam pela paixão que o imperador Nero nutria por esses mitos, chegando, inclusive, a compor um poema a seu respeito, chamado *Troica*, agora perdido (Conte, 1999, p. 436).

Na *Ilíada Latina* também é possível encontrar nexos com outras versões da guerra de Troia, além da própria contribuição de Itálico, que se esmerou em romancear e aprimorar a coerência da história.

As escolhas de Itálico têm, portanto, um significativo impacto na história dos mitos troianos e de como eram conhecidos durante a Idade Média, além de nos propiciar outro ponto de vista sobre Homero.

1.4 – Objetivos e metodologia

A presente dissertação tem como objetivo a tradução integral e anotada do poema *Ilíada Latina*, ainda inédita em nosso idioma.

Abordaremos a *Ilíada Latina*, o contexto histórico-social em que foi escrita, bem como, em revista, a tradição épica latina (sobretudo a *Eneida*) e como ela se relaciona com a épica homérica.

Como a literatura latina iniciou-se com a tradução da *Odisseia*, feita por Livio Andronico, achamos conveniente estudar o principal resumo da *Ilíada*, já que as traduções de

Cneu Mátio e Nínio Crasso, datadas da República romana, não tiveram popularidade (Butler, 2008, p. 181). A partir da pesquisa e leitura da bibliografia escreveremos sobre a *Iliada* de Homero e seu papel na tradição da épica greco-romana.

Pretendemos também fazer um estudo comparativo da *Iliada Latina* com a *Iliada* de Homero, sobretudo quanto ao enredo, estilo (epítetos, fórmulas e símiles) e construção das personagens. Além disso, analisaremos quais escolhas (passagens, relatos e aspectos mitológicos, bélicos etc.) Bébio Itálico operou em sua adaptação, ao adicionar ou suprimir aspectos presentes na *Iliada* de Homero, ao buscar uma uniformidade narrativa.

Adotamos o texto latino estabelecido pela edição crítica do professor italiano Marco Scaffai. Quanto à *Iliada*, escolhemos a tradução para o português de Frederico Lourenço.

Com essas diretrizes, por fim, visamos a confrontar essas duas obras, bem como as duas culturas em que nasceram e que, embora diferentes, se complementam. Pretendemos, assim, ressaltar a importância da *Iliada Latina* não só no passado, como também nos dias de hoje.

2 – *Ilíada* & *Ilíada Latina*: a tradição épica na Antiguidade clássica

Neste capítulo falaremos sobre a *Ilíada* homérica e seu papel primordial e influente em toda a cultura clássica, tanto grega quanto romana. Abordaremos também a *Ilíada Latina*, o contexto histórico-social em que foi escrita, além de uma revisão sucinta da tradição épica latina.

2.1 – Homero e a poesia épica

Homero é tido como o mítico fundador da literatura ocidental, autor dos mais antigos textos da literatura grega, a *Ilíada* e a *Odisseia*.

A *Ilíada* narra a cólera de Aquiles, famoso episódio da lendária e demorada guerra de Troia. A *Odisseia* narra as peripécias de Ulisses, que também lutou em Troia, para retornar à sua casa, no reino de Ítaca. Nesse trabalho, contudo, focaremos na *Ilíada*, pelo fato da *Ilíada Latina* ser uma adaptação dessa obra.

Muito se discute sobre a existência de Homero. Seria ele uma pessoa real, ou apenas uma designação para um autor (ou autores) que compôs obra tão vasta e detalhada? Será que ambas as epopeias foram compostas por um mesmo autor?

Pereira ressalta:

Se a Antiguidade era firme em acreditar na existência de Homero, no entanto, já na época alexandrina houve quem atribuísse a um autor diferente cada um dos Poemas. Desde o final do séc. XVIII que Wolf fundamentou cientificamente as dúvidas, e a questão tem prosseguido. E o debate entre analíticos (que distinguem autores vários) e unitários (que aceitam um só) é constantemente enriquecido com novos argumentos. (Pereira, 1993, v. 1, p. 45)

2.1.1 – Composição dos poemas homéricos

Muito se discutiu em todos esses séculos sobre a composição das obras homéricas. Nos anos 30 do século XX, tivemos uma nova constatação no estudo da poesia de Homero. Com as pesquisas de Milman Parry sobre a composição oral de bardos iugoslavos, chegou-se

à conclusão de que a poesia de Homero também continha fortes traços de oralidade. A esse respeito diz Thomas:

O moderno estudo da oralidade grega – ou até mesmo da própria oralidade – funda-se sobre a poesia épica homérica. Numa brilhante série de artigos escritos entre 1928 e sua morte prematura em 1935, Milman Parry argumentou que a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero eram poesia oral tradicional, produto de uma longa tradição e não a criação de um gênio poético. Parry e seu discípulo, Albert Lord, voltaram-se para os bardos analfabetos contemporâneos da Iugoslávia meridional nas décadas de 1930 e 1950. Aqui eles podiam ver como um poeta oral realmente compunha enquanto cantava e, em particular, como usava uma tradicional combinação de peças, fórmulas e temas estabelecidos para ajudá-lo a compor durante a apresentação. A análise detalhada de Homero realizada por Parry parecia revelar um sistema similar de fórmulas tradicionais: desse modo, os épicos homéricos eram poesia oral. (Thomas, 2005, p. 41)

Depois dessa revelação de Parry, as discussões se intensificaram a respeito da característica oral da poesia homérica. Até que ponto ela teria sido completamente composta de forma oral? Como se deu esse processo?

Havelock (1996, p. 13) ressalta que a composição oral, tal como era praticada pelos mestres gregos, por certo não deve ser pensada como matéria de improviso, à maneira do que fazem os cantadores iugoslavos; nem deve entender-se o seu caráter em termos estritamente estilísticos.

De fato, temos passagens complexas na *Ilíada*, que dificilmente poderiam ser fruto de simples improvisação. Podemos destacar como exemplo, o episódio do canto IX, no qual Agamêmnon manda a Aquiles uma embaixada composta por Fênix, que fora preceptor de Aquiles; Ajax Telamônio, que era primo do herói; e Ulisses, o mais astuto dos gregos. A embaixada tinha por objetivo convencer Aquiles a abandonar a cólera contra Agamêmnon e a voltar para a guerra, pois os gregos estavam passando por grandes dificuldades. A longa e refinada fala de Aquiles à embaixada começa no verso 308 e se estende até 429. Seria difícil para um aedo lembrar, de memória e à perfeição, todos esses versos.

Thomas (2005, p. 54) afirma ainda que a simples oralidade de um poeta não produz por si só um certo estilo. Além disso, apesar de algumas falhas, o longo texto homérico apresenta uma coesão e linguagem tradicional, o que indica que pelo menos parte de sua composição foi baseada na escrita.

Pereira (1993, v.1, p. 45) ressalta que há muita dificuldade em precisar a existência de Homero. Têm-se muitas variações dialetais na linguagem da *Ilíada* e *Odisseia*, de épocas diversas (dialetos jônico, eólico, arcado-cipriota – que seria o mais antigo, por sua semelhança com o micênico – e ático).

Além disso, têm-se ainda complicações arqueológicas, pois os textos homéricos remetem a tradições da antiquíssima cultura micênica. Kirk ressalta:

A épica homérica, desenvolvida em sua forma monumental por volta de 700 a.C., é um resultado em várias formas típico da Idade Heroica do tardio período micênico, uma era que acabou, historicamente falando, já em 1100.¹⁰

Pereira afirma que os poemas homéricos descrevem a civilização micênica, embora ignorem a sua forte burocratização e escravidão, e elenca os seguintes exemplos de elementos dessa cultura na *Ilíada* (1993, v. 1, p.54): as figuras e seus epítetos; a riqueza de Micenas, que tem o epíteto de “rica em ouro”; a raridade do ferro; fausto dos funerais de Pátroclo, embora ele tenha sido cremado (como os gregos da época histórica); objetos como a taça de Nestor e a espada de Heitor, dentre outros.

Já outros elementos suscitam confusões de datação, como os escudos em forma de 8, tidos como micênicos, e os redondos, como homéricos; porém, há vasos que representam ambos os escudos.

Se temos, na poesia homérica, vestígios de antigos cantos celebrativos, também é possível encontrar passagens que foram inseridas posteriormente. Temos, no catálogo das naus do livro II, a menção à cidade de Atenas, nos versos 546 a 554:

E aqueles que detinham Atenas, cidadela bem fundada,
terra do magnânimo Erecteu, a quem outrora alimentou Atena
filha de Zeus, quando o deus à luz a terra doadora de cereais;
fê-lo habitar Atenas, no seu templo esplendoroso,
onde com o sacrifício de touros e carneiros o propiciam
os mancebos Atenienses, volvidos os anos;
destes era comandante Menesteu, filho de Peteu.
Semelhante a ele não havia outro homem na terra,
capaz de alinhar carros de cavalos e homens portadores de escudo.

(tradução de Frederico Lourenço)

Pelo que já vimos da *Ilíada* e sua estreita relação com a cultura micênica, podemos notar que a menção a Atenas só pode ter sido fruto de uma passagem inserida posteriormente. Ao contrário de outras cidades mencionadas no poema, como Micenas e Pilos, que são da época micênica, Atenas tem sua fundação em período posterior, por volta do século VIII a.C.

Outra passagem também considerada interpolação tardia pelos pesquisadores do assunto (como Albin Lesky) é o canto X, conhecido como *Doloneia*, que destoa bastante do

¹⁰ “The Homeric epic, developed in its monumental form by about 700 B.C., is an outcome of the in most ways typical Heroic Age of the late Mycenaean period, an age which had ended, historically speaking, as far back as 1100”. (Kirk, 1962, p. 57)

contexto da narrativa homérica. O nome do canto faz referência ao episódio no qual Dólon, enviado pelos troianos para espionar os planos dos gregos durante a noite, é flagrado por Diomedes e Ulisses (que, por sua vez, tentavam espionar os troianos). Dólon, após contar a estratégia dos troianos a Ulisses e Diomedes, é morto por eles.

Quanto à discussão entre pesquisadores unitários e analíticos, Lesky assim chega a uma conciliação entre as duas correntes teóricas:

A poesia de influência tão poderosa como a de Homero não é o começo: antes a conclusão amadurecida dum longo desenvolvimento. (...) Não resta a menor dúvida de que, anteriormente à epopéia homérica, devemos supor séculos de cantos épicos, e que devemos imaginar estes cantos segundo a imagem daquela *oral composition* cujas características essenciais já assinalamos. A característica mais significativa, a utilização de fórmulas, encontramos-la em Homero de forma particularmente pronunciada, o que pode estar relacionado com a dificuldade da métrica. (...) Em resumo: Homero é um termo e um começo, e várias discrepâncias do seu poema explicam-se por esta razão. As raízes da sua criação afundam-se profundamente na antiga esfera do canto heróico oral, cujos traços essenciais se conservam em grande medida na sua obra. A fonte de Homero é a épica oral deste tipo e podemos imaginar que era muito grande o manancial de poesia viva que achou à sua disposição. Quem tiver em conta esta trajectória de desenvolvimento, já não se admirará com várias contradições e também compreenderá por que razão encontramos longos passos de narração seriada, à maneira arcaica. Sobretudo nas intermináveis descrições de batalhas, com a sua abundância de nomes à maneira de catálogo, poder-se-ão reconhecer traços próprios do antigo canto heróico. No entanto, é praticamente impossível verificarmos em pormenor até que ponto Homero depende de tais poemas antigos. Ninguém discute o facto de ele se ter servido de muitos elementos preexistentes, e precisamente aqui se apresenta aos defensores da unidade a possibilidade dum diálogo com os representantes razoáveis da análise. (Lesky, 1995, p. 30, p. 53 e p. 55)

Estudiosos como Lesky e Thomas situam a composição escrita dos poemas homéricos no século VIII a.C. Teria sido nessa época que surgiu o alfabeto na sociedade grega, e este fato contribuiu para perpetrar a poesia de Homero em sua forma escrita.

Contudo, não pretendemos aqui discutir a existência de Homero, tema ainda muito controverso e debatido entre os helenistas. Tendo ou não existido, podemos, apesar disso, encontrar vários elementos interessantes na *Ilíada*.

2.2 – A *Ilíada*

A *Ilíada* é considerada um poema épico. Segundo Pessanha, a palavra *epopeia* deriva dos termos gregos *épos* e *poiéo*. *Épos* significa *palavra*, e daí, *discurso*, *narrativa*, *verso*. O verbo *poiéo* quer dizer *fazer*, *criar*. Assim, etimologicamente, *epopeia* designa uma criação

narrativa versificada (Pessanha, 1992, p. 31). O metro usado é o metro hexâmetro datílico (no caso da épica greco-romana), e a narrativa é bem estruturada em episódios.

O papel primeiro da epopeia é de celebrar e rememorar grandes fatos do passado, dignos de serem lembrados, com elementos sobrenaturais e maravilhosos (interferência divina, heróis com características excepcionais, etc). Sobre a epopeia, Lesky afirma:

(...) o facto de colocar a narração num passado mais ou menos distante faz parte das características da poesia heróica. Na maior parte dos casos, tais poemas têm um fundo histórico que permaneceu consciente apesar de toda a liberdade da elaboração. Apesar de ambas as epopéias se desenrolarem num passado longínquo, é natural que nelas se reflecta a situação social da época do poeta. (Lesky, 1995, p. 73)

Têm-se fortes indícios de que, de fato, houve uma guerra de Troia. Em meados do século XIX foi descoberto na Turquia um sítio arqueológico no qual havia diversas cidades sobrepostas. A esse conjunto foi dado o nome de Troia I, Troia II, e assim por diante, de acordo com a camada e a época em que se inserem cada uma dessas cidades descobertas. Arqueólogos acreditam que a Troia mencionada na *Ilíada* seja a Troia VIIa, que tem sua datação por volta de 1230 a.C. Pereira afirma que existem outros fatos que corroboram essa tese.

Assim, há registros hititas de uma coligação de cidades da Ásia Menor, entre as quais uma que parece ser Tróia e outra que parece ser Ílion, em luta com uma coligação de cidades dos Aqueus, pelo séc. XIII a.C., precisamente na época do grande poderio de Micenas. (Pereira, 1993, v. 1, p. 53)

De acordo com a característica de composição de poesia épica, a *Ilíada* possui um narrador impessoal, o que reforça ainda mais a sua característica narrativa, e um herói de destaque, Aquiles. Há a invocação à Musa, que ajuda o poeta a relembrar os fatos, sendo ele apenas um instrumento da deusa.

Além disso, o herói épico possui a *areté*, a excelência ou superioridade, almejada pelo homem. Na *Ilíada*, podemos ver que a *areté* é dada por Zeus ao homem, de acordo com sua vontade, como podemos perceber nos versos 242 e 243 do livro XX da *Ilíada*:

Quanto ao valor, é Zeus que para os homens o aumenta
Ou diminui, conforme entende; pois ele é superior a todos.

(tradução de Frederico Lourenço)

A *areté* do herói se manifesta ou no campo de batalha, através de sua força e coragem; ou na assembleia, através do poder de persuasão e sabedoria do seu discurso. Daí, temos a

denominação tardia de certos cantos como a *aristeia* (feitos de destaque) de um herói. O canto V da *Ilíada* é a *aristeia* de Diomedes (que após matar muitos inimigos, chega a ferir a mão da deusa Afrodite); o XI, de Agamêmnon (que também mata muitos inimigos); e o XVII, de Menelau (que com custo defende o corpo de Pátroclo da rapina dos troianos).

A respeito da *aristeia*, Jaegger ressalta que ela visava, além de fornecer quadros particulares de uma ação de conjunto, por em relevo o valor de todos os heróis famosos. Para o pesquisador alemão, a *Ilíada* narra a maior *aristeia* de todas: a de Aquiles. (2003, p. 72 e 75).

Abordaremos a *Ilíada* novamente no próximo capítulo, detalhando mais o seu enredo, estilo e construção de personagens.

2.2.1 – Homero e a literatura grega

Por ser a obra que inaugura a literatura grega, a *Ilíada* (e também a *Odisseia*) influenciou toda a cultura grega subsequente, e passou à cultura romana e, conseqüentemente, à cultura ocidental. Segundo Jaegger, Platão conta, na *República* (606 e), que era opinião geral no seu tempo ter sido Homero o educador de toda a Grécia (Jaegger, 2003, p. 61). Temos a seguinte fala na *República*:

Por conseguinte, ó Gláucon, quando encontrares encomiastas de Homero, a dizerem que esse poeta foi o educador da Grécia, e que é digno de se tomar por modelo no que toca a administração e a educação humana, para aprender com ele a regular toda a nossa vida, deve beijá-los e saudá-los como sendo as melhores pessoas que é possível, e concordar com eles em que Homero é o maior dos poetas e o primeiro dos tragediógrafos (Platão, 2001, p. 472)

Sobre a importância de Homero para a literatura grega, diz Havelock:

Aos olhos dos gregos, seu primeiro historiador foi Homero. A *Ilíada* e a *Odisseia* monopolizaram sua imaginação arcaica, exercendo um predomínio que foi aceito por Hesíodo e os líricos no século VII e se estendeu até Aristóteles, no século IV (...). A transcrição alfabética de Homero foi a primeira a produzir-se. Numa época de [restrita] perícia letrada, aqueles que sucederam a Homero na composição, em qualquer gênero, podiam lê-lo, enquanto seu público ainda não era capaz disso; ou, pelo menos, podiam ouvi-lo recitado a partir de um texto que estava a ganhar o *status* de um *corpus* e de um cânon. Os poetas do ciclo épico praticamente assumiram o papel de comentadores de um texto preexistente, suprimindo histórias para completar seu contexto histórico, à guisa de introdução, suplemento ou conclusão. (Havelock, 1996, p. 31)

Da poesia épica posterior a Homero, na fase arcaica da literatura grega (século VIII a VI a.C.), temos os hinos homéricos, atribuídos a ele por seu prestígio. São pouco mais de 30 hinos, que homenageiam várias divindades gregas, como Afrodite e Hermes. Dessa fase tem-se também a *Titanomaquia* e poemas do ciclo tebano (*Edipoidia*, *Tebaida*, etc).

Também havia originalmente oito poemas épicos do ciclo troiano. Juntos, abordavam todo o assunto de Troia. Narravam desde o conflito das deusas Afrodite, Hera e Atena no casamento de Peleu e Tétis, que levou ao julgamento de Páris, até o retorno dos gregos para sua terra natal. Todos esses poemas, exceto a *Ilíada* e a *Odisseia*, estão agora perdidos, embora existam poucos fragmentos. Esses poemas, todavia, foram listados e sumarizados por Proclo na Antiguidade tardia, no século V d.C. (Thompson, 2004, p. 28) São eles:

- *Cípria* – narra o casamento de Peleu e Tétis; a disputa entre as deusas, o julgamento de Páris, o rapto de Helena e o começo da guerra de Troia.
- *Ilíada* – conta a disputa entre Aquiles e Agamêmnon, no nono ano da guerra; se encerra com a morte de Heitor.
- *Etiópida* – continua a narrativa da guerra de Troia, até a morte de Aquiles.
- *Pequena Ilíada* – narra a última parte da guerra de Troia.
- *Saque de Troia* – conta o fim da guerra de Troia e sua conquista pelos gregos, a morte dos troianos, e a captura das mulheres.
- *Retornos* – conta o retorno dos heróis gregos para casa, exceto Odisseu.
- *Odisseia* – narra as peripécias de Odisseu, que consegue voltar para casa depois de dez anos de viagem.
- *Telegonia* – versa sobre as últimas aventuras de Odisseu, até a sua morte pelas mãos de seu filho com Circe, Telégono.

Da fase clássica (século V e IV a.C.), pouco temos de representação épica. Isso, contudo, não exclui a influência de Homero em tragédias de Ésquilo e Sófocles. Tem-se ainda a prosa historiográfica, com as *Histórias* de Heródoto. Há também o auge da comédia grega, com as peças de Aristófanes, e a lírica floresce com o poeta Píndaro, dentre outros.

Aristóteles afirma, na *Poética*, que já havia em Homero o embrião de outros gêneros literários, inclusive a comédia. Assim diz ele:

Homero, assim como foi autor de poemas nobres – pois só ele compôs obras, que, sobre serem excelentes, são representação de ações – assim também foi o primeiro a mostrar o esboço da comédia, dramatizando, não o vitupério, mas o cômico, pois o *Margites* está para as comédias como a *Ilíada* e a *Odisséia* para as tragédias. (Aristóteles, Horácio, Longino, 2005, p. 22 e 23)

Do período helenístico (século IV a I a.C.) temos a épica intitulada *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes, que trata da jornada do herói Jasão e seus companheiros, a bordo da nau Argos, para conseguir o velocino de ouro na distante e bárbara terra da Cólquida. É nesse ciclo mitológico que se insere a história de Medeia, esposa de Jasão que mata seus filhos, a fim de se vingar do herói, que a abandonara para ficar com a princesa Creúsa, de Corinto.

2.3 – A epopeia em Roma do seu surgimento ao período republicano

Como já vimos, a epopeia é uma poesia celebrativa de fatos heroicos antiquíssimos. Cardoso afirma:

A épica, entretanto, está presente em quase todas as culturas. Raros são os povos que não têm suas histórias, que não cultuam seus heróis e não procuram preservar a lembrança dos fatos que viveram. A escrita só apareceu tardiamente entre as civilizações; o meio encontrado para fixar a narrativa foi, então, o verso. Fechado em sua rigidez, memorizável com facilidade graças ao ritmo melódico de que se constitui e aos recursos mnemônicos de que se vale, o verso assegura sua própria permanência e sua quase total imutabilidade. A solução grega de encerrar a lembrança dos fatos na cadência rítmica dos versos não é exclusividade do povo helênico. São numerosas as civilizações que, antes mesmo de conhecerem a escrita, tiveram suas epopeias orais em versos. No caso particular de Roma, pouco se sabe sobre a existência de uma “épica natural”, produzida no próprio coração de sua cultura, sem ter sofrido influências externas. Na época primitiva, embora tenham existido numerosas formas poéticas que se realizavam em cânticos, o conteúdo épico dessas manifestações pré-literárias é discutível. (Cardoso, 2003, p. 6 e 7)

Podemos perceber então que a literatura épica latina é artificial, pois não houve uma manifestação genuína desse tipo de poesia na sociedade romana. A poesia épica latina é produto da épica grega, a qual os romanos, posteriormente, mudaram de acordo com seu próprio gosto cultural.

O contato dos romanos com a literatura e a cultura grega se inicia no século III a.C. Em 272 a.C., os romanos conquistam o sul da Itália, conhecido como *Magna Graecia*, devido a várias colônias gregas estabelecidas nessa região. Com essa conquista, muitos gregos foram levados como escravos para Roma, dentre eles Lívio Andronico, que era de Tarento.

É na figura de Lívio Andronico que começa a literatura latina. A seu respeito, Bassetto diz:

Em 240, Lívio apresentou em Roma sua primeira peça teatral, provavelmente uma tragédia segundo Cícero (*Brutus*, 72) e Titus Pomponius Atticus (110-32 a.C.) em *Liber Annalis*; ambos basearam nas pesquisas de Varrão, pois a peça se perdeu. Lívio fez também uma adaptação da *Odisséia* de Homero ao mundo romano, sob o nome de *Odissia*. Nasceu assim a literatura latina. (Bassetto, 2005, p. 90)

Lívio Andronico traduziu partes da *Odisséia* para o latim, para ajudar no ensino nas escolas, e usou o antigo metro satúrnio, que já existia na Itália antes da conquista da Magna Grécia. Esse metro, também adotado pelo poeta arcaico Névio, posteriormente deixou de ser usado pelos poetas romanos, que adotaram os metros de origem grega. Horácio chega a afirmar, sobre o metro satúrnio, em suas *Epístolas*, II, 156 a 160:

*Graecia capta ferum uictorem cepit et artis
intulit agresti Latio, sic horridus ille
defluxit numerus Saturnius, et graue uirus
munditiae pepulere; sed in longum tamen aeuum
Manserunt hodieque manent uestigia ruris.*

A Grécia dominada se apoderou do selvagem vencedor e as artes introduziu no agreste Lácio, assim aquele hórrido metro Satúrnio desapareceu, e a grave peçonha o estilo elegante expulsou; porém por longo tempo persistiram e hoje permanecem vestígios da rudeza.

(tradução nossa)

Além de inaugurar a literatura latina, Lívio Andronico também abre caminho para um novo fenômeno da literatura latina: a tradução artística, expressa pelo verbo latino *uertere*, que não se limitava apenas a traduzir, mas também pressupunha um verdadeiro e próprio refazimento do modelo. (Montanari, [s.d.], p. 14). Os rústicos dominadores, por fim, foram conquistados pela rica e fascinante cultura grega, seus mitos, deuses e literatura.

Os romanos, embora adotassem as características formais e os motivos da poesia épica grega, passaram a usar o gênero épico em uma nova acepção, pois foi esse estilo o escolhido por vários poetas para celebrar as inúmeras conquistas militares da fase republicana e que, posteriormente, resultariam no vasto e influente império romano.

Uma das conquistas romanas mais celebradas na poesia épica consistiu nas guerras púnicas, contra a cidade de Cartago, uma potência no norte da África que ameaçava a expansão romana no mar Mediterrâneo. Daí o fato de a poesia épica ter sido bastante popular nesse contexto histórico expansionista. Dos poetas épicos da fase republicana, podemos destacar os seguintes nomes.

Névio

Nascido em data desconhecida na região da Campânia, faleceu em 201 a.C. Foi contemporâneo de Lívio Andronico e participou da primeira guerra púnica, que serviu de tema para seu poema.

Sua obra, *A guerra púnica*, é o primeiro registro de poesia em latim, composta no arcaico metro satúrnio. Nesse poema Névio mescla acontecimentos históricos à mitologia e temas sobrenaturais. Temos ainda poucos fragmentos de Névio a respeito da guerra de Troia. Névio, contudo, tornou-se célebre por evitar o *topos* da poesia épica de celebrar acontecimentos antiquíssimos, pois conta e celebra os fatos contemporâneos à sua época na *Guerra Púnica*.

Ênio

Ênio, no século II a.C., vai mais além na composição épica. Ele escreveu a obra *Anais da República romana*, uma epopeia relatada ano a ano, composta por 18 livros, que tratava da história de Roma desde suas origens até os dias do poeta. Ele usa, pela primeira vez, o hexâmetro grego, adaptando-o à estrutura da língua latina, e amplia o vocabulário poético com a criação de neologismos construídos à moda helênica, assim afirma Cardoso (2003, p. 9).

A poesia de Ênio é inserida no conjunto das epopeias históricas, pois temos a recusa radical do aspecto mítico, e a filosofia deliberadamente racionalista de Ênio. A sua obra é o protótipo da epopeia sem carga mítica (Martin, Gaillard, 1981, p. 32). Ênio, juntamente com Névio, influenciou e abriu caminho para a proeminente inovação de Lucano, poeta do século I d.C., do qual falaremos mais adiante.

Outros autores da fase republicana

Temos, do período pré-Augusto, traduções da *Ilíada* de Homero realizadas por Cneu Mácio e Nínio Crasso, das quais nos chegaram poucos fragmentos.

Cícero, além de vários tratados, também se dedicou à poesia. Ele compôs um poema dedicado a César, por sua bem sucedida expedição à Britânia. Infelizmente, nada dessa obra chegou até os dias atuais. Durante a ditadura de César, desiludido com a vida política e se dedicando ao *otium cum dignitate*, Cícero se exercitou na tradução de Homero e dos trágicos gregos. Cícero, famoso por suas composições de cunho retórico, porém, pouco traduziu da *Ilíada* e da *Odisseia*: seu trabalho tradutório perfaz, no total, apenas 53 versos.

2.3.1 – Épica no período de Augusto

Virgílio

Públio Virgílio Maro nasceu em uma pequena vila perto de Mântua, no ano 70 a.C., em uma simples família rural. Conquistou fama ao entrar para o círculo de Mecenas, amigo de Augusto e patrono de vários poetas (dentre eles, Horácio, Ovídio e muitos outros). Após uma viagem à Grécia, falece em Brindísio, em 19 a.C.

Seu trabalho poético é composto de três obras. As *Bucólicas*, compostas entre 41 e 37 a.C., têm como tema a poesia pastoril. Já as *Geórgicas*, compostas entre 37 a 30 a.C. em quatro livros, são consideradas poesia didática, e versam sobre aspectos da vida campestre. Contudo, a obra mais famosa de Virgílio é a *Eneida*, e nela podemos encontrar o eco latino mais sofisticado de Homero.

Com Virgílio, poeta zeloso e dedicado, temos o ápice do refinamento e sofisticação da literatura latina, e é na *Eneida* que temos o poema épico romano por excelência.

Virgílio começou a composição da *Eneida* em 29 a.C., a pedido de Augusto. Primeiro imperador romano, Augusto queria um poema épico à altura de Homero para exaltar as glórias e façanhas do incipiente império¹¹ através de suas origens míticas.

Virgílio encontra no troiano Eneias o herói de sua epopeia, pois os empreendimentos de Júlio César ou de Augusto estavam ainda muito recentes na memória do povo romano. Além disso, Eneias era considerado por César e por Augusto o mítico fundador da *gens Julia*, da qual faziam parte, remontando a origem da família até a deusa Vênus. Como Eneias também foi antecessor de Rômulo e Remo, de certa forma é devida ao herói troiano a origem mítica de todo o povo romano.

A obra se divide em 12 cantos (ou livros). O enredo da *Eneida* pode ser resumido da seguinte maneira: Eneias é um príncipe troiano que, após a destruição de Troia, segue o destino que lhe foi traçado pelos deuses e parte em busca da Itália para ali fundar a nova raça romana e a nova pátria. A viagem do herói e seus companheiros é longa e repleta de acontecimentos e aventuras, pois Eneias enfrenta a fúria da deusa Juno, irritada com o possível sucesso de um troiano. Inicialmente Eneias chega a Cartago, terra da rainha Dido, que escuta suas histórias e depois se apaixona pelo herói. Eneias relata a Dido a morte do seu pai, Anquises, na Sicília. Inconformada com a decisão dos deuses em solicitar que Eneias siga viagem, Dido suicida-se em um ato desesperado de paixão. Eneias segue viagem para a Itália

¹¹ Referimos-nos aqui ao império como forma de governo que suplantou a República, já que a política expansionista de Roma começou anteriormente, no século III a.C.

e, chegando novamente à Sicília um ano após a morte de seu pai, aí realiza jogos e competições fúnebres em sua homenagem. Após esse episódio dos jogos e combates, Eneias chega a Cumas, onde consulta a sacerdotisa de Apolo. A sacerdotisa pede que o herói troiano desça aos infernos, e é nas regiões subterrâneas que Eneias se encontra com a alma do pai, que lhe fala sobre o futuro glorioso de Roma. A guerra entre itálicos e troianos se inicia quando o rei Latino oferece a mão da sua filha Lavínia a Eneias, pois a mesma já tinha sido prometida ao príncipe Turno. Eneias firma aliança com o rei Evandro para enfrentar os rútuos, liderados por Turno. Júpiter tenta reconciliar as deusas Vênus e Juno, sem sucesso, e a guerra entre troianos e rútuos continua de forma violenta. Há uma trégua para que ambos os exércitos enterrem seus mortos, e novamente se faz a batalha. Finalmente, após longos conflitos, Turno se dispõe a enfrentar Eneias em um duelo e é morto pelo herói troiano, encerrando a guerra.

Virgílio busca emular Homero em sua grandiosa obra épica. Os seis cantos iniciais da *Eneida* fazem referência à *Odisseia*. Nessa primeira parte da obra, são narradas as viagens de Eneias até sua chegada à Itália, onde estava destinado a fundar uma nova civilização. Assim como Ulisses sofre a ira de Posêidon em sua jornada de regresso a casa, na *Eneida* é a deusa Juno, esposa de Júpiter, que persegue o herói troiano. Já os seis últimos livros da *Eneida* são uma referência à *Ilíada*, e narra as batalhas e confrontos entre Eneias e os povos que já ocupavam a terra itálica.

Na *Eneida* temos o forte caráter mitológico e ufanista de Roma, que pode ser percebido pela fala profética de Anquises a Eneias, quando eles se encontram nos Infernos, no livro VI. Dentro do seu longo discurso, podemos destacar a seguinte passagem, dos versos 781 a 800:

*En, huius, nate, auspiciis illa incluta Roma
imperium terris, animos aequabit Olympo,
septemque una sibi muro circumdabit arces,
felix prole uirum: qualis Berecynthia mater
inuehitur curru Phrygias turrita per urbes,
laeta deum partu, centum complexa nepotes,
omnes caelicolas, omnes supera alta tenentes.
“Huc geminas nunc flecte acies, hanc aspice gentem
Romanosque tuos. Hic Caesar et omnis Iuli
progenies magnum caeli uentura sub axem.
Hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,*

*Augustus Caesar, Diui genus, aurea condet
saecula qui rursus Latio regnata per arua
Saturno quondam, super et Garamantas et Indos
proferet imperium: iacet extra sidera tellus,
extra anni solisque uias, ubi caelifer Atlas
axem uero torquet stellis ardentibus aptum.
Huius in aduentum iam nunc et Caspia regna
responsis horrent diuom et Maeotia tellus,
et septemgemi turbant trepida ostia Nili.*

É sob seus auspícios, meu filho, que aquela ilustre Roma igualará seu império à terra, sua alma ao Olimpo, e com uma só muralha cercará sete colinas. Cidade fecunda de heróis! Tal como a Mãe Berecintia, levada sobre o seu carro e coroada de torres, atravessa as cidades frígias, feliz por ter gerado filhos dos deuses, e abraçando cem netos, todos habitantes do céu, todos ocupando as alturas superiores. Volta, agora, teus olhares para aqui: olha esta nação; são os teus romanos. Este aqui é César Augusto, filho dum deus, que tantas vezes ouviste ser-te prometido; de novo há de trazer ao Lácio séculos de ouro, por entre as campinas outrora governadas por Saturno; estenderá seu império mais longe que o país dos garamantes e dos indianos, sobre as terras que se estendem além das constelações, além das rotas do sol e do ano, e onde Atlas que carrega o céu gira sobre suas espáduas o eixo do mundo semeado de estrelas luzentes. Desde agora, ao ruído de sua chegada, os reinos cáspios tremem só com os oráculos dos deuses, e a terra meótica e as bocas do Nilo de sete braços.

(tradução de Tassilo Orpheu Spalding)

Além disso, também podemos perceber uma exaltação romântica e idealista da guerra. É a partir de um único homem, Eneias, que se dá a glória e formação de vasto império.

Podemos encontrar uma grande diferença entre a *Eneida* e as obras homéricas. A *Iliada* e a *Odisseia* são narrativas baseadas em antiquíssimas composições orais, que no século VIII a.C. chegaram à sua forma escrita. A *Eneida*, realizada por um único poeta, foi composta por encomenda e responde a alguns fins precisos e pragmáticos. Não só o seu estilo patético é sublime, mas também o seu intento moral e didascálio de ilustrar a origem de Roma. (Montanari, [s.d.], p. 29)

Outra diferença é que Homero narra acontecimentos, enquanto Virgílio narra mais as sensações que acometem os personagens. No poema virgiliano o interesse principal não é tão voltado à sucessão dos eventos, quanto ao estudo do efeito que tais eventos suscitam na psique dos personagens em ação.¹²

Ao contrário da forte personalidade de Aquiles e Ulisses, heróis homéricos, muito se discute a respeito da caracterização de Eneias. Muitas vezes a personagem é julgada mal pela crítica literária e de tempos em tempos é considerado como tendo uma personalidade fraca e

¹²“Nel poema virgiliano l’interesse precipuo non è tanto volto alla successione degli eventi, quanto allo studio dell’effetto che tali eventi suscitano nella psiche dei personaggi in azione.” (Montanari, [s.d.], p. 26)

sensibilidade exacerbada. É evidente que, diante dos antagonistas Dido e Turno, de caráter forte e passional, Eneias resulta como uma personagem que causa menos impacto. Isso, porém, é consequência direta do seu duplo movimento no poema, pois age como personagem autônomo e como instrumento de atuação do *Fatum*. (Montanari, [s.d.], p. 28)

A *Eneida*, contudo, não foi finalizada. Virgílio, perfeccionista e preocupado em esmerar os versos e a sua métrica, falece em 19 a.C., deixando cerca de 58 versos sem o seu refinado acabamento. É conhecida a história de que Virgílio, sentindo próxima a morte, pediu ao seu editor Vário Rufo que queimasse sua obra, quando morresse. O pedido, claro, não foi atendido, e a *Eneida* foi publicada pouco tempo após seu falecimento.

Ovídio

Públio Ovídio Naso nasceu em 43 a.C., na cidade de Sulmona. Assim como Virgílio, também fez parte do famoso círculo de poetas da época de Augusto, reunidos sob a figura de Mecenas. Era talentoso, irreverente, culto e brilhante.

Suas primeiras composições a serem conhecidas foram as *Heróides* (correspondências entre heroínas mitológicas e seus amados) e *Amores* (conjunto de elegias eróticas). Essas obras teriam sido compostas entre 20 e 15 a.C.

Nos anos finais do século I a.C. e no início do século I d.C., Ovídio compôs também o poema *Arte de amar*, que ensina o leitor a arte da sedução e a como conquistar as mulheres. Dessa época são também *Os remédios do amor*, poesia de temática amorosa, e *Produtos de beleza para a face da mulher*, que seria um manual de beleza e do qual nos chegaram poucos fragmentos. Ovídio também compôs uma tragédia sobre Medeia, da qual nada nos chegou.

Sua obra mais monumental é as *Metamorfoses*, composta em 15 livros, que chegou ao conhecimento público no ano 8 d.C. A obra conta a origem do mundo, suas fases (Idade de Ouro, de Prata, etc.) e de seres mitológicos que sofreram metamorfoses. O aspecto formal é épico, devido à escolha do metro hexâmetro, e pela vasta extensão da obra.

Apesar da forma épica adotada, Ovídio não adota o tom solene nem celebra a mítica figura de um herói, como o fazem Homero e Virgílio. O poema épico de Ovídio se configura como profundamente diverso da *Eneida* na escolha poética e ideológica.

Ovídio é influenciado pela composição de Hesíodo, a *Teogonia*, que conta do surgimento do mundo e dos deuses olímpicos. Outra fonte de inspiração para Ovídio escolher esse tema foi encontrada no modelo de composição da poesia alexandrina (Calímaco, Nicandro de Colofão, dentre outros).

A obra *Metamorfoses*, então, versa sobre a transformação de várias personagens, em narrativas independentes, formando quadros isolados de beleza lírica. Mas o interesse de Ovídio, porém, não era narrar alguma filosofia ou ideologia, mas sim o maravilhoso, que se propõe a analisar com todo seu êxito. (Montanari, [s.d.], P. 30)

Juntamente com as *Metamorfoses* Ovídio compôs os *Fastos*, que falam sobre os mitos e costumes latinos de acordo com o calendário romano. O poema *Fastos* não chegou a ser concluído, pois no ano 8 d.C. Ovídio foi exilado.

Ovídio foi exilado por Augusto no mar Negro, na cidade de Tomos, por motivos que até hoje permanecem obscuros (acredita-se que isso ocorreu pelo tom erótico de sua obra; ou que, ainda, Ovídio tenha tido envolvimento no adultério da neta de Augusto, Iulia Minor).

Ele faleceu em Tomos, em 17 d.C. No exílio Ovídio compôs as elegias *Tristes*, em 5 livros, e as *Cartas Pônticas*, que somam 4 livros. Nessas composições, o tom é triste e Ovídio lamenta seu desafortunado destino longe de sua terra amada. Além dessas obras, tem-se ainda a obra panfletária *Íbis*, na qual o poeta ataca um advogado; e o poema didático *Haliêutica*, que tratava da pesca.

Foi no longo governo de Augusto que a literatura latina chegou ao seu ápice, e essa fase é conhecida como a Idade de Ouro.

2.3.2 – Épica pós augusta e período flaviano

É nessa fase que começa a Idade de Prata da literatura latina, que começa a entrar em declínio. Dos vários tradutores de Homero do período pós-Augusto sabe-se pouco mais além do nome: Pompeu Macro, Lupo, Camerino, Júlio Antônio foram poetas que narraram as histórias da *Ilíada* e da *Odisseia*.

Temos, entre vários exemplos de poemas épicos menores desse período, uma epopeia mitológica, chamada *Teseida*, escrita por Albinovano Pedo, que também compôs um poema histórico sobre a contemporânea expedição romana ao norte da Europa. Há também a obra *A guerra do Egito*, de Rabírio, e *A guerra sícula*, de Cornélio Severo. Dessas obras nos chegaram apenas poucos fragmentos.

Na época de Nero temos a proeminente figura de Lucano (39 – 65), que era neto de Sêneca, o retor, e sobrinho de Lúcio Aneu Sêneca, que foi preceptor de Nero. Apesar de ter

morrido muito jovem, teve uma vasta produção literária, da qual nos chegaram apenas os 10 livros (8.060 versos) da inacabada *Bellum Ciuile* ou *Pharsalia*.¹³

Alguns estudiosos, como Badali, (1996, p. 19), acreditam que a obra de Lucano teria 12 livros, para fazer um contraponto à *Eneida*. De suas outras obras, que se perderam, temos apenas os títulos e pouquíssimos fragmentos, como o poema *Iliacon* ou a tragédia *Medea*.

A *Pharsalia* narra os acontecimentos que vão do fim do primeiro triunvirato (com a morte de Júlia, filha de César, e de Crasso) até o início da guerra de Alexandria, e fala detalhadamente dos fatos históricos.

Lucano não exalta as glórias romanas em sua obra, nem os deuses ou os heróis. Ao contrário, ele denuncia a violência da guerra, a inversão dos valores e a generalização da maldade, em uma narração crua, às vezes até macabra (como também ocorre nas tragédias escritas por Sêneca). Se, para Virgílio, a sociedade romana se encaminha para a glória (*pax romana*) após longas guerras fratricidas; para Lucano, admirador de Catão e da República, o império romano segue diretamente da paz para a ruína (*commune nefas*).

A narrativa, quase analítica, aproxima-se, assim, bastante da historiografia e tem um forte tom político e retórico. Lucano não exalta a figura de um herói mítico, mas sim denuncia os abusos de personagens históricos em busca do poder e da carnificina, que resulta na sangrenta Guerra civil, vencida por César.

Lucano, ao escrever sua obra, inova bastante, levando a poesia latina a outro patamar. Por este motivo foi bastante incompreendido e até criticado durante a Antiguidade, já que nesta época havia um grande conservadorismo sobre os limites exatos de prosa e poesia e dos gêneros literários.

Da época da dinastia flávia temos o poeta Valério Flaco, autor da *Argonáutica*, em oito livros, mas a obra não chegou a ser concluída. Temos também a *Tebaida* e a *Aquileida*, compostas por Estácio, que tratam das lutas entre os filhos de Édipo e dos feitos heroicos de Aquiles, respectivamente.

Do período do imperador Vespasiano, temos Sílio Itálico, que escreveu o poema *Púnica*, que é o maior poema épico latino que nos chegou, composto de 17 livros. Baseado nos relatos históricos de Tito Lívio, Sílio Itálico narra a segunda guerra púnica, na qual os romanos entram em conflito com o grande general Aníbal Barca.

Após esse período, a literatura latina épica entra em franca decadência, não possuindo nenhuma obra digna de menção.

¹³ Para a nomenclatura do poema, ver Conte, 1999, p. 440.

2.4 – A *Ilíada Latina*

Da época de Nero, já com o declínio da literatura romana, temos a *Ilíada Latina*. Essa obra se insere em um dos ciclos épicos que mais se desenvolveram e que foram mais difundidos na Antiguidade e Idade Média: o ciclo troiano. Dentre os vários resumos, traduções e epítomes dessa época, só nos chegou aos dias atuais a *Ilíada Latina*, que resume drasticamente os quase 16 mil versos da *Ilíada*.

Seguramente, é sua utilização como livro escolar, favorecida por sua brevidade e o progressivo desconhecimento do grego, como já dito, que explica que esta obra, carente de outros méritos (ao menos literários), haja sobrevivido e chegado até os nossos dias tão bem representada do ponto de vista textual. (Vega, López, 2001, p. 15)

2.4.1 – Da autoria e data de composição da obra

Desde a Antiguidade a obra permaneceu anônima, embora várias atribuições de autoria tenham sido feitas. Devido aos acrósticos que abrem e fecham o poema (*Italicus scripsit*), a *Ilíada Latina* foi erroneamente atribuída a Sílio Itálico (autor dos *Punica*, obra épica a respeito das guerras entre romanos e cartagineses). Essa teoria, por muito tempo defendida pelos estudiosos do tema, foi contestada. Em 1890, o pesquisador H. Schenkl descobriu, em um códice humanístico de Viena, o *Vindobonensis Latinus 3509*, o nome de Béblio Itálico (*Baebius Italicus*) na inscrição que encabeça o poema:

Bebii Italici poetae clarissimi epithome in qvatvor viginti libros Homeri Iliados.

Do ilustre poeta Béblio Itálico, epítome em vinte e quatro livros da *Ilíada* de Homero.

Esse códice, datado do final do século XV, contém uma miscelânea de traduções latinas de Homero e de outros autores gregos.

Atualmente, muitos estudiosos como Marco Scaffai, professor da Universidade de Bologna e autor de uma edição crítica e tradução italiana da *Ilíada Latina*¹⁴, concordam com essa autoria atribuída a Béblio, que teria sido um político da época de Nero. Podemos encontrar também em Marcial (VII, 63, vv. 9 a 12) outro fator que contesta a autoria de Sílio. A seu respeito, Marcial afirma:

¹⁴ SCAFFAI, Marco (ed). *Baebii Italici Ilias Latina*: Introduzione, edizione critica, traduzione italiana, e commento. 2 ed. Bologna: Pàtron, 1997.

*Postquam bis senis ingentem fascibus annum
rexerat, adserto qui sacer orbe fuit,
emeritos Musis et Phoebos tradidit annos
proque suo celebrat nunc Heliconam foro.*

Depois que, tendo duas vezes seis fascas¹⁵, governara o longo ano que foi venerável ao mundo livre, ele ofereceu às Musas e a Apolo os anos concluídos e, ao invés do seu foro, frequenta agora o Hélicon.

(tradução nossa)

Se assim fosse, Sílio teria escrito a *Ilíada Latina* após o período neroniano. Sabemos que, no ano da morte de Nero, Sílio era cônsul, e que só se dedicou à literatura após se retirar da vida pública. A datação da obra, porém, é clara: foi escrita até, no máximo, o fim do reinado de Nero, ou um pouco antes (Butler, 2008, p. 183).

Já era conhecida a existência de uma família ou de pelo menos algumas personagens no século I d.C. relacionados ao nome de Béblio Itálico, quando foram descobertas em Tlos, cidade da Lícia, algumas epígrafes gregas, em parte fragmentadas, que ornavam um monumento erguido em 85 em honra de Béblio Itálico, que governou aquela região oriental como *legatus Augusti*. Apesar dessa descoberta, ainda faltava definir a data do poema, e consequentemente havia dificuldade em considerar Béblio o autor da *Ilíada Latina*.

Posteriormente, foi encontrado um fragmento de uma placa marmórea proveniente da antiga *Potentia Picena*, atualmente a vila italiana Potenza Picena, próxima a Ancona, contendo os *Fasti consulares* dos anos 86-93 e 113-116. Entre os nomes mencionados no ano 90, aparece *P. Baebius Italicus*.

Scaffai assim descreve a sua vida:

Pertencente à tribo Oufentina, italiano de nascença, foi questor em Chipre e tribuno da plebe durante Vespasiano, e provavelmente foi um dos tantos *adlecti in senatum* de família não patriciana; foi depois propretor na Gália Narbonense, legado da legião XIV *Gemina* em 83 (...), *legatus Augusti pro praetore* na Lícia-Panfília de 84-5 a 87, e finalmente toca o auge com o consulado em 90. Depois dessa data do personagem perdem-se todos os registros¹⁶.

¹⁵ Segundo o dicionário de Ernesto Faria, fascas eram feixes de varas de olmo ou bétula ligadas por uma correia, muitas vezes com uma machadinha no meio delas, que os “litores” levavam à frente dos primeiros magistrados como símbolo do poder que lhes cabia de condenar a morte. No poema, Marcial usa esse termo para designar a carreira política de Sílio.

¹⁶ “Appartenente alla tribù Oufentina, italiano di nascita, fu questore a Cipro e tribuno della plebe sotto Vespasiano, e probabilmente fu uno dei tanti *adlecti in senatum* di famiglia non patrizia; fu poi propretore nella Gallia Narbonense, legato della legio XIV *Gemina* nell’83 (...), *legatus Augusti pro praetore* in Licia-Pamfilia dall’84-5 all’87, per toccare infine l’acme della carriera col consolato del 90. Dopo tale data del personaggio si perde ogni traccia.” (Scaffai, 1997, p. 18)

Assim, reconstruída brevemente a vida de Béblio Itálico, é possível, através do *cursus honorum*, basear seu nascimento em 50. Podemos situar sua atividade poética limitada à juventude, dado o forte aspecto escolástico que marca o poema, quando, segundo Scaffai (1997, p. 18) os jovens de talento, por volta dos 18-20 anos, estreavam os seus primeiros frutos. Desta maneira, com base na reconstrução biográfica feita por Scaffai, podemos concluir que a composição da *Ilíada Latina* se situa por volta do ano 68 d.C.

Béblio Itálico, muito provavelmente, fizera parte do círculo cultural que existia em torno de Nero, do qual Lucano e Sêneca também participaram. (Scaffai, 1997, p. 18). A respeito de Béblio Itálico, sabemos que ele era erudito, conhecedor não só de Homero, como também de Virgílio e de Ovídio, cujas influências podemos encontrar na *Ilíada Latina*. Virgílio escreve sua *Eneida* tendo os poemas homéricos por base e torna-se, para todos os outros autores latinos, uma referência sobre escrever épica, assim como Homero, o modelo para os autores gregos (Aristóteles, Horácio, Longino, [s.d], p. 22 e p. 28).

Nero encorajava muitos autores e patrocinava várias competições poéticas regularmente, com prêmios oferecidos aos melhores poetas. Tácito nos diz, a respeito do imperador, que:

Eram nele antigo o gosto de guiar carros tirados a quatro cavalos e de cantar à ceia, acompanhado de cítara, a modo teatral. Afinal o próprio Nero subiu à cena, tangendo a cítara e cantando, assistido por seus íntimos, a que se agregara uma coorte militar, assim como centuriões e tribunos (...). Não bastava a Nero que ficassem conhecidos seus talentos cênicos; ele ambicionava também a glória poética. Cercou-se de todos aqueles que tinham alguma habilidade de versejar, mas não conhecidos ainda. Estes se reuniam e consertavam os versos por ele fornecidos ou que então improvisava, aproveitando todas as palavras que a qualquer propósito proferia; e isso bem revela a forma de tais versos, sem inspiração nem naturalidade, como provindo de fontes diversas. Sendo Nero pela quarta vez cônsul juntamente com Cornélio Cosso, foram instituídos em Roma jogos quinquenais ao modo dos gregos. (Tácito, 1964, p. 326 a 329)

A época de Nero estimulava os poetas a escolher argumentos homéricos, pois o imperador se interessava pelas histórias do ciclo troiano desde a juventude.

Podemos, ainda, perceber a influência desses mitos no período neroniano através da obra *Ilíaca*, de Lucano, que tratava da guerra de Troia, mas que se perdeu. Temos, também, o poema *Queda de Troia*, inserido na obra *Satyricon*, de Petrônio, que parodia a *Ilíada* de Homero.

Outro fator que determina a datação da obra durante o reinado de Nero pode ser visto na descrição do escudo de Aquiles, no livro XVIII (v. 875 a 888), que diz:

*Terra gerit silvas horrendaque monstra ferarum
fluminaque et montes cumque altis oppida muris,
in quibus exercent leges annosaque iura
certantes populi; sedet illic aequus utrisque
iudex et litem discernit fronte serena.*

*Parte alia castae resonant Paeana puellae
dantque choros molles et tympana dextera pulsat;
ille lyrae graciles extenso pollice chordas
percurrit septemque modos modulatur auenis:
carmina componunt mundi resonantia motum.
Rura colunt alii, sulcant graui arua iuueni
maturasque metit robustus messor aristas
et gaudet pressis immundus uinitor uuis;
tondent prata greges, pendent in rupe capellae.*

A terra tem florestas e horrendos monstros das feras,
rios, montes e cidades de altos muros,
nas quais os povos exercem as leis e o velho direito
disputando; assenta-se ali o juiz, imparcial para as
duas partes, e o processo julga com frente serena.
Em outra parte castas moças ressoam o Peã¹⁷
apresentam danças suaves e a destra agita os tambores;
com o polegar estendido, as delgadas cordas da lira
ele percorre e sete compassos modula na flauta pastoril:
os sons em ressonância compõem o movimento do mundo¹⁸.
Outros os campos cultivam, sulcam as duras terras os novilhos,
o robusto ceifador colhe as espigas maduras
e alegra-se com as uvas prensadas o imundo vindimador;
os rebanhos comem os prados, pendem nas rochas as cabras.

(tradução nossa)

Podemos perceber o forte caráter de justiça, na figura do juiz imparcial; e de paz, pois os homens calmamente cultivam os campos, e os animais pastam. Essa exaltação da paz e da justiça difere bastante de Homero. Na descrição das cidades do escudo de Aquiles, ele assim escreve nos versos 490 a 513 do livro XVIII:

E fez duas cidades de homens mortais,
Cidades belas. Numa havia bodas e celebrações;
(...) Mas o povo estava reunido na ágora; pois surgira aí
Um conflito e dois homens discutiam a indenização
Por outro, assassinado. Um deles afirmava ter pago tudo,
Em declarações ao povo; o outro negava-se a aceitar o que fosse.
(...) Mas por volta da outra cidade estavam dois exércitos,
Refulgentes de armas. Duas alternativas lhes aprovaram:
Ou destruir a cidade, ou então dividir tudo em dois,
Todo o patrimônio que continha a cidade aprazível.
Os sitiados não queriam e armavam-se para uma emboscada.

(tradução de Frederico Lourenço)

¹⁷ As castas moças são as Musas, que em seu canto usam o verso métrico chamado peã, utilizado em composições que celebram Apolo; Apolo, deus da poesia, é quem toca a lira no verso 882.

¹⁸ A descrição do mundo realizada nessa passagem está de acordo com a doutrina pitagórica da harmonia entre as esferas celestes.

É possível discernir, nessa passagem da *Ilíada Latina*, um retorno à Era de Ouro, característica da política a favor de Nero. Quando o jovem imperador chegou ao poder, foi aclamado como bom governante, e o povo se alegrava com as realizações iniciais do imperador depois dos abusos de Cláudio.

Esse mesmo tema da era de Ouro também pode ser encontrado na *Apocolocintose* de Sêneca, que denuncia a crueldade do imperador Cláudio, e as virtudes de Nero, seu sucessor, que inclusive tinha sua figura ligada a Apolo, como patrono das artes, da paz e da justiça (Scaffai, 1997, p. 20). O título da obra vem do grego *Apocolocytosis*, literalmente “aboborificação”. Cardoso (2003, p. 97) diz que a obra parodia o que poderia ser a narração de uma apoteose: Cláudio, recebido nos Infernos, é transformado em abóbora. A *Apocolocintose* caricatura o morto e prenuncia uma nova idade de ouro: a época que se inicia com o governo de Nero, como podemos ver através dessas palavras de Sêneca (4, v. 21 e seguintes):

*Phoebus ait "uincat mortalis tempora uitae
ille, mihi similis uultu similisque decore
nec cantu nec uoce minor. Felicia lassis
saecula praestabit legumque silentia rumpet.
Qualis discutiens fugientia Lucifer astra
aut qualis surgit redeuntibus Hesperus astris,
qualis cum primum tenebris Aurora solutis
induxit rubicunda diem, Sol aspicit orbem
lucidus, et primos a carcere concitat axes:
talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem
aspiciet. Flagrat nitidus fulgore remisso
uultus, et adfuso ceruix formosa capillo."*

Do diálogo entre Febo Apolo e as Parcas:
o curso mortal ultrapasse
quem a mim se assemelha no aspecto, na graça do rosto,
também na voz, no canto. Ele um século de ouro aos oprimidos
vai dar com alegria, vai quebrar o silêncio das leis.
Assim como Lúcifer dissipar no céu as estrelas
ou Héspero no céu a volta dos astros anuncia;
assim como, depois das trevas, a Aurora difunde
a rubra luz e o Sol cintilante o universo saúda,
p'ra fora das barreiras guiando com ímpeto o carro;
assim o novo César aparece, aclamado por Roma
agora será Nero: desprende-se a luz do seu rosto,
do cândido pescoço guarnecido de longos cabelos.

(trad. de G. D. Leoni)

Outra característica que relaciona Nero a Apolo é seu gosto pela cítara, pela música e pela poesia, como vimos acima na descrição de Sêneca, pois era justamente Apolo o deus da música, da poesia e dos oráculos.

Podemos também ver na passagem abaixo da *Ilíada Latina* outros elementos que ajudam a datar a obra. Durante o episódio do livro XIX, no qual Netuno salva Eneias da morte, Bêbio assim escreve, nos versos 899 a 902:

*Quem nisi seruasset magnarum rector aquarum,
ut profugus laetis Troiam repararet in aruis
Augustumque genus claris submitteret astris,
non clarae gentis nobis mansisset origo.*

Se o senhor das grandes águas¹⁹ não o tivesse protegido,
para que exilado restabelecesse Troia em férteis terras
e pusesse a augusta estirpe sob brilhantes astros,
não teria persistido até nós a origem de célebre descendência²⁰.

(tradução nossa)

Podemos ver que o poeta faz referência à estirpe de Augusto, primeiro imperador romano, pois sua família (a *gens Julia*) se dizia descendente direta de Eneias. Percebe-se ainda o encômio à família imperial e sua descendência, família esta cujo último membro governante foi Nero. Vimos que no início de seu governo ele foi muito celebrado como imperador bom e justo, e posteriormente tornou-se violento e sanguinário. Com ele se encerrou a dinastia Júlio-Cláudia, pois Nero suicidou-se em 68, sem ter designado seu sucessor.

O jovem Bêbio, no início da carreira, quis dar um pequeno gesto de adesão a tal ideologia, inserindo os fatos que vimos nas únicas partes da *Ilíada* que consentissem com um refazimento (salvamento de Eneias feito por Netuno, descrição do escudo de Aquiles). Scaffai (1997, p. 26) ressalta que, ainda que não se possa afirmar que exista um claro intento propagandístico da parte de Bêbio, certo é, evidentemente, ao menos a recepção do mito estoico do deus criador da harmonia do universo, do qual se apropria a ideologia neroniana.

2.4.2 – Da estrutura e tradição manuscrita

A *Ilíada Latina* nos chegou dividida em 24 livros como a obra homérica, divisão esta que foi provavelmente feita pelos copistas da Antiguidade, ou também pode remontar ao uso do texto nas escolas (para facilitar a consulta), e não pelo próprio autor. Isso justifica porque a

¹⁹ Posêidon, em latim Netuno, deus dos mares.

²⁰ O mito romano atribui a Eneias a origem de seu povo. Após escapar da guerra de Troia, ele se estabelece na Itália e se torna antecessor dos gêmeos Rômulo e Remo, míticos fundadores da cidade de Roma. Augusto, primeiro imperador romano e sobrinho de Júlio César, atribuía a origem de sua família ao filho de Eneias, Ascânio. Daí a menção à descendência de Eneias nesses versos.

divisão dos livros não é muito clara e, em alguns casos, parece dar-se dentro do mesmo verso. A divisão dos livros nem sempre respeita a divisão homérica, pois Béblio modifica a sucessão de alguns eventos, sobretudo na parte final, onde a narrativa é bem resumida.

A *Ilíada Latina* resume a *Ilíada* de Homero de maneira bastante irregular. Os cinco primeiros livros correspondem à metade da obra, enquanto os outros 19 livros se condensam na outra metade. Isso poderia indicar que o autor não teve interesse, ou ânimo, de fazer um resumo proporcional. Alguns episódios são retratados de maneira bem detalhada, enquanto outros são completamente excluídos.

A extrema condensação de alguns livros os torna simples passagens de transição. Os livros mais resumidos da *Ilíada latina* são o XIII e o XVII, sendo este último reduzido a apenas três versos. Às vezes o autor também funde vários episódios em apenas um e, por consequência, atribui a uma mesma personagem ações que em Homero são desempenhadas por personagens distintas.

Os versos iniciais são praticamente iguais a Homero, o que denota que Béblio os sabia de cor. Têm-se ainda graves confusões com nomes e personagens secundários, que poderiam ter sido causadas pelo próprio poeta ou pela tradição manuscrita. Sobre a forma de resumo da *Ilíada Latina*, temos:

A forma de condensar o texto homérico parece indicar que (...) a *Ilíada latina* não pretendeu ser, ainda que esse tenha sido o seu destino, um simples resumo do original grego destinado à escola, o que faria esperar um resumo mais equilibrado do original; porém é mais uma antologia de distintos episódios da *Ilíada*, já extraídos e tratados em latim por outros autores, que poderiam circular com certa autonomia. Isto explicaria, na opinião geral, que alguns destes episódios tenham na *Ilíada latina* uma extensão similar a que têm no poema homérico, quando resultam por seu conteúdo, mais adequados que outros para serem eliminados do que pretendeu ser só um resumo do tema: e se trataria de passagens para as quais o nosso autor teria maiores possibilidades de imitação por contar com modelos latinos; fáceis de narrar no estilo virgiliano ou ovidiano, acessíveis, portanto, a seu limitado talento poético.²¹

²¹ “La forma de condensar el texto homérico parece indicar que (...) la *Ilíada Latina* no pretendió ser, aunque esse acabara siendo su destino, un simple resumen del original griego destinado a la escuela, lo que haría esperar un resumen más equilibrado del original, sino más bien una antología de distintos episodios de la *Ilíada*, extractados y tratados ya en latín por otros autores, que podrían circular con cierta autonomía. Esto explicaría, en la opinión general, que algunos de estos episodios tengan en la *Ilíada Latina* una extensión similar a la que tienen en el poema homérico, cuando de hecho resultan, por su contenido, más adecuados que otros para ser eliminados de lo que pretendiera ser sólo un resumen del argumento: y es que se trataría de passajes para los que nuestro autor tenía mayores posibilidades de imitación por contar con modelos latinos; fáciles de narrar en estilo virgiliano u ovidiano, asequibles, por tanto, a su limitado talento poético.” (Vega, López, 2001, p. 25)

Ao contrário de um epítome, no qual há um resumo metódico e regular de cada livro, a obra de Bébio resume a *Ilíada* de forma seletiva. A narrativa se desenrola com o uso de fórmulas e símiles semelhantes à obra homérica, buscando imitar o aspecto formal do poema grego.

Na realidade Bébio foi apenas um modesto representante da poesia épica de cunho classicista, e reelabora Homero sem visar a mais do que seus modelos canônicos. Sua única intenção é produzir um exercício de tradução poética do grego, sem deixar-se envolver em um refazimento de perspectiva total da *Ilíada*. (Scaffai, 1997, p. 27).

Da herança manuscrita temos trinta espécimes, sendo os mais antigos dos séculos X e XI. Têm-se, do século IX, as primeiras notícias dos códices da *Ilíada Latina*, que começaram a circular juntamente com outros textos da Antiguidade por causa do Renascimento impulsionado por Carlos Magno. Scaffai (1997, p. 46) afirma que a obra deve ter recebido na época carolíngia o genérico título de *Liber Homeri* (seguindo a nomeação de obras como *Liber Catuli*, etc) ou simplesmente *Homerus*. Posteriormente foi adotado o título *Ilíada Latina*. O texto da *Ilíada Latina* nos chegou em condições assaz boas, privado de corruptelas, lacunas e interpolações vastas (Scaffai, 1997, p. 48).

O texto sobreviveu aos dias atuais por ter sido adotado pelas escolas, o que justifica o bom número de manuscritos e a boa preservação da obra, pois nos primeiros séculos da nossa era não há sequer menção à *Ilíada Latina*.

A tradução da *Odisseia* por Lívio Andronico não foi integral, como vimos acima. A *Ilíada* só foi traduzida posteriormente. A esse respeito Butler afirma:

Com o crescimento do conhecimento do grego e seu crescente uso como meio de instrução nas escolas por um lado, e o surgimento de Virgílio e a ascensão da saga de Eneias por outro, a demanda por uma tradução da *Ilíada* naturalmente diminuiu. A Idade de Prata chegou com o problema não resolvido. Foi um período no qual os escritores abundavam em quem seria melhor empregado na tradução do que em qualquer tentativa de trabalho original.²²

A ampla difusão da *Ilíada Latina* se deve à inclusão do poema entre os séculos XII e XIII na miscelânea dos “Livros Catonianos”, particularmente nos “livros manuais” amplamente lidos nas escolas medievais, nos quais a *Ilíada Latina* representa o componente épico. No curso do século XIII, porém, a *Ilíada Latina* se separa do *corpus* do “Livro

²² “With the growth of the knowledge of Greek and its increasing use as a medium of instruction in the schools on the one hand, and the appearance of Virgil and the rise of Aeneas saga on the other, the demand for a translation of the Iliad naturally became less. The Silver Age arrived with the problem unsolved. It was a period when writers abounded who would have been better employed on translation than on any attempt at original work.” (Butler, 2008, p. 158)

Catoniano” para entrar em outra miscelânea de caráter variado, por uma tendência a colocá-la a par com outra obra clássica de extensão análoga, a *Aquileida* de Estácio. (Scaffai, 1985, p. 1930)²³

²³ Para uma análise detalhada da herança manuscrita e família de pergaminhos recomendamos o livro de Marco Scaffai, *Ilíias latina*, já que o autor italiano estabeleceu uma edição crítica da obra e fez acurada análise dos manuscritos.

3 – Facetas de Ílio

Nesse capítulo veremos, de maneira sucinta, a estrutura narrativa e o estilo de composição da *Ilíada*, além da construção das personagens.

Pretendemos, ainda, fazer um levantamento e estudo das passagens mais relevantes da *Ilíada* que Itálico mantém em sua adaptação, bem como analisar os aspectos importantes que ele omite, visando a estabelecer relações entre as duas obras.

Também abordaremos alguns aspectos da latinidade da obra, como, por exemplo, os de ordem ideológica e a influência de outros poetas de Roma, como Virgílio e Ovídio.

3.1 – O enredo da *Ilíada*

A *Ilíada* narra momentos específicos da longa guerra de Troia, que durou dez anos, ao centrar a narrativa em Aquiles, o maior dos heróis gregos.

Podemos resumir o enredo da *Ilíada* da seguinte maneira: no canto I, Agamêmnon, chefe supremo dos exércitos gregos, é obrigado a devolver sua cativa Criseida a seu pai para aplacar a cólera do deus Apolo, que mandara uma praga para dizimar os gregos. Agamêmnon decide tomar Briseida, que fora dada a Aquiles como butim de guerra, desonrando profundamente o herói. Aquiles e Agamêmnon têm uma violenta discussão e Aquiles, ofendido por ter sido ultrajado, retira-se da guerra e refugia-se na sua tenda. Aquiles reclama sobre a ofensa sofrida para sua mãe, a divindade marinha Tétis, que se dirige a Zeus para pedir ao deus supremo do Olimpo que mande reveses aos gregos, para honrar Aquiles. Zeus promete a Tétis que vai vingar a desonra de Aquiles. Para encerrar o canto I, os deuses olímpicos dedicam-se a um animado banquete.

No canto II, Zeus envia a Agamêmnon um sonho enganador. No dia seguinte, Agamêmnon organiza o exército para a batalha. Tem-se o famoso episódio do “catálogo das naus”, no qual são enumerados os povos gregos que foram para a guerra, de acordo com o número de navios que cada chefe levou, além de breve catálogo dos troianos e seus aliados.

O canto III narra o acordo entre gregos e troianos, que decidem que o destino de Helena seja decidido em um duelo entre Páris e Menelau. Helena, da muralha de Troia, descreve para o rei Príamo os heróis gregos. Páris, que não tinha forças equivalentes às de

Menelau, é salvo da morte por Afrodite, que o reconduz a Troia, para os braços de Helena. Agamêmnon exige que Helena seja devolvida.

O canto IV principia com a discussão de Atena e Hera contra Zeus no Olimpo, a respeito da intervenção dos deuses na guerra. Tem-se o término do acordo entre gregos e troianos, pois Pândaro lança uma flecha contra Menelau; por fim, os gregos e troianos se lançam novamente para a batalha.

No canto V temos os heróicos feitos de Diomedes que, além de matar muito inimigos troianos, chega a ferir a mão da deusa Afrodite e Ares, inspirado pela deusa Atena.

O canto VI narra a continuidade das batalhas. Glauco, herói troiano, e Diomedes reconhecem que possuem laços de hospitalidade entre seus antepassados e, desistindo de lutar, trocam as armas em sinal de amizade. Heitor dirige-se a Troia para pedir a sua mãe, Hécuba, que faça oferendas à deusa Atena, desfavorável aos troianos. Heitor repreende Páris por sua covardia. Neste canto temos a bela passagem da despedida de Heitor e sua esposa, Andrômaca.

No canto VII Heitor e Páris se dirigem para a batalha; os gregos fazem um sorteio para ver quem vai combater com Heitor, e o enorme Ájax Telamônio é sorteado. Tem-se a luta entre Heitor e Ájax, interrompida pelo por do sol. Os dois heróis trocam presentes e em paz se separam. Os gregos fazem um banquete e decidem fortificar seu acampamento com muralha e fosso. Os troianos também fazem uma assembleia, e Páris se recusa a devolver Helena.

No início do canto VIII temos outra assembleia dos deuses, na qual Zeus impede que as divindades tomem parte na guerra. Os gregos e os troianos se preparam para a luta. Tem-se o famoso episódio no qual Zeus pesa, em uma balança, os destinos dos gregos e dos troianos, e a balança é favorável aos troianos. Zeus manda grandes reveses para os gregos, para honrar sua promessa a Tétis, e os heróis helênicos se apavoram com a bravura de Heitor. Atena e Hera tentam auxiliar os gregos, mas são impedidas por Zeus. O canto se encerra com a assembleia dos troianos, e estes passam a noite acampados na planície diante de Troia.

No canto IX, na assembleia dos gregos, Agamêmnon sugere a fuga de suas tropas, refutada imediatamente por Diomedes e os outros chefes gregos. Nestor sugere a Agamêmnon que vá pedir o perdão de Aquiles. Agamêmnon manda uma embaixada a Aquiles, composta por Ulisses, Ájax Telamônio e Fênix, solicitando sua volta à batalha e disposto a conceder grandes riquezas e títulos. Aquiles recusa a proposta e continua afastado da guerra.

No canto X, Agamêmnon conversa, durante a madrugada, com Nestor, para decidir o que fazer, e tem-se outra assembleia dos gregos. Agamêmnon decide mandar Diomedes e Ulisses em uma expedição noturna, para espionar os troianos. Heitor também decidira pelo

mesmo, e envia Dólón para espiar os planos dos gregos. Do nome de Dólón temos o nome desse canto, também conhecido por *Doloneia*. Durante a noite, os heróis gregos encontram o espião troiano e o capturam. Dólón, após narrar aos gregos os planos dos troianos, é morto. Diomedes e Ulisses também matam Reso, rei dos trácios, e levam seus esplêndidos cavalos. Ambos são recebidos no acampamento grego por Nestor.

No canto XI, temos, além dos conflitos entre troianos e gregos, a aristeia de Agamêmnon, que mata muitos inimigos até ser ferido e se retirar da luta. Heitor mata vários gregos. Nestor sugere que Pátroclo vista as armas de Aquiles e lute, se passando por ele, para incitar o exército grego.

No canto XII, os gregos tentam se defender em seu acampamento, e Ájax e Teucro repelem os inimigos. Os troianos atacam a muralha, Heitor destrói os portões com uma pedra e suas tropas invadem a muralha dos gregos, que fogem para seus navios.

O canto XIII narra o ataque de Heitor às naus dos gregos. O deus dos mares, Posêidon, se disfarça para incitar os gregos para a luta, e as naus são defendidas por Ájax Telamônio. Este livro descreve detalhadamente várias lutas entre os heróis e a disputa entre Ájax e Heitor pelas naus. Neste canto, Eneias tem pequeno destaque.

No canto XIV, temos, no início, uma assembleia dos chefes gregos. Agamêmnon novamente sugere a fuga, e é duramente repreendido por Ulisses. Hera, observando os gregos do Olimpo, engana Zeus, no episódio conhecido como *dolo de Zeus*. Hera, munida do cinto mágico de Afrodite, seduz Zeus e, após o ato sexual, o faz adormecer profundamente. Com a ausência de Zeus, Posêidon novamente ajuda os gregos.

No canto XV, Zeus desperta e se enfurece com a ousadia dos deuses, e novamente ordena que se apartem da luta dos homens mortais. O deus supremo continua favorecendo os troianos, de acordo com a promessa de honrar Aquiles, feita a Tétis no canto I. Heitor tenta incendiar as naus dos gregos e é repellido duramente por Ájax.

No canto XVI Pátroclo, aflito com a complicada situação do exército grego, consegue convencer Aquiles a usar suas armas. Pátroclo, fingindo ser o forte amigo, aterroriza os troianos, e lidera o exército dos mirmidões, súditos de Aquiles. Após matar e afugentar muitos troianos, Pátroclo é morto por Heitor.

O canto XVII tem a aristeia de Menelau, que luta ferozmente para defender o corpo de Pátroclo do assédio dos troianos. Heitor consegue roubar as armas de Aquiles usadas por Pátroclo, mas Ájax Telamônio ajuda Menelau a proteger o cadáver nu do companheiro.

No canto XVIII, Aquiles recebe a triste notícia da morte de Pátroclo, e fica transtornado. Para retornar à luta e vingar Pátroclo, Tétis, que viera do fundo do mar, se

encarrega de providenciar novas armas para Aquiles. Ela se dirige ao deus Hefesto e o solicita para forjar as armas. Aquiles se aproxima do campo de batalha e, com seu feroz grito, espanta os troianos, possibilitando que o corpo de Pátroclo seja levado até o acampamento dos gregos. Hera faz com que o sol se ponha mais cedo. Tem-se uma assembleia dos troianos, na qual eles decidem continuar a guerra, mesmo com o iminente retorno de Aquiles. Enquanto Hefesto forja as armas de ouro de Aquiles durante a noite, ele chora o corpo de Pátroclo. Temos, nesse canto, a famosíssima passagem da descrição do escudo de Aquiles, no qual a sociedade helênica é descrita com detalhes.

No canto XIX, Aquiles e Agamêmnon, na assembleia dos gregos, se reconciliam, e Agamêmnon devolve Briseida para Aquiles, junto com outros presentes. Aquiles, após velar Pátroclo, se dirige para a batalha.

O canto XX tem a assembleia dos deuses, e Zeus decide que todas as divindades podem intervir livremente na guerra. Eneias novamente tem papel de destaque neste canto, ao tentar lutar contra Aquiles. O deus Posêidon, porém, salva o herói troiano da morte iminente. Aquiles mata vários inimigos.

No canto XXI, Aquiles lança muitos cadáveres no rio Escamandro, que se enfurece e ataca o herói grego, com a ajuda de Afrodite e Apolo. Aquiles pede auxílio aos deuses, e Hera ordena que seu filho Hefesto proteja Aquiles. Temos a descrição das lutas entre alguns deuses. Príamo abre os portões de Troia para acolher seu povo, que fugia desesperadamente de Aquiles.

No canto XXII, Heitor não consegue entrar em Troia e permanece fora das muralhas pátrias. Aquiles persegue Heitor, que corre ao redor da cidade por três vezes. Por fim, com o auxílio da deusa Atena, Aquiles mata Heitor. O corpo do troiano é traspassado pela lança de vários gregos e, por fim, Aquiles o amarra ao seu carro e o arrasta até o seu acampamento. Os troianos, principalmente Hécuba, mãe de Heitor, e Andrômaca, sua esposa, choram e lamentam a morte do mais notável herói troiano.

O canto XXIII narra a cremação de Pátroclo e os jogos fúnebres organizados por Aquiles em sua homenagem.

O derradeiro canto XXIV narra os exagerados ultrajes de Aquiles ao cadáver de Heitor: ele arrasta o corpo várias vezes pelo chão, desfigurando-o. Após Aquiles ter humilhado o corpo de Heitor por doze dias, Apolo intervém e reclama dessa atitude de Aquiles. Zeus, a quem Heitor sempre honrara com sacrifícios, reprova os atos de Aquiles. Tétis, a mando de Zeus, ordena a Aquiles que devolva o cadáver de Heitor a Príamo, ao aceitar os presentes oferecidos pelo rei troiano. Zeus, através de Íris, manda que Príamo

busque o corpo de Heitor. Com a ajuda do deus Hermes, Príamo chega ao acampamento de Aquiles e lhe suplica o cadáver de Heitor, oferecendo-lhe enorme resgate. O herói grego, apiedando-se do velho Príamo e lembrando-se do seu próprio pai, aceita a sua oferta e concede ao rei de Troia uma trégua de doze dias para realizar os funerais de Heitor. Deste modo se encerra a *Ilíada*.

Uma característica marcante da *Ilíada* é sua narrativa não linear: ora as personagens preveem os acontecimentos (por exemplo, o cavalo de Aquiles, Xanto, prevê a morte de seu dono, no canto XIX, vv. 408 a 410), ora a própria narrativa se adianta ao momento dos acontecimentos narrados.

A estrutura narrativa é realizada através de vários episódios que possuem certa interdependência entre si. O enredo ora se acelera, ora é monótono e descritivo, e alterna momentos intensos de descrição de batalhas com momentos pacíficos.

3.2 – Estilo da *Ilíada*: epítetos, fórmulas e símiles

Esse trabalho propõe-se a analisar o resumo latino da *Ilíada*. Portanto, nesse capítulo vamos limitar nossa análise a uma abordagem mais ampla do poema homérico.

Vimos no capítulo 1 que a poesia de Homero possui forte caráter de composição oral, e o que corrobora essa tese são as formas estilísticas do poema. De fato, os símiles, as fórmulas e os epítetos são traços originais da poesia oral e desempenham grande função nos poemas homéricos, além de desempenhar um papel auxiliar na métrica. A respeito desses recursos de estilo, Parry afirma:

Os poetas épicos criaram e preservaram no curso das gerações uma complexa técnica de *formulae*, uma técnica concebida em seus menores detalhes para o duplo propósito de expressar ideias apropriadas à épica em uma maneira conveniente, e de atenuar as dificuldades da versificação. Na dicção da poesia oral, a *formula* pode ser definida como uma expressão regularmente usada, sob as mesmas condições métricas, para expressar uma ideia essencial. O que é essencial em uma ideia é o que permanece depois que todo o excesso estilístico for retirado dela.²⁴

²⁴ “The epic poets fashioned and preserved in the course of generations a complex technique of *formulae*, a technique designed in its smallest details for the twofold purpose of expressing ideas appropriate to epic in a suitable manner, and of attenuating the difficulties of versification. In the diction of bardic poetry, the *formula* can be defined as an expression regularly used, under the same metrical conditions, to express an essential idea. What is essential in an idea is what remains after all stylistic superfluity has been taken from it.” (Parry, 1080, p. 9 e p. 13)

Já Lesky ressalta, a respeito da *Ilíada*:

Quanto à forma, predomina a narração em verso, cuja unidade não é a estrofe, mas sim o verso. Os discursos desempenham um papel importante na narrativa. A característica mais marcante é, contudo, o papel dominante de elementos típicos. Entre eles, conta-se o epíteto, a fórmula mais extensa que se repete constantemente e as cenas características, tais como os preparativos, a partida, o casamento e os funerais. (Lesky, 1995, p. 33)

Vimos acima a opinião de dois estudiosos da poesia homérica. Em que consistem, portanto, essas características estilísticas que aparecem em Homero? Sem entrar no mérito de uma discussão profunda, veremos a definição de cada um desses recursos (epíteto, fórmula e símile) em alguns estudiosos da poesia homérica.

De fato, o primeiro a falar sobre esses recursos estilísticos foi Aristóteles. Como destaca Vivante, Aristóteles menciona, no livro III da *Retórica*, o epíteto, palavras compostas, *glossai*, metáforas e símiles. Aristóteles considera o epíteto como sendo qualquer forma de expressão que, para designar um objeto, desvia da afirmação direta objetiva (Vivante, 1982, p. 151).²⁵ Ou seja, na acepção retórica, o epíteto é uma figura de discurso. Na visão dos gramáticos, como Apolônio Díscolo, o epíteto é considerado como um elemento natural da linguagem, parte do discurso e como classe de palavras. Já Quintiliano compartilha da visão retórica de Aristóteles e da visão dos gramáticos, pois considera o epíteto como figura de discurso e classe de palavras (Vivante, 1982, p. 155).

O pesquisador Vivante (1982, p. 13) define o epíteto homérico como uma palavra ou grupo de palavras características que está muito intimamente ligado a um certo substantivo, como para formar com ele uma única imagem, e isso sem nenhuma conexão direta de significado com o contexto.²⁶ Para Vivante, o epíteto foca, como se fosse um fecho de luz, e por si só acrescenta uma imagem relacionada ao substantivo. Ele destaca os versos 696 a 706 do canto XV, nos quais Heitor tenta incendiar os navios dos gregos. Nesse trecho temos alguns epítetos para enfatizar a importância do incêndio aos barcos.

De novo surgiu renhido combate junto das naus.
Tu dirias que sem cansaço e sem fadiga se defrontavam
na guerra, de tal forma furiosamente eles combatiam.
E este era o seu pensamento ao combaterem: os Aqueus
Não julgavam poder fugir da desgraça, mas morreriam;
Mas o coração no peito de cada um dos Troianos esperava

²⁵ Recomendamos o capítulo 20 dessa obra (definitions of the epithet) para maiores esclarecimentos da noção de epíteto desde a Antiguidade até a época contemporânea, com a pesquisa de Milman Parry. O livro de Vivante, inteiramente dedicado ao uso do epíteto na poesia homérica, é de grande interesse para estudiosos desse tema.

deitar fogo às naus e chacinar os heróis dos Aqueus.
Era isto que pensavam, enquanto se enfrentavam.
Porém Heitor tomou a proa de uma nau de alto mar,
bela nau e célere nas ondas, que trouxera Protesilau
para Tróia, mas que o não levaria de novo à terra pátria.

(trad. Frederico Lourenço)

Vivante acrescenta que o epíteto fornece mais do que um simples fragmento de informação, como no exemplo “ele incendiou o barco”. Com esse tipo de construção, o autor apenas indicaria ao leitor uma mera informação. Ao dizer que “Heitor tomou a proa de uma nau de alto mar, bela nau e célere nas ondas”, mencionado no trecho acima, temos outro efeito: podemos perceber uma ideia intrínseca à ideia de barco, e daí resulta o efeito poético, precisamente por ser irrelevante para a narrativa. Tem-se o mesmo efeito no canto XVI: Aquiles, mesmo afastado da luta e abrigado em sua tenda, é chamado de “Aquiles de pés velozes” (v. 5). Para Vivante (1982, p. 13 e 14), o que importa é uma questão puramente estilística, pois os epítetos são ricamente usados nas passagens dos poemas nas quais a representação prevalece sobre a narrativa.

Já o estudioso Albin Lesky afirma que os epítetos se referem a pessoas e objetos.

Frequentemente, estes epítetos ocupam um lugar fixo no verso, e alguns deles só aparecem num único caso gramatical que oferece uma determinada possibilidade métrica. Os barcos são “velozes”, mesmo no caso de estarem em terra (*Iliada*, I, 421). Aquiles é “o de pés ligeiros”, mesmo quando recolhido na sua tenda (*Il.*, XVI, 5). Tal emprego não é particularmente apropriado, mas também não é absurdo, pois em cada caso o homem e o objecto são nomeados juntamente com uma qualidade que lhes pertence de maneira inseparável. (Lesky, 1995, p. 82)

De posse dessas informações, consideraremos o epíteto como palavra ou grupo de palavras que caracterizam um certo substantivo, exercendo papel estilístico de adjetivação e desempenhando uma função ilustrativa, de acordo com a definição de Vivante. Podemos destacar, dentre numerosos exemplos, os seguintes epítetos: Agamêmnon pastor do povo, Hera de alvos braços, Aquiles de pés velozes, Atena de olhos garços, Ulisses de mil ardis, Zeus que comanda as nuvens.

A fórmula é definida por Lesky da seguinte maneira:

Também é invariável em Homero um número considerável de fórmulas para o princípio e o fim do discurso, fenómenos relacionados com movimentos, incidentes de luta, etc. Muitos deles ocupam meio verso e, mediante ligeiras modificações, podem-se adaptar a outras posições dentro do verso e a outras formas de emprego. Em terceiro lugar, devem ser mencionadas as cenas típicas, que descrevem, em séries de versos, acontecimentos que se voltam a repetir uma e outra vez, tais como o banquete, o sacrifício, o armamento, a partida de um barco. (Lesky, 1995, p. 82)

Parry define a fórmula como uma expressão que, independentemente da história do seu processo de formação, fez o processo de versificação mais fácil para o poeta ou poetas da *Iliada* e da *Odisseia* no momento em que esses poemas foram compostos.²⁷ De fato, Thomas ressalta que na composição oral o poeta faz uso de uma tradicional combinação de peças, fórmulas e temas estabelecidos para ajudá-lo a compor durante a apresentação (2005, p. 41).

Vivante (1982, p. 48 e 49) ressalta que a repetição das fórmulas é justificada pela natureza das coisas. Temos fórmulas para o raiar e o pôr do sol, e para o avanço do dia. Servem também para os diálogos, como fórmulas para se dirigir, perguntar, responder, dizer.

Já Kirk reflete sobre a extensão de uma fórmula. Para ele, o máximo seriam várias linhas completas, compondo uma passagem que é repetida sempre que a cena típica, como o preparo de uma refeição, um sacrifício ou o lançamento ou o encalhe de um navio, está para ser descrita.²⁸

Consideraremos a fórmula como frase, ou parte de frase, usada para descrever cenas recorrentes da narrativa da guerra de Troia. Como exemplos, podemos citar: “respondendo-lhe assim falou...” e encaixa-se aí o outro hemistíquio do verso: “...Aquiles de pés velozes”, ou “... o poderoso Agamêmnon”, ou outra personagem. Para o nascer do sol, temos: “das correntes do Oceano com o seu manto de açafião surgiu a Aurora, para trazer a luz aos deuses e aos homens” (*Iliada*, XIX, 1 e 2); “a Aurora de manto de açafião espalhou-se por toda a terra” (*Il. XXIV*, 695), dentre outros vários exemplos.

Quanto ao símile, Lesky afirma:

Tudo o que se pode dizer acerca da linguagem como totalidade, concentra-se nos símiles. Aqui, o poeta abre os limites do mundo dos heróis e dá entrada a toda a riqueza da existência em que ele próprio vive. Estes símiles não aparecem apenas por causa dum *tertium comparationis*, antes, criam múltiplas conexões, esclarecem grande quantidade de características isoladas e conferem densidade e cor aos acontecimentos e às figuras. Para além disso, têm a sua vida própria e, de acordo com a típica visão grega, fazem-nos ver o essencial nos objectos. Na sua forma linguística, que gosta tanto de passar da oração comparativa à independente, torna-se manifesto este duplo aspecto do seu significado. Nas comparações da *Iliada*, se expressa uma visão grandiosa da natureza e das suas forças elementares. (Lesky, 1995, p. 83)

Kirk, em seu livro *The songs of Homer*, ressalta:

²⁷ “Formula is an expression which, whatever may have been its history, made the process of versification easier for the poet or poets of the *Iliad* and the *Odissey* at the moment when these poems were composed.” (Parry, 1980, p. 14)

“The maximum may be several complete lines, composing a passage which is repeated whenever a typical scene, like the preparation of a meal, or sacrifice or the launching or beaching of a ship, is to be described.” (Kirk, 1962, p. 67)

Os símiles têm duplo propósito: de cristalizar, em uma esfera próxima ao próprio entendimento do ouvinte, uma visão, som ou estado de espírito; e de dar alívio da dura e potencial monotonia da guerra ao repentinamente descrever uma cena diferente e frequentemente pacífica, até doméstica.²⁹

Os símiles podem fazer referência a assuntos pacíficos do dia a dia, como fenômenos da natureza, ou a agricultura. Nessa categoria, podemos destacar as seguintes passagens: no canto V (2 a 6), Atena incita Diomedes, e a ele a deusa

outorgou força e coragem, para que se tornasse preeminente entre todos os Argivos e obtivesse uma fama gloriosa. Fez-lhe arder do elmo e do escudo uma chama indefectível, como o astro na época das ceifas que pelo brilho sobressai entre os outros, depois de se ter banhado no Oceano.

(trad. Frederico Lourenço)

No canto XI (67 a 71), o poeta assim se refere ao confronto entre gregos e troianos:

Tal como os ceifeiros de cantos opostos do campo vão aproximando as carreiras ceifadas de trigo ou cevada no terreno de um homem rico e cerradas caem as paveias – assim Troianos e Aqueus arremetiam uns contra os outros; e de nenhum lado surgia a lembrança da fuga ruinosa.

(trad. Frederico Lourenço)

Também são comuns na *Ilíada*, durante a narração de lutas entre heróis, os símiles que fazem referência a animais violentos e caçadores, como leões, lobos e aves de rapina. Destacamos, no canto XV (630 a 637), o ataque de Heitor aos gregos:

Mas Heitor atirou-se a eles como o leão malévolos que se lança contra os bois a pastar na fundura de um amplo pantanal, bois às miríades!, e no meio deles está um boieiro que não sabe ainda como lutar contra a fera sobre a carcaça da vitela morta; na verdade ele anda pelo lado dos bois à frente e de trás, sempre a seu lado, mas o leão salta para o meio da manada e devora uma vitela, enquanto todas as vacas se dispersam – assim assombrosamente os Aqueus foram postos em fuga por Heitor.

(trad. Frederico Lourenço)

²⁹ “The similes have a double purpose: to crystallize, in a sphere close to the listener’s own understanding, a sight or a sound or a state of mind; and to give relief from the hardness and potential monotony of warfare by suddenly actualizing a quite different and often peaceful, even domestic, scene.” (Kirk, 1962, p. 346 e 347)

3.3 – Construção das personagens no poema homérico

Pretendemos, neste tópico, fazer uma análise da construção das personagens na *Ilíada* de Homero para, mais à frente, compará-los com a construção dos personagens na *Ilíada Latina*.

As personagens principais do lado grego são vários heróis. Limitaremos nossa análise às seguintes personagens: Aquiles, Agamêmnon, Ájax Telamônio, Diomedes, Pátroclo e Ulisses, pois são essas personagens que também possuem destaque no resumo latino de Béblio Itálico. Quanto aos troianos, falaremos de Heitor, Páris, Príamo, Hécuba, Andrômaca, Eneias e Helena, que se encontra entre os troianos.

Por fim, abordaremos as personagens divinas, pois no poema latino elas exercem pouca ou nenhuma influência na narrativa, como veremos adiante, no capítulo dedicado à análise estrutural da *Ilíada Latina*.

Aquiles é o maior e o mais forte dos heróis gregos, mas possui um temperamento difícil e impulsivo. Aquiles sabe que vai perecer na guerra de Troia, mas prefere a honrosa e prematura morte na batalha à triste velhice. A esse respeito do ideal heroico, Redfield afirma:

O herói pode parecer um deus, mas ele é apenas mortal. O homem morre de qualquer forma e, embora o herói permaneça como os outros homens, a cultura concede-lhe um valor; ele não sobrevive, mas é lembrado. O herói é, em um sentido, resgatado da mortalidade; ele torna-se semelhante aos deuses no status e imortal na memória. Ao mesmo tempo, ele é exclusivamente consciente de sua própria mortalidade. A grandeza dos heróis de Homero é a grandeza não da ação, mas da consciência.³⁰

Pátroclo é o amigo mais querido de Aquiles. Ambos cresceram juntos na Ftia, sua terra natal. Todos apreciam o caráter gentil e companheiro de Pátroclo que, ao tentar ajudar os gregos que padeciam pelos ataques dos troianos, acaba perecendo nas mãos de Heitor.

Agamêmnon é o chefe supremo dos exércitos e todos os outros reis gregos lhe devem obediência. É prepotente e arrogante. Pode-se traçar um paralelo entre ele e Zeus. Agamêmnon é constantemente questionado pelos reis que lhes são subordinados. Zeus também enfrenta a desobediência e contestação dos outros deuses.

Ájax Telamônio é o segundo guerreiro mais forte do lado grego (só Aquiles, que é seu primo, o supera). É retratado com características primitivas, pois o que se exalta nele são

³⁰ “The hero may appear godlike, but he is only mortal. Man dies in any case, but the hero remains like other men, but culture bestows on him a value; he does not survive, but he is remembered. The hero is in a sense rescued from mortality; he becomes godlike in status and immortal in the memory. At the same time he is uniquely conscious of his own mortality. The greatness of Homer’s heroes is a greatness not of act but of consciousness.” (Redfield, 1975, p. 101)

apenas sua enorme força física e estatura. Vimos, no capítulo 1 no item sobre a *Ilíada*, que o ideal de herói consiste em possuir a *areté* não só na guerra, mas também na oratória, já que a sociedade grega prezava pela vida pública de seus cidadãos.

Diomedes é um dos chefes mais jovens do exército, e se destaca tanto por sua coragem (exaltada no canto V da *Ilíada*, dedicado a ele) quanto pela sua oratória, demonstrada em várias assembleias dos gregos.

Por fim, temos Ulisses. Rei de Ítaca, famoso pelos seus conselhos e astúcia, comparada à de Zeus. Além da inteligência, possui também bravura em combate. É ele que desempenha papéis delicados, como o de levar Criseida de volta para seu pai, no canto I, por exemplo.

Dentre os heróis troianos temos Heitor. É ele que se sobressai entre todos os seus compatriotas. É exemplo de guerreiro, marido, filho, pai. Luta para proteger sua pátria e seu povo, ao contrário de Aquiles, que apenas busca sua honra.

Heitor é o grande antagonista de Aquiles e, sobre ele, afirma Redfield:

Aquiles é uma figura estranha, mágica, com sua armadura imortal, seus cavalos falantes, e sua mãe ninfa do mar (...). Heitor é uma criatura humana, com esposa e filho, pais e irmãos, amigos e companheiros cidadãos. Os atos de Aquiles são sempre verdadeiros para suas deslocadas visões de si mesmo; Heitor colocou sua vida a serviço dos outros. A história de Heitor (...) é uma ação trágica no modelo clássico; é a história de um homem um tanto melhor do que nós mesmos que cai através de seu próprio erro.³¹

Temos ainda Páris, irmão de Heitor, cuja figura contrasta bastante com a do irmão mais velho. Páris, censurado por Heitor, se dirige para a batalha, mas no fundo prefere a companhia de Helena e a segurança de seu palácio, como podemos ver no canto III, no episódio em que Afrodite o salva do confronto com Menelau; e não se importa com a censura de seus compatriotas.

Príamo é o venerável rei de Troia. É em seu nome que os juramentos e acordos entre gregos e troianos são feitos. Sofre pela iminente destruição de Troia e pela morte de seus numerosos filhos.

Das mulheres troianas temos Hécuba, esposa de Príamo e mãe de Heitor, que não possui grande papel dentro da narrativa.

³¹ “Achilles is a strange, magical figure, with his immortal armor, his talking horses, and his sea-nymph mother, (...) Hector is a human creature, with wife and child, parents and brothers, friends and fellow citizens. Achilles`acts are always true to his shifting visions of himself; Hector has placed his life at the service of others. Hector`s story (...) is a tragic action in the classic mold; it is the story of a man somewhat better than ourselves who falls through his own error.” (Redfield, 1975, p. 28 e p. 109)

Andrômaca é a dedicada esposa de Heitor e mãe de seu único filho, Astíanax. Eles protagonizam uma bela cena de despedida e lirismo no final do canto VI.

Helena é a esposa de Menelau, irmão mais novo de Agamêmnon, que foi levada para Troia quando Páris foi hóspede de seu marido. Ela é filha de Zeus e da mortal Leda, e possuía grande beleza. Apesar da beleza hipnotizante, ela é surdamente hostilizada pelos habitantes de Troia, por ser a causa da guerra.

Quanto aos vários deuses olímpicos, os que têm mais destaque na narrativa homérica são Zeus, pai dos deuses e o mais poderoso deles; Hera, Atena, Posêidon (que estão do lado dos gregos); Afrodite, Apolo, Ares (do lado dos troianos), Hefesto (que não possui um lado na guerra, mas acata as ordens de sua mãe Hera) e Tétis, mãe de Aquiles, que interfere no desenrolar da guerra ao pedir que Zeus honre seu filho ultrajado.

Os deuses gregos são antropomórficos, embora possam se metamorfosear em várias formas e possuam epítetos que indiquem suas características animais (temos o epíteto Hera rainha com olhos de plácida toura, por exemplo). Alguns deuses são meras forças da natureza, como os ventos (Bóreas, Zéfiro), o sol (Hélios) e o rio Escamandro (também conhecido por Xanto), que inclusive luta com Aquiles no canto XXI.

A respeito dos deuses homéricos, Pereira ressalta:

Na sua quase totalidade, distinguem-se por uma superlativação das qualidades humanas. São mais altos, mais fortes, mais belos (com exceção de Hefestos, que é coxo); possuem em mais alto grau a *areté* e a *timé*. E, sobretudo, são os que existem sempre (...), não conhecem a velhice nem a morte, e a sua vida é fácil (...). Misturam-se com os homens na *Iliada*, e algumas vezes aparecem-lhes disfarçados, mas são reconhecidos. Combatem junto dos heróis que protegem e advertem-nos dos perigos. Efectivamente os deuses têm também os defeitos dos homens. (Pereira, 1993, v. 1, p. 94)

As divindades, independentemente do lado que defendem, interferem intensamente nos acontecimentos da guerra. Os deuses ora podem ser o mote da ação, como por exemplo, no canto III, em que Atena faz com que Pândaro dispare sua flecha contra Menelau e termine com o acordo entre troianos e gregos; ora podem agir conjuntamente com os homens, como no canto XV (262 a 270), em que Apolo incita Heitor, insuflando-lhe força e coragem.

Pereira (1993, v. 1, p. 95) ressalta que o fato de um deus ajudar um mortal em nada diminui o seu valor; pelo contrário, o interesse dos deuses por um mortal é sinal seguro de sua superioridade.

Sobre a relação entre deuses e homens, Lesky (1995, p. 87 a 89) ressalta três antinomias, das quais falaremos a seguir.

A primeira delas consiste na proximidade e na distância. Tem-se a proximidade dos deuses e dos homens, que protegem e incitam para a batalha os seus heróis preferidos. Também existe a distância insuperável entre os deuses e os homens, como quando Diomedes tenta atacar Apolo no canto V. O deus assim diz ao herói, quando este o tenta atacar pela quarta vez (440 a 442):

Pensa, ó Tidida, e cede! Não queiras pensar coisas iguais
às que pensam os deuses, pois não é a mesma raça
dos deuses imortais e a dos homens que caminham sobre a terra.

(trad. Frederico Lourenço)

A segunda antinomia é o favor e a crueldade divina, e tem relação com a primeira antinomia. Os deuses favorecem seus protegidos, outorgando-lhes força e coragem para a luta, além de os protegerem do ataque inimigo. Por outro lado, os deuses podem ser extremamente cruéis com aqueles a que não protegem. Temos como exemplo, no canto XXII (214 a 249), o episódio em que Atena se disfarça de Deífobo, irmão de Heitor, e por dolo o induz a lutar contra Aquiles.

A terceira antinomia é a arbitrariedade e a justiça divina, e isso diz respeito à questão da moralidade dos deuses homéricos, que também preocupou vivamente os antigos. Os deuses agem a seu bel-prazer, e se envolvem em conflitos. Lesky afirma que, para explicar essa terceira antinomia

o mais provável é que nestes deuses, que tratam de impor a sua vontade por meio da astúcia e da violência, que alternam a rixa e o partidarismo com a reconciliação no banquete e que tomam com bastante ligeireza a sua vida erótica, possamos reconhecer traços feudais dos nobres em cujo mundo se movia o poeta da *Iliada*. (Lesky, 1995, p. 89)

Podemos perceber que a ação humana jamais se dissocia da divina, quer os deuses interfiram diretamente ou apenas inspirem os atos dos heróis. Vivante considera que em parte alguma essa integração de personagem e ação é mais completa que em Homero. Homero nos mergulha dentro da própria essência do personagem, e é através da ação que percebemos a essência do personagem homérico.³²

Além desse fator, temos também alguns vocábulos que são característicos da cultura grega, que nos auxiliam a compreender melhor as ações das personagens da *Iliada*. De todos esses termos, destacaremos alguns. No capítulo 1, falamos sobre a *areté*, a excelência do herói, tanto no campo de batalha quanto na assembleia. Pereira considera o *thumós* como o

³² “Nowhere is this integration of character and action more complete than in Homer. Homer plunges us into the very essence of the character”. (Vivante, 1985, p. 45)

mais importante. Em sua definição, “*thumós* (...) denota instinto, apetite, alento. O *thumós* tanto pode impelir o guerreiro a cometer acções heróicas em combate, como simplesmente a executar actos triviais, como o de comer. E assim pode corresponder aos sentidos populares de ‘vontade’ ou de ‘coração’” (Pereira, 1993, v.1, p. 101). No verso 209 do canto I, em que Atena fala da estima que Hera nutre por Aquiles e Agamêmnon, temos o exemplo: “pois a ambos ela estima e protege no seu coração”.

Tem-se também a *moîra*, a sorte ou destino do homem. No canto XVI da *Ilíada* está fadada a morte de Sarpédon, filho de Zeus. Ainda que o deus possa alterar esse fato, não é uma decisão prudente, pois os outros deuses também desrespeitariam a *moîra*, como podemos ver na seguinte fala de Hera a Zeus (v. 441 a 447). Até Zeus, deus supremo, precisa respeitar a *moîra*.

A homem mortal, há muito fadado pelo destino,
queres tu salvar de novo da morte funesta?
Fá-lo. Mas todos nós, demais deuses, te não louvaremos.
E outra coisa te direi; tu guarda-a no teu espírito:
se tu mandardes Sarpédon vivo para sua casa,
reflecte se em seguida outro deus não quererá
tirar o seu filho amado dos potentes combates.

(trad. Frederico Lourenço)

Por fim, destacamos a *timé*. Segundo Pereira, a *timé* é a mais alta compensação do guerreiro: é a honra que se presta ao seu valor (1993, v.1, p. 111). Aquiles se enfurece com Agamêmnon, pois quando este toma-lhe Briseida, fere a *timé* do Pelida. Aquiles assim diz a Agamêmnon: “(...) não estou disposto a ficar aqui, desonrado, acumulando para ti tesouros.” (I, v. 170 e 171) É justamente a restituição da *timé* de Aquiles que Tétis suplica a Zeus, ao dizer: “concede a primazia aos Troianos, até que os Aqueus honrem o meu filho e lhe paguem com honraria devida.” (I, v. 509 e 510). É a *timé* que faz Aquiles preferir morrer jovem, com glórias, do que ter uma velhice decrépita.

3.4 – Construção narrativa da *Ilíada Latina*

Vimos que a adaptação da *Ilíada* feita por Bébio Itálico não foi cotejada coerentemente de acordo com os livros da obra homérica: alguns cantos se aproximam do original, enquanto outros foram drasticamente resumidos.

Apenas os versos iniciais do poema fazem uma tradução bem próxima dos versos que abrem a *Ilíada*. De fato, não poderia ser possível a Béblio adaptar a obra grega sem manter o conhecidíssimo próêmio; o primeiro verso vale como título da obra e é fundamental para conectar a adaptação ao modelo original.

A partir dessas irregularidades dos cantos na adaptação de Béblio Itálico, podemos perceber que ele não foi escrito para ser usado nas escolas (embora a *Ilíada Latina* tenha sido adotada, posteriormente, para esse fim). Na verdade, a *Ilíada Latina* foi o produto do exercício poético de um jovem que conhecia bem Virgílio e Ovídio³³.

Como já vimos no item anterior, grande parte da *Ilíada* é dedicada à narração de batalhas e descrições minuciosas dos combates, de acordo com um complexo esquema narrativo e estilístico. Já a respeito do enredo da *Ilíada Latina* o pesquisador Scaffai ressalta:

A *Ilíada* é, enfim, revivida em sua dimensão épica única, na qual as batalhas, ferimentos e mortes de heróis são eventos sempre mais repetitivos e monótonos, por reduzir-se a um sumário na parte final. Não há, portanto, a intenção de valorizar os episódios de caráter não épico, que em Homero se compõem de maneira equilibrada com a ação principal. Um exemplo apenas: o encontro de Heitor e Andrômaca, que poderia ser facilmente recontado com um talho elegíaco - ao modo de Ovídio - é aridamente resumido em poucos insignificantes versos (564-74).³⁴

As passagens que têm mais destaque no resumo latino são aquelas que permitiram a Béblio maior possibilidade de imitação de Virgílio e Ovídio. Esses poetas eram mais acessíveis ao limitado talento poético de Béblio, pois ele estudara as suas obras, e por esse motivo, Virgílio e Ovídio eram mais próximos de Béblio Itálico do que Homero. Explicaremos mais detalhadamente essas passagens de influência latina no próximo item deste capítulo.

É possível perceber que, através dos episódios que Béblio escolhe omitir ou narrar em detalhes, temos certa unidade no enredo da *Ilíada Latina*. Dos episódios omitidos ou drasticamente reduzidos podemos citar os seguintes.

Os episódios que menos interessam a Béblio são os que retratam as assembleias – tanto de homens quanto de deuses – com seus longos discursos e diálogos. Béblio Itálico resume muito essas longas falas, e muitos diálogos ocorrem em poucos versos, retratados na maioria das vezes de maneira indireta. Podemos destacar como exemplo, o início do canto IV. Na

³³ De fato, Béblio Itálico adota muito mais do vocabulário e do estilo desses poetas latinos do que do próprio Homero. Falaremos mais a esse respeito no item 3.6.

³⁴ “L’Iliade` è insomma rivissuta nella sua sola dimensione epica, nella quale battaglie, ferimenti e morti di eroi sono eventi sempre più ripetitivi e monotoni, per ridursi a nudo sommario nella parte finale. E` assente quindi l’intento di valorizzare gli episodi di carattere non epico, che in Omero si compongono equilibratamente con l’azione principale. Un solo esempio: l’encontro di Ettore e Andromaca, che sarebbe stato agevole rinarrare con taglio elegiaco – a mo` di Ovidio – è aridamente riassunto in pochi insignificanti versi (564-74).” (Scaffai, 1985, p. 1932)

Ilíada, este canto principia com um concílio entre os deuses, no qual Zeus discute com Hera e Atena sobre a guerra de Troia, até que, por fim, Zeus manda Atena suscitar a luta entre troianos e gregos (v. 1 a 103). A *Ilíada Latina* resume essa passagem nos seguintes versos (344 a 349):

*Dumque inter sese proceres certamen haberent,
concilium omnipotens habuit regnator Olympi
foederaque intento turbavit Pandarus arcu,
te, Menelae, petens; laterique uolatile telum
incidit et tunicam ferro squamisque rigentem
dissecat. Excedit pugna gemebundus Atrides*

E enquanto os líderes disputavam entre si,
o onipotente governante do Olimpo convocou um concílio³⁵,
e Pândaro violou o pacto³⁶ com o arco retesado
atingindo-te, Menelau, a voadora flecha entra
nas costas e corta a túnica enrijecida com escamas
de ferro. O Atrida, gemendo, sai da batalha.

(tradução nossa)

Consequentemente, a *Ilíada Latina* perdeu o tom solene, heroico e aristocrático da epopeia grega. Os generais do exército grego se aproximam, portanto, mais do modelo do exército romano. A *Ilíada latina*, ao contrário do poema homérico, privilegia mais o enredo e menos a celebração.

Bébio Itálico também elimina quase que por completo a intervenção dos deuses nas batalhas e suas interpolações aos heróis. Por isso, muitas das ações que na *Ilíada* são provocadas ou influenciadas por um deus, no poema latino se devem unicamente a ação humana, como vimos no episódio de Pândaro, destacado acima.

Bébio Itálico também chega a suprimir episódios completos que possuem participações dos deuses. Nessa categoria podemos incluir, por exemplo, o canto XIV da *Ilíada*. Na obra homérica, esse canto é conhecido desde a Antiguidade como o *Dolo de Zeus*, devido ao famoso episódio em que Hera seduz Zeus e o faz dormir, dando chance para que o deus Posêidon intervenha a favor dos gregos. Podemos destacar o encontro de Zeus e Hera a partir dos seguintes versos da *Ilíada* (XIV, 346 a 360):

(...) e nos seus braços tomou a esposa o filho de Crono.
Debaixo deles a terra divina fez crescer relva fresca,
a flor de lótus orvalhada e açafraão e jacintos macios
em profusão, que os mantiveram acima do solo.

³⁵ Itálico omite o assunto do concílio, no qual os deuses discutem sobre a guerra de Troia.

³⁶ O pacto feito, descrito no livro anterior, previa apenas a luta de Páris contra Menelau. Na *Ilíada*, é a deusa Atena que incita Pândaro a atirar a flecha. Na *Ilíada Latina*, a ação de Pândaro não possui influência divina.

Foi nesse leito que se deitaram, ocultando-se numa nuvem
bela e dourada, a qual destilava gotas reluzentes.
Deste modo, adormeceu tranquilo o Pai no píncaro de Gárgaro,
subjugado pelo sono e pelo amor, com a esposa nos braços.
Porém o Sono suave correu até às naus dos Aqueus
para dar a notícia ao deus que segura e sacode a terra.
Postando-se junto dele proferiu palavras apetrechadas de asas:
“com afinco agora aos Dânaos, ó Posídon, presta auxílio!
Outorga-lhes a glória, exígua embora seja sua duração,
enquanto dorme Zeus, já que o cobri com o sono macio:
pois Hera o seduziu para com ele se deitar em amor.”

(trad. Frederico Lourenço)

Já na *Ilíada Latina*, temos um resumo bastante radical do livro XIV de Homero. Bécio retira todo o episódio do *Dolo de Zeus*, resumindo em apenas 11 versos os 135 versos finais deste canto da *Ilíada*, e dá maior destaque às lutas entre gregos e troianos (v. 779 a 789).

*Hector ubique ferus uiolento pectore saeuit,
quem saxo ingenti percussum maximus Ajax
depulit et toto prostratum corpore fudit.
Concurrít Troiana manus iuuenemque uomentem
sanguineos fluctus Xanthi lauere fluentis.
Inde iterum ad pugnam redeunt; fit maxima caedes
amborum et manat tellus infecta cruore.
Polydamas ualido Prothoenora percutit ictu,
Archelochumque Antenoriden Telamonius Ajax,
Boeotumque Acamas Promachum, quem sternit atrocis
Penelei dextra; inde cadit Priameia pubes*

E quando o feroz Heitor no violento peito se enfurece,
o enorme Ájax o afastou, ao atingi-lo com uma grande pedra,
e o derrubou, prostrando-o de corpo inteiro.
Aproxima-se a troiana tropa e lavaram o jovem, que
vomitava rios de sangue, nas águas do Xanto³⁷.
De lá de novo à luta retornam; faz-se enorme matança
de ambos e a terra emana, suja de sangue.
Polidamante com forte golpe mata Protenor;
Ájax Telamônio, o Antenórída Arquéloco³⁸;
Acamante, o beócio Prômaco, mas derruba-o a destra do
atroz Peneleu; depois cai a priameia juventude³⁹.

(trad. nossa)

Também é possível encontrar unidade narrativa nos episódios que são mantidos. Nesta categoria, interessam a Bécio os seguintes fatores: episódios de caráter sentimental, como o amor paternal. Podemos destacar, no canto I, a emocionada súplica de Crises por sua filha, na *Ilíada Latina*. Assim Crises se dirige a Apolo (I, v. 32 a 43):

³⁷ Rio que existia perto de Troia.

³⁸ Arquéloco, filho de Antenor.

³⁹ Juventude de Príamo, ou seja, troiana.

*"Quid coluisse mihi tua numina, Delphice, prodest
aut castam uitam multos duxisse per annos?
Quidue iuuat sacros posuisse altaribus ignes,
si tuus externo iam spernor ab hoste sacerdos?
En, haec desertae redduntur dona senectae?
Si gratus tibi sum, sim te sub uindice tutus.
Aut si qua, ut luerem sub acerbo crimine poenas,
inscius admisi, cur o tua dextera cessat?
Posce sacros arcus, in me tua derige tela:
auctor mortis erit certe deus. Ecce, merentem
fige patrem; cur nata luit peccata parentis
atque hostis duri patitur miseranda cubile?".*

“De que me adianta, Délfico, eu ter honrado tuas vontades,
ou ter levado uma vida casta por muitos anos?
Ou de que adianta ter posto os sacros fogos nos altares,
se agora eu, teu sacerdote, sou humilhado pelo inimigo estrangeiro?
Acaso estes são os dons ofertados à abandonada velhice?
Se sou caro a ti, que eu esteja seguro sob tua vingança.
Ou se, ignorante, cometi alguma falta para que
fosse castigado diante de um grave crime, ó, por que pára a tua destra?
Toma os arcos sagrados, e volta contra mim as tuas flechas:
certamente o causador da morte será um deus. Eis! Traspassa
o culpado pai. Por que a filha expia os erros do pai
e, miserável, suporta o leito do cruel inimigo?”

(trad. nossa)

Já o tom da súplica de Crises a Apolo, na *Ilíada* de Homero, possui outra conotação. Crises não menciona o amor pela filha, e sim a desonra que os gregos o fizeram passar. Assim diz o sacerdote (I, v. 37 a 42):

“Ouve-me, senhor do arco de prata, deus tutelar de Crise
e da sacratíssima Cila, que pela força reges Ténedo,
ó Esminteu! Se alguma vez o belo templo te pus um tecto,
ou queimei para ti as gordas coxas de touros
ou de cabras, faz que se cumpra isto que te peço:
que pagueem com tuas setas os Dânaos as minhas lágrimas!”

(trad. Frederico Lourenço)

A súplica de Príamo a Aquiles pelo cadáver de Heitor, no canto XXIV, também se inclui na patética cena de demonstração de amor paternal, como podemos ver nesse trecho da *Ilíada Latina* (v. 1028 a 1042):

(...) *"O Graiae gentis fortissime Achilles,
o regnis inimice meis, te Dardana solum
uicta tremiit pubes, te sensit nostra senectus
crudelem nimium. Nunc sis mitissimus oro
et patris afflicti genibus miserere precantis
donaque quae porto miseri pro corpore nati
accipias; si nec precibus nec flecteris auro,
in senis extremis tua dextera saeuat annis:*

*saltem saeua pater comitabor funera nati!
Nec uitam mihi nec magnos concedere honores,
sed funus crudele meum! Miserere parentis
et pater esse meo mitis de corpore disce.
Hectoris interitu uicisti Dardana regna,
uicisti Priamum: sortis reminiscere uictor
humanae uariosque ducum tu respice casus."*

(...) “Ó fortíssimo Aquiles do povo grego,
ó inimigo dos meus reinos, a ti somente a vencida
juventude dardânia teme, e nossa velhice sentiu a ti
cruel demais. Agora peço que sejas afabilíssimo
e tenhas compaixão do pai aflito, que suplica de joelhos,
e aceites os presentes, que trago pelo corpo do miserável
filho, se nem com pedidos nem com ouro te dobras,
que a tua destra se enfureça nos derradeiros anos de um velho:
ao menos, pai, eu me juntarei aos cruéis funerais do filho.
Nem a vida ou grandes honras me concedas,
mas meu cruel funeral! Apieda-te de um pai
e aprenda por minha pessoa a ser um pai afável.
Com a morte de Heitor, venceste os dardânios reinos,
venceste Príamo; vencedor, recorda-te da sorte
humana e observa os vários destinos dos heróis.”

(trad. nossa)

Na *Ilíada*, contudo, temos a seguinte fala de Príamo a Aquiles (XXIV, v. 486 a 506),
que denota um tom mais solene, e a referência à morte de Heitor que, além de filho, era o
principal defensor de Troia:

“Pensa no teu pai, ó Aquiles, semelhante aos deuses!
Ele que tem a minha idade, na soleira da dolorosa velhice.
Decerto os que vivem à volta dele o tratam mal,
e não há ninguém que dele afaste o vexame e a humilhação.
Porém quando ouve dizer que tu estás vivo,
alegra-se no coração e todos os dias sente esperança
de ver o filho amado, regressado de Tróia.
Mas eu sou totalmente amaldiçoado, que gerei filhos excelentes
na ampla Tróia, mas afirmo que deles não me resta nenhum.
Eram cinquenta, quando chegaram os filhos dos Aqueus.
Dezenove nasceram do mesmo ventre materno;
os outros foram dados à luz por mulheres no palácio.
A estes, numerosos embora fossem, Ares furioso deslassou os joelhos.
E o único que me restava, ele que sozinho defendia a cidade e o povo,
esse tu mataste quando ele lutava para defender a pátria:
Heitor. Por causa dele venho às naus dos Aqueus
para te suplicar; e trago incontáveis riquezas.
Respeita os deuses, ó Aquiles, e tem pena de mim,
lembrando-te do teu pai. Eu sou mais desgraçado que ele,
e aguentei o que nenhum outro terrestre mortal aguentou,
pois levei à boca a mão do homem que me matou o filho”.

(trad. Frederico Lourenço)

Entre essas duas passagens, Scaffai ressalta que “o centro da súplica é este, o resgate em troca do corpo de Heitor, como nos versos 501 a 506 da *Iliáda*, ainda que o *ethos* desta parte do epítome tenha sido estabelecido mais sobre o patético, despojadas as palavras de Príamo daquele halo de dignidade que elas mantêm na *Iliáda*.”⁴⁰

Na *Iliáda*, é Tétis que leva a Aquiles a ordem de Zeus para devolver o corpo de Heitor a Príamo, mediante o pagamento de generoso resgate, como podemos ver nos versos 133 a 137 do canto XXIV. Tétis assim diz a seu filho:

Ora ouve-me agora, pois para ti sou mensageira de Zeus.
Diz que os deuses estão irados contra ti; e ele mais do que todos
está grandemente enfurecido, porque tu com espírito tresloucado
reténs o corpo de Heitor nas naus recurvas e não o restituís.
Mas agora restitui o morto e aceita o resgate pelo cadáver.

(trad. Frederico Lourenço)

Aquiles segue o conselho de sua mãe, aceita o pagamento de Príamo e devolve o corpo de Heitor. Na *Iliáda Latina* não temos, no canto XXIV, a influência dos deuses no resgate do corpo de Heitor. Na adaptação latina, a ideia de buscar Heitor parte de um gesto de coragem de Príamo. Ao contrário da obra grega, na adaptação, Aquiles, comovido com a súplica de Príamo, devolve o cadáver de Heitor. Essa mudança na narrativa reforça em Aquiles um caráter mais piedoso do que ele possui na *Iliáda*. Vejamos os versos destacados a seguir (XXIV, 1043 a 1047):

*His tandem precibus grandaeuum motus Achilles
alleuat a terra corpusque exsangue parenti
reddidit Hectoreum. Post haec sua dona reportat
in patriam Priamus tristesque ex more suorum
apparat exsequias extremaque funera ducit.*

Por fim, movido por esses pedidos, Aquiles levanta o velho da terra e o corpo exangue de Heitor devolve ao pai. Depois disso, Príamo leva seus presentes para a pátria; as tristes exéquias, à maneira dos seus, prepara, e conduz os derradeiros funerais.

(trad. nossa)

Traduzimos, no verso 1045 o trecho *sua dona* por “seus presentes”, pois Itálico se refere ao corpo de Heitor resgatado por Príamo.

⁴⁰“Il centro della preghiera è questo, il riscatto in cambio del corpo di Ettore (in Hom. 501 ss.), anche se l’ethos di questa parte dell’epítome è impostato più sul patetico, spogliate le parole di Priamo di quell’alone di dignità che mantengono nell’*Iliade*.” (Scaffai, 1997, p. 423 e 424)

Outro ponto em que a *Iliada Latina* difere da obra de Homero é a lembrança do oráculo favorável aos gregos em Áulis. No canto II da *Iliada*, é Ulisses quem rememora o acontecimento, para incitar os desanimados gregos para a luta. Temos, nos versos 301 a 332, a fala de Ulisses:

Pois todos sabemos isto nos corações – e todos vós sois testemunhas, todos que as divindades da morte não levaram ontem ou antes de ontem – : quando as naus dos Aqueus se reuniram em Áulis, trazendo desgraças a Príamo e aos Troianos, e nós em torno de uma fonte nos sagrados altares sacrificávamos aos imortais e oferecíamos hecatombes debaixo de um belo plátano, donde fluía água transparente, foi então que apareceu um grande portentoso. Uma serpente de dorso avermelhado, medonha, que o Olímpio mostrara à luz do dia, deslizou debaixo do altar e atirou-se ao plátano, onde estavam as crias de um pardal, crias inocentes!, no ramo mais alto, aterrorizadas sob as folhas: eram oito; com a mãe que as gerara eram nove. Então a serpente devorou as crias, que piavam de modo confrangedor, enquanto a mãe esvoaçava, chorando pelos filhos. Porém a serpente enrolando-se apanhou a chorosa pela asa. Mas depois que devorou as crias e o próprio pardal, invisível fez a serpente o deus que a fizera visível: em pedra a transformou o Crónida de retorcidos conselhos. E nós ali em pé nos espantávamos com o que acontecera. Quando o portentoso terrível interrompeu a hecatombe, imediatamente nos deu Calcas o seguinte vaticínio: ‘Por que vos mantendes em silêncio, ó Aqueus de longos cabelos? A vós mostrou este grande prodígio Zeus conselheiro, que veio tarde, que tarde se cumprirá, mas cuja fama nunca morrerá. Tal como a serpente devorou as crias e o próprio pardal – eram oito, com a mãe que as gerara eram nove – assim durante igual número de anos estaremos em guerra, mas no décimo ano saquearemos a cidade de amplas ruas’. Foi assim que ele falou; e agora na verdade tudo se cumpre. Permanecei todos aqui, ó Aqueus de belas cnémides, até que tomemos a imponente cidadela de Príamo!”

(trad. Frederico Lourenço)

Na *Iliada Latina*, é Nestor quem rememora o episódio em Áulis, nos versos 144 a 153:

*Tandem sollertis prudentia Nestoris aeuo
compressam miti sedauit pectore turbam
admonuitque duces dictis responsa recordans
temporis illius, quo uisus in Aulide serpens
consumpsit uolucrum bis quattuor arbore fetus
atque ipsam inualido pugnantem corpore contra
addidit extremo natorum funere matrem.
Tunc "sic deinde" senex "moneo remoneboque, Achiui:
in decimo labor est, Calchas quem dixerat, anno,
quo caderet Danaum uictricibus Ilion armis."*

Por fim a prudência de Nestor⁴¹, sábio pela idade,
com suave peito acalmou a turba apinhada
e aconselhou os líderes com palavras, lembrando os oráculos
daquele tempo, em que uma serpente vista em Áulis⁴²
devorou na árvore duas vezes quatro filhotes de aves
e a própria mãe, lutando contra com frágil corpo,
juntou à morte derradeira dos filhos.
Então o ancião: “assim, portanto, conselho e de novo aconselharei, aquivos:
esforçamo-nos no décimo ano, que Calcante mencionara,
quando Ílion cairia pelas vitoriosas armas dos dânaos.”

(trad. nossa)

Essa rememoração do oráculo em Áulis é feita por Nestor para destacar, na adaptação latina, a postura do sábio ancião que acalma os gregos em momentos de dificuldades.

Outra passagem na qual Bêbio difere de Homero é o episódio do ferimento de Menelau causado pela flecha de Pândaro, no livro IV. Na *Ilíada*, é Macáon que cura Menelau (IV, v. 193 a 197). Na *Ilíada Latina*, é Podalírio (v. 349 a 351). Respectivamente, são os trechos:

“Taltíbio, chama aqui o mais depressa possível Macáon,
filho de Asclépio, o médico irrepreensível,
para que veja o belicoso Menelau, filho de Atreu, a quem
atingiu com a seta certo homem, bom conhecedor do arco,
Troiano ou Lício, ficando ele com a glória, e nós com o sofrimento,”

(trad. Frederico Lourenço)

(...) *Excedit pugna gemebundus Atrides
castraque tuta petit, quem doctus ab arte paterna
Paeoniis curat iuuenis Podalirius herbis,*

(...) O Atrida, gemendo, sai da batalha
e volta para o seguro acampamento, a ele, douto pela arte paterna,
o jovem Podalírio⁴³, cura com as ervas peônias,

(trad. nossa)

Uma outra diferenciação que Bêbio Itálico realiza na narrativa é a paixão amorosa com funestas consequências entre as personagens. Podemos perceber isso na disputa de Aquiles contra Agamêmnon por Briseida, no canto I. Na *Ilíada Latina* temos a discussão entre Agamêmnon e Aquiles (v. 60 a 80), na qual percebemos que a atitude de Agamêmnon foi

⁴¹ Nestor era o mais velho dos chefes gregos que acompanharam Agamêmnon durante a guerra de Troia. Ele sempre é retratado como um sábio conselheiro.

⁴² Os gregos se reuniram na cidade de Áulis, a fim de viajarem para Troia, e fizeram um sacrifício a Apolo. Durante a solenidade, aconteceu este episódio da serpente. O adivinho Calcante o interpreta dizendo que os oito filhotes e a mãe das aves representam os nove anos de duração da guerra contra os troianos, até o triunfo dos gregos.

⁴³ Podalírio também era filho do deus Asclépio, e herdou do pai a arte de curar doenças e ferimentos.

motivada por amor passional. Além disso, é possível notar como a participação de Atena na cena foi reduzida ao mínimo possível:

*(...) Tum magnum incusat Achillem
inque uicem ducis inuicti conuicia suffert.
Confremuere omnes. Tandem clamore represso
cogitur inuitos aeger dimittere amores
intactamque pio reddit Chryseida patri
multaque dona super. Quam cunctis notus Vlixes
impositam puppi patrias deuexit ad arces
atque iterum ad classes Danaum sua uela retorsit.
Protinus infesti placantur numina Phoebi
et prope consumptae uires redduntur Achiuis.
Non tamen Atridae Chryseidis excidit ardor:
maeret et amissos deceptus luget amores.
Mox rapta magnum Briseide priuat Achillem
solaturque suos alienis ignibus ignes.
At ferus Aeacides nudato protinus ense
tendit in Atriden et, ni sibi reddat honestae
munera militiae, letum crudele minatur,
nec minus ille parat contra defendere se ense.
Quod nisi casta manu Pallas tenuisset Achillem,
turpem caecus amor famam liquisset in aeuum
gentibus Argolicis. (...)*

(...) Depois, censura o grande Aquiles e, por sua vez, ele atura os insultos do herói invencível. Todos bramiram juntos. Por fim, cessado o barulho, é forçado, triste, a renunciar aos forçados amores e devolve Criseida intacta ao piedoso pai, além de muitos presentes. Ulisses, conhecido por todos, transportou-a, colocada sobre a popa, até as cidadelas pátrias, e novamente virou suas velas para as esquadras dos dânaos. Imediatamente as vontades do hostil Febo são aplacadas e são devolvidas aos aquivos⁴⁴ as forças quase esgotadas. Contudo, a paixão do Atrida por Criseida não cessou: lamenta-se e, desiludido, chora os perdidos amores. Sem demora, despoja Aquiles da raptada Briseida⁴⁵ e alivia suas chamas com as chamas alheias. Porém o feroz Eácida,⁴⁶ desnudando logo a espada, avança contra o Atrida e, se não lhe restituísse os prêmios da honrada campanha, ameaça-o de morte cruel; não menos aquele, com a espada, prepara-se em resposta para a defesa. Pois se a casta Palas⁴⁷ não tivesse segurado Aquiles com a mão, o cego amor teria deixado para sempre torpe fama aos povos argólicos⁴⁸. (...)

(trad. nossa)

⁴⁴ O mesmo que gregos.

⁴⁵ Briseida fora dada a Aquiles como prêmio de guerra.

⁴⁶ Aquiles, filho de Peleu e neto de Éaco.

⁴⁷ Palas Atena, deusa da sabedoria.

⁴⁸ Referente à cidade grega de Argos, na região da Argólida, aqui serve como sinônimo de grego.

Na *Ilíada* temos a fala de Aquiles, nos versos 148 a 171 do canto I, na qual ele mostra para Agamêmnon sua indignação com a atitude de arrebatador o prêmio de algum dos heróis gregos:

Fitando-o com sobrolho carregado, respondeu Aquiles de pés velozes:

“Ah, como te vestes de vergonha, zeloso do teu proveito!

Como obedecerá às tuas palavras algum dos Aqueus,
para seguir caminho ou pelejar pela força contra guerreiros?

Eu não vim para aqui lutar por causa dos lanceiros Troianos,
visto que eles em nada me ofenderam:

nunca eles me levaram bois ou cavalos, nem jamais na Ftia
de férteis sulcos, alimentadora de homens,

prejudicaram as colheitas, pois muitas coisas há de permeio:
montanhas sombrias e o mar retumbante.

Mas foi a ti, grande desavergonhado!, que seguimos,

para que te regozijasses, para que obtivéssemos honra para Menelau:

foi por ti, ó cara de cão!, que investimos contra os Troianos.

Mas nisto não queres tu pensar nem reflectir.

E ameaças vir tu próprio tirar-me o prêmio, pelo qual

muito me esforcei, e que me deram os filhos dos Aqueus.

Nunca recebo eu prémios como os teus, quando saqueiam

os Aqueus uma das cidades bem habitadas dos Troianos.

A maior porção da guerra impetuosa têm as minhas mãos

de aguentar; mas quando chega o momento da distribuição,

és tu que ficas com o prêmio melhor; e eu volto para as naus

com coisa pouca, mas que me é querida, depois de me ter cansado

a combater. Mas agora voltarei para a Ftia, visto que é muito melhor

regressar a casa com as naus recurvas, pois não estou disposto

a ficar aqui, desonrado, acumulando para ti tesouros.”

(trad. Frederico Lourenço)

Temos, no trecho acima, não a motivação amorosa que aparece na *Ilíada Latina*, mas sim o desrespeito ao butim de guerra que é devido a cada herói. Quando Agamêmnon resolve tomar Briseida de Aquiles, ele o desonra enquanto guerreiro.

Dessa temática de motivação amorosa da *Ilíada latina*, já citamos, na introdução do presente trabalho, o episódio do canto III, em que Helena encontra Páris, após este ser salvo por Afrodite da luta contra Menelau. Na *Ilíada Latina* esta passagem se encontra entre os versos 320 e 331; na *Ilíada* de Homero, nos versos 428 a 436.

Sobre os episódios protagonizados por Heitor e Eneias, de fato os heróis mais importantes da adaptação feita por um cidadão romano, faremos uma análise mais profunda no próximo item deste capítulo.

Episódios tópicos da poesia épica – como o catálogo das naus do canto II, na qual são elencados os povos que participaram do exército grego e do exército troiano – foram mantidos de maneira próxima, apesar de Bêbio Itálico excluir o catálogo dos cavalos levados pelos

gregos. Esse catálogo foi preservado, embora possua certa aridez narrativa, justamente por ser uma parte da *Ilíada* muito conhecida e imitada.

Bébio Itálico mantém em seu resumo alguns episódios famosos, e os narra com certa riqueza de detalhes, pois eram usados no estudo da retórica e serviam de tema para os exercícios de *controuersia*, *confirmatio* e *refutatio*. O jovem estudante Bébio, assim, incorporou esses elementos do seu aprendizado retórico em seu poema. São eles: a contenda entre Aquiles e Agamêmnon, a súplica de Príamo a Aquiles pelo corpo de Heitor.

Sobre esses aspectos, temos:

À margem da especial atenção prestada a um elemento emblemático do gênero, como o catálogo, que podia constituir um “desafio” literário, a relação do autor com os episódios “tópicos” resulta significativa. Em geral, B. Itálico mostra predileção pelos conteúdos suscetíveis de um tratamento oratório, segundo o modelo das *declamationes* das escolas de retórica da época, caracterizado pelo gosto pela hipérbole e o patético (ridicularizados por Petronio no *Satyricon*). Reflexo desta atitude são tanto o tratamento rápido, mecânico, monótono das repetidas cenas de combate, como a prolixidade, a recreação praticada – entre reiteração e *uariatio* – com as cenas de súplica: de Crises a Apolo (vv. 32-43); de Dólon a Ulisses e Diomedes (vv. 715-727); e as dirigidas a Aquiles por Heitor (vv. 980-995) e Príamo (vv. 1028-1042).⁴⁹

3.5 – Estilo da *Ilíada Latina*

Como vimos anteriormente, a *Ilíada Latina* não possui o senso heroico ou aristocrático do original grego, pela própria limitação poética de Bébio Itálico, e também por ser uma adaptação bastante superficial e irregular da *Ilíada*.

Do ponto de vista formal, a *Ilíada Latina* tem por característica o estilo repetitivo e monótono. Expressões similares se repetem em situações. Há no resumo latino frequentes repetições de versos muito semelhantes, se não de todo iguais, que são evidentes modelos fônicos a exercitarem no poeta uma particular ressonância mnemônica, quando eles servem para descrever situações parecidas.

⁴⁹ “Al margen de la especial atención prestada a un elemento emblemático del género, como el catálogo, que podía constituir un “desafío” literario, la relación del autor con los episodios “tópicos” resulta significativa. En general, B. Itálico, muestra predilección por los contenidos susceptibles de un tratamiento oratorio, según el modelo de las *declamationes* de las escuelas de retórica de la época, caracterizado por el gusto por la hipérbole y el patetismo (ridiculizados por Petronio en el *Satiricón*). Reflexo de esta actitud son tanto el tratamiento rápido, mecánico, monótono de las repetidas escenas de combate, como el detenimiento, la recreación practicada – entre reiteración y *uariatio* – con las escenas de súplica: de Crises a Apolo (vv. 32-43); de Dólon a Ulises y Diomedes (vv. 715-727); y las dirigidas a Aquiles por Héctor (vv. 980-995) y Príamo (vv. 1028-1042).” (Vega, López, 2001, p. 27 e 28)

Nessa categoria podemos destacar estes exemplos. A invocação de Aquiles à sua mãe, Tétis, no canto XVIII (845 a 849), lembra o pranto de Crises a Apolo (I, 27 a 31), respectivamente.

*unguibus ora secat comptosque in puluere crines
deformat, scindit firmo de pectore uestes
et super extincti prostratus membra sodalis
crudeles fundit questus atque oscula figit.
Mox ubi depositi gemitus lacrimaeque quierunt:*

Com as unhas a face corta e os penteados cabelos na poeira
desfigura, rasga do firme peito as vestes
e, prostrado sobre os membros do morto companheiro,
dá cruéis gemidos e o cobre de beijos.
Logo, quando deixou os gemidos e as lágrimas se acalmaram:

(trad. nossa)

*Contemptus repetit Phoebéia templa sacerdos
squalidaque infestis maerens secat unguibus ora
dilaceratque comas annosaque tempora plangit.
Mox ubi depositi gemitus lacrimaeque quierunt,
Fatidici his sacras compellat uocibus aures:*

O desprezado sacerdote retorna aos templos de Febo
e, aflito, corta a face esqualida com as unhas hostis,
arranca os cabelos e golpeia as idosas têmporas.
Em seguida, quando os gemidos e lágrimas se acalmaram,
acusa com tais palavras os sacros ouvidos do profético deus:

(trad. nossa)

Na passagem acima, apesar da descrição semelhante das cenas, temos bastante diferença nos adjetivos usados para as personagens, aumentando a diferença em sua caracterização. A imagem robusta e jovem de Aquiles é ressaltada com a expressão “firme peito”; já a velhice decrépita de Crises é enfatizada com as construções “face esqualida” e “idosas têmporas”.

Temos também o voo de Tétis para ajudar seu filho (85 e 86), a volta de Tétis para o mar, após suplicar a Zeus (96 e 97), o voo do sonho (129) e o de Vênus para salvar seu filho Eneias (464 e 465), nas nossas traduções.

*(...); inde per auras
emicat aetherias et in aurea sidera fertur.*

*(...); de lá, pelos ares
etéreos se ergue e é levada às áureas estrelas.*

*Dixit. At illa leues caeli delapsa per auras
litus adit patrium gratasque sororibus undas.*

Disse. E ela, tendo descido do céu por tênues ares,
aproxima-se do litoral paterno e das ondas queridas às irmãs.

Dixit, et has repetit per quas modo uenerat auras.

Disse, e retoma aqueles ares por onde há pouco viera.

*quem Venus aetherias genetrix delapsa per auras
accipit et nigra corpus caligine condit.*

a ele a mãe Vênus, descida dos etéreos ares,
acolhe, e o corpo em negra névoa oculta.

Há também semelhança nos versos que descrevem a fuga de Vênus do campo de batalha (470 e 471) com a fuga de Marte (535 e 536), após ambos terem sido feridos (Vênus foi ferida por Diomedes; e Marte, por Atena).

*Icta petit caelum terris Cytherea relictis
atque ibi sidereae queritur sua uulnera matri.*

Ferida, Citereia, deixadas as terras, dirige-se ao céu
e aí se queixa de suas feridas à mãe⁵⁰

(trad. nossa)

*attonitumque simul caelum petere ipsa coegit.
Hic ille aethereo queritur sua uulnera regi*

ela própria ao mesmo tempo o obrigou, atônito, a dirigir-se ao céu.
Então ele queixa-se de suas feridas ao etéreo rei⁵¹

(trad. nossa)

Temos paralelismo no duelo de Heitor e Ájax (590 e 591) com o duelo entre Heitor e Pátroclo (829 e 830):

*mox rigidos stringunt enses et fortibus armis
decernunt partesque oculis rimantur apertas*

em seguida, desembainham as rígidas espadas, com fortes armas
combatem, com os olhos examinam as partes descobertas,

(trad. nossa)

⁵⁰ A deusa Dione.

⁵¹ Zeus, deus e rei supremo do Olimpo.

*Tunc rigidos stringunt enses et comminus armis
inter se miscent, (...)*

Então desembainham as rígidas espadas e de perto as armas
entre si misturam,(...)

(trad. nossa)

A súplica de Heitor a Aquiles (984 a 987), antes de ser morto, também é semelhante à súplica de Príamo a Aquiles pelo cadáver de Heitor (1034 a 1039), nas nossas traduções.

*(...) si, nec precibus nec munere uictus,
nec lacrimis miseri nec clara gente moueris,
afflicti miserere patris: moueat tua Peleus
pectora pro Priamo, pro nostro corpore Pyrrhus.*

(...) se nem com pedidos nem com presentes vencido,
nem pelas lágrimas de um infeliz nem por ilustre linhagem te comoves,
tem piedade do aflito pai: que Peleu comova o teu peito,
por Príamo, e por nosso corpo, Pirro⁵².

*(...) si nec precibus nec flecteris auro,
in senis extremis tua dextera saeuat annis:
saltem saeua pater comitabor funera nati!
Nec uitam mihi nec magnos concedere honores,
sed funus crudele meum! Miserere parentis
et pater esse meo mitis de corpore disce.*

(...) se nem com pedidos nem com ouro te dobras,
que a tua destra se enfureça nos derradeiros anos de um velho:
ao menos, pai, eu me juntarei aos cruéis funerais do filho
Nem a vida ou grandes honras me concedas,
mas meu cruel funeral! Apieda-te de um pai
e aprenda por minha pessoa a ser um pai afável.

As reiteraões também são constantes no catálogo das naus do livro II. Deste episódio destacamos os seguintes versos (167 a 198):

*Peneleos princeps et bello Leitus acer,
Arcesilaus atrox Prothoenorque Cloniusque
Boeoti decies quinas egere carinas
et tumidos ualido pulsarunt remige fluctus.
Inde Mycenaeis Agamemnon moenibus ortus,
quem sibi bellatrix delegit Graecia regem,
centum egit plenas armato milite puppes;
et bis tricenis Menelai nauibus ardor
insequitur totidemque ferox Agapenoris ira;
quos iuxta fidus sollerti pectore Nestor
consilioque potens gemina cum prole suorum
it ter tricenis munitus in arma carinis.
At Schedius uirtute potens et Epistrophus ingens,*

⁵² Peleu é pai de Aquiles. Pirro, ou Neoptólemo, é filho de Aquiles. Aqui, Heitor invoca o pai e o filho de Aquiles para comovê-lo.

*gloria Myrmidonum, saeui duo robora belli,
longa quaterdenis pulsarunt aequora proris
et bis uicenas Polypoetes atque Leonteus
instruxere rates ornatas milite forti.
Euryalus Sthenelusque duces et fortis in armis
Tydides ualido pulsarunt remige pontum:
bis quadragenas onerarunt milite puppes;
Ascalaphusque potens et Ialmenus, acer uterque,
ter denas ualido compleverunt remige naues
et bis uicenas Locrum fortissimus Ajax
instruxit puppes totidemque Euhaemone natus,
quos iuxta Graium murus comitatur Achilles
cum quinquaginta materna per aequora uectus.
Thessalici iuuenes Phidippus et Antiphus ibant
altaque ter denis pulsarunt aequora proris
et tribus assumptis ratibus secat aequora Teucer
Tlepolemusque nouem Rhodius, quos uiribus acer
Eumelus sequitur, minus una naue profectus
quam duxit Telamone satus Salaminus Ajax.*

Peneleu primeiro, e Leito, impetuoso na guerra,
o atroz Arcesilau, e Protenor e Clônio,
os beócios levaram dez vezes cinco quilhas
e feriram as agitadas ondas com robusto remo.
Depois Agamêmnon nascido entre as muralhas micênicas⁵³,
a quem a belicosa Grécia para si elegera rei,
levou cem popas cheias de soldados armados,
e o ardor de Menelau⁵⁴ sucede com duas vezes trinta naus,
e outras tantas a ira feroz de Agapenor;
junto deles o confiável Nestor, de hábil peito
e de poderoso senso, com dois de seus filhos⁵⁵
e com três vezes trinta quilhas equipado vai à guerra.
E Esquédio poderoso em bravura e o enorme Epístrofo,
glória dos mirmidões, dois colossos na guerra cruel,
com quarenta proas feriram os vastos mares,
e Polípetes e Leonteu equiparam duas vezes vinte
navios dotados de forte exército.
Os chefes Euríalo e Estênelo, e o forte em armas
Tidida, feriram o mar com o robusto remo:
encheram de soldados duas vezes quarenta popas;
o poderoso Ascálafo e Iálmeneo, ambos impetuosos,
encheram três vezes dez naus de robusto remo
e Ájax, o mais forte dos locros, equipou duas vezes vinte
popas e outras tantas o filho de Evémone⁵⁶,
junto deles segue Aquiles, proteção dos gregos,
com cinquenta pelos mares maternos transportado.
Os jovens tessálicos Fidipo e Antifo iam,
com três vezes dez proas feriram os altos mares,
e Teucro, acrescentadas três naus, corta os mares,
e o ródio Tlepólemeo com nove, aos quais o enérgico pelas forças
Eumelo segue, vindo com uma nave a menos
do que o salamínio Ájax, filho de Télamon, levou.

(trad. nossa)

⁵³ Agamêmnon era da cidade de Micenas, situada no Peloponeso.

⁵⁴ Menelau era rei de Esparta e irmão de Agamêmnon. É marido de Helena.

⁵⁵ Nestor era muito respeitado pelos gregos, pela sua avançada idade e sabedoria. Não foi pretendente de Helena, e sim seu filho Antíloco, a quem acompanha. Na *Iliada* não se menciona os filhos de Nestor.

⁵⁶ Trata-se de Eurípilo,

Essa característica de repetir versos tem, até certo ponto, uma justificativa (ou desculpa) na própria natureza da *Ilíada*, que possui muitas passagens baseadas em repetições que nos dão eco da antiquíssima poesia oral grega.

Na introdução da tradução espanhola da *Ilíada Latina* temos este relevante comentário sobre as repetições de estilo da adaptação latina:

(...) trata-se, também, de um resumo essencial, esquemático, feito em uma escala que só permite representar os traços mais grossos, sem margem de variação nos detalhes que permite diluir os efeitos da reiteração a quem trabalha em uma escala maior...⁵⁷

Não faltam na *Ilíada Latina* perífrases de registro épico para indicar as horas do dia ou situações do campo de batalha; de fato, essas fórmulas são todas lugares-comuns da poesia solene, que vêm a conferir um verniz exterior de solenidade épica à adaptação latina. Destas fórmulas, citamos as nossas seguintes traduções:

(...) *Iam noctis sidera nonae
transierant decimusque dies patefecerat orbem* (v. 48 e 49)

(...) Já as estrelas da nona noite
tinham passado e o décimo dia iluminara o mundo

(...) *cum primum Titan se emergerit undis* (v. 126)

(...) assim que o Titã tiver emergido das ondas

(...), *ad sidera clamor
tollitur* (...). (v. 142 e 143)

(...) o clamor até os astros
se eleva (...).

*Postera lux tacitas ut primum dispulit umbras
et nitidum Titan radiis caput extulit undis*, (v. 157 e 158)

Logo que a luz seguinte dissipou as silenciosas sombras
e o Titã tirou das ondas a cabeça brilhante pelos raios,

(...) *funditur et totis sternuntur corpora campis* (v. 356)

derrubam-se corpos em campos inteiros.

telorumque uolant cunctis e partibus imbres. (v. 359)

chuvas de dardos voam de todas as partes.

⁵⁷ “(...) se trata además de un resumen esencial, esquemático, hecho a una escala que sólo permite representar los trazos más gruesos, sin el margen de variación en los detalles que permite diluir los efectos de la reiteración a quien trabaja a una escala mayor...” (Vega, López, 2001, p. 36)

conditur horrendisque sonat clamoribus aether. (v. 475)

éter ressoa com horrendos clamores.

sanguine manat humus (...) (v. 482)

com sangue a terra mana (...)

*(...) sternuntur utrimque uirorum
corpora per campos et sanguine prata rigantur.* (v. 530 e 531)

(...) corpos de homens
se estendem pelos campos e com sangue os prados são regados.

*(...) ingens ad sidera clamor
tollitur et uastis impletur uocibus aer.* (v. 593 e 594)

(...) enorme clamor até os astros
se eleva, e o ar é preenchido pelas altas vozes.

*(...) cum fessus in undas
coeperat igniferos Titan immergere currus
noxque subire polum (...)* (v. 616 a 618)

(...) quando nas ondas o
cansado Titã começara a imergir os inflamados carros
e a noite a avançar pelo céu (...)

Vt nitidum Titan radiis patefecerat orbem (v. 650)

Quando o Titã com os raios iluminara o brilhante orbe

*(...) uolat undique nubes
telorum et ferro ferrum sonat, undique mixtis
inter se strident mucronibus: instat utrimque
densa acies mixtusque fluit cum sanguine sudor.* (v. 743 a 746)

(...) voa de todos os lados uma nuvem
de dardos e com ferro o ferro soa; de todas as partes ressoam
entre si com espadas misturadas: de ambos os lados ameaça
a densa tropa e o suor flui misturado com sangue.

(...) resonat clamoribus aether. (v. 771)

ressoa com clamores o ar.

(...) manat tellus infecta cruore. (v. 785)

a terra emana, suja de sangue.

*Sudor agit riuos, ensemet terit horridus ensis
collatusque haeret pede pes et dextera dextrae.* (v. 955 e 956)

O suor desce em rios, a afiada espada gasta a espada
e junto se detém pé contra pé e destra contra destra.

Exsultant Danai, Troes sua uulnera deflent. (v. 978)

Exultam os dânaos, os troianos choram suas feridas.

Laetantur Danai, plangunt sua uulnera Troes (v. 1002)

Alegram-se os dânaos, choram suas feridas os troianos

Assim como o uso de fórmulas memorizadas se apresenta de maneira bastante mecânica, os epítetos também têm um emprego parecido, sendo usados para designar personagens de forma mecânica. Por conseguinte, às vezes os epítetos resultam não de todo congruentes ou, ao menos, suficientemente relacionados ao contexto. Temos os seguintes exemplos: é incongruente definir Criseida como casta ou intacta (56 e 64), fortes os cadáveres de guerreiros (648), firme o peito de Aquiles que chora por Pátroclo (846).

A mesma observação vale para a superficial solenidade épica que aparece com a seguinte menção a Meríones, nos versos 580 e 581:

*(...) notus gente paterna
Meriones (...)*

(...) o famoso pela estirpe paterna,
Meríones (...)

Apesar de Meríones ser conhecido pela designação *notus gente paterna*, é interessante ressaltar que na *Iliada* não há menção a seu pai e, portanto, não nos é possível saber se o personagem possuía ou não uma nobre ascendência. No catálogo das naus do canto II, Homero se refere assim aos comandantes dos cretenses (v. 650 e 651):

Destes eram comandantes o famoso lanceiro Idomeneu
e Meríones, igual de Eniálio matador de homens.

(trad. Frederico Lourenço)

Esses recursos estilísticos parecem ter a função de compensar o empobrecimento que a poesia homérica sofre na resumida obra latina.

Por comodidade métrica são inseridos os patronímicos ou frequentes perífrases, repetidas várias vezes ao longo do poema. Podemos destacar, nessa categoria, alguns exemplos. É comum termos formas compostas por adjetivo patronímico mais o substantivo *heros*: *Pelopeius heros* (v. 131, refere-se a Agamêmnon), *Priameius heros* (v. 271, refere-se a Páris), *Calydonius heros* (v. 399, sobre Diomedes), *Aetolius heros* (v. 556, também referente a

Diomedes), *Troius heros* (v. 674, sobre Heitor), *Thetideus heros* (v. 690, refere-se a Aquiles), *Cythereius heros* (v. 895, sobre Eneias), *Nereius heros* (v. 938, sobre Aquiles).

Outra perífrase usada por Bêbio Itálico é a formada por substantivo abstrato mais genitivo do nome do personagem. Temos, por exemplo, *prudencia Nestoris* e *aetas Nestoris* (v. 144 e 154, respectivamente, sobre Nestor), ou *Ithaci sollertia* (v. 204, sobre Ulisses).

Muitas vezes Bêbio Itálico usa fórmulas do repertório linguístico da épica latina, independentemente dos tipos formulares que aparecem em Homero. Bêbio busca recursos estilísticos principalmente de Virgílio e Ovídio (Scaffai, 1985, p. 1939). Abordaremos mais profundamente esse caráter latino no próximo item deste capítulo.

Quanto aos símiles, temos os mesmos temas recorrentes da épica homérica e virgiliana. Os símiles da *Ilíada Latina* são poucos, e a maioria faz menção a animais selvagens. Se em Homero os símiles têm a função de ampliar o panorama da narrativa e quebrar a monotonia das descrições (como vimos no item 3.2 deste capítulo), na *Ilíada Latina* eles aparecem como mero aspecto formal característico da poesia épica. Destacamos os seguintes exemplos. No canto III, no episódio do duelo entre Páris e Menelau por Helena, temos dois símiles:

*cum Paris, exitium Troiae funestaque flamma,
armatum aduerso Menelaum ex agmine cernit
seque uelut uiso perterritus angue recepit
ad socios amens. (...) (v. 253 a 256)*

quando Páris, ruína de Troia e funesta chama⁵⁸,
distingue na multidão contrária o armado Menelau,
e como se visse uma serpente, aterrorizado refugiou-se
fora de si entre os aliados. (...)

(trad. nossa)

*Non aliter fortes nitida de coniuge tauri
bella gerunt uastisque replent mugitibus auras.
Atque diu rigido captabant corpora ferro,
cum memor Atrides raptae sibi coniugis instat
Dardaniumque premit iuuenem. (...) (v. 298 a 302)*

Não de outra maneira os fortes touros, por causa da bela parceira,
fazem as batalhas e com altos mugidos enchem os ares.
E por muito tempo buscavam os corpos com o rígido ferro,
quando o Atrida, lembrando-se da esposa raptada, persegue
e pressiona o jovem dardânio⁵⁹.(...)

(trad. nossa)

⁵⁸ Estes versos fazem alusão ao sonho que Hécuba, grávida de Páris, teve. No sonho, Hécuba dá à luz uma tocha. Esse episódio aparece em Virgílio, *Eneida*, VII, 321.

⁵⁹ Dardânio, dárdano ou dardânida, é um dos sinônimos de troiano. Dárdano foi o fundador de Troia e antepassado de Príamo.

O canto V, que narra os feitos do herói grego Diomedes, é o que possui mais símiles.

São eles:

*Ille, boum ueluti uiso grege saeua leaena,
quam stimulat ieiuna fames, ruit agmina contra
et prostrata necat uesano corpora dente,
sic ruit in medios hostes Calydonius heros,
uirginis armigerae monitis et numine tutus.* (v. 396 a 400)

Tal uma leoa selvagem, que, ao ver um rebanho bovino, inane fome estimula, e ela se lança contra a manada matando com violento dente os prostrados corpos, assim ao meio dos inimigos aquele herói Calidônio⁶⁰ se lança, protegido pelos conselhos e pelo poder da armada virgem⁶¹.

(trad. nossa)

*Vt uolucris, discerpta sui cum corpora nati
accipitrem laniare uidet nec tendere contra,
auxilium neque ferre suo ualet anxia nato
quodque potest, leuibus plaudit sua pectora pennis,
sic hostem Idaeus germani caede superbum
spectat atrox miseroque nequit succurrere fratri
et, nisi cessisset, dextra cecidisset eadem.* (v. 417 a 423)

Como uma ave, que ao ver o falcão trucidar os membros dissipados do filhote, não tem forças para lutar contra, nem, angustiada, para levar auxílio ao filhote e, o que pode, bate o peito com leves penas, assim Ideu, atroz, observa o inimigo altivo pelo massacre do irmão, não pode socorrer o infeliz e, se não tivesse recuado, teria morrido pela mesma destra dele.

(trad. nossa)

*Vt lupus in campis pecudes cum uidit apertis
(non actor gregis ipse, comes non horrida terret
turba canum), fremit esuriens et negligit omnes
in mediosque greges audis ruit, haut secus Hector
inuadit Danaos et territat ense cruento.* (v.488 a 492)

Como o lobo, quando viu nos campos abertos os animais (não o aterroriza nem o próprio condutor do rebanho, nem a horrível turba de cães que o acompanha), ruge esfomeado e desdenha tudo, correndo ávido para o meio dos rebanhos, não diversamente Heitor ataca os dânaos e aterroriza com a espada ensanguentada.

(trad. nossa)

*Vt Libycus cum forte leo procul agmina uidit
laeta boum passim uirides errare per herbas,
attollit ceruice iubas sitiensque cruoris
in mediam erecto contendit pectore turbam,
sic ferus Atrides aduersos fertur in hostes
infestasque Phrygum proturbat cuspide turmas.* (v. 500 a 505)

Como quando, por acaso, o leão líbio viu ao longe um bando

⁶⁰ Diomedes, filho de Tideu, era neto de Eneu, rei da Calidônia. Daí o epíteto calidônio e, no verso 466, Enida.

⁶¹ Palas Atena, deusa da sabedoria, da guerra e da estratégia.

gordo de bois errar em desordem pelas verdes ervas,
levanta a juba no colo e, sedento de sangue,
caminha de peito ereto para o meio da turba,
assim o feroz Atrida segue aos adversos inimigos
e com a lança põe em fuga os hostis batalhões dos frígios.

(trad. nossa)

No livro VII, cujo acontecimento principal é a luta entre Ájax e Heitor, temos o seguinte exemplo:

*Non sic saetigeri exacuunt feruoribus iras
pectoribusque petunt uastis, modo dentibus uncis
fortia terga premunt spumantque per ora uicissim;
fumiferae nubes concretaque fulgura et ignes
iactantur magnoque implentur murmure siluae.
Tales Priamides ardorque Aiacis in armis
alterni librant gladios et uulnera miscent.* (v. 595 a 602)

Nem igual os javalis aguçam as iras em ardores
e investem com peito largo, ora com dentes recurvos
atacam fortes dorsos, e alternadamente espumam pelas bocas;
nuvens enegrecidas, obscurecidos raios e chamas
são lançados, e com grande ruído os bosques são preenchidos.
Tais o Priâmida e o ardor de Ájax na batalha
alternadamente brandem as espadas e causam feridas.

(trad. nossa)

Depois do livro VII, só teremos outro exemplo de símile no canto XXI, no qual Aquiles persegue Heitor. É curioso notar que a maior parte dos símiles concentra-se na primeira metade do poema, e todos aparecem na descrição das lutas. Vimos que Bêbio adaptou os cantos iniciais de forma mais detalhada, enquanto que os cantos finais foram extremamente concentrados. Esse aspecto do símile corrobora a ideia de que Bêbio não possuía interesse, ou ânimo, para narrar as batalhas finais da *Ilíada* de forma próxima a Homero. Seu interesse era narrar, sobretudo, o conflito de Aquiles e Heitor, atingindo, assim, o clímax de sua narrativa. O símile final, como podemos perceber, é mais simples que os anteriores, e não faz menção a animais.

*in somnis ueluti, cum pectora terruit ira,
hic cursu super insequitur, fugere ille uidetur,
festinantque ambo, gressum labor ipse moratur,*
(XXI, v. 939 a 941)

como em sonhos, quando a ira aterrorizou os peitos,
este correndo persegue próximo, aquele parece fugir,
e se apressam ambos; o próprio esforço retarda o passo.

(trad. nossa)

Sobre a forma de composição da adaptação da *Ilíada Latina*, destacamos a opinião do pesquisador italiano Grillo a respeito desta obra:

Sem dúvida alguma, pois, estamos diante de uma tradução/redução *sui generis*: na realidade o original não só vem resumido sem o mínimo respeito pela extensão e a proporção dos vários livros e episódios e com o único critério-guia do maior ou menor interesse do nosso poeta pelos diversos fatos narrados, mas é também assunto na maior parte para uma verdadeira e própria reelaboração; até o ponto que o texto que resulta se configura, em última análise, como uma versão muito alterada, ou ainda condensada, do longo poema homérico.⁶²

3.6 – Aspectos latinos da *Ilíada Latina*

Neste item abordaremos os aspectos latinos que aparecem na *Ilíada Latina*. Sempre que Bêbio Itálico se afasta da *Ilíada*, ele busca referência nos poetas latinos. Sobre a adaptação da *Ilíada* feita por Bêbio e sua influência latina:

Bêbio procede com vistosas desigualdades ao resumir o poema grego, já que dedica mais versos àquelas partes que facilmente poderiam ser renarradas em estilo virgiliano e ovidiano, por exemplo a contenda do canto I, o catálogo de II, as cenas cruentas de batalha e aquelas patéticas de súplica, todos episódios homéricos que a escola contribuiu para tornar popular, do momento em que Homero, junto a Virgílio, era ensinado desde o grau elementar da educação, como é sabido, para então ser relido e aprofundado no nível superior. A tradição de Homero que havia na escola retórica, pela qual o grande poeta era lido em função do ensinamento da eloquência, se reflete também na nossa obra.⁶³

Destacaremos essas passagens diferentes da adaptação latina, buscando a comparação com Virgílio (sobretudo a *Eneida*, com base na tradução de Tassilo Orpheu Spalding) e Ovídio (especialmente a *Arte de amar*, com a tradução de Matheus Trevizam, e as *Metamorfoses*, traduzida por Bocage).

⁶² “Nessun dubbio, dunque, che siamo di fronte ad una traduzione/ridazione *sui generis*: in realtà l'originale non solo viene riassunto senza il minimo rispetto per l'estensione e le proporzioni dei vari libri ed episodi e con l'unico criterio-guida del maggiore o minore interesse del Nostro poeta per i diversi fatti narrati, ma è altresì sottoposto in più parti ad una vera e propria rielaborazione; e ciò al punto che il testo che ne risulta si configura, in ultima analisi, come una versione abbastanza rimaneggiata, oltre che condensata, del lungo poema omerico.” (Grillo, 1982, p. 92)

⁶³ “Bebio procede con vistose disuguaglianze nell'epitomare il poema greco, giacché dedica più versi a quelle parti che facilmente potevano essere rinarrate in stilo virgiliano e ovidiano, per es. la contesa di A, il catalogo di B, le scene cruente di battaglia e quelle patetiche di supplica, tutti episodi omerici che la scuola aveva contribuito a rendere popolari, dal momento che Omero, insieme a Virgilio, veniva insegnato sin dai gradi elementari dell'educazione, com'è noto, per essere poi riletto e approfondito ai livelli superiori. Il tradimento di Omero che avveniva nelle scuole di retorica, per cui il grande poeta veniva letto in funzione dell'insegnamento dell'eloquenza, si riflette anche nella nostra opera.” (Scaffai, 1997, p. 57)

3.6.1 – Virgílio

Bébio toma de Virgílio as expressões formularias, por exemplo, para a transição entre um episódio e outro, como a descrição de raiar e pôr do sol; as descrições de combates – a maior parte da obra – as comparações dos guerreiros com animais ou forças da natureza, etc. Na maioria dos casos trata-se de clichês consolidados na poesia épica que, em última instância, remontam a Homero, mas é de Virgílio que procede a formulação latina. Como exemplos de descrição de amanheceres, temos as seguintes traduções de Tassilo Orpheu Spalding da *Eneida*:

*Postera Phoebea lustrabat lampade terras
umentemque Aurora polo dimouerat umbram,*

A Aurora seguinte iluminava as terras com a luz de Febo e tinha afastado do céu a sombra úmida da noite (...) (IV v. 6 e 7)

*Et iam prima nouo spargebat lumine terras
Tithoni croceum linquens Aurora cubile.*

E já as terras eram inundadas com a nova luz da Aurora, que deixara o leito açafroado de Titono (IV, 584 e 585)

*Postera cum primo stellas Oriente fugarat
clara dies, (...)*

Quando o claro dia seguinte afugentara as estrelas, ao primeiro alvorecer (V, 42 e 43)

Quanto aos combates, destacamos alguns episódios. O duelo entre Diomedes e Eneas no canto V da *Ilíada Latina* (v. 454 a 465) não aparece em Homero, mas sim na *Eneida*, em que Diomedes relata aos legados enviados pelo rei Latino o confronto que tivera com Eneas em Troia, e exalta a bravura do filho de Vênus (XI, 278 a 284). Respectivamente, temos:

*Iamque manum Aeneas simul et Calydonius heros
contulerant, iactis inter se comminus hastis;
undique rimabant inimico corpora ferro,
et modo cedebant retro, modo deinde coibant.
Postquam utrique diu steterant nec uulnera magnus
qua daret infesto Tydides ense uidebat,
saxum ingens medio quod forte iacebat in agro,
bis seni quod uix iuuenes tellure mouerent,
sustulit et magno conamine misit in hostem.
Ille ruit prostratus humi cum fortibus armis,
quem Venus aetherias genetrix delapsa per auras
accipit et nigra corpus caligine condit.*

E já ao mesmo tempo Eneas e o herói Calidônio travaram combate, jogadas as lanças de perto entre si;

por todas as partes buscavam os corpos com ferro inimigo,
e ora cediam para trás, ora em seguida se encontravam.
Depois que se postaram ambos por muito tempo, o grande Tidida não
via como fazer feridas com a hostil espada;
uma enorme pedra, que por acaso estava no meio do campo
e a custo duas vezes seis jovens moveriam da terra,
suspendeu, e com grande esforço jogou-a contra o inimigo.
Ele caiu no chão, prostrado, com as fortes armas;
a ele a mãe Vênus, descida dos etéreos ares,
acolhe, e o corpo em negra névoa oculta.

(trad. nossa)

*Ne uero, ne me ad talis impellite pugnas.
Nec mihi cum Teucris ullum post eruta bellum
Pergama, nec ueterum memini laetorue malorum.
Munera, quae patriis ad me portatis ab oris,
uertite ad Aenean. Stetimus tela aspera contra
contulimusque manus: experto credite, quantus
in clipeum adsurgat, quo turbine torquat hastam.*

Oh! Não, não me exorteis a tais combates! Não terei mais guerra alguma com os troianos, depois da ruína de Pérgamo; não me lembro nem me regozijo dos males passados. Estes presentes que vós para mim trazeis, das margens da vossa pátria, ofereci-os antes a Eneias. Lutamos de parte a parte com as rudes lanças; pelejamos corpo a corpo; crede na minha experiência; sei quão grande ele se eleva com seu escudo, com que violência vibra o dardo!

(trad. Tassilo O. Spalding)

Além disso, a luta entre Aquiles e Heitor, no canto XXI da *Ilíada Latina* aproxima-se bastante do combate entre Turno e Eneias, no livro XII da *Eneida*. De fato, Scaffai (1985, p. 1934) ressalta que tanto na *Ilíada Latina* quanto na *Eneida* o herói indígena sucumbe ao herói estrangeiro, mais forte e privilegiado pelo destino, tanto que o Heitor da *Ilíada Latina* é, portanto, mais próximo do Turno virgiliano que do Heitor homérico. No episódio da morte de Heitor, no canto XXII da *Ilíada*, ele cria coragem para lutar contra Aquiles, confiante pelas palavras que lhe disse Atena, disfarçada de Deífobo (294 a 311):

Com um brado gritou bem alto para Deífobo do alvo escudo;
pediu-lhe uma lança comprida. Mas ele não estava ao pé dele.
E Heitor compreendeu no seu espírito e assim disse:
“Ah, na verdade os deuses chamaram-me para a morte.
Pois eu pensava que o herói Deífobo estava ao meu lado.
Mas ele está dentro da muralha e foi Atena que me enganou.
Agora está perto de mim a morte malévola; já não está longe,
nem há fuga possível. Era isto de há muito agradável
a Zeus e ao filho de Zeus que acerta ao longe, que antes
me socorriam de bom grado. Agora foi o destino que me apanhou.
Que eu não morra é de forma passiva e inglória, mas por ter feito
algo de grandioso, para que os vindouros de mim oiçam falar!”
Assim dizendo, desembainhou a espada afiada,
que pendia sob o flanco, espada enorme e potente;
reunindo as suas forças, lançou-se como a águia de voo sublime,
que através das nuvens escuras se lança em direção à planície

para arrebatat um terno cordeiro ou tímida lebre –
assim arremeteu Heitor, brandindo a espada afiada.

(trad. Frederico Lourenço)

Na *Ilíada Latina*, Heitor sente medo e espera ajuda do seu irmão Deífobo para se salvar (XXII, 966 a 977).

*Nec sufferre ualet ultra sortemque supremam
stantemque Aeaciden defectis uiribus Hector.
Dumque retro cedit fraternaue rebus in artis
respicit auxilia et nullam uidet esse salutem,
sensit adesse dolos. Quid agat? quae numina supplex
inuocet? et toto languescunt corpore uires
auxiliumque negant; retinet uix dextera ferrum,
nox oculos inimica tegit nec subuenit ullum
defesso auxilium; pugnat moriturus et alto
corde premit gemitus. Instat Nereius heros
turbatumque premit procul undique; tunc iacit hastam
et medias rigida transfixit cuspide fauces.*

Heitor não pode mais suportar a sorte
suprema e o Eácida de pé, abandonadas as forças.
E enquanto que para trás cede, os fraternos auxílios espera
no perigo e vê não existir nenhuma salvação,
sentiu existir dolos. O que faria? Que divindades, suplicante,
invocaria? E em todo corpo se extinguem as forças
e os auxílios negam; com custo a destra segura o ferro,
a noite inimiga cobre os olhos e não socorre ao fatigado
nenhum auxílio, luta moribundo e segura os gemidos
no fundo do peito. O Nereu herói persegue
e de longe o oprime, perturbado por todos os lados, então atira a lança
e com a ponta dura traspassa o meio da garganta.

(trad. nossa)

Na *Eneida* (XII, 913 a 918), enquanto Eneias se prepara para matar Turno, ele reflete e
pensa na ajuda de sua irmã:

*sic Turno, quacumque uiam uirtute petiuit,
successum dea dira negat. Tum pectore sensus
uertuntur uarii. Rutulos aspectat et urbem
cunctaturque metu letumque instare tremescit;
nec quo se eripiat, nec qua ui tendat in hostem,
nec currus usquam uidet aurigamue sororem.*

Destarte a cruel deusa nega a Turno qualquer meio de vencer, não obstante o seu valor. Então sentimentos vários
agitam seu coração; olha para os rútilos e para a cidade; hesita com medo e treme, vendo a lança de Eneias sobre
ele; não sabe por onde se escape, nem com que forças acometa o inimigo; em parte alguma descobre o seu carro
e a sua irmã que o conduzia como auriga.

(trad. Tassilo O. Spalding)

O assalto dos troianos à muralha dos gregos, canto XII da *Ilíada Latina* (762 a 768), é como o ataque dos rútuos ao acampamento troiano na *Eneida* (IX, 504 a 511).

Respectivamente, temos:

*Inrumpunt aditus Phryges atque in limine primo
restantes sternunt Graios ualloque cateruas
deturbant, alii scalas in moenia poscunt
et iaciunt ignes: auget uictoria uires.
De muris pugnant Danaï turreaque per altas.
Saxa uolant, subeunt acta testudine Troes
ascenduntque aditus et portis uiribus instant.*

Os frígios invadem a entrada e no primeiro limiar derrubam os gregos restantes, expulsando os batalhões da trincheira; outros pedem escadas para as muralhas e lançam chamas: a vitória aumenta as forças. Dos muros e por torres altas os dânaos lutam. Pedras voam, os troianos aproximam-se, feita a tartaruga⁶⁴, sobem pelo acesso e nas portas com forças ameaçam.

(trad. nossa)

*(...) sequitur clamor caelumque remugit.
Adcelerant acta pariter testudine Volsci
et fossas implere parant ac uellere uallum.
Quaerunt pars aditum et scalis ascendere muros,
qua rara est acies interlucetque corona
non tam spissa uiris. Telorum effundere contra
omne genus Teucri ac duris detrudere contis,
adsueti longo muros defendere bello.*

Reponde-lhe clamor imenso e muge o céu. Os volscos acorrem e formam a tartaruga e se preparam para encher os fossos e demolir as trincheiras. Uns procuram a entrada e tentam escalar os muros, nos lugares onde a guarnição é mais rara e onde a coroa, insuficientemente guarnecida de soldados, deixava alguns claros. Os troianos, de sua parte, habituados por uma longa guerra a defender suas muralhas, atiravam sobre o inimigo toda espécie de projéteis.

(trad. Tassilo O. Spalding)

Outro aspecto que Bébio busca em Virgílio é a caracterização dos deuses. Na *Ilíada Latina*, assim como na *Eneida*, os epítetos que descrevem as características físicas dos deuses são excluídos e substituídos por epítetos de característica moral. Assim como em Virgílio, os deuses perdem a espontaneidade e o primitivismo que compartilhavam com os heróis, para aparecerem revestidos de uma maior majestade (Vega, López, 2001, p. 28). Destacamos, como exemplo, a discussão entre Zeus e Hera no canto I. Na *Ilíada*, temos insultos, como podemos ver abaixo (v. 540 a 550):

⁶⁴ Esta é uma referência à formação de tartaruga, na qual os soldados fazem uma espécie de proteção, colocando os escudos acima da cabeça. Técnica do exército romano, é um dos anacronismos que Itálico coloca em seu resumo. O mesmo se pode dizer também da formação do acampamento grego, descrita nesse livro.

“Quem dos deuses, Pensador de Enganos, contigo se aconselhou?
Sempre te é caro manteres-te afastado de mim,
judiciando coisas pensadas em segredo! E nunca tu ousaste
declarar-me a palavra que tens em teu pensamento.”
A ela deu resposta o pai dos homens e dos deuses:
“Hera, não penses vir a conhecer todas as minhas
palavras: difíceis elas te seriam, minha esposa embora sejam.
Porém aquilo que te compete ouvir, ninguém o ouvirá
primeiro, pertença ele à raça dos homens ou dos deuses.
Mas sobre aquilo que eu decido pensar afastado dos deuses,
não faças perguntas nem de modo algum procures saber.”

(trad. Frederico Lourenço)

Na *Iliáda Latina*, esse episódio perde seu aspecto cômico e doméstico. Ao contrário de “Pensador de Enganos”, Juno se refere a Júpiter ironicamente como “ótimo esposo” (v. 98 a 103):

*Offensa est Iuno: "Tantum" que ait, "optime coniunx,
Doride nata ualet, tantum debetur Achilli,
ut mihi quae coniunx dicor tua quaeque sororis
dulce fero nomen, dilectos fundere Achiuos
et Troum renouare uelis in proelia uires?
Haec ita dona refers nobis? sic diligor a te?"*

Juno ficou ofendida: “Tanto”, e disse, “ótimo esposo,
pode a filha de Dóris⁶⁵, tanto é devido a Aquiles,
que queiras derrotar os aquivos caros a mim,
que sou dita tua esposa e tenho o doce nome de irmã,
e renovar as forças dos troianos nas batalhas?
Assim entregas a nós estes presentes? Desta maneira sou amada por ti?”

(trad. nossa)

Outro episódio emblemático é o da morte de Heitor. Na *Iliáda*, Andrômaca vê Aquiles levar o corpo de Heitor para os navios (XXII, 462 a 465), e posteriormente dá três voltas ao redor da tumba de Pátroclo (XX, 14 a 17). Respectivamente, são os seguintes trechos na tradução de Frederico Lourenço:

Mas quando chegou à muralha e à multidão de homens,
pôs-se de pé na muralha – e depois viu Heitor
a ser arrastado à frente da cidade. Cavalos velozes
o arrastavam sem piedade para as naus recurvas dos Aqueus.

mas atrelava ao jugo do carro os céleres corcéis
e arrastava o cadáver de Heitor, que amarrara atrás do carro.
E depois que o arrastara três vezes em torno do túmulo
do falecido filho de Menécio, de novo se deitava na tenda.

⁶⁵ Ou seja, Tétis.

Na *Iliada Latina*, Aquiles arrasta o corpo de Heitor por três vezes ao redor da cidade de Troia (XX, 997 a 1001). O mesmo acontece na *Eneida* (I, 483 a 487). Temos, respectivamente:

(...) *Hunc animi nondum satiatus Achilles
deligat ad currum pedibusque exsanguia membra
ter circum muros uictor trahit; altius ipsos
fert domini successus equos. Tum maximus heros
detulit ad Danaos foedatum puluere corpus.*

(...) Aquiles, ainda não satisfeito de espírito, prende-o ao carro pelos pés e os membros exangues por três vezes ao redor dos muros, vencedor, arrasta; o sucesso do dono exalta os próprios cavalos. Então o arrogante herói levou aos dânaos o corpo desfigurado pelo pó.

(trad. nossa)

*Ter circum Iliacos raptauerat Hectora muros,
exanimumque auro corpus uendebat Achilles.
Tum uero ingentem gemitum dat pectore ab imo,
ut spolia, ut currus, utque ipsum corpus amici,
tendentemque manus Priamum conspexit inermis.*

Três vezes Aquiles arrastara Heitor em torno dos muros de Troia e vendia a ouro o corpo inanimado. Então é que Eneas solta um grande gemido do íntimo peito logo que viu os despojos, logo que viu o carro e logo que viu o próprio corpo do amigo e Príamo estendendo as mãos inermes.

(trad. Tassilo O. Spalding)

Apesar de tomar o ultraje do corpo de Heitor da *Eneida*, Bêbio descreve o funeral de Heitor (também ausente em Homero) com referência ao funeral de Pátroclo descrito na *Iliada*. Na *Iliada Latina* temos, no canto XXIV, (1048 a 1051):

*Tum pyra construitur, qua bis sex corpora Graium
quadrupesque adduntur equi currusque tubaeque
et clipei galeaeque cauae argutaque tela.
Haec super ingenti gemitu componitur Hector:*

Então uma pira é construída, na qual duas vezes seis corpos de gregos e cavalos de quatro patas são postos, e carros, trombetas, escudos, elmos côncavos e agudos dardos. Sobre estas coisas, com enorme gemido, é colocado Heitor.

(trad. nossa)

Em Homero, temos (XXIII, 164 a 176):

Fizeram uma pira de cem pés em cada direção, e no topo da pira colocaram o morto, enlutados no coração.

Muitas ovelhas robustas e bois de passo cambaleante
esfolaram e prepararam à frente da pira; e dos animais todos
tirou a gordura e com ela envolveu o morto o magnânimo Aquiles,
dos pés à cabeça, e à volta dele pôs as carcaças esfoladas.
Por cima colocou jarros de asa dupla de mel e azeite,
reclinando-os contra o esquife. Quatro cavalos de altos pescoços
a ganir e a gemer ele atirou depressa sobre a pira.
Nove cães tinha Pátroclo, que comiam sob a sua mesa:
a dois destes Aquiles cortou a garganta e atirou-os sobre a pira.
E doze nobres filhos dos magnânimos Troianos ele degolou
com o bronze, pois pusera no espírito trabalhos ruins.

(trad. Frederico Lourenço)

Na *Ilíada Latina*, Hefesto forja as armas de Aquiles não no Olimpo – como em Homero – mas no Etna, como podemos ver no canto XVIII, (857 e 858)

*Excitat Aetnaeos calidis fornacibus ignes
Mulciber et ualidis fuluum domat ictibus aurum.*

Excita as chamas do Etna nas quentes fornalhas
o Mulcíbero⁶⁶, e com fortes golpes doma o dourado ouro.

(trad. nossa)

Na *Eneida*, Vulcano forja as armas de Eneias também no monte Etna, no canto VIII (416 a 422):

*Insula Sicanium iuxta latus Aeoliamque
erigitur Liparen, fumantibus ardua saxis,
quam subter specus et Cyclopum exesa caminis
antra Aetnaea tonant ualidique incudibus ictus
auditi referunt gemitus striduntque cauernis
stricturae Chalybum et fornacibus ignis anhelat,
Volcani domus et Volcania nomine tellus.*

Perto da costa sicânia e da Lípari eólia ergue-se uma ilha escarpada com fumegantes rochas, sob a qual retumba uma grota e os antros etneus minados pelo fogo dos Ciclopes; as vigorosas marteladas nas bigornas retumbantes prolongam o estrondo, as barras de ferro dos Cálibes retinem pelas cavernas, e a labareda rompe das fornalhas; é esta a morada de Vulcano e a terra é chamada Vulcânia de seu nome.

(trad. Tassilo O. Spalding)

O epíteto *Mulcíbero*, usado por Bébio, também aparece em Ovídio, nas *Metamorfoses* (II, 5). A descrição do escudo de Eneias na *Eneida* (VIII, 617 a 629), assim como a descrição do escudo de Aquiles na *Ilíada Latina* (XVIII, 860 a 863), acontece quando ele olha para o escudo, e não como em Homero, quando o escudo é descrito durante sua feitura. Respectivamente, temos:

⁶⁶ Mulcíbero significa, em latim, “o que golpeia” ou “o que abranda”.

*Ille, deae donis et tanto laetus honore,
expleri nequit atque oculos per singula uoluit
miraturque interque manus et bracchia uersat
terribilem cristis galeam flammisque uomentem
fatiferumque ensem, loricam ex aere rigentem
sanguineam ingentem, qualis cum caerulea nubes
solis inardescit radiis longeque refulget;
tum leuis ocreas electro auroque recocto
hastamque et clipei non enarrabile textum.
Illic res Italas Romanorumque triumphos
haud uatum ignarus uenturique inscius aevi
fecerat ignipotens, illic genus omne futurae
stirpis ab Ascanio, pugnataque in ordine bella.*

Eneias, radiante com o presente da deusa e com tão grande honra, não pode saciar os olhos; percorre com o olhar cada um dos objetos; admira-os, volta nas mãos e nos braços este capacete cujo penacho espalha o terror e vomita chamas, esta espada que traz a morte, esta rígida couraça de bronze, cor de sangue, enorme, semelhante à nuvem azulada que se abrasa com os raios do sol e reenvia longe seu brilho; em seguida contempla as botas polidas, feitas de electro e ouro refundido, a lança, as indescritíveis cinzeladuras do escudo. Nele, o deus poderoso do fogo, que não ignora a arte dos vates nem os segredos do porvir, havia gravado a história da Itália e os triunfos dos romanos, assim como toda a sequência dos futuros descendentes de Ascânio, e, por ordem, as guerras que sustentaram.

(trad. Tassilo O. Spalding)

*Euolat inde Thetis. Quae postquam magnus Achilles
induit, in clipeum uultus conuertit atroces.
Illic Ignipotens mundi caelauerat arcem
sideraque et liquidis redimitas undique nymphis*

De lá voa Tétis. Depois que o grande Aquiles
as veste, ao escudo vira o rosto atroz.
Ali o Ignipotente gravara a abóbada celeste, as estrelas
e terras rodeadas em toda parte pelas líquidas ninfas⁶⁷ do Oceano;

(trad. nossa)

Destacamos que tanto no verso 628 dessa passagem na *Eneida*, quanto no verso 862 da *Ilíada Latina*, o epíteto Ignipotente é usado para designar Hefesto.

O personagem Corebo, que aparece no final do catálogo nas naus da *Ilíada Latina* (II, 248 e 249), não é citado em Homero, mas sim na *Eneida*, quando Eneias descreve seus companheiros que lutavam em Troia (II, 339 a 346). São, respectivamente, as passagens:

*Ascanius sequitur, simul et Iouis inclita proles
Sarpédon claraque satus tellure Coroebus.*

Ascânio segue, e ao mesmo tempo também o célebre filho de Júpiter,
Sarpédon, e Corebo, nascido em terra ilustre.

(trad. nossa)

⁶⁷ Divindades relacionadas às fontes e rios, aqui são genericamente identificadas por Bêbio Itálico como água.

*Addunt se socios Rhipheus et maximus armis
Epytus oblatis per lunam Hypanisque Dymasque,
et lateri adglomerant nostro, iuuenisque Coroebus,
Mygdonides: illis ad Troiam forte diebus
uenerat, insano Cassandrae incensus amore,
et gener auxilium Priamo Phrygibusque ferebat,
infelix, qui non sponsae praecepta furentis
audierit.*

Juntam-se a mim Rifeu e Épito, fortes nas armas, que reconheço ao clarão da lua, e Hípanis e Dimas que acorrem para se agrupar a nós, assim como o jovem Corebo, filho de Migdão. Inflamado de louco amor por Cassandra, viera Corebo, por acaso, naqueles dias, a Troia, e, na qualidade de futuro genro, trazia seu auxílio a Príamo e aos frígios. Infeliz, que não deu ouvidos aos vaticínios da inspirada noiva!

(trad. Tassilo O. Spalding)

Na luta entre Ajax e Heitor, há a menção à mãe de Ajax, Hesíona, no canto VII da *Ilíada Latina* (v. 620 a 627):

*(...) Tunc bello maximus Hector:
"Quae te terra uirum, qui te genuere parentes?
Viribus es proles generosa atque inclita" - dixit.
At contra se ferre parat Telamonius Ajax:
"Hesiona de matre uidens Telamone creatum,
nobilis est domus et fama generosa propago."
Hector, ut Hesionae nomen casusque recordans:
"Absistamus" - ait - "sanguis communis utrique est",*

(...) Então Heitor, o maior na guerra:
“Que terra e que país te fizeram homem?
Pelas forças, és de uma estirpe ilustre e célebre.” Disse.
E Ajax Telamônio prepara-se para dizer em resposta:
“Vês o filho da mãe Hesíona e Télamon,
nobre é a casa e notável pela fama a descendência.”
Heitor, como se recordasse do nome e da história de Hesíona:
“Cessemos” – disse – “o sangue de ambos é comum”

(trad. nossa)

Segundo a mitologia, Hesíona é filha de Príamo, dada por Hércules a Télamon como prêmio pela vingança contra Laomedonte (pai de Príamo). Bêbio usa essa referência a Hesíona para tornar semelhante a interrupção da luta entre Ajax e Heitor com o episódio entre Glauco e Diomedes. Glauco e Diomedes interrompem o combate quando descobrem que são unidos por laços de hospitalidade. Heitor e Ajax, na *Ilíada Latina*, interrompem a luta ao perceberem que são primos. Na *Ilíada* de Homero, não há qualquer menção a Hesíona, e a luta entre os dois é simplesmente interrompida pelo pôr do sol, como podemos ver na fala de Heitor a Ajax, nos versos 288 a 293 do canto VII:

“Ájax, visto que o deus te deu força e grandeza
e sensatez, e com a lança és o melhor dos Aqueus,
cessemos agora do combate e da peleja, por hoje;
no futuro combateremos de novo, até que o deus
decida a qual de nós concederá a vitória.
Já se faz noite; e prestimoso é rendermo-nos à noite

(trad. Frederico Lourenço)

Hesíona, contudo, aparece no canto VIII da *Eneida* (157 a 159), em que o rei Evandro olha para Eneias e lhe diz:

*Nam memini Hesionae uisentem regna sororis
Laomedontiaden Priamum, Salamina petentem,
protinus Arcadiae gelidos inuisere finis.*

Lembra-me, com efeito, que Príamo, filho de Laomedonte, dirigindo-se a Salamina a fim de visitar o reino de sua irmã Hesíone, visitou até os confins gelados da Arcádia.

(trad. Tassilo O. Spalding)

Temos também os seguintes episódios que Bêbio busca em Virgílio. A visita do sonho a Agamêmnon no canto II da *Ilíada Latina* (113 a 122) se parece com a visita de Mercúrio a Eneias na *Eneida* (IV 220 a 226). Assim, temos, respectivamente:

*cum pater omnipotens Somnum uocat atque ita fatur:
"Vade age per tenues auras, lenissime diuum,
Argolicique ducis celeri pete castra uolatu
dumque tuo premitur sopitus pondere dulci,
haec illi mandata refer: cum crastina primum
extulerit Titana dies noctemque fugarit,
cogat in arma uiros incautumque occupet hostem."
Nec mora: Somnus abit leuibusque per aera pennis
deuolat in thalamos Agamemnonis: ille sopore
corpus inundatum leni prostratus habebat.*

quando o pai onipotente chama o Sono e assim diz:
“Eia! Vá pelos tênues ares, oh mais agradável dos deuses,
chega, voando rápido, até o acampamento do chefe argólico⁶⁸,
e enquanto ele, adormecido, é dominado por teu doce peso,
dá-lhe estas ordens: ‘logo que o dia de amanhã
tiver mostrado o Titã⁶⁹ e expulsado a noite,
congrega em armas os homens e ataca o inimigo desprevenido’”.
Sem demora: o Sono se vai e com ligeiras asas pelos ares
voa até os aposentos de Agamêmnon: ele, deitado,
tinha o corpo inundado por doce sono.

(trad. nossa)

⁶⁸ Agamêmnon.

⁶⁹ Hipérion (Sol), um dos titãs, filho de Gaia e Urano.

*audiit omnipotens, oculosque ad moenia torsit
regia et oblitos fama melioris amantes.
Tum sic Mercurium adloquitur ac talia mandat:
"Vade age, nate, uoca Zephyros et labere pennis,
Dardaniumque duces, Tyria Karthagine qui nunc
expectat, fatisque datas non respicit urbes,
adloquere, et celeris defer mea dicta per auras.*

Ouviu-o o Onipotente e voltou seus olhos para os muros da rainha e para os dois amantes que se esqueciam de manter a antiga glória. Então, assim fala a Mercúrio e ordena-lhe estas coisas: "Vamos, meu filho, vai, chama os Zéfiros e desliza com tuas penas. O chefe dardânio, que agora se retarda na tília Cartago, não pensa mais nas cidades que lhe foram prometidas pelo destino: fala-lhe e leva-lhe os meus dizeres em te lançando pelas brisas rápidas".

(trad. Tassilo O. Spalding)

A reclamação de Juno a Júpiter, no canto I da *Ilíada Latina* (v. 98 a 103), ecoa o monólogo da mesma deusa no canto I da *Eneida* (v. 46 a 48) e também reverbera a reclamação de Vênus, no canto I (v. 250 a 253). Respectivamente temos:

*Offensa est Iuno: "Tantum" que ait, "optime coniunx,
Doride nata ualet, tantum debetur Achilli,
ut mihi quae coniunx dicor tua quaeque sororis
dulce fero nomen, dilectos fundere Achiuos
et Troum renouare uelis in proelia uires?
Haec ita dona refers nobis? sic diligor a te?"*

Juno ficou ofendida: "Tanto", e disse, "ótimo esposo, pode a filha de Dóris, tanto é devido a Aquiles, que queiras derrotar os aquivos caros a mim, que sou dita tua esposa e tenho o doce nome de irmã, e renovar as forças dos troianos nas batalhas? Assim entregas a nós estes presentes? Desta maneira sou amada por ti?"

(trad. nossa)

*Ast ego, quae diuom incedo regina, Iouisque
et soror et coniunx, una cum gente tot annos
bella gero! Et quisquam numen Iunonis adoret*

Porém, eu, que caminho com a majestade de rainha dos deuses, não só irmã mas também esposa de Júpiter, faço guerra com um só povo há tantos anos! (...)

(trad. Tassilo O. Spalding)

*nos, tua progenies, caeli quibus adnuis arcem,
nauibus (infandum!) amissis, unius ob iram
prodimur atque Italis longe disiungimur oris.
Hic pietatis honos? Sic nos in sceptris reponis?"*

"Mas nós, a tua prole, à qual prometeste um lugar no Céu, perdemos (coisa horrível!) nossos navios e, entregues à cólera de uma só deusa, somos afastados para longe das costas da Itália. É este o preço da piedade? É assim que repões o cetro em nossas mãos?"

(trad. Tassilo O. Spalding)

3.6.2 – Ovídio

A influência de Ovídio – embora menor do que a participação virgiliana na *Ilíada Latina* – altera consideravelmente a natureza épica da adaptação latina. Destacamos o episódio da contenda entre Aquiles e Agamêmnon no canto I. Na introdução da tradução espanhola da *Ilíada Latina* lemos:

(...) o amor, que na epopeia homérica não era relevante, passa aqui ao primeiro plano como motor dos acontecimentos e impulso das ações individuais: é a força da paixão amorosa que produz a discórdia entre os dois heróis, Agamêmnon, tirano dominado pela luxúria, e Aquiles, guerreiro ofendido em sua honra, porém, sobretudo, amante entristecido pela perda de sua amada.⁷⁰

Na *Ilíada Latina* (I, 70 a 73), temos a seguinte descrição da disputa entre Aquiles e Agamêmnon:

*Non tamen Atridae Chryseidis excidit ardor:
maeret et amissos deceptus luget amores.
Mox rapta magnum Briseide priuat Achillem
solaturque suos alienis ignibus ignes.*

Contudo, a paixão do Atrida por Criseida não cessou: lamenta-se e, desiludido, chora os perdidos amores. Sem demora, despoja Aquiles da raptada Briseida⁷¹ e alivia suas chamas com as chamas alheias.

(trad. nossa)

Podemos ver esse vocabulário elegíaco na *Arte de amar* (I, 281 e 282), na qual temos menção ao desejo:

*Parcior in nobis nec tam furiosa libido:
Legitimum finem flamma uirilil habet.*

Nosso desejo é menos violento, e não tão insano; a chama viril tem um limite conveniente.

(trad. Matheus Trevizam)

Nas *Metamorfoses*, no episódio de amor entre Ciniras e Mirra, temos (X, v. 342 e 343):

⁷⁰ “(...) el amor, que en la epopeya homérica no era relevante, passa aquí a un primer plano como motor de los acontecimientos e impulso de las acciones individuales: es la fuerza de la pasión amorosa la que produce la discordia entre los dos héroes. Agamenón, tirano dominado por la lujuria, y Aquiles, guerrero ofendido em su honor, pero, sobretudo, amante estristecido por la perdida de su amada.” (Vega, López, 2001, p. 32)

⁷¹ Briseida fora dada a Aquiles como prêmio de guerra.

*Ire libet procul hinc patriaeque relinquere fines,
dum scelus effugiam. Retinet malus ardor amantem*

A remoto país correr desejo,
fugindo à pátria por fugir ao crime;
mas o nocivo amor detém meus passos

(trad. Bocage)

Dessa mesma obra temos, no relato da transformação de Píramo e Tisbe (IV, v. 64):

quoque magis tegitur, tectus magis aestuat ignis.

Em vivo, igual desejo os dois ardendo

(trad. Bocage)

Temos também a tentativa de suicídio de Andrômaca, no canto XXIV da *Iliada Latina*. Essa passagem também não está em Homero. Nos versos 1057 a 1059 temos:

*Inter quos gemitus laniato pectore coniunx
prouolat Andromache mediosque immittere in ignes
se cupit Astyanacta tenens, (...)*

Entre esses gemidos, com o peito despedaçado, a esposa
Andrômaca avança e deseja lançar-se em meio
às chamas segurando Astíanax, (...)

(trad. nossa)

Esse episódio nos lembra da morte de Dido, narrada no canto IV da *Eneida*. Porém, se aproxima mais da passagem da *Arte de amar* (III, 21 e 22), em que Ovídio fala de Evadne, esposa de Capaneu – que fora um dos sete contra Tebas e morreu atingido por um raio. Ela, desesperada, se joga na fogueira onde ardia o corpo do marido:

*“Accipe me, Capaneu! cineres miscebimus” inquit
Iphias, in medios desiluitque rogos.*

“Aceita-me, ó Capaneu, nossas cinzas serão mescladas”, disse a Ifiade⁷², lançando-se em meio à pira.

(trad. Matheus Trevizam)

Por outra parte, a este tom de elegia contrapõem-se versos críticos da *Iliada Latina*, como a condenação da paixão de Agamêmnon (I, v. 24 a 26):

⁷² Evadne era filha de Ífis.

*Sed negat Atrides Chrysenque excedere castris
despecta pietate iubet: ferus ossibus imis
haeret amor spernitque preces damnosa libido.*

O Atrida, porém, nega, e desprezando a piedade, ordena que Crises saia do acampamento: o amor cruel se adere até a medula dos ossos, e o desejo nocivo despreza os pedidos.

(trad. nossa)

Tétis, ao suplicar a Zeus que honre Aquiles, assim se refere ao ato de Agamêmnon na *Ilíada Latina* (I, 88 a 92):

*"Pro nato ueni genetrix en ad tua supplex
numina, summe parens; ulciscere meque meumque
corpus ab Atrida, quodsi permittitur illi
ut flammis impune mei uiolarit Achillis,
turpiter occiderit superata libidine uirtus."*

“Vim em favor do filho, eis, a mãe suplicante dos teus poderes, ó pai supremo; vinga a mim e à minha prole contra o Atrida; se, porém, é permitido a ele ter ultrajado impunemente os amores de meu Aquiles, vergonhosamente a virtude sucumbirá, vencida pela devassidão”.

(trad. nossa)

Temos a fala de Heitor a Páris (III, 257 a 264):

(...) *"O dedecus" - inquit -
"aeternum patriae generisque infamia nostri,
terga refers? At non dubitabas hospitis olim
expugnare toros, cuius nunc defugis arma
uimque times. Vbi sunt uires, ubi cognita nobis
ludorum quondam uaria in certamina uis est?
Hic animos ostende tuos: nihil adiuuat armis
nobilitas formae: duro Mars milite gaudet.*

(...) “Ó desonra eterna da pátria e infâmia da nossa estirpe, viras as costas? Porém não vacilavas outrora em assaltar os leitos do anfitrião⁷³, de quem agora evitas as armas e a violência temes. Onde estão as forças, onde está o vigor muitas vezes conhecido por nós em várias disputas dos jogos? Aqui manifesta tua coragem; de nada é útil nas armas a notoriedade da beleza: Marte se alegra com o rude soldado.

(trad. nossa)

Pelas passagens destacadas acima podemos perceber que na *Ilíada Latina* há um verniz moralizante que não existe em Homero⁷⁴.

⁷³ Páris raptou Helena após ter sido hóspede na casa de Menelau.

Assim, os personagens homéricos assumem características marcantes: Páris é o paradigma do homem pávido e sensual; Agamêmnon, do tirano ébrio de poder e de luxúria; Tersites, do demagogo selvagem (Scaffai, 1997, p. 64).

Nos versos finais da *Ilíada Latina* (XXIV, 1063 a 1070), temos a conclusão da obra comparada à chegada do navio ao seu destino:

*Sed iam siste gradum finemque impone labori,
Calliope, uatisque tui moderare carinam,
Remis quem cernis stringentem litora paucis,
Iamque tenet portum metamque potentis Homeri.
Pieridum comitata cohors, summitte rudentes
Sanctaque uirgineos lauro redimita capillos
Ipsa tuas depone lyras. Ades, inclita Pallas,
Tuque faue cursu uatis iam, Phoebe, peracto.*

Mas já cessa o passo, coloca fim ao trabalho,
Calíope⁷⁵, e conduze a quilha do teu vate,
o qual vês costear litorais com poucos remos.
E já tem o porto e a meta do poderoso Homero.
Ó cortejo a acompanhar as Piérides, soltai as amarras,
e tu própria, cingida com o sagrado louro nos virgens
cabelos, depõe tua lira. Ajuda, ilustre Palas,
e tu, Febo, já realizado o curso do vate, favorece.

(trad. nossa)

Essa metáfora, ausente em Homero, aparece na *Arte de Amar* (I, 771 e 772):

*Pars superat coepti, pars est exhausta laboris.
Hic teneat nostras ancora iacta rates.*

Parte do plano conclui-se, em parte esgotou-se o labor. Que a âncora lançada detenha aqui a nossa nau.

(trad. Matheus Trevizam)

3.6.3 – Outros aspectos ideológicos

Heitor e Eneias são sempre exaltados na *Ilíada Latina*, já que Béblio, como cidadão romano, evidentemente adota no seu poema a simpatia pelos troianos. Além disso, Nero demonstrava grande interesse pela guerra de Troia e pelo seu suposto ancestral da família Júlio-Cláudia. Sempre se ressalta, na *Ilíada Latina*, a ascendência de Eneias, como é possível ver nas nossas traduções dos três versos abaixo:

⁷⁴ O caráter moralizante era comum entre os romanos. Podemos também citar as Odes de Horácio, I, 15 e III, 3, que condenam a guerra de Troia.

⁷⁵ Uma das Musas, também chamadas de Piérides, como aparece no verso 1067.

et sacer Aeneas, Veneris certissima proles,
e o sacro Eneias, certíssimo filho de Vênus (v. 236)

Emicat interea Veneris pulcherrima proles
Lança-se enquanto isso o belíssimo filho de Vênus (v. 483)

(...) *Vidit Cythereius heros*
(...) O Cítereu⁷⁶ herói o vê (v. 895)

Não há surpresa no fato de Bêbio sempre realçar a ascendência de Eneias, tanto para exaltar o povo romano quanto para agradecer a família do imperador reinante.

No canto VII da *Ilíada Latina* (v.636 a 640), é Heitor, e não Antenor (como na *Ilíada*), que propõe a restituição de Helena aos gregos. Essa pequena adaptação de Bêbio dá maior ênfase a Heitor, que além de ser bravo guerreiro, também é sábio e insigne na assembleia.

in coetum uenere Phryges. Tunc maximus Hector
cum sociis memorans hesternae funera caedis
suadet ut inuictis Helene reddatur Achiuis
praedaque quae duros Menelai mulceat ignes
idque placet cunctis. Tunc saeuo missus Atridae

À assembleia vieram os frígios. Então Heitor, o maior,
com os aliados lembrando-se das mortes do massacre da véspera,
aconselha que Helena seja devolvida aos invictos aquivos
com presentes que apaziguem as duras chamadas de Menelau,
e isto agrada a todos.(...)

(trad. nossa)

Outro episódio emblemático é o do resgate de Eneias por Poseidon, que estava do lado dos gregos. Sobre essa passagem na *Ilíada*, Nagy afirma:

Ao passo que o resgate por Apolo seria simplesmente um ato pró troiano, o resgate por Poseidon coloca o ato *acima* de tomar partidos; a figura de Eneias, portanto, transcende a guerra entre troianos e aqueus. Nesse sentido, Eneias está além do âmbito da tradição geral da Guerra de Troia, refletindo outros temas e, até mesmo, outros interesses de outros tempos.⁷⁷

Na *Ilíada*, temos apenas uma predição limitada a Eneias e à sua descendência, sem nenhuma referência a uma específica nação. Posêidon diz a Hera (XX, 293 a 308):

⁷⁶ Eneias, filho de Vênus, que teria nascido na ilha de Citera.

⁷⁷ “Whereas a rescue by Apollo would have been simply a pro-Trojan act, the rescue by Poseidon puts the act *above* taking sides; the figure of Aeneas thus transcends the war of the Trojans and Achaeans. In this sense, Aeneas is beyond the scope of the Trojan War tradition in general, reflecting other themes and perhaps even other concerns of other times.” (Nagy, 1999, p. 268)

“Ah, que sofrimento o meu pelo magnânimo Eneias!
Ele que rapidamente subjugado pelo Pelida descerá ao Hades,
por se ter deixado convencer por Apolo que atinge de longe,
estulto!, pois o deus não afastará dele a funesta desgraça.
Mas por que razão deve ele, homem sem culpa, sofrer dores
em vão por causa de sofrimentos que são de outros, ele que sempre
ofereceu dons aos deuses que o vasto céu detêm?
Conduzamo-lo então nós para longe da morte,
para que se não enfureça o Crónida, se Aquiles
o matar. Pois está fadado que ele sobreviva à guerra,
para que desprovida de esperma não pereça a raça de Dárdano,
a quem o Crónida amou mais do que todos os filhos,
que lhe foram gerados por mulheres mortais.
Entretanto o Crónida pôs-se a odiar a raça de Príamo,
e agora será a Força de Eneias a reger os Troianos,
assim como os filhos de seus filhos, que de futuro nascerão.”

(trad. Frederico Lourenço)

Na *Ilíada Latina* esse episódio tornou-se uma clara celebração de Roma e particularmente da família Júlio-Claúdia. No canto XIX (v.899 a 902), temos:

*Quem nisi seruasset magnarum rector aquarum,
ut profugus laetis Troiam repararet in aruis
Augustumque genus claris submitteret astris,
non clarae gentis nobis mansisset origo.*

Se o senhor das grandes águas⁷⁸ não o tivesse protegido,
para que exilado restabelecesse Troia em férteis terras
e pusesse a augusta estirpe sob brilhantes astros,
não teria persistido até nós a origem de célebre descendência.

(trad. nossa)

Por fim, abordaremos aqui os anacronismos relacionados à guerra que aparecem em Itálico. Na *Ilíada Latina*, Menelau age como general romano, que faz um prisioneiro para ornar seu triunfo (VI, 539 a 541):

*(...) uastumque capit Menelaus Adrastum
et rapit ad classes manibus post terga reuinctis,
ut ui deducat laetos ex hoste triumphos.*

(...) Menelau captura o enorme Adrasto
e o arrasta até as esquadras, com as mãos amarradas às costas,
a fim de que, por sua força, consiga do inimigo felizes triunfos.

(trad. nossa)

Na *Ilíada*, todos os troianos que suplicam a clemência aos gregos são mortos. Os instrumentos bélicos na adaptação latina têm nomes romanos, como a formação em tartaruga

⁷⁸ Posêidon, em latim Netuno, deus dos mares.

(verso 767, já citado acima na comparação do ataque dos troianos com o ataque dos rútuos na *Eneida*). Na pira de Heitor, são colocadas trombetas, junto com cavalos e carros (XXIV, 1049):

quadrupedesque adduntur equi currusque tubaeque

e cavalos de quatro patas são postos, e carros, trombetas,

(trad. nossa)

As tropas são chamadas, em latim, de *alae* (795)

confugiunt iterum ad classes Agamemnonis alae

de novo fogem para as esquadras as tropas de Agamêmnon

(trad. nossa)

Além de combaterem com carro, os personagens da *Iliada Latina* também lutam a cavalo. Na *Iliada*, em contrapartida, não existem cavaleiros. Destacamos dois trechos da nossa tradução do canto V da adaptação latina:

*Hic alius rapido deiectus in aequora curru
proteritur pedibusque simul calcatur equorum
atque alius uolucris traiectus corpora telo
quadrupedis tergo pronus ruit; illius ense
deiectum longe caput a ceruice cucurrit;*

Aqui um, lançado pelo carro veloz nas planícies,
é pisoteado e ao mesmo tempo esmagado pelas patas dos cavalos;
outro, atravessado o corpo pelo dardo voador,
cai rápido do dorso do quadrúpede; a cabeça daquele,
cortada pela espada, correu para longe do pescoço; (v. 476 a 480)

*Vt uidit socios infesto cedere Marte,
rex Danaum sublimis equo uolat agmina circum
hortaturque duces animosque in proelia firmat.*

Quando viu os aliados cederem ao hostil Marte,
o sublime rei dos dânaos⁷⁹ corre a cavalo em volta das tropas,
encoraja os chefes e fortalece os ânimos para as lutas. (v. 495 a 497)

Além disso, nos versos 738 a 740 do canto X da *Iliada Latina*, Ulisses e Diomedes prestam contas a Agamêmnon como dois disciplinados soldados que se reportam ao seu superior:

⁷⁹ O rei dos dânaos é, naturalmente, Agamêmnon, que anima seus homens.

(...) *Postquam sua castra tenebant,
facta duci referunt: laudat Pelopeius heros,
fessaque iucundae tradunt sua membra quieti.*

(...) Depois que estavam em seus acampamentos,
os fatos ao chefe relatam: o herói Pelopeu elogia,
e os seus fatigados membros entregam ao agradável repouso.

(trad. nossa)

Na *Ilíada*, nos versos finais do canto X, no momento em que Diomedes e Ulisses retornam, eles são recebidos por Nestor. Agamêmnon sequer é mencionado nesse episódio.

Por fim, o acampamento grego sempre é descrito na *Ilíada Latina* à maneira dos acampamentos romanos, com fosso e trincheira. No ataque dos troianos, no canto XV (v. 792 e 793), os gregos

*pulsa metu uallumque et muros aggere saeptos
transiliunt, alii fossas uoluuntur in ipsas.*

Agitados pelo medo, saltam pelas valas e pelos muros cercados
de terra, outros são derrubados no próprio fosso.

(trad. nossa)

Itálico, como pudemos ver no presente trabalho, não tinha talento nem maturidade poética para variar e reelaborar seus modelos em uma emulação. Desta maneira, ele simplesmente toma passagens da poesia de Virgílio e Ovídio, incorporando-as à sua adaptação.

4 – Considerações finais

Neste capítulo, após a experiência da tradução e do estudo comparativo entre as obras de Homero e de Bêbio Itálico, finalizaremos abordando o papel da *Ilíada Latina* na literatura romana, além do mito de Troia durante a Idade Média.

4.1 – O ciclo troiano no fim do império romano

Vimos que a *Ilíada Latina*, escrita durante a época de Nero, não obteve grande sucesso literário. Contudo, essa abreviada adaptação da *Ilíada* fez com que a obra fosse adotada no ensino de latim das escolas. Scaffai, a respeito da *Ilíada Latina*:

(...) Com o obscurecimento no Ocidente da cultura grega, por uma série de afortunadas combinações, o epítome permanece como a única *Ilíada* acessível, talvez em voga, ainda que não tenhamos provas, até o século III e IV, quando florescem epítomes e *breuiaria*. Então a *Ilíada Latina* pôde encontrar favor nas escolas seja pela sua reduzida dimensão, sendo preferidas *breues expositiones* a obras volumosas, seja porque reverberava de perto Virgílio, especialmente ao vigorar uma *Vergiliana aetas*.⁸⁰

A Antiguidade tardia (depois de III d.C.) tornou-se cristã. A religião pagã, seus deuses, símbolos e celebrações, foram gradualmente sendo abandonados e substituídos pela cultura cristã. As obras de Homero deixaram de ser lidas. Porém, as histórias do ciclo troiano continuavam despertando interesse. A Igreja aprovava a *Eneida* de Virgílio, embora ele fosse pagão, e via na conhecidíssima passagem da quarta *Bucólica*, em que o poeta fala do menino que traz a fase de ouro, a profecia do nascimento de Jesus.

A *Eneida* e, com ela, a história da guerra de Troia foram consideradas parte da história da Europa latina. Por causa da predominância de Roma, primeiro como capital do império romano e depois como sede da Igreja Católica, a *Eneida* se tornou largamente aceita como a história fundadora da civilização europeia latina (Thompson, 2004, p. 112). Era comum nobres famílias europeias remontarem suas linhagens até Eneias.

⁸⁰ “(...) con l'oscurarsi in Occidente della cultura greca, per una serie di fortunate combinazioni l'epitome rimase l'unica *Iliade* accessibile, in auge forse, ache se non abbiamo testimonianze, fino dal sec. III/IV, quando fioriscono epitomi e *breviaria*. Allora l'*Ilias latina* potè incontrare favore nelle scuole sia per le sue ridotte dimensioni, preferendosi *breves expositiones* a opere voluminose, sia perché riecheggiava da vicino Virgilio, proprio quando vigoreggiava una *Vergiliana aetas*.” (Scaffai, 1997, p. 59)

4.2 – O ciclo troiano durante a Idade Média

Antes de sua queda, no século IV d.C., o império romano foi dividido entre Ocidente (com sede em Roma) e Oriente (com sede em Constantinopla). Essa divisão ampliou o vácuo entre o ocidente latino e o oriente grego. O cisma da Igreja, em 395, aumentou ainda mais a distância entre as duas culturas. No oriente bizantino, o acesso às obras gregas continuou existindo. No ocidente cristão, as obras gregas foram abandonadas, quer porque os ocidentais deixaram de aprender grego, quer porque as pessoas passaram a rejeitar as histórias pagãs dos gregos.

Para continuarem a serem narradas na Europa cristã, as histórias de Troia sofreram adaptações. Quando possível, os deuses eram inteiramente eliminados da narrativa; quando eles tinham um papel para desempenhar, eram apresentados como proeminentes seres humanos falsamente descritos como deuses (Thompson, 2004, p. 9). Esse fator de diminuir a participação divina já existia na *Ilíada Latina*.

Assim, o conhecimento europeu medieval da guerra de Troia formou-se através de obras latinas. Além da *Ilíada Latina*, que se tornou fonte da guerra de Troia no fim da Antiguidade, destacam-se duas obras. A mais antiga é de Dictis Cretense, cujo título é *Ephemeris Belli Troiani*, provavelmente do século IV. Dictes afirmava ter sido testemunha ocular da guerra de Troia, sendo que ele se proclama companheiro de Idomeneu. O poema de Dictes era bem longo, pois narrava desde a morte de Atreu até o regresso dos heróis gregos depois da guerra de Troia.

A outra obra é intitulada *Excidio Troiae Historia*, de Dares Frígio, e é provavelmente do século VI d.C. É um trabalho curto, com cerca de 30 páginas. Dares Frígio afirma, em sua obra, que participou da guerra de Troia, sendo aliado dos troianos.

A obra de Dictes, por privilegiar os gregos, obteve menos popularidade no ocidente do que a obra de Dares Frígio, que narra os acontecimentos do ponto de vista troiano. Segundo Thompson (2004, p. 130) eles trouxeram para si a autoridade do tema na idade média latina, pois eram considerados testemunhas oculares, e Homero não. Além disso, os poemas de Dictes e Dares, ao contrário da *Eneida*, narravam a guerra de Troia em sua totalidade.

As narrativas de cunho sexual da *Ilíada* tornaram-se problema para a sociedade medieval. O príncipe troiano Páris raptou Helena, mesmo sabendo que ela era casada com o rei de Esparta, Menelau. Tem-se, ainda, a ira de Aquiles, despojado de sua concubina por Agamêmnon. Também havia rumores a respeito da íntima relação entre Aquiles e Pátroclo.

Até Eneias, retratado como bom e piedoso homem na *Eneida*, teve um relacionamento conturbado com a rainha de Cartago, Dido. No século XII, todavia, as ideias de amor cortês e romântico estavam-se tornando populares; e vários poetas foram inspirados pelo potencial amoroso dos poemas épicos que narravam a guerra de Troia.

No século XII, entre 1160 e 1165, o poeta francês Benoît de Saint-Maure compôs um longo romance (30 mil versos) de temática troiana, intitulado *Roman de Troie*. Essa obra narra quatro trágicas histórias de amor que se desenrolam durante a guerra de Troia. O poeta conta a história de Jasão e Medeia, Páris e Helena, Troilus e Briseida e Aquiles e Polixena.

O *Roman de Troie* de Benoît de Sainte-Maure traça a inevitável destruição de homens e mulheres pelas forças do irracional, Fortuna e Amor. Todo o *Troie* se foca em como as paixões de amor e de guerra, junto com a inexplicável malícia da Fortuna, causam inevitável degradação e desastre.⁸¹

Junto com a história desses casais, o poema conta a história de Troia desde o início, começando com a conquista do velocino de ouro por Jasão e os Argonautas, passando pela primeira expedição grega contra Troia (na qual Hércules enfrenta Laomedonte), a segunda guerra troiana (narrada na *Ilíada*), o retorno dos gregos, até a morte de Ulisses. Sobre a composição do *Roman de Troie*, Young ressalta que (1948, p. 59) costumes, religião, vestimentas e móveis, armas e táticas militares, arquitetura, tudo remete ao feudalismo francês. Reis, cavaleiros, barões, duques, princesas e vassalos andam pelas páginas de Benoît. Por exemplo, Calcas se transforma, de sacerdote, em bispo.

Também do século XII temos o poema anglo-normando *Eneas*, que é uma tradução/revisão da *Eneida* de Virgílio. Não se sabe quem seria o autor dessa obra. O autor segue a narrativa de Virgílio até o livro XII, e depois acrescenta um episódio de amor entre Lavínia e Eneias. Ela é atingida por Cupido e, para conquistar o amor de Eneias, transforma-se, de tímida princesa, em mulher corajosa.

No século XIII, Guido de Columnis, juiz em Messina, compôs a obra *Historia Destructionis Troiae*, por volta de 1287. A obra de Guido eclipsou seu modelo francês (Benoît de Saint-Maure) em popularidade e tornou-se um dos mais populares livros da Idade Média.

⁸¹ “Benoît de Saint-Maure’s *Roman de Troie* traces the unavoidable destruction of men and women by the forces of the irrational, Fortune and Amor. The entire *Troie* focuses on how the passions of love and war, along with the inexplicable malice of Fortune, cause unavoidable degradation and disaster.” (Thompson, 2004, p. 147)

Boccaccio escreveu o poema *Filostrato*, também sobre Troilus e Criseida, entre 1335 e 1340, inspirado pela obra de Benoît de Saint-Maure. Segundo Arthur M. Young, “por sua vez, foi a obra de Boccaccio que inspirou Chaucer” (Young, 1948, p. 62).

No século XIV temos o poema *Troilus and Criseyde*, do inglês Geoffrey Chaucer. Essa obra conta a malsucedida história de amor entre o príncipe troiano Troilus (um dos muitos filhos de Príamo). Ele despreza o amor, até que é atingido por Cupido, e se apaixona por Criseida. Durante um tempo, eles são um casal feliz, até que ela é enviada para o acampamento grego em troca de Antenor. Criseida, então, envolve-se com o grego Diomedes. Troilus, decepcionado, luta contra os gregos e é morto por Aquiles.

Sobre as obras de Benoît de Saint-Maure e Geoffrey Chaucer, Thompson (2004, p. 216) afirma que as histórias medievais como as de Benoît de Saint-Maure e Chaucer não poderiam oferecer final feliz, pois se referiam ao antigo passado pagão. O cristianismo era a única possibilidade de “solução” para Troia – não porque ela foi destruída na guerra, mas sim porque ela era pagã. De fato, o amor a Deus deveria ser maior que as paixões terrenas.

Shakespeare compôs a tragédia *Troilus and Cressida*, que não é muito conhecida. Foi encenada pela primeira vez em fevereiro de 1604. Young (1948, p. 62) ressalta que Shakespeare “encontrou os principais elementos de sua *Troilus and Cressida* na história de Chaucer.”

4.3 – Troia

Para os gregos, a guerra de Troia marca o fim da era heroica e o começo de sua própria história. Troia virou metáfora da dor da guerra, da destruição da civilização, do sofrimento de mulheres e crianças, como é possível ver nas tragédias de Eurípidés, especialmente em *Troianas*. Já a *Eneida* de Virgílio oferece outra abordagem de Troia. Se Troia não tivesse caído, os refugiados não fundariam Roma. Assim, Troia transforma-se em metáfora do renascimento triunfante da civilização, após grandes revezes.

Durante a Renascença, a reintrodução dos completos poemas de Homero através de traduções foi um fator importante para o ocidente redescobrir a antiga cultura grega. Nesse período, as pessoas não achavam os deuses pagãos tão ameaçadores. Os deuses, e suas controversas atitudes, eram explicados ou como forças da natureza ou eram humanizados.

As histórias de Troia eram (e continuam sendo) uma maravilhosa fonte de enredos e personagens. Os temas troianos incluem poder e guerra, amor e engano, perda na vitória e sucesso no fracasso, as emaranhadas conexões entre desejos humanos e vontade divina, o fim de uma sociedade e o surgimento de outras formas de vida.

Além da literatura, o mito de Troia serviu de inspiração para pinturas, esculturas, cerâmicas e tapeçarias.

Nos dias de hoje, mesmo depois de milhares de anos da guerra (que, como vimos na introdução, de fato existiu), Troia ainda fascina as pessoas e continua a ser tema de filmes, séries de T.V., etc.

Texto latino e tradução da *Iliada Latina*

Ilias latina

I

Iram pande mihi Pelidae, Diua, superbi,
Tristia quae miseris iniecit funera Grais
Atque animas fortes heroum tradidit Orco
Latrantumque dedit rostris uolucrumque trahendos
Illorum exsanges, inhumatis ossibus, artus. 5
Confiebat enim summi sententia regis,
Protulerant* ex quo discordia pectora pugnas,
Sceptriger Atrides et bello clarus Achilles.
Quis deus hos ira tristi contendere iussit?
Latonae et magni proles Iouis. Ille Pelasgum 10
infestam regi pestem in praecordia misit
implicuitque graui Danaorum corpora morbo.
Nam quondam Chryses, sollemni tempora uitta
implicitus, raptae fleuit solacia natae
inuisosque dies inuisaque tempora noctis 15
egit et assiduis impleuit questibus auras.
Postquam nulla dies animum maerore leuabat
nullaque lenibant patrios solacia fletus,
castra petit Danaum genibusque affusus Atridae
per superos regnique decus miserabilis orat, 20
ut sibi causa suae reddatur nata salutis.
Dona simul praefert. Vincuntur fletibus eius
Myrmidones reddique patri Chryseida censent.

Sed negat Atrides Chrysenque excedere castris
 despecta pietate iubet: ferus ossibus imis 25
 haeret amor spernitque preces damnosa libido.
 Contemptus repetit Phoebéia templa sacerdos
 squalidaque infestis maerens secat unguibus ora
 dilaceratque comas annosaque tempora plangit.
 Mox ubi depositi gemitus lacrimaeque quierunt, 30
 Fatidici his sacras compellat uocibus aures:
 "Quid coluisse mihi tua numina, Delphice, prodest
 aut castam uitam multos duxisse per annos?
 Quidue iuuat sacros posuisse altaribus ignes,
 si tuus externo iam spernor ab hoste sacerdos? 35
 En, haec desertae redduntur dona senectae?
 Si gratus tibi sum, sim te sub uindice tutus.
 Aut si qua, ut luerem sub acerbo crimine poenas,
 inscius admisi, cur o tua dextera cessat?
 Posce sacros arcus, in me tua derige tela: 40
 auctor mortis erit certe deus. Ecce, merentem
 fige patrem; cur nata luit peccata parentis
 atque hostis duri patitur miseranda cubile?"
 Dixerat. Ille sui uatis prece motus acerbis
 luctibus infestat Danaos pestemque per omnes 45
 immittit populos: uulgus ruit undique Graium
 uixque rogis superest tellus, uix ignibus aer,
 deerat ager tumulis. Iam noctis sidera nonae
 transierant decimusque dies patefecerat orbem,
 cum Danaum proceres in coetum clarus Achilles 50
 conuocat et causas hortatur pestis iniquae
 edere Thestoriden. Tunc Calchas numina diuum
 consulit et causam pariter finemque malorum
 inuenit effarique uerens ope tutus Achillis

haec ait: "Infesti placemus numina Phoebi 55
 reddamusque pio castam Chryseida patri,
 si uolumus, Danai, portus intrare salutis."
 Dixerat. Exarsit subito uiolentia regis:
 Thestoriden dictis primum compellat amaris
 mendacemque uocat. Tum magnum incusat Achillem 60
 inque uicem ducis inuicti conuicia suffert.
 Confremuere omnes. Tandem clamore represso
 cogitur inuitos aeger dimittere amores
 intactamque pio reddit Chryseida patri
 multaque dona super. Quam cunctis notus Vlixes 65
 impositam puppi patrias deuexit ad arces
 atque iterum ad classes Danaum sua uela retorsit.
 Protinus infesti placantur numina Phoebi
 et prope consumptae uires redduntur Achiuis.
 Non tamen Atridae Chryseidis excidit ardor: 70
 maeret et amissos deceptus luget amores.
 Mox rapta magnum Briseide priuat Achillem
 solaturque suos alienis ignibus ignes.
 At ferus Aeacides nudato protinus ense
 tendit in Atriden et, ni sibi reddat honestae 75
 munera militiae, letum crudele minatur,
 nec minus ille parat contra defendere se ense.
 Quod nisi casta manu Pallas tenuisset Achillem,
 turpem caecus amor famam liquisset in aeuum
 gentibus Argolicis. Contempta uoce minisque 80
 inuocat aequoreae Pelides numina matris
 ne se Plistheniden contra patiat inultum.
 At Thetis audita nati prece deserit undas
 castraque Myrmidonum iuxta petit et monet armis

abstineat dextram ac congressibus; inde per auras 85
 emicat aetherias et in aurea sidera fertur.
 Tunc genibus regis sparsis affusa capillis:
 "Pro nato ueni genetrix en ad tua supplex
 numina, summe parens; ulciscere meque meumque
 corpus ab Atrida, quodsi permittitur illi 90
 ut flammis impune mei uiolarit Achillis,
 turpiter occiderit superata libidine uirtus."
 Iuppiter haec contra: "Tristes depone querelas,
 magni diua maris, mecum labor iste manebit.
 Tu solare tui maerentia pectora nati." 95
 Dixit. At illa leues caeli delapsa per auras
 litus adit patrium gratasque sororibus undas.
 Offensa est Iuno: "Tantum" que ait, "optime coniunx,
 Doride nata ualet, tantum debetur Achilli,
 ut mihi quae coniunx dicor tua quaeque sororis 100
 dulce fero nomen, dilectos fundere Achiuos
 et Troum renouare uelis in proelia uires?
 Haec ita dona refers nobis? sic diligor a te?"
 Talibus incusat dictis irata Tonantem
 inque uicem summi patitur conuicia regis. 105
 Tandem interposito lis Ignipotente resedit
 conciliumque simul genitor dimittit Olympi.
 Interea sol emenso decedit Olympo
 et dapibus diui curant sua corpora largis;
 inde petunt thalamos iucundaque dona quietis. 110

II

Nox erat et toto fulgebant sidera mundo
 humanumque genus requies diuumque tenebat,

cum pater omnipotens Somnum uocat atque ita fatur:
 "Vade age per tenues auras, lenissime diuum,
 Argolicique ducis celeri pete castra uolatu 115
 dumque tuo premitur sopitus pondere dulci,
 haec illi mandata refer: cum crastina primum
 extulerit Titana dies noctemque fugarit,
 cogat in arma uiros incautumque occupet hostem."
 Nec mora: Somnus abit leuibusque per aera pennis 120
 deuolat in thalamos Agamemnonis: ille sopore
 corpus inundatum leni prostratus habebat.
 Ad quem sic loquitur curarum operumque leuator:
 "Rex Danaum, Atrida, uigila et mandata Tonantis
 quae tibi iussa simul delatus ab aethere porto, 125
 accipe: cum primum Titan se emerit undis,
 fortibus arma iube socios aptare lacertis
 et petere Iliacos instructo milite campos."
 Dixit, et has repetit per quas modo uenerat auras.
 Interea lucem terris dedit ignea lampas. 130
 Conuocat attonitus iussis Pelopeius heros
 in coetum proceres remque omnibus ordine pandit:
 cuncti promittunt socias in proelia uires
 hortanturque ducem. Quorum rex fortia dictis
 pectora collaudans grates agit omnibus aequas. 135
 Hic tunc Thersites, quo non deformior alter
 uenerat ad Troiam nec lingua proteruior ulli,
 bella gerenda negat patriasque hortatur ad oras
 uertere iter, quem consiliis illustris Vlixes
 correptum dictis sceptro percussit eburno. 140
 Tum uero ardescit conceptis litibus ira:
 uix telis caruere manus, ad sidera clamor
 tollitur et cunctos pugnandi corripit ardor.

Tandem sollertis prudentia Nestoris aeuo
 compressam miti sedauit pectore turbam 145
 admonuitque duces dictis responsa recordans
 temporis illius, quo uisus in Aulide serpens
 consumpsit uolucrum bis quattuor arbore fetus
 atque ipsam inualido pugnantem corpore contra
 addidit extremo natorum funere matrem. 150

Tunc "sic deinde" senex "moneo remoneboque, Achiui:
 in decimo labor est, Calchas quem dixerat, anno,
 quo caderet Danaum uictricibus Ilion armis."
 Assensere omnes, laudatur Nestoris aetas
 conciliumque simul dimittitur. Arma parari 155
 dux iubet atque animos aptare et pectora pugnae.
 Postera lux tacitas ut primum dispulit umbras
 et nitidum Titan radiis caput extulit undis,
 protinus armari socios iubet acer Atrides
 et petere Iliacos instructo milite campos. 160

Vos mihi nunc, Musae - quid enim non ordine nostis? -,
 nomina clara ducum clarosque referte parentes
 et dulces patrias: nam sunt haec munera uestra.
 Dicamus quot quisque rates ad Pergama duxit
 et coeptum peragamus opus, sitque auctor Apollo 165
 aspiresetque libens operi per singula nostro.
 Peneleos princeps et bello Leitus acer,
 Arcesilaus atrox Prothoenorque Cloniusque
 Boeoti decies quinas egere carinas
 et tumidos ualido pulsarunt remige fluctus. 170

Inde Mycenaëis Agamemnon moenibus ortus,
 quem sibi bellatrix delegit Graecia regem,
 centum egit plenas armato milite puppes;
 et bis tricenis Menelai nauibus ardor
 insequitur totidemque ferox Agapenor's ira; 175
 quos iuxta fidus sollerti pectore Nestor
 consilioque potens gemina cum prole suorum
 it ter tricenis munitus in arma carinis.
 At Schedius uirtute potens et Epistrophus ingens,
 gloria Myrmidonum, saeui duo robora belli, 180
 longa quaterdenis pulsarunt aequora proris
 et bis uicenas Polypoetes atque Leonteus
 instruxere rates ornatas milite forti.
 Euryalus Sthenelusque duces et fortis in armis
 Tydides ualido pulsarunt remige pontum: 185
 bis quadragenas onerarunt milite puppes;
 Ascalaphusque potens et Ialmenus, acer uterque,
 ter denas ualido compleverunt remige naues
 et bis uicenas Locrum fortissimus Aïax
 instruxit puppes totidemque Euhaemone natus, 190
 quos iuxta Graium murus comitatur Achilles
 cum quinquaginta materna per aequora uectus.
 Thessalici iuuenes Phidippus et Antiphus ibant
 altaque ter denis pulsarunt aequora proris
 et tribus assumptis ratibus secat aequora Teucer 195
 Tlepolemusque nouem Rhodius, quos uiribus acer
 Eumelus sequitur, minus una naue profectus

quam duxit Telamone satus Salaminus Ajax.
Ast Prothous Magnes Tenthredone natus et una
Euboeae magnis Elephenor finibus ortus 200
Dulichiusque Meges, animisque insignis et armis,
Aetola de gente Thoas Andraemone natus,
hi quadragenas omnes duxere carinas;
et bis sex Ithaci naues sollertia duxit,
quem sequitur totidem ratibus Telamonius Ajax, 205
egregia uirtute potens; simul horrida Guneus
ire bis undenis temptabat in arma carinis.
Idomeneus et Meriones, Cretaeus uterque,
bis quadragenis muniti nauibus ibant;
et totidem puppes clara de gente Menestheus 210
duxit Athenaeus, quot uiribus ambit Achilles;
Amphimachusque ferox et Thalpius, Elide nati,
et clara uirtute Polyxenus atque Diores,
hi bis uicenas onerarunt milite puppes.
Protesilaus agit totidem fortisque Podarces 215
instructas puppes, quot duxit Oileos Ajax;
et septem Poeante satus tulit arma carinis,
quem sequitur iuxta Podalirius atque Machaon,
altaque ter denis sulcarunt aequora proris.
His ducibus Graiae Troiana ad litora puppes 220
bis septem uenere minus quam mille ducentae.
Iamque citi appulerant classes camposque tenebant,
cum pater ad Priamum mittit Saturnius Irim,
quae doceat fortes uenisse ad bella Pelasgos.
Nec mora: continuo iussu capit arma parentis 225

Priamides Hector totamque in proelia pubem
 festinare iubet portisque agit agmen apertis.
 Cui fulgens auro cassis iuuenile tegebat
 omni parte caput, munibat pectora thorax
 et clipeus laeuam, dextram decorauerat hasta 230
 ornabatque latus mucro; simul alta nitentes
 crura tegunt ocreae, quales decet Hectoris esse.
 Hunc sequitur forma melior, tunc fortis in armis,
 belli causa Paris, patriae funesta ruina,
 Deiphobusque Helenusque simul fortisque Polites 235
 et sacer Aeneas, Veneris certissima proles,
 Archelochusque Acamasque ferox Antenore creti;
 nec non et proles generosa Lycaonis ibat
 Pandarus et magnae Glaucus uirtutis in armis
 Amphiusque et Adrastus et Asius atque Pylaeus. 240
 Ibat et Amphimachus Nastesque, insignis uterque,
 magnanimique duces Odiusque et Epistrophus ingens
 Euphemusque ferox clarusque aetate Pyraechmes,
 cum quibus et Mesthles atque Antiphus et bonus armis
 Hippothous uenere Acamasque et Pirous una, 245
 Arsinooque sati Chromiusque atque Ennomus, ambo
 florentes aetate uiri, quos Phorcus et ingens
 Ascanius sequitur, simul et Iouis inclita proles
 Sarpedon claraque satus tellure Coroebus.
 His se defendit ducibus Neptunia Troia 250
 uicissetque dolos Danaum, ni fata fuissent.

III

Iamque duae stabant acies fulgentibus armis,
cum Paris, exitium Troiae funestaque flamma,
armatum aduerso Menelaum ex agmine cernit
seque uelut uiso perterritus angue recepit 255
ad socios amens. Quem postquam turpiter Hector
confusum terrore uidet: "O dedecus" - inquit -
"aeternum patriae generisque infamia nostri,
terga refers? At non dubitabas hospitis olim
expugnare toros, cuius nunc defugis arma 260
uimque times. Vbi sunt uires, ubi cognita nobis
ludorum quondam uaria in certamina uis est?
Hic animos ostende tuos: nihil adiuuat armis
nobilitas formae: duro Mars milite gaudet.
Dum iaceas in amore tuo, nos bella geremus 265
scilicet et nostrum fundemus in hoste cruorem.
Aequius aduersis tecum concurrat in armis
impiger Atrides, spectet Danaumque Phrygumque
depositis populus telis. Vos, foedere iuncto,
aduersas conferte manus, decernite ferro." 270
Dixit. Quem contra paucis Priameius heros:
"Quid nimis indignis" - inquit - "me uocibus urges,
o patriae, germane, decus? Nam nec mihi coniunx
prauaque luxuria est potior uirtutis honore
nec uires temptare uiri dextramque recuso, 275
dummodo uictorem coniunx cum pace sequatur."
Dicta refert Hector: placuit sententia Grais.
Protinus accitur Priamus sacrisque peractis

foedera iunguntur. Post haec discedit uterque
depositis populus telis campusque patescit. 280

Interea toto procedit ab agmine Troum
pulcher Alexander, clipeoque insignis et hasta.
Quem contra paribus fulgens Menelaus in armis
constitit et: "Tecum mihi sint certamina" - dixit -
"nec longum nostra laetabere coniuge, quae te 285
mox raptum ire gemet, tantummodo Iuppiter adsit."
Dixit et aduersum se concitat acer in hostem.
Ille uirum forti uenientem reppulit ictu
seque gradu celeri recipit longeque frementem
hastam deinde iacit, quam deuitauit Atrides 290
inque uicem misso fixisset corpora telo
praedonis Phrygii, ni uastum ferrea pectus
texisset lorica uiri septempllice tergo.
Insequitur iuxta clamor; tum aduersus uterque
constitit et galeam galea terit et pede plantam 295
coniungit stridetque mucro mucrone corusco;
corpus collectum tegitur fulgentibus armis.
Non aliter fortes nitida de coniuge tauri
bella gerunt uastisque replent mugitibus auras.
Atque diu rigido captabant corpora ferro, 300
cum memor Atrides raptae sibi coniugis instat
Dardaniumque premit iuuenem. Mox ense rigente
cedentem retro dum desuper appetit hostem,
splendidus extremas galeae percussus ad oras
dissiluit mucro; gemuerunt agmina Graium. 305
Tum uero ardescit, quamuis manus ense carebat,
et iuuenem arrepta prosternit casside uictor
ad socios traheretque, et, ni caligine caeca
texisset Cytherea uirum subiectaque mento

fortia rupisset laxatis uincula nodis, 310
 ultimus ille dies Paridi foret. Abstrahit auro
 fulgentem galeam secum Menelaus et ardens
 in medios mittit proceres rursusque recurrit
 et magnam ualidis contorsit uiribus hastam
 in cladem Phrygii, sua quem Venus eripit hosti 315
 et secum in thalamos defert testudine cultos.
 Ipsa dehinc Helenam muris accersit ab altis
 Dardanioque suos Paridi deducit amores.
 Quem tali postquam conspexit uoce locuta est:
 "Venisti mea flamma, Paris, superatus ab armis 320
 coniugis antiqui? Vidi puduitque uidere,
 arreptum cum te traheret uiolentus Atrides
 Iliacoque tuos foedaret puluere crines.
 Nostraque - me miseram! - timui ne Doricus ensis
 oscula discuteret; totus mihi, mente reuineta, 325
 fugerat ore color sanguisque reliquerat artus.
 Quis te cum saeuo contendere suasit Atrida?
 An nondum uaga fama tuas peruenit ad aures
 de uirtute uiri? Moneo ne rursus inique
 illius tua fata uelis committere dextrae." 330
 Dixit. Tum largis perfudit fletibus ora.
 Tristis Alexander: "Non me superauit Atrides,
 o meus ardor" - ait - "sed castae Palladis ira.
 Mox illum nostris succumbere turpiter armis
 aspicias aderitque meo Cytherea labori." 335
 Post haec amplexus per mutua corpora iunctis
 incubuit membris Cygneidos; illa soluto
 accepit flammam gremio Troiaeque suasque.
 Interea toto Menelaus in agmine Troum

quaerit Alexandrum uictorque huc fertur et illuc. 340
Quem frater socias acuens in bella cateruas
adiuuat et forti pulsos Phrygas increpat ore
seruarique iubet leges Helenamque reposit.

IV

Dumque inter sese proceres certamen haberent,
concilium omnipotens habuit regnator Olympi 345
foederaque intento turbauit Pandarus arcu,
te, Menelae, petens; laterique uolatile telum
incidit et tunicam ferro squamisque rigentem
dissecat. Excedit pugna gemebundus Atrides
castraque tuta petit, quem doctus ab arte paterna 350
Paeoniis curat iuuenis Podalirius herbis,
itque iterum in caedes horrendaque proelia uictor.
Armauit fortes Agamemnonis ira Pelasgos
et dolor in pugnam cunctos communis agebat.
Bellum ingens oritur multumque utrimque cruoris 355
funditur et totis sternuntur corpora campis
inque uicem Troumque cadunt Danaumque cateruae
nec requies datur ulla uiris: sonat undique Mauors
telorumque uolant cunctis e partibus imbres.
Occidit Antilochi rigido demersus in umbras 360
ense Thalysiades optataque lumina linquit.
Inde manu forti Graiorum terga prementem
occupat Anthemione satum Telamonius Ajax
et praedurato transfixit pectora telo:

purpuream uomit ille animam cum sanguine mixtam, 365
 ora rigat moriens. Tum magnis Antiphus hastam
 uiribus aduersum conatus corpore toto
 torquet in Aeaciden; telumque errauit ab hoste
 inque hostem cecidit, transfixit et inguina Leucon:
 concidit infelix prostratus uulnere forti 370
 et carpit uirides moribundus dentibus herbas.
 Impiger Atrides casu commotus amici
 Democoonta petit teloque aduersa trabali
 tempora transadigit uaginaque horridus ensem
 eripit; ille suis moriens resupinus in armis 375
 concidit et terram moribundo uertice pulsat.
 Iamque Amarynciden saxi deiecerat ictu
 Piros Imbrasides dederatque silentibus umbris;
 dumque auidus praedae iuuenem spoliare parabat,
 desuper hasta uenit dextra librata Thoantis 380
 perque uiri scapulas animosaque pectora transit;
 in uultus ruit ille suos calidumque cruorem
 ore uomit stratusque super sua palpitat arma.
 Sanguine Dardanii manabant undique campi,
 manabant amnes passim. Pugnabat ubique 385
 immixtis ardens amborum exercitus armis
 et modo Troianis uirtus, modo crescit Achiuis
 laetaque per uarios petitur uictoria casus.

V

Hic postquam Danaum longe cedentia uidit

agmina Tydides tumidumque increscere Martem, 390
 in medias acies, qua plurimus imminet hostis,
 irruit et uersas prosternit caede phalangas;
 huc illuc ensemque ferox hastamque coruscat.
 Bellica Pallas adest flagrantiaque ignibus arma
 adiuuat atque animos iuueni uiresque ministrat. 395
 Ille, boum ueluti uiso grege saeua leaena,
 quam stimulat ieiuna fames, ruit agmina contra
 et prostrata necat uesano corpora dente,
 sic ruit in medios hostes Calydonius heros,
 uirginis armigerae monitis et numine tutus. 400
 Conuersi dant terga Phryges, fugientibus ille
 instat et exstructos morientum calcat aceruos.
 Dumque ferit sternitque uiros, uidet ecce Daretis
 aduerso stantes furibundus in agmine natos,
 Phegeaque Idaeumque simul; quem cuspide Phegeus 405
 occupat ante graui, sed uulnera depulit umbo
 uitatumque solo ferrum stetit. Haud mora: totis
 ingentem torquet Tydides uiribus hastam
 transadigitque uiri pectus: pars cuspidis ante
 eminent et prodit scapulis pars altera fossis. 410
 Hunc ubi fundentem calidum de pectore flumen
 uersantemque oculos animamque per ora uomentem
 conspexit frater, stricto celer aduolat ense
 germanique cupit fatorum exsistere uindex.
 Sed neque uim saeui nec fortia sustinet arma 415
 Tydidae contraque tamen defendere temptat.
 Vt uolucris, discerpta sui cum corpora nati
 accipitrem laniare uidet nec tendere contra,
 auxilium neque ferre suo ualet anxia nato
 quodque potest, leuibus plaudit sua pectora pennis, 420
 sic hostem Idaeus germani caede superbum

spectat atrox miseroque nequit succurrere fratri
 et, nisi cessisset, dextra cecidisset eadem.
 Nec minus in Teucros armis furit alter Atrides
 insequiturque acies et ferro funera miscet. 425
 Obuius huic fatis occurrit ductus iniquis
 infelix Odius, quem uastae cuspidis ictu
 sternit et ingenti scapulas transuerberat hasta.
 Hinc petit Idomeneus aduersa parte ruentem
 Maeoniden Phaestum, cuius post funera laetus 430
 et Strophio genitum Stygias demittit ad umbras.
 Meriones Phereclum librata percutit hasta
 Pedaeumque Meges. Tum uastis horridus armis
 Eurypylus gladio uenientem Hypsenora fundit
 et pariter uita iuuenem spoliauit et armis. 435
 Parte alia uolitat sinuoso Pandarus arcu
 Tydidenque oculis immensa per agmina quaerit;
 quem postquam Troum sternentem corpora uidit,
 horrida contento derexit spicula cornu
 et summas umeri destringit acumine partes. 440
 Tum uero ardescit iuuenis Calydonius ira
 in mediasque acies animosi more leonis
 fertur et Astynomum, magnum quoque Hypirona fundit,
 comminus hunc gladio, iaculo ferit eminus illum;
 inde premit Polyidon Abantaque cuspidem forti 445
 et notum bello Xanthum uastumque Thoonem.
 Post hos infestus Chromiumque et Echemmona telo
 proturbat celeri pariterque ad Tartara mittit.
 Tu quoque Tydidam prostratus, Pandare, dextra

occidis, infelix, accepto uulnere tristi, 450
 dextera qua naris fronti coniungitur imae;
 dissipat et cerebrum galeae cum parte reuulsum
 ossaque confossa spargit Tydideus ensis.
 Iamque manum Aeneas simul et Calydonius heros
 contulerant, iactis inter se comminus hastis; 455
 undique rimabant inimico corpora ferro,
 et modo cedebant retro, modo deinde coibant.
 Postquam utrique diu steterant nec uulnera magnus
 qua daret infesto Tydides ense uidebat,
 saxum ingens medio quod forte iacebat in agro, 460
 bis seni quod uix iuuenes tellure mouerent,
 sustulit et magno conamine misit in hostem.
 Ille ruit prostratus humi cum fortibus armis,
 quem Venus aetherias genetrix delapsa per auras
 accipit et nigra corpus caligine condit. 465
 Non tulit Oenides animo nebulasque per ipsas
 fertur et in Venerem flagrantibus irruit armis,
 et neque quem demens ferro petat inspicit aruis
 caelestemque manum mortali uulnerat hasta.
 Icta petit caelum terris Cytherea relictis 470
 atque ibi sidereae queritur sua uulnera matri.
 Dardanium Aenean seruat Troianus Apollo
 accenditque animos iterumque ad bella reducit.
 Undique consurgunt acies et puluere caelum
 conditur horrendisque sonat clamoribus aether. 475
 Hic alius rapido deiectus in aequora curru
 proteritur pedibusque simul calcatur equorum
 atque alius uolucris traiectus corpora telo
 quadrupedis tergo pronus ruit; illius ense
 deiectum longe caput a ceruice cucurrit; 480

hic iacet exanimis fuso super arma cerebro:
 sanguine manat humus, campi sudore madescunt.
 Emicat interea Veneris pulcherrima proles
 densaque Graiorum premit agmina nudaque late
 terga metit gladio funestaque proelia miscet. 485
 Nec cessat spes una Phrygum fortissimus Hector
 sternere caede uiros atque agmina uertere Graium.
 Vt lupus in campis pecudes cum uidit apertis
 (non actor gregis ipse, comes non horrida terret
 turba canum), fremit esuriens et neglegit omnes 490
 in mediosque greges auidus ruit, haut secus Hector
 inuadit Danaos et territat ense cruento.
 Deficiunt Graiorum acies, Phryges acrius instant
 attolluntque animos: geminat uictoria uires.
 Vt uidit socios infesto cedere Marte, 495
 rex Danaum sublimis equo uolat agmina circum
 hortaturque duces animosque in proelia firmat.
 Mox ipse in medios audax se proripit hostes
 oppositasque acies stricto diuerberat ense.
 Vt Libycus cum forte leo procul agmina uidit 500
 laeta boum passim uirides errare per herbas,
 attollit ceruice iubas sitiensque cruoris
 in mediam erecto contendit pectore turbam,
 sic ferus Atrides aduersos fertur in hostes
 infestasque Phrygum proturbat cuspide turmas. 505
 Virtus clara ducis uires accendit Achium
 et spes exacuit languentia militis arma:
 funduntur Teucri, Danai laetantur ouantes.
 Tandem hic Aenean immisso tendere curru
 conspicit Atrides: stricto concurrere ferro 510
 comparat et iaculum, quantum furor ipse mouebat,
 uiribus intorquet, quod detulit error ab illo

pectus in aurigae stomachoque infigitur alto;
 ille ruens ictu media inter lora rotasque
 uoluitur et uitam calido cum sanguine fundit. 515
 Ingemit Aeneas curruque animosus ab alto
 desilit et ualido Crethona <que> comminus ictu
 Orsilochumque ferit, quorum post funera uictus
 Paphlagonum ductor Menelai concidit armis,
 Antilochique Mydon. Post hos Iouis inclita proles 520
 Sarpedon bellum funestaque proelia miscet.
 Quem contra infelix non aequis dimicat armis
 Tlepolemus magno satus Hercule, sed neque uires
 hunc seruare patris nec tot potuere labores,
 quin caderet tenuemque daret de corpore uitam. 525
 Saucius egreditur medio certamine belli
 Sarpedon fraudisque subit commentor Vlixes
 et septem iuuenum fortissima corpora fundit.
 Hinc pugnat patriae columen Mauortius Hector,
 illinc Tydides: sternuntur utrimque uirorum 530
 corpora per campos et sanguine prata rigantur.
 Pugnata bellipotens casta cum Pallade Mauors
 ingentemque mouet clipeum, quem sancta uirago
 egit et extrema percussum cuspide caedit
 attonitumque simul caelum petere ipsa coegit. 535
 Hic ille aetherio queritur sua uulnera regi
 saucius et magni genitoris iurgia suffert.

VI

Interea magnis Acamantem uiribus Ajax
 interimit uastumque capit Menelaus Adrastum

et rapit ad classes manibus post terga reuinctis, 540
 ut ui deducat laetos ex hoste triumphos.
 Incumbunt Danai, cedit Troiana iuuentus
 tergaque nuda tegit. Sensit Mauortius Hector
 pro Danais pugnare deos ualidasque suorum
 uirginis armigerae subduci numine uires 545
 continuoque petit muros Hecubamque uocari
 imperat et diuae placari numina suadet.
 Protinus armatas innuptae Palladis arces
 Iliades subeunt: festis altaria sertis
 exornant caeduntque sacras ex more bidentes. 550
 Dumque preces Hecube supplex ad templa Mineruae
 pro caris genetrix natis et coniuge fundit,
 interea Glaucus stricto decernere ferro
 cum Diomede parat nomenque genusque roganti
 qui sit et unde ferat, magnis cum uiribus hastam 555
 mittere temptabat; temptanti Aetolius heros:
 "Quo ruis?" - exclamat - "quae te, scelerate, furentem
 mens agit imparibus mecum concurrere telis?
 Hospitis arma uides, Veneris qui uulnere dextram
 perculit et summo pupugit certamine Martem. 560
 Pone truces animos infestaque tela coerce."
 Post haec inter se posito certamine pugnae
 commutant clipeos inimicaque proelia linquunt.

VII

Colloquium petit interea fidissima coniunx
 Hectoris Andromache paruumque ad pectora natum 565

Astyanacta tenet, cuius dum maximus heros
 oscula parua petit, subito perterritus infans
 conuertit timidos materna ad pectora uultus
 terribilemque fugit galeam cristamque comantem.
 Vtque caput iuuenis posito detexerat aere, 570
 protinus infantem geminis amplectitur ulnis
 attollensque manus: "Precor, o pater optime" - dixit -
 "ut meus hic, pro quo tua numina, natus, adoro,
 uirtutes patrias primis imitetur ab annis."
 Haec ait et portis acies petit acer apertis, 575
 una deinde Paris. Postquam in certamina uentum est,
 protinus in medium procedit maximus Hector
 Graiorumque duces inuictis prouocat armis.
 Nec mora: continuo fraudis commentor Vlixes
 et ferus Idomeneus et notus gente paterna 580
 Meriones Graiumque simul dux acer Atrides
 Aiacesque duo <et> claris speciosus in armis
 Eurypylus magnoque Thoas Andraemone natus
 quique manum Veneris uiolauit uulnere tristi
 procedunt; aberat nam Troum terror Achilles 585
 et cithara dulci durum lenibat amorem.
 Ergo ubi deiectis auratam regis Atridae
 sortibus in galeam magnus processerat Aiax,
 principio iactis committunt proelia telis:
 mox rigidos stringunt enses et fortibus armis 590
 decernunt partesque oculis rimantur apertas
 et modo terga petunt, duros modo fortibus ictus
 depellunt clipeis; ingens ad sidera clamor
 tollitur et uastis impletur uocibus aer.
 Non sic saetigeri exacuunt feruoribus iras 595
 pectoribusque petunt uastis, modo dentibus uncis 596
 fortia terga premunt spumantque per ora uicissim; 598

fumiferae nubes concretaque fulgura et ignes
 iactantur magnoque implentur murmure siluae. 600
 Tales Priamides ardorque Aiakis in armis 601
 alterni librant gladios et uulnera miscent. 597
 Tandem animis teloque furens Telamonius Ajax 602
 insignem bello petit Hectora, quaque patebat
 nuda uiri ceruix, fulgentem derigit ensem.
 Ille ictum celeri praeuidit callidus astu 605
 tergaque summisit ferrumque umbone repellit.
 Sed leuis extremas clipei perlabitur oras
 ensis et exiguo ceruicem uulnere libat.
 Acrius impugnans rursus consurgit in hostem
 Priamides nec iam ferro Telamone creatum, 610
 sed magno saxi iactu petit. At ferus Ajax
 ingentem clipeo septemplice reppulit ictum
 et iuuenem saxo percussum sternit eodem.
 Quem leuat exceptum Grai inimicus Apollo
 integratque animum; iam rursus ad arma coibant 615
 stringebantque iterum gladios, cum fessus in undas
 coeperat igniferos Titan immergere currus
 noxque subire polum: iuxta mittuntur, utrosque
 qui dirimant a caede uiros, nec segnius illi
 deponunt animos. Tunc bello maximus Hector: 620
 "Quae te terra uirum, qui te genuere parentes?
 Viribus es proles generosa atque inclita" - dixit.
 At contra se ferre parat Telamonius Ajax:
 "Hesiona de matre uides Telamone creatum,
 nobilis est domus et fama generosa propago." 625
 Hector, ut Hesionae nomen casusque recordans:
 "Absistamus" - ait - "sanguis communis utrique est",
 et prior Aeaciden aurato munerat ense
 inque uicem, quo se bellator cinxerat Ajax,
 accipit insignem uario caelamine balteum. 630

Post haec extemplo Graium Troumque cateruae
 discedunt caelumque tegit nox atra tenebris.
 Implentur dapibus largis Bacchique liquore
 atque auidi placido tradunt sua corpora somno.
 Postera cum primum stellas Aurora fugarat, 635
 in coetum uenere Phryges. Tunc maximus Hector
 cum sociis memorans hesternae funera caedis
 suadet ut inuictis Helene reddatur Achiuis
 praedaeque quae duros Menelai mulceat ignes
 idque placet cunctis. Tunc saeuo missus Atridae 640
 pertulit Idaeus Troum mandata; neque ille
 aut animum praedae aut dictis accommodat aures,
 ultro etiam castris Idaeum excedere iussit.
 Paruit is monitis iterumque ad castra reuersus
 Troiae contemptum duro se reddit ab hoste. 645
 Interea Danaei confusi caede suorum
 ingentes struxere pyras collectaque passim
 fortia tradiderunt sociorum corpora flammis.
 Tum renouant fossas et uallum robore cingunt.

VIII

Vt nitidum Titan radiis patefecerat orbem, 650
 conuocat in coetum superos Iouis et monet, armis
 ne contra sua dicta uelint contendere diui.
 Ipse per aetherias caeli delabatur auras
 umbrosisque simul consedit montibus Idae.
 Inde acies uidet Iliacas dextraque potenti 655
 sustinet auratas aequato pondere lances
 fataque dura Phrygum casusque expendit Achiuum
 et Graium clades grauibus praeponderat armis.
 Interea Danaos ingenti concitus ira

Priamides agit et totis grauis imminet armis 660
 unum quippe decus Phrygiae. Turbantur Achiui
 Doricaque ingenti complentur castra tumultu.
 Hortatur socios muris inclusus Atrides
 languentesque animos iuuenum in certamina firmat.
 Princeps Tydides fulgens ardentibus armis 665
 per medios hostes immani pondere fertur.
 Hic illi occurrit fatis Agelaus iniquis,
 telum immane manu quatiens, quem maximus heros
 occupat et duro medium transuerberat ense.
 Hinc Phrygas Aiacis uastis protectus in armis 670
 Teucer agit spargitque leues in terga sagittas.
 Gorgythiona ferum letali uulnere fundit;
 mox alias acies petit aurigamque superbi
 Hectoris obtruncat, quem saxo Troius heros
 occupat excussoque incautum proterit arcu. 675
 Ast illum fidi rapiunt de caede sodales
 prostratumque leuant. Ruit undique turbidus Hector
 aduersasque acies infesta cuspide terret.
 Se rursus Danaï turbati caede suorum
 conuertunt iterumque leues in castra cateruae 680
 confugiunt portasque obiecto robore firmant.
 At Phryges obsidunt inclusos aggere Graios
 excubituque premunt muros flammisque coronant.
 Cetera per campos sternunt sua corpora pubes
 indulgentque mero curas<que> animosque resoluunt. 685

IX

Attoniti Danaum proceres discrimine tanto
 nec dapibus releuant animos nec corpora curant,
 sed miseri sua fata gemunt. Mox Nestore pulsi

legatos mittunt dextramque hortantur Achillis,
 ut ferat auxilium miseris. Thetideius heros 690
 nec Danaum capit aure preces nec munera regis
 ulla referre cupit; non illum redditus ignis
 aut intacta suo Briseis corpore mouit.
 Irrita legati referunt responsa Pelasgis
 et dapibus curant animos lenique sopore. 695

X

Alterius tenebrae tarde labentibus astris
 restabatque super tacitae pars tertia noctis,
 cum Danaum iussu castris Aetolius heros
 egreditur sociumque sibi delegit Vlixem,
 qui secum tacitae sublustri noctis in umbra 700
 scrutetur studio quae sit fiducia Troum
 quidue agitent quantasue parent in proelia uires.
 Dumque iter horrendum loca pernoctata pauentes
 carpebant, uenit ecce Dolon, quem Troia pubes
 miserat, ut Danaum sollerti pectore uires 705
 perspiceret sensusque ducum plebisque referret.
 Quem procul ut uidit socius Diomedis Vlixes,
 abdiderant occultantes sua corpora furtim
 post densos frutices, dum spe percussus inani
 Tros Eumediades cursu praecederet illos, 710
 ne facile oppressus gressum in sua castra referret.
 Post, ubi transierat fidens animoque manuque,
 prosiluire uiri iuuenemque euadere cursu
 conantem capiunt ferroque manuque minantur.
 Ille timore pauens: "Vitam concedite" - dixit -, 715
 "hoc unum satis est; quodsi perstatis in ira,

quanta ex morte mea capietis praemia laudis?
 At si cur ueniam tacitis exquiritis umbris:
 maxima Troia mihi currum promisit Achillis
 si uestras cepisset opes. Haec dona secutus 720
 in dubios casus, coram quod cernitis ipsi,
 infelix cecidi. Nunc uos per numina diuum,
 per mare, per Ditis fluctus obtestor opaci,
 ne rapere hanc animam crudeli caede uelitis.
 Haec pro concessa referetis dona salute: 725
 consilium Priami regis remque ordine gentis
 expediam Phrygiae." Postquam quid Troia pararet
 cognouere uiri, fauces mucrone recluso
 detrudunt iuuenis. Post haec tentoria Rhesi
 intrant atque ipsum somno uinoque sepultum 730
 obtruncant spoliantque uirum fusosque per herbam
 exanimant socios. Tum tristi caede peracta
 praeda umeros onerant, multo et candore nitentes
 Thracas equos rapiunt, quos nec praecederet Eurus
 nec posset uolucris cursu superare sagitta. 735
 Inde iterum Argolicas primae sub tempore lucis
 ad classes redeunt, quos Nestoris accipit aetas
 ac recipit portis. Postquam sua castra tenebant,
 facta duci referunt: laudat Pelopeius heros,
 fessaque iucundae tradunt sua membra quieti. 740

XI

Lux exorta uiros in pristina bella remisit,
 instaurantque animos recreato milite pugnae
 Dardanidum Danaumque duces: uolat undique nubes
 telorum et ferro ferrum sonat, undique mixtis
 inter se strident mucronibus: instat utrimque 745

densa acies mixtusque fluit cum sanguine sudor.
 Tandem feruenti Danaum rex concitus ira
 Antiphon ingenti prostratum uulnere fundit
 Pisandrumque simul fratremque ad bella ruentem
 Hippolochum; post hos gladio petit Iphidamanta. 750
 Hic frater dextram iaculo ferit; ille dolore
 acrior accepto fugientem Antenore natum
 persequitur traxitque ferox cum uulnere poenas.
 Hector tunc pugnae subit acri concitus ira
 Priamides et percussos agit undique Graios; 755
 nec Paris hostiles cessat prosternere turmas
 Eurypylique femur contento uulnerat arcu.

XII

Incumbunt Troes, fugiunt in castra Pelasgi
 uiribus exhaustis et uastis undique firmant
 obicibus muros. Tum saxo Martius Hector 760
 perfringit portas ferrataque robora laxat.
 Inrumpunt aditus Phryges atque in limine primo
 restantes sternunt Graios ualloque cateruas
 deturbant, alii scalas in moenia poscunt
 et iaciunt ignes: auget uictoria uires. 765
 De muris pugnant Danai turresque per altas.
 Saxa uolant, subeunt acta testudine Troes
 ascenduntque aditus et portis uiribus instant.
 Turbati fugiunt omnes iam castra Pelasgi
 et scandunt puppes. Vrget Troiana iuuentus 770
 telaque crebra iacit: resonat clamoribus aether.

XIII

Neptunus uires Danais animumque ministrat:
pugna ingens oritur, furit istinc hostis et illinc.
Idomenei dextra cadit Asius; Hector atrocem
Amphimachum obtruncat nec non occumbit in armis 775
Anchisae gener Alcahous, quem fuderat ense
magnanimus ductor Rhytieus. Tunc feruidus hasta
Deiphobus ferit Ascalaphum mergitque sub undas.

XIV

Hector ubique ferus uiolento pectore saeuit,
quem saxo ingenti percussum maximus Ajax 780
depulit et toto prostratum corpore fudit.
Concurrit Troiana manus iuuenemque uomentem
sanguineos fluctus Xanthi lauere fluentis.
Inde iterum ad pugnam redeunt; fit maxima caedes
amborum et manat tellus infecta cruore. 785
Polydamas ualido Prothoenora percutit ictu,
Archelochumque Antenoriden Telamonius Ajax,
Boeotumque Acamas Promachum, quem sternit atrocis
Penelei dextra; inde cadit Priameia pubes

XV

[acrius insurgunt Troes ad Achaica bella] 790
pulsa metu uallumque et muros aggere saeptos 792
transiliunt, alii fossas uoluuntur in ipsas.
Aduolat interea Danaum metus impiger Hector:
confugiunt iterum ad classes Agamemnonis alae 795

atque inde aduersis propellunt uiribus hostem.
Fit pugna ante rates, saeuit Mauortius Hector
et poscit flammam totamque incendere classem
apparat. Huic ualidis obsistit uiribus Aiax,
stans prima in puppi, clipeoque incendia saeua 800
sustinet et solus defendit mille carinas.
Hinc iaciunt Danae robustae cuspidis hastas,
illinc ardentis taedas Phryges undique iactant;
per uastos sudor pignantum defluit artus.

XVI

Non ualet ulterius cladem spectare suorum 805
Patroclus subitoque armis munitus Achillis
prouolat et falsa conterret imagine Troas.
Qui modo turbabant Danaos animoque fremebant,
nunc trepidi fugiunt, fugientibus imminet ille
perturbatque ferox acies uastumque per agmen 810
sternit et ingenti Sarpedona uulnere fundit
et nunc hos cursu nunc illos praeterit ardens
proeliaque horrendi sub imagine uersat Achillis.
Quem postquam socias miscentem caede cateruas
turbantemque acies respexit feruidus Hector, 815
tollit atrox animos uastisque immanis in armis
occurrit contra magnoque hunc increpat ore:
"Huc, age, huc conuerte gradum, fortissime Achilles:
iam nosces ultrix quid Troica dextera possit
et quantum bello ualeat fortissimus Hector. 820
Nam licet ipse suis Mauors te protegat armis,
inuito tamen haec perimet te dextera Marte."
Ille silet spernitque minas animosaque dicta,
ut quem mentitur uerus credatur Achilles.
Tunc prior intorquet collectis uiribus hastam 825

Dardanides, quam prolapsam celeri excipit ictu
 Patroclus redditque uices et, mutua dona, 827
 obicit et saxum ingenti cum pondere missum, 827a
 quod clipeo excussum uiridi tellure resedit. 828
 Tunc rigidos stringunt enses et comminus armis
 inter se miscent, donec Troianus Apollo 830
 mentitos uultus simulati pandit Achillis
 denudatque uirum, quem bello maximus Hector
 pugnantem falsis postquam deprendit in armis,
 irruit et iuuenem nudato pectore ferro
 traicit et uictor Vulcania detrahit arma. 835

XVII

Vindicat extincti corpus Telamonius Ajax
 oppositoque tegit clipeo. Priameia pubes
 laetitia exsultat, Danai sua uulnera maerent.

XVIII

Interea iuuenis tristi cum pube suorum
 Nestorides in castra ferunt miserabile corpus. 840
 Tunc ut Pelidae aures diuerberat horror,
 palluit infelix iuuenis, calor ossa reliquit;
 membra simul lacrimans materno innectit amictu,
 deflens Aeacides tristi de caede sodalis;

unguibus ora secat comptosque in puluere crines 845
 deformat, scindit firmo de pectore uestes
 et super exstincti prostratus membra sodalis
 crudeles fundit questus atque oscula figit.
 Mox ubi depositi gemitus lacrimaeque quierunt:
 "Non impune mei laetabere caede sodalis, 850
 Hector" - ait - "magnoque meo, uiolente, dolori
 persolues poenas atque istis uictor in armis,
 in quibus exsultas, fuso moriere cruore."
 Post haec accensus furiis decurrit ad aequor
 fortiaque arma Thetin supplex rogat: illa relictis 855
 fluctibus auxilium Vulcani protinus orat.
 Excitat Aetnaeos calidis fornacibus ignes
 Mulciber et ualidis fuluum domat ictibus aurum.
 Mox effecta refert diuinis artibus arma.
 Euolat inde Thetis. Quae postquam magnus Achilles 860
 induit, in clipeum uultus conuertit atroces.
 Illic Ignipotens mundi caelauerat arcem
 sideraque et liquidis redimitas undique nymphis
 [fecerat et mire liquidas Nereidos arces]
 Oceani terras et cinctum Nerea circum
 astrorumque uices dimensaque tempora noctis, 865
 quattuor et mundi partes, quantum Arctos ab Austro
 et quantum occasus roseo distaret ab ortu,
 Lucifer unde suis, unde Hesperus unus uterque
 exoreretur equis, et quantum in orbe mearet
 Luna caua et nitida lustraret lampade caelum; 870
 addideratque fretis sua numina: Nerea magnum
 Oceanumque senem nec eundem Protea semper,

Tritonasque feros et amantem Dorida fluctus;
 fecerat et liquidas mira Nereidas arte.
 Terra gerit siluas horrendaque monstra ferarum 875
 fluminaque et montes cumque altis oppida muris,
 in quibus exercent leges annosaque iura
 certantes populi; sedet illic aequus utrisque
 iudex et litem discernit fronte serena.
 Parte alia castae resonant Paeana puellae 880
 dantque choros molles et tympana dextera pulsat;
 ille lyrae graciles extenso pollice chordas
 percurrit septemque modos modulatur auenis:
 carmina componunt mundi resonantia motum.
 Rura colunt alii, sulcant grauia arua iuueni 885
 maturasque metit robustus messor aristas
 et gaudet pressis immundus uinitor uuis;
 tondent prata greges, pendent in rupe capellae.
 Haec inter mediis stabat Mars aureus armis,
 quem diua poesis reliquae circaque sedebant 890
 anguineis maestae Clotho Lachesisque capillis.

XIX

Talibus ornatus donis Thetideius heros
 in medias acies immani turbine fertur,
 cui uires praebet casta cum Pallade Iuno

dantque animos iuueni. Vidit Cythereius heros 895
 occurritque uiro, sed non cum uiribus aequis
 Aeacidae nec compar erat, tamen ira coegit
 conferre inuictis iuuenem cum uiribus arma.
 Quem nisi seruasset magnarum rector aquarum,
 ut profugus laetis Troiam repararet in aruis 900
 Augustumque genus claris submitteret astris,
 non clarae gentis nobis mansisset origo.
 Inde agit Aeacides infesta cuspide Teucros
 ingentemque modum prosternit caede uirorum,
 sanguinis Hectorei sitiens. At Dardana pubes 905
 confugit ad Xanthi rapidos perterrita fluctus
 auxiliumque petit diuini fluminis; ille
 instat et in mediis pugnatur gurgitis undis.
 Ira dabat uires; stringuntur sanguine ripae
 sparsaque per totos uoluuntur corpora fluctus. 910

XX

At Venus et Phrygiae gentis tutator Apollo
 cogunt in Danaos Xanthi consurgere fluctus,
 ut fera terribili miscentem proelia dextra
 obruat Aeaciden; qui protinus undique totis
 exspatiatur aquis et uasto gurgite praeceps 915
 uoluitur atque uirum torrentibus impedit undis
 praetardatque gradus. Ille omni corpore saeuas
 contra pugnat aquas aduersaque flumina rumpit
 et modo disiectos umeris modo pectore uasto
 propellit fluctus. Quem longe prouida Iuno 920

asseruit, rapidae quia cederet, ignibus, undae,
 sanctaque pugnarunt inter se numina diuum.
 Rursus agit Phrygias ingenti caede cateruas
 horridus Aeacides bellique ardore resumpto
 funereas acies horrendaque proelia miscet. 925
 Non illum uis ulla mouet, non saeua fatigant
 pectora bellando; uires successus adauget.
 Percussi dubitant trepida formidine Troes
 atque intra muros exhausta paene salute
 confugiunt portasque obiecto robore firmant. 930

XXI

Vnus tota salus in quo Troiana manebat
 Hector adest, quem non durae timor undique mortis,
 non patriae tenuere preces, quin obuius iret
 et contra magnum contendere uellet Achillem.
 Quem procul ut uidit tectum caelestibus armis, 935
 [ante oculos subito uisa est Tritonia Pallas]
 pertimuit clausisque fugit sua moenia circum
 infelix portis, sequitur Nereius heros:
 in somnis ueluti, cum pectora terruit ira,
 hic cursu super insequitur, fugere ille uidetur, 940
 festinantque ambo, gressum labor ipse moratur,
 alternis poterant insistere coepta periclis,
 nec requies aderat, timor undique concitat iras.

XXII

Spectant de muris miseri sua fata parentes
 pallentemque uident supremo tempore natum 945
 quem iam summa dies suprema luce premebat.
 Huic subito ante oculos similis Tritonia fratri
 occurrens iuuenem simulato decipit ore;
 nam cum Deiphobi tutum se credidit armis,
 transtulit ad Danaos iterum sua numina Pallas. 950
 Concurrent iactis inter se comminus hastis
 inuicti iuuenes: hic uastis intonat armis,
 ille hostem ualidum nequiquam umbone repellit
 alternisque ferox mutat congressibus ictus.
 Sudor agit riuos, ense terit horridus ensis 955
 collatusque haeret pede pes et dextera dextrae.
 Hastam iam manibus saeuus librabat Achilles 958
 inque uirum magnis emissam uiribus egit, 957
 quam praeterlapsam uitauit callidus Hector.
 Exclamant Danai. Contra Priameius heros 960
 uibratum iaculum Vulcania torquet in arma.
 Nec successus adest: nam duro inflectitur auro
 dissiluitque mucro. Gemuerunt agmina Troum.
 Concurrent iterum collatis fortiter armis
 inque uicem duos euitant comminus enses. 965
 Nec sufferre ualet ultra sortemque supremam
 stantemque Aeaciden defectis uiribus Hector.
 Dumque retro cedit fraternaue rebus in artis
 respicit auxilia et nullam uidet esse salutem,
 sensit adesse dolos. Quid agat? quae numina supplex 970
 inuocet? et toto languescunt corpore uires
 auxiliumque negant; retinet uix dextera ferrum,
 nox oculos inimica tegit nec subuenit ullum

defesso auxilium; pugnat moriturus et alto
 corde premit gemitus. Instat Nereius heros 975
 turbatumque premit procul undique; tunc iacit hastam
 et medias rigida transfixit cuspide fauces.
 Exsultant Danaï, Troes sua uulnera deflent.
 Tunc sic amissis infelix uiribus Hector:
 "En concede meos miseris genitoribus artus, 980
 quos pater infelix multo mercabitur auro:
 dona feres uictor. Priami nunc filius orat,
 te Priamus, dux ille ducum, quem Graecia solum
 pertimuit: si, nec precibus nec munere uictus,
 nec lacrimis miseri nec clara gente moueris, 985
 afflicti miserere patris: moueat tua Peleus
 pectora pro Priamo, pro nostro corpore Pyrrhus."
 Talia Priamides. Quem contra durus Achilles:
 "Quid mea supplicibus temptas inflectere dictis
 pectora, quem possem direptum more ferarum, 990
 si sineret natura, meis absumere malis?
 Te uero tristesque ferae cunctaeque uolucres
 diripient, auidosque canes tua uiscera pascent.
 Haec ex te capient Patrocli gaudia manes,
 si sapiunt umbrae." Dum talia magnus Achilles 995
 ore truci iactat, uitam miserabilis Hector
 reddidit. Hunc animi nondum satiatus Achilles
 deligat ad currum pedibusque exsanguia membra
 ter circum muros uictor trahit; altius ipsos
 fert domini successus equos. Tum maximus heros 1000
 detulit ad Danaos foedatum puluere corpus.
 Laetantur Danaï, plangunt sua uulnera Troes
 et pariter captos deflent cum funere muros.

XXIII

Interea uictor defleti corpus amici
funerat Aeacides pompasque ad funera ducit. 1005
Tum circa tumulum miseros rapit Hectoris artus
et uapido cineri ludorum indicit honores.
Tydides tyrsin cursu pedibusque ferocem
Merionem superat; luctando uincitur Ajax
cuius decepit uires Laertius astu; 1010
caestibus aduersis cunctos superauit Epeos
et disco forti Polypoetes depulit omnes
Merionesque arcu. Tandem certamine misso
in sua castra redit turbis comitatus Achilles.

XXIV

Flent miseri amissum Phryges Hectora totaque maesto 1015
Troia sonat planctu; fundit miseranda querelas
infelix Hecube saeuisque arat unguibus ora
Andromacheque suas scindit de pectore uestes,
heu tanto spoliata uiro. Ruit omnis in uno
Hectore causa Phrygum, ruit hoc defensa senectus 1020
afflicti miseranda patris, quem nec sua coniunx
turbaque natorum nec magni gloria regni
oblitum tenuit uitae, quin iret inermis
et solum inuicti castris se redderet hostis.
Mirantur Danaum proceres, miratur et ipse 1025
Aeacides animum miseri senis; ille trementes

affusus genibus tendens ad sidera palmas
 haec ait: "O Graiae gentis fortissime Achilles,
 o regnis inimice meis, te Dardana solum
 uicta tremit pubes, te sensit nostra senectus 1030
 crudelem nimium. Nunc sis mitissimus oro
 et patris afflictis genibus miserere precantis
 donaque quae porto miseri pro corpore nati
 accipias; si nec precibus nec flecteris auro,
 in senis extremis tua dextera saeuat annis: 1035
 saltem saeua pater comitabor funera nati!
 Nec uitam mihi nec magnos concedere honores,
 sed funus crudele meum! Miserere parentis
 et pater esse meo mitis de corpore disce.
 Hectoris interitu uicisti Dardana regna, 1040
 uicisti Priamum: sortis reminiscere uictor
 humanae uariosque ducum tu respice casus."
 His tandem precibus grandaeuum motus Achilles
 alleuat a terra corpusque exsanguie parenti
 reddidit Hectoreum. Post haec sua dona reportat 1045
 in patriam Priamus tristesque ex more suorum
 apparat exsequias extremaque funera ducit.
 Tum pyra construitur, qua bis sex corpora Graium
 quadrupedesque adduntur equi currusque tubaeque
 et clipei galeaeque cauae argutaque tela. 1050
 Haec super ingenti gemitu componitur Hector:
 stant circum Iliades matres manibusque decoros
 abrumpunt crines laniataque pectora plangunt:
 illo namque rogo natorum funera cernunt.
 Tollitur et iuuenum magno cum murmure clamor 1055
 flebilis: ardebat flamma namque Ilion illa.
 Inter quos gemitus laniato pectore coniunx
 prouolat Andromache mediosque immittere in ignes
 se cupit Astyanacta tenens, quam iussa suarum
 turba rapit. Contra tamen omnibus usque resistit, 1060

donec conlapsae ceciderunt robora flammae
inque leues abiit tantus dux ille fauillas.

Sed iam siste gradum finemque impone labori,
Calliope, uatisque tui moderare carinam,

Remis quem cernis stringentem litora paucis, 1065

Iamque tenet portum metamque potentis Homeri.

Pieridum comitata cohors, summitte rudentes

Sanctaque uirgineos lauro redimita capillos

Ipsa tuas depone lyras. Ades, inclita Pallas,

Tuque faue cursu uatis iam, Phoebe, peracto. 1070

Livro I

Mostra-me, Deusa, a ira do soberbo Pelida,⁸²
a qual causou tristes funerais aos miseráveis gregos,
entregou ao Orco⁸³ as fortes almas dos heróis
e deu às bocas dos cães e das aves, para serem arrastados,
os membros exangues daqueles, insepultos os ossos. 5
De fato, cumpria-se o desígnio do rei supremo⁸⁴,
por quem os peitos em discórdia avançaram em conflitos,
o Atrida⁸⁵ portador do cetro e Aquiles, ilustre na guerra.
Que deus os levou a combater com terrível cólera?
O filho de Latona⁸⁶ e do grande Júpiter. Ele enviou 10
ao coração do rei dos pelasgos⁸⁷ a paixão hostil
e envolveu os corpos dos dânaos⁸⁸ em funesta doença.
Na verdade, um dia Crises, envolto nas têmporas com fitas
solenes⁸⁹, chorou por consolos da filha raptada,
odiosos dias e odiosas horas da noite 15
passou e encheu os ares com incessantes gemidos.
Como nenhum dia aliviava sua alma da tristeza
e nenhum consolo abrandava os choros paternos,
ele se dirige ao acampamento dos dânaos e, lançado aos joelhos do Atrida,
suplica, miserável, pelos deuses e pela honra real, 20
que lhe seja devolvida a sua filha, a razão de sua vida.
Simultaneamente ele mostra os presentes, os mirmidões⁹⁰ são convencidos
por suas lágrimas e decidem que Criseida deve ser devolvida ao pai.

⁸² Isto é, Aquiles, filho de Peleu.

⁸³ Infernos.

⁸⁴ Ou seja, Júpiter, o pai dos deuses do Olimpo.

⁸⁵ São dois os filhos de Atreu: Agamêmnon e Menelau. Aqui se trata de Agamêmnon, chefe dos exércitos gregos que lutam contra os troianos.

⁸⁶ Isto é, o deus Apolo.

⁸⁷ Sinônimo de gregos.

⁸⁸ Outro substantivo para designar os gregos.

⁸⁹ Fitas sagradas que os sacerdotes atavam na cabeça.

⁹⁰ Povo da Tessália, do qual Aquiles era o rei, aqui designa os gregos de maneira geral.

O Atrida, porém, nega, e desprezando a piedade, ordena que
 Crises saia do acampamento: o amor cruel se adere 25
 até a medula dos ossos, e o desejo nocivo despreza os pedidos.
 O desprezado sacerdote retorna aos templos de Febo⁹¹
 e, aflito, corta a face esquelética com as unhas hostis,
 arranca os cabelos e golpeia as idosas têmeoras.
 Em seguida, quando os gemidos e lágrimas se acalmaram, 30
 acusa com tais palavras os sacros ouvidos do profético⁹² deus:
 “De que me adianta, Déléfico, eu ter honrado tuas vontades,
 ou ter levado uma vida casta por muitos anos?
 Ou de que adianta ter posto os sacros fogos nos altares,
 se agora eu, teu sacerdote, sou humilhado pelo inimigo estrangeiro? 35
 Acaso estes são os dons ofertados à abandonada velhice?
 Se sou caro a ti, que eu esteja seguro sob tua vingança.
 Ou se, ignorante, cometi alguma falta para que
 fosse castigado diante de um grave crime, ó, por que pára a tua destra?
 Toma os arcos sagrados, e volta contra mim as tuas flechas: 40
 certamente o causador da morte será um deus. Eis! Traspassa
 o culpado pai. Por que a filha expia os erros do pai
 e, miserável, suporta o leito do cruel inimigo?”
 Dissera. Aquele, movido pela súplica do seu vate, ataca
 os dânaos com lutos hostis e a peste envia sobre todos 45
 os homens: a multidão de gregos cai por todos os lados,
 a custo a terra basta para as piras, a custo o ar para as chamas,
 faltava campo para os túmulos. Já as estrelas da nona noite
 tinham passado e o décimo dia iluminara o mundo,
 quando o ilustre Aquiles convoca os chefes dos dânaos 50
 para assembleia e encoraja o Testórida⁹³ a revelar as causas
 da peste inimiga. Então Calcante consulta as vontades
 divinas, ao mesmo tempo a causa e o fim dos males
 encontra e, temendo falar, mas assegurado no poder de Aquiles,

⁹¹ Isto é, Apolo.

⁹² Apolo era o deus dos oráculos. O mais famoso deles era o oráculo de Delfos, daí o vocativo Déléfico, no verso 32.

⁹³ O adivinho Calcante, filho de Testor.

diz isto: “Aplaquemos as vontades do hostil Febo 55
e devolvamos a casta Criseida ao pai piedoso,
se quisermos, dênaos, adentrar os portos da salvação”.

Dissera. Subitamente se inflamou a violência do rei:
primeiro, ele repreende o Testórida com palavras amargas
e o chama de mentiroso. Depois censura o grande Aquiles 60
e, por sua vez, ele atura os insultos do herói invencível.

Todos bramiram juntos. Por fim, cessado o barulho,
é forçado, triste, a renunciar aos forçados amores
e devolve Criseida intacta ao piedoso pai,
além de muitos presentes. Ulisses, conhecido por todos, 65
transportou-a, colocada sobre a popa, até as cidadelas pátrias,
e novamente virou suas velas para as esquadras dos dênaos.

Imediatamente as vontades do hostil Febo são aplacadas
e são devolvidas aos aquivos⁹⁴ as forças quase esgotadas.

Contudo, a paixão do Atrida por Criseida não cessou: 70
lamenta-se e, desiludido, chora os perdidos amores.

Sem demora, despoja Aquiles da raptada Briseida
e alivia suas chamas com as chamas alheias.

Porém o feroz Eácida,⁹⁵ desnudando logo a espada,
avança contra o Atrida e, se não lhe restituísse os prêmios 75
da honrada campanha, ameaça-o de morte cruel;

não menos aquele, com a espada, prepara-se em resposta para a defesa.

Pois se a casta Palas⁹⁶ não tivesse segurado Aquiles com a mão,
o cego amor teria deixado para sempre torpe fama
aos povos argólicos⁹⁷. Desprezadas as palavras e ameaças, 80
o Pelida invoca os poderes da aquática mãe⁹⁸

para não permanecer sem vingança diante do Plistênida⁹⁹.

Porém Tétis, tendo ouvido o pedido do filho, deixa as ondas,
vem para perto do acampamento dos mirmidões, e o aconselha a manter

⁹⁴ O mesmo que gregos.

⁹⁵ Aquiles, filho de Peleu e neto de Éaco.

⁹⁶ Palas Atena, deusa da sabedoria.

⁹⁷ Isto é, os gregos.

⁹⁸ A divindade marinha Tétis, casada com o mortal Peleu.

⁹⁹ Agamêmnon, que seria sobrinho de Plístenes.

a destra afastada das armas e combates; de lá, pelos ares 85
etéreos se ergue e é levada às áureas estrelas.

Então ela, de cabelos soltos, lança-se aos joelhos do rei:
“Vim em favor do filho, eis, a mãe suplicante dos teus
poderes, ó pai supremo; vinga a mim e à minha
prole contra o Atrida; se, porém, é permitido a ele 90
ter ultrajado impunemente os amores de meu Aquiles,
vergonhosamente a virtude sucumbirá, vencida pela devassidão”.

Estas coisas em resposta, Júpiter: “Deixa as tristes queixas,
deusa do grande mar, comigo estará esta tarefa.
Tu, consola o coração aflito do teu filho”. 95

Disse. E ela, tendo descido do céu por tênues ares,
aproxima-se do litoral paterno e das ondas queridas às irmãs.
Juno ficou ofendida: “Tanto”, e disse, “ótimo esposo,
pode a filha de Dóris¹⁰⁰, tanto é devido a Aquiles,
que queiras derrotar os aquivos caros a mim, 100
que sou dita tua esposa e docemente tenho o nome de irmã,
e renovar as forças dos troianos nas batalhas?
Assim entregas a nós estes presentes? Desta maneira sou amada por ti?”

Irada, com tais palavras censura o Toante¹⁰¹
e, por sua vez, ela atura os insultos do supremo rei. 105

Por fim, interpondo-se o Ignipotente¹⁰², a discussão cessa
e o pai logo dissolve a assembleia do Olimpo.
Enquanto isso o sol se põe, percorrido o Olimpo,
e os deuses cuidam dos seus corpos com faustos banquetes;
daí procuram os leitos e amenos dons do repouso. 110

Livro II

Era noite, os astros fulgiam em todo o firmamento
e o sossego envolvia a estirpe humana e a divina,

¹⁰⁰ Ou seja, Tétis.

¹⁰¹ O que troveja, um dos epítetos de Júpiter.

¹⁰² Vulcano, deus do fogo, filho de Júpiter e Juno.

quando o pai onipotente chama o Sono e assim diz:
 “Eia! Vá pelos tênues ares, o mais agradável dos deuses,
 chega, voando rápido, até o acampamento do chefe argólico¹⁰³, 115
 e enquanto ele, adormecido, é dominado por teu doce peso,
 dá-lhe estas ordens: logo que o dia de amanhã
 tiver mostrado o Titã¹⁰⁴ e expulsado a noite,
 congrega em armas os homens e ataca o inimigo surpreendido”.
 Sem demora: o Sono se vai e com ligeiras asas pelos ares 120
 voa até os aposentos de Agamêmnon: ele, deitado,
 tinha o corpo inundado por doce sono.
 A ele assim diz o diminuidor das inquietações e trabalhos:
 “Rei dos dânaos, Atrida, acorda, e as incumbências do Toante,
 que trago como ordens a ti, mal tendo baixado do éter, 125
 ouve: assim que o Titã tiver emergido das ondas,
 ordena aos aliados acomodarem as armas aos fortes braços
 e atacar, disposto o exército, os campos ílios¹⁰⁵”.
 Disse, e retoma aqueles ares por onde há pouco viera.
 Enquanto isso, a ígnea lâmpada deu luz às terras. 130
 Atônito com as ordens, o herói pelopeu¹⁰⁶ convoca
 os chefes em assembleia e, em ordem, revela o plano a todos:
 todos prometem as forças aliadas para as batalhas
 e encorajam o general. O rei, elogiando com palavras seus corajosos
 peitos, concede a todos iguais agradecimentos. 135
 Nisso então Tersites – nenhum outro mais feio que ele
 viera a Troia e nenhum mais atrevido de língua –,
 nega que se devam fazer as batalhas e instiga para as praias natais
 refazer o caminho: nele Ulisses, de conselhos ilustres,
 para corrigir as palavras, bateu com o cetro de marfim. 140
 Então na verdade a ira se inflama, despertado o litígio:
 a custo as mãos se privaram das armas, o clamor até os astros
 se eleva e o ardor de lutar arrebatava a todos.

¹⁰³ Agamêmnon.

¹⁰⁴ Hipérion (Sol), um dos titãs, filho de Gaia e Urano.

¹⁰⁵ O mesmo que troiano.

¹⁰⁶ Agamêmnon era neto de Pélope, herói que se casou com Hipodâmia e foi rei do Peloponeso.

Por fim a prudência de Nestor¹⁰⁷, sábio pela idade,
 com suave peito acalmou a turba apinhada 145
 e aconselhou os líderes com palavras, lembrando os oráculos
 daquele tempo, em que se viu em Áulis¹⁰⁸ uma serpente
 que devorou na árvore duas vezes quatro filhotes de aves
 e a própria mãe, lutando contra com frágil corpo,
 juntou à morte derradeira dos filhos. 150

Então o ancião “assim, portanto, conselho e aconselharei, aquivos:
 esforçamo-nos no décimo ano, que Calcante mencionara,
 quando Ílion cairia pelas vitoriosas armas dos dânaos.”
 Todos assentiram, a idade de Nestor é elogiada
 e ao mesmo tempo a assembleia é dissolvida. O general ordena 155
 serem preparadas as armas e adaptar os ânimos e peitos para a luta.
 Logo que a luz seguinte dissipou as silenciosas sombras
 e o Titã tirou das ondas a cabeça brilhante pelos raios,
 o impetuoso Atrida imediatamente ordena que os aliados se armem
 e ataquem os campos ilíacos, disposto o exército. 160

Vós para mim agora, Musas – o que de fato não conheceis em ordem? –
 os nomes ilustres dos chefes e ilustres pais contai
 com as doces pátrias: na verdade são estas as vossas funções.
 Digamos quantos navios cada um levou a Pérgamo¹⁰⁹,
 acabemos a obra empreendida, que Apolo seja conselheiro 165
 e inspire de boa vontade a nossa obra por cada parte.¹¹⁰
 Peneleu primeiro, e Leito, impetuoso na guerra,
 o atroz Arcesilau, e Protenor e Clônio,
 os beócios levaram dez vezes cinco quilhas
 e feriram as agitadas ondas com robusto remo. 170

¹⁰⁷ Nestor era o mais velho dos chefes gregos que acompanharam Agamêmnon durante a guerra de Troia. Ele sempre é retratado como um sábio conselheiro. Na *Ilíada*, é Ulisses, e não Nestor, que relembra este episódio.

¹⁰⁸ Os gregos, na cidade de Áulis, se reuniram e fizeram um sacrifício a Apolo, antes de partirem para Troia. Durante a solenidade, aconteceu este episódio da serpente. O adivinho Calcante o interpreta dizendo que os oito filhotes e a mãe das aves representam os nove anos de duração da guerra contra os troianos.

¹⁰⁹ Pérgamo era a cidadela de Troia, onde estava o palácio de Príamo, rei de Troia.

¹¹⁰ Este catálogo é mais resumido e confuso que em Homero. Os chefes dos gregos são reagrupados de acordo com o número de navios que levam a Troia, e de cada região proveniente. A invocação a Apolo, como deus protetor da poesia, não aparece em Homero, mas é bastante recorrente na literatura latina.

Depois Agamêmnon nascido entre as muralhas micênicas¹¹¹,
a quem a belicosa Grécia para si elegeu rei,
levou cem popas plenas, armado o exército,
e o ardor de Menelau¹¹² sucede com duas vezes trinta naus,
e outros tantos a ira feroz de Agapenor; 175
junto deles o confiável Nestor, de hábil peito
e de poderoso senso, com dois de seus filhos¹¹³
e com três vezes trinta quilhas equipado vai à guerra.
E Esquédio poderoso em bravura e o enorme Epístrofo,
glória dos Mirmidões, duas forças na guerra cruel, 180
com quarenta proas feriram os vastos mares,
e Polipetes e Leonteu equiparam duas vezes vinte
navios dotados com forte exército.
Os chefes Euríalo e Estênelo, e o forte em armas
Tidida¹¹⁴, feriram o mar com o robusto remo: 185
encheram de soldados duas vezes quarenta popas;
o poderoso Ascálafo e Iálmemo, ambos impetuosos,
encheram três vezes dez naus com robusto remo
e Ájax, o mais forte dos locros¹¹⁵, equipou duas vezes vinte
popas e outras tantas o filho de Evémon, 190
junto deles segue Aquiles, proteção dos gregos,
com cinquenta pelos mares maternos¹¹⁶ transportado.
Os jovens tessálicos Fidipo e Antifo iam,
com três vezes dez proas feriram os altos mares,
e Teucro, acrescentadas três naus, corta os mares, 195
e o ródio Tlepólemo¹¹⁷ com nove, aos quais o enérgico pelas forças
Eumelo segue, vindo com uma nave a menos

¹¹¹ Agamêmnon era da cidade de Micenas, situada no Peloponeso.

¹¹² Menelau era rei de Esparta e irmão de Agamêmnon. É marido de Helena, e junto com o irmão organiza a expedição contra Troia, junto com todos os reis da Grécia que foram pretendentes de Helena, para resgatá-la.

¹¹³ Na *Iliada* não se menciona os filhos de Nestor.

¹¹⁴ Ou seja, Diomedes, que era filho de Tideu, que participou da expedição do “sete contra Tebas”. Diomedes é um dos heróis de mais destaque na *Iliada latina*.

¹¹⁵ Temos na *Iliada* dois heróis que se chamam Ájax. Aqui, trata-se de Ájax, filho de Oileu, rei de Lócris.

¹¹⁶ Tétis, mãe de Aquiles, era uma divindade marinha.

¹¹⁷ Tlepólemo é um dos filhos de Hércules (Héracles, para os gregos).

do que o salamínio Ajax¹¹⁸, filho de Télamon, levou.

Por outro lado Prótoos da Magnésia, filho de Tentrêdon, e juntamente
 Elefenor nascido no grande território da Eubeia, 200
 e o dulíquio Meges, famoso pela coragem e armas,
 e Toante, filho de Andrémon, de etólia estirpe,
 todos estes conduziram quarenta quilhas;
 e duas vezes seis naus conduziu a astúcia do de Ítaca¹¹⁹,
 ao qual Ajax Telamônio¹²⁰ segue com outros tantos navios, 205
 poderoso por sua notável força; ao mesmo tempo Guneu
 tentava ir para a horrível guerra com duas vezes onze quilhas.
 Idomeneu e Meríone, ambos cretenses,
 iam munidos de duas vezes quarenta naus;
 e Menesteu ateniense, de ilustre estirpe, tantas 210
 popas conduziu quantas as forças com que investe Aquiles;
 Anfímaco feroz e Tálpio, filhos de Élide,
 Políxeno de ilustre coragem e Diores,
 estes encheram com soldados duas vezes vinte popas.
 Protesilau e o forte Podarces levaram tantas 215
 popas equipadas quantas conduziu Ajax Oileu¹²¹;
 e o filho de Peante trouxe os exércitos em sete quilhas,
 a quem seguem junto Podalírio e Macáon,
 que sulcaram os altos mares com três vezes dez proas.
 Com estes líderes as popas gregas aos litorais troianos 220
 vieram, duas vezes sete a menos que mil e duzentas.¹²²
 E já velozes aportaram as esquadras e ocupavam os campos,
 quando o pai satúrnio¹²³ envia Íris¹²⁴ até Príamo¹²⁵,
 para que informasse que os fortes pelasgos tinham chegado para a guerra.
 Sem demora: de imediato, por ordem paterna, toma as armas 225

¹¹⁸ Nos versos 204 e 205 sabemos que Ajax levou 12 navios para Troia.

¹¹⁹ Ulisses, o mais astuto dos gregos e rei de Ítaca.

¹²⁰ Ajax, de Salamina, filho de Télamon. Depois de Aquiles, era o mais forte dos guerreiros gregos, e protagoniza alguns dos episódios mais heroicos da *Iliada*.

¹²¹ Ajax, filho de Oileu, já mencionado no verso 189.

¹²² Na *Iliada*, Homero faz um breve catálogo dos cavalos levados pelos gregos, omitido no resumo latino.

¹²³ Júpiter, filho de Saturno.

¹²⁴ Íris é a deusa mensageira dos deuses.

¹²⁵ Rei de Troia.

o Priâmida Heitor¹²⁶, ordena apressar-se para o combate
toda a juventude e leva o exército pelas portas abertas.
O elmo de ouro brilhante cobria por toda parte
sua jovem cabeça, a couraça protegia o peito
e o escudo o lado esquerdo, a lança decorara o direito lado 230
e a espada ornava o tronco; junto brilhantes grevas
cobriam as longas pernas, como convinha a Heitor.
A este segue o maior pela beleza, então forte em armas,
Páris¹²⁷, causa da guerra, da pátria funesta ruína,
e Deífobo, Heleno, e ao mesmo tempo o forte Polites 235
e o sacro Eneias, certíssimo filho de Vênus¹²⁸,
e Arquéloco e Acamante feroz, filhos de Antenor;
e também ia a prole ilustre de Licáon:
Pândaro e Glauco, de grande valor nas armas,
e Ânfito, Adrasto, Ásio e Pileu. 240
Ia também Anfímaco e Nastes, ambos notáveis,
e os magnânimos chefes Ódio e o enorme Epístrofo,
o feroz Eufemo e Pirecmes, famoso por sua juventude,
com os quais também Mestles e Ântifo e o bom com armas
Hipótoo vieram; Acamante e Píroo juntamente, 245
os filhos de Arsínoo, Crômio e Ênomo, ambos
homens na flor da idade, os quais Forco e o enorme
Ascânio seguem, e ao mesmo tempo também o célebre filho de Júpiter,
Sarpédon, e Corebo, nascido em terra ilustre.
Com estes líderes se defende a Netúnia¹²⁹ Troia 250
e teria vencido os dolos dos dânaos, se não tivesse sido o destino.

¹²⁶ Ou seja, Heitor filho de Príamo e o melhor dos guerreiros troianos.

¹²⁷ O catálogo homérico não faz menção a Páris, que na *Ilíada* aparece no canto seguinte como um belo guerreiro. Os outros filhos de Príamo, Deífobo, Heleno e Polites, também são mencionados em Homero posteriormente, aparecendo nos combates relatados nos cantos subsequentes.

¹²⁸ Eneias é filho da deusa Vênus e do troiano Anquises. Tem papel de destaque na *Ilíada latina*, pois é a ele que remonta as origens do povo romano. Também possui certo destaque na *Ilíada* homérica.

¹²⁹ Netuno (ou Posêidon) e Apolo erigiram as muralhas de Troia, quando reinava Laomedonte, pai de Príamo.

Livro III

E já se erguiam as duas frentes de batalha em refulgentes armas
quando Páris, ruína de Troia e funesta chama¹³⁰,
distingue na multidão contrária o armado Menelau,
e como se visse uma serpente, aterrorizado refugiou-se 255
fora de si entre os aliados. Depois que Heitor o vê, vergonhosamente
confuso pelo terror, diz: “Ó desonra
eterna da pátria e infâmia da nossa estirpe,
viras as costas? Porém não vacilavas outrora em assaltar
os leitos do anfitrião¹³¹, de quem agora evitas as armas 260
e a violência temes. Onde estão as forças, onde está o vigor
muitas vezes conhecido por nós em várias disputas dos jogos?
Aqui manifesta tua coragem; de nada é útil nas armas
a notoriedade da beleza: Marte se alegra com o rude soldado.
Enquanto te deitas com teu amor, nós faremos as batalhas, 265
evidentemente, e o nosso sangue derramaremos entre o inimigo.
Com mais justiça lutaria contigo nas batalhas inimigas
o ativo Atrida¹³², e que a multidão dos dânaos e dos frígios¹³³
observe, depostas as armas. Vós, feito o pacto,
reuni as adversas mãos e decidi com a espada”. 270
Disse. Em resposta a ele pouco o Priameu herói¹³⁴ disse:
“Por que me ameaças com palavras tão indignas,
ó irmão, glória da pátria? De fato, para mim nem a esposa
nem a cega luxúria é superior à honra da bravura,
nem recuso testar as forças e a destra do marido, 275
contanto que ao vencedor a esposa, com a paz, siga”.
Heitor leva esses ditos: a sentença agradou aos gregos.
Logo Príamo é chamado e, realizados os sacrifícios,

¹³⁰ Esses versos aludem ao sonho de Hécuba, mãe de Páris, que sonhou dar à luz uma tocha. Essa menção também aparece em Virgílio (En. VII, 321).

¹³¹ Páris raptou Helena após ter sido hóspede na casa de Menelau.

¹³² Trata-se de Menelau, filho de Atreu e irmão de Agamêmnon.

¹³³ Ou seja, os troianos. Troia era uma cidade da região da Frígia.

¹³⁴ Páris, filho de Príamo e irmão de Heitor.

fecham-se os acordos. Depois disso ambos os exércitos
 se afastam, depostas as armas, e o campo aparece. 280
 Enquanto isso, avança de toda a fileira troiana
 o belo Alexandre¹³⁵, notável com escudo e lança.
 Diante dele Menelau, brilhante com iguais armas
 parou e: “que contigo eu faça as lutas” – disse –
 “e não por muito tempo vais-te alegrar com minha esposa, que em breve 285
 lamentará tu seguires arrebatado, apenas assista Júpiter.”
 Disse, e impetuoso se lança contra o inimigo defronte.
 Aquele repeliu o homem que vinha, com um forte golpe,
 defende-se com passo célere, e ao longe atira
 em seguida a lança ruidosa, a qual o Atrida evitou; 290
 e este, por sua vez, tendo lançado o dardo, teria traspassado o corpo
 do ladrão frígio, se a férrea couraça não protegesse
 o largo peito do homem com sete camadas de couro.
 Sobrevém juntamente o clamor; então frente a frente ambos
 se colocaram, e elmo se atrita contra elmo, pé contra pé 295
 se une e ressoa espada contra espada brilhante;
 o corpo recuado se defende com fulgentes armas.
 Não de outra maneira os fortes touros, por causa da bela parceira,
 fazem as batalhas e com altos mugidos enchem os ares.
 E por muito tempo buscavam os corpos com o rígido ferro, 300
 quando o Atrida, lembrando-se da esposa raptada, persegue
 e pressiona o jovem dardânio¹³⁶. Logo, enquanto ataca de cima
 com dura espada o inimigo a ceder para trás,
 a brilhante lâmina, batendo nas extremidades do elmo,
 quebrou-se; as tropas dos gregos gemeram. 305
 Então na verdade se inflama, embora a mão sentisse falta da espada,
 e o vencedor, agarrando o capacete, derruba o jovem
 e o arrastaria até os aliados, se com um cego nevoeiro
 Citereia¹³⁷ não tivesse ocultado o homem e rompido

¹³⁵ Outro nome de Páris.

¹³⁶ Dardânio, ou dardânida, é um dos sinônimos de troiano. Dárdano, que foi o fundador de Troia e antepassado de Príamo.

as fortes correias postas sob o queixo, desatando os nós, 310
aquele seria o último dia de Páris.
Menelau toma consigo o elmo de ouro brilhante, e violento,
lança-o no meio dos chefes e de novo ataca;
e com vigorosa força atirou a grande lança
para a destruição do frígio, a quem sua Vênus livra do inimigo, 315
e consigo o leva para os aposentos enfeitados com tartaruga¹³⁸.
Ela própria depois busca Helena dos altos muros
e conduz ao dardânio Páris os seus amores.
Assim que o avistou, ela lhe disse isto:
“Vieste, minha chama, Páris, superado pelas armas 320
do antigo esposo? Vi e tive vergonha de ver,
quando o violento Atrida te puxava, arrastando,
e sujava teus cabelos com a poeira ílíaca.
E temi – miserável de mim! – que a espada dórica¹³⁹ dissipasse
os nossos beijos; com a mente confusa, toda minha cor 325
fugira do rosto e o sangue deixara os membros.
Quem te persuadiu a lutar contra o cruel Atrida?
Acaso ainda não chegou aos teus ouvidos a errante fama
da bravura do homem? Aconselho-te a não querer confrontar de novo
o teu destino contra a destra dele, desigualmente.” 330
Disse. Então ela banhou o rosto com abundantes lágrimas.
O triste Alexandre: “O Atrida não me superou,
ó meu ardor” – disse, – “mas sim a ira da casta Palas¹⁴⁰.
Em breve o verás sucumbir torpemente por nossas armas
e Citereia favorecerá o meu esforço.” 335
Depois disso, enlaçado em mútuos corpos, reclinou-se
nos membros juntos da Cicneida¹⁴¹; ela acolheu
em seu suave regaço as chamas suas e as de Troia.
Enquanto isso Menelau procura Alexandre por todo o exército

¹³⁷ A deusa Vênus, que teria nascido em Citera, uma ilha ao sul do Peloponeso.

¹³⁸ A decoração do quarto era feita com escamas do casco das tartarugas.

¹³⁹ Sinônimo de grego.

¹⁴⁰ A deusa Palas Atena.

¹⁴¹ Cicneida, filha do cisne, é uma alusão à origem de Helena. Sua mãe, Leda, uniu-se a Zeus sob a forma de um cisne, e Helena nasceu de um ovo.

dos troianos e vitorioso anda para cá e para lá. 340
Seu irmão colabora incitando à guerra as tropas
aliadas, em voz alta ultraja os rechaçados frígios,
ordena respeitar o pacto e exige que Helena seja devolvida.

Livro IV

E enquanto os líderes disputavam entre si,
o onipotente governante do Olimpo convocou um concílio 345
e Pândaro violou o pacto¹⁴² com arco retesado
buscando-te, Menelau, a voadora flecha entra
nas costas e corta a túnica enrijecida com escamas
de ferro. O Atrida, gemendo, sai da batalha
e volta para o seguro acampamento, a ele, douto pela arte paterna, 350
o jovem Podalírio¹⁴³, cura com as ervas peônias,
e de novo ele volta, vitorioso, às matanças e horrendas batalhas.
A ira de Agamêmnon armou os fortes Pelasgos
e a dor comum impelia a todos para a luta.
A enorme guerra surge, muito sangue de ambos os lados 355
é derramado, e derrubam-se corpos em campos inteiros.
Sucessivamente os bandos dos troianos e dos gregos caem
e nenhuma trégua é dada aos homens. Marte soa¹⁴⁴ por todos os lados
e chuvas de dardos voam por todas as partes.
Morre, pela rígida espada de Antíloco¹⁴⁵, mergulhado nas 360
sombas, o Talísiada¹⁴⁶, que abandona as luzes agradáveis.
Depois, Ájax Telamônio, com mão forte, atinge o filho de
Antêmion¹⁴⁷, que oprimia a retaguarda dos gregos,
e atravessa seu peito com a dura lança:

¹⁴² O pacto feito, descrito no livro anterior, previa apenas a luta de Páris contra Menelau. Na *Ilíada*, é a deusa Atena que incita Pândaro a atirar a flecha.

¹⁴³ Podalírio era filho do deus Asclépio, e herdou do pai a arte de curar doenças e ferimentos. Ervas peônias são ervas curativas, do grego *paeon* (ou *paeon*), “curativa”. Na *Ilíada*, é o irmão de Podalírio, Macáon, que cura Menelau.

¹⁴⁴ Aqui, Marte apenas representa a guerra.

¹⁴⁵ Antíloco é um dos filhos de Nestor.

¹⁴⁶ O filho de Talísio, Equepolo.

¹⁴⁷ O jovem Simoésio.

ele vomita a alma purpúrea misturada com sangue 365
 e, morrendo rega a face. Então Ântifo¹⁴⁸ com grandes forças
 brande a lança contra o Eácida¹⁴⁹, impulsionado-se
 à frente de corpo inteiro; o dardo errou de inimigo
 e atingiu outro, perfurando a virilha de Lêucon:
 sucumbiu o infeliz, prostrado pela grave ferida, 370
 e, moribundo, arranca com os dentes verdes ervas.
 O impetuoso Atrida¹⁵⁰, movido pela morte do amigo,
 ataca Democoonte;¹⁵¹ com um enorme dardo, vara
 as têmporas inimigas e, horrível, arranca a espada
 da bainha; aquele, ao morrer, reclinado sobre suas armas, 375
 cai, e fere a terra com a cabeça moribunda.
 E ao Amaríncida¹⁵² derrubara com um golpe de pedra
 Píroo Imbrásida¹⁵³, entregando-o às silenciosas sombras;
 e enquanto, ávido dos despojos, preparava-se para espoliar o jovem,
 do alto vem a lança brandida pela destra do Toante 380
 e atravessa as escápulas e o peito corajoso do homem;
 aquele cai sobre o seu rosto, o quente sangue
 pela boca vomita e, estendido sobre suas armas, agita-se.
 Os campos dardânicos de todos os lados emanaram com o sangue,
 emanaram os rios a cada passo. Por todas as partes lutava 385
 o exército ardoroso de ambos com armas misturadas,
 e ora a força aumentava para os troianos, ora para os aquivos,
 e a alegre vitória é buscada por lances incertos.

Livro V

O Tidida, depois que viu ao longe as fileiras

¹⁴⁸ Um dos muitos filhos de Príamo.

¹⁴⁹ Este Eácida, aqui mencionado, não pode ser Aquiles (que havia se retirado na batalha). Trata-se de Ájax Telamônio, que assim como Aquiles, também era neto de Éaco. Este epíteto não era muito usado para designar Ájax, e frente a forma *Aeacidem*, vários manuscritos trazem o termo *Aiacem*. Daí o estranho uso do patronímico.

¹⁵⁰ Na *Iliada*, é Ulisses que vinga a morte de Lêucon, seu companheiro de batalha.

¹⁵¹ Filho ilegítimo de Príamo.

¹⁵² O filho de Amarinceu, Diores.

¹⁵³ Píroo era filho de Ímbraso.

dos dânaos a cederem, e o irado Marte aumentar, 390
 ao meio da batalha, onde o inimigo ameaça abundante,
 lança-se, e derruba em carnificina as falanges arrasadas;
 aqui e ali agita feroz a espada e a lança.
 A bélica Palas favorece, ajuda as armas ardentes
 das chamas e dá ânimo e forças ao jovem. 395
 Tal uma leoa selvagem, que, ao ver um rebanho bovino,
 inane fome estimula, e ela se lança contra a manada
 matando com violento dente os prostrados corpos,
 assim ao meio dos inimigos aquele herói Calidônio¹⁵⁴ se lança,
 protegido pelos conselhos e pelo poder da armada virgem¹⁵⁵. 400
 Os frígios se viram e dão as costas, ele persegue
 os fugitivos e esmaga montes feitos de moribundos.
 E enquanto fere e mata os homens, eis que vê, furioso,
 os filhos de Dares em pé, na fileira adversária,
 Fegeu e Ideu ao mesmo tempo; Fegeu o atinge 405
 antes com a pesada lança, mas o escudo afastou os ferimentos
 e o ferro, evitado, fincou-se no solo. Sem demora: o Tidida
 atira o enorme dardo com todas as forças
 e traspassa o peito do homem: parte da lança à frente
 se projeta, a outra parte sai pelas espáduas perfuradas. 410
 Quando o irmão o viu derramando cálido rio do peito,
 revirando os olhos e vomitando a alma pela boca,
 corre rápido com a espada desembainhada
 e deseja ser o vingador do destino do outro.
 Mas não resiste à força nem às armas fortes do cruel 415
 Tidida e, contudo, tenta por sua vez defender-se.
 Como uma ave, que ao ver o falcão trucidar
 os membros dissipados do filhote, não tem forças para lutar contra,
 nem, angustiada, para levar auxílio ao filhote
 e, o que pode, bate o peito com leves penas, 420
 assim Ideu, atroz, observa o inimigo altivo

¹⁵⁴ Diomedes era neto de Eneu, rei da Calidônia. Daí o epíteto calidônio e, no verso 466, Enida.

¹⁵⁵ A deusa Atena.

pelo massacre do irmão, não pode socorrer o infeliz
e, se não tivesse recuado, teria morrido pela mesma destra dele.
Nem o outro Atrida, em armas contra os teucros¹⁵⁶, é menos violento,
persegue as tropas e com o ferro produz mortes. 425
Ao encontro dele vem o infeliz Ódio, trazido por
iníqua sorte, o qual abate a golpe de vasta lança
e com esta, enorme, traspassa as espáduas¹⁵⁷.
Depois Idomeneu ataca Festo da Meônia, que corria do
lado adversário, e, feliz depois de matá-lo, 430
também envia para as sombras estígeas¹⁵⁸ o filho de Estrófilo.
Meríones, atirada a lança, atinge Fereclo,
e Meges, Pedeu. Então, horrível por suas grandes armas,
Eurípilo, com a espada, derrota Hipsenor que vinha
e igualmente espoliou o jovem da vida e das armas. 435
Em outra parte Pândaro, com arco sinuoso, corre,
e procura com os olhos o Tidida pela imensa fileira;
depois que o viu abatendo os corpos dos troianos,
tensionou o arco e lançou pontuda flecha:
com a ponta roça as partes altas do seu ombro. 440
Então na verdade o jovem Calidônio arde de ira
e para o meio do exército, à maneira do corajoso leão,
lança-se, derrotando Astínoo e também o grande Hipérion;
a este de perto fere com a espada, àquele, de longe, com o dardo;
daí fere Polído e Abante com a forte lança 445
e Xanto, notável na guerra, e o grande Tóon.
Depois destes, hostil, derrota Crômio e Equémon¹⁵⁹
com dardo veloz e igualmente os envia para o Tártaro¹⁶⁰.
Tu também, Pândaro, derrubado pela destra do Tidida,

¹⁵⁶ Ou seja, troianos. Teucro era rei de Tróade; com uma de suas filhas se casa Dárdano, fundador de Tróia.

¹⁵⁷ Na *Iliada*, é Agamêmnon que mata Ódio.

¹⁵⁸ Referência ao rio Estige, que é um dos rios infernais do Hades. Em Homero é Menelau, e não Idomeneu, que mata Escamandro, filgo de Estrófilo.

¹⁵⁹ Filhos de Príamo.

¹⁶⁰ O mesmo que Hades.

morres, infeliz, tendo recebido triste ferida 450
 onde a parte direita do nariz se liga embaixo à face,
 espalha o cérebro arrancado com parte do elmo
 a espada do Tidida, e dissipa os ossos traspassados.
 E já ao mesmo tempo Eneias e o herói Calidônio travaram
 combate, jogadas as lanças de perto entre si; 455
 por todas as partes buscavam os corpos com ferro inimigo,
 e ora cediam para trás, ora em seguida se encontravam.
 Depois que se postaram ambos por muito tempo, o grande Tidida não
 via como fazer feridas com a hostil espada;
 uma enorme pedra, que por acaso estava no meio do campo 460
 e a custo duas vezes seis jovens moveriam da terra,
 suspendeu, e com grande esforço jogou-a contra o inimigo.
 Ele caiu no chão, prostrado, com as fortes armas;
 a ele a mãe Vênus, descida dos etéreos ares,
 acolhe, e o corpo em negra névoa oculta. 465
 Não suportou no peito o Enida, pelas próprias névoas
 segue e contra Vênus corre com ardentes armas;
 nem, demente, olha quem ataca com o ferro nos campos
 e com a lança mortal fere a celeste mão.
 Ferida, Citereia, deixadas as terras, dirige-se ao céu 470
 e aí se queixa de suas feridas à mãe celeste¹⁶¹.
 O troiano Apolo¹⁶² protege o dardânio Eneias,
 acende os ânimos e novamente o reconduz à batalha.
 De todos os lados se elevam os exércitos, pela poeira o céu
 é escondido, e o éter ressoa com horrendos clamores. 475
 Aqui um, lançado pelo carro veloz nas planícies,
 é pisoteado e ao mesmo tempo esmagado pelas patas dos cavalos;
 outro, atravessado o corpo pelo dardo voador,
 cai rápido do dorso do quadrúpede¹⁶³; a cabeça daquele,
 cortada pela espada, correu para longe do pescoço; 480

¹⁶¹ A deusa Dione.

¹⁶² Ou seja, Apolo favorável aos troianos.

¹⁶³ Este guerreiro que combate montado a cavalo é um dos anacronismos de Bébio Itálico. Também aparece no verso 496.

este jaz morto com o cérebro derramado sobre as armas:
 com sangue a terra mana, os campos com suor se umedecem.
 Lança-se enquanto isso o belíssimo filho de Vênus,
 persegue largamente as densas tropas dos gregos, dorsos
 nus corta com a espada e funestas batalhas ocasiona. 485
 Nem cessa a esperança única dos frígios, o fortíssimo Heitor,
 de abater na carnificina os homens e de arrasar as tropas dos gregos.
 Como o lobo, quando viu nos campos abertos os animais
 (não o aterroriza nem o próprio condutor do rebanho, nem a horrível
 turba de cães que o acompanha), ruge esfomeado e desdenha tudo, 490
 correndo ávido para o meio dos rebanhos, não diversamente Heitor
 ataca os dênaos e aterroriza com a espada ensanguentada.
 As fileiras dos gregos esmorecem, os frígios mais impetuosamente atacam
 e exaltam os ânimos: a vitória duplica as forças.
 Quando viu os aliados cederem ao hostil Marte, 495
 o sublime rei dos dênaos¹⁶⁴ corre a cavalo em volta das tropas,
 encoraja os chefes e fortalece os ânimos para as lutas.
 Em seguida ele próprio, audaz, lança-se ao meio dos inimigos
 e com espada desembainhada fende as fileiras opostas.
 Como quando, por acaso, o leão líbio viu ao longe um bando 500
 gordo de bois errar em desordem pelas verdes ervas,
 levanta a juba no colo e, sedento de sangue,
 caminha de peito ereto para o meio da turba,
 assim o feroz Atrida segue aos adversos inimigos
 e com a lança põe em fuga os hostis batalhões dos frígios. 505
 A famosa coragem do chefe acende as forças dos aquivos
 e a esperança estimula as arrefecidas armas do soldado:
 são dispersados os teucros; os dênaos, gritando, regozijam-se.
 Então enfim o Atrida vê Eneias dirigir-se no carro atirado:
 com o ferro empunhado prepara-se para combater 510
 e o dardo, quanto o próprio furor movia,
 com força lança, mas um erro o afastou dele,

¹⁶⁴ Agamêmnon.

e o peito do auriga é traspassado profundamente no estômago;
este, caindo com o golpe entre o meio das rédeas e das rodas,
rola, e com sangue quente verte a vida. 515

Eneias, corajoso, geme, do alto carro
salta e com forte golpe fere de perto
Créton e Orsíloco; depois da morte deles, vencido
pelas armas de Menelau, o general dos paflagônios¹⁶⁵ é abatido;
Mídon, pelas de Antíloco. Depois deles o ilustre filho de Júpiter, 520
Sarpédon, ocasiona a guerra e funestas batalhas.

Contra ele o infeliz Tlepólemo, filho do grande Hércules,
luta com armas desiguais, mas nem as forças
nem os tantos trabalhos do pai puderam-no salvar
de cair e entregar a tênue vida do corpo. 525

Ferido, Sarpédon afasta-se do meio da disputa
bélica e Ulisses, criador de enganos, avança
e derruba sete corpos fortíssimos de jovens.

De um lado luta Heitor Mavórcio¹⁶⁶, apoio da pátria,
de outro o Tidida: em ambos os lados corpos de homens 530
se estendem pelos campos e com sangue os prados são regados.

Luta contra a casta Palas Marte, poderoso na guerra,
e move o enorme escudo, o qual a sagrada guerreira arrancou
e o fere, atingindo-o com a ponta da lança,
ela própria ao mesmo tempo o obrigou, atônito, a dirigir-se ao céu. 535

Então ele, maltratado, queixa-se de suas feridas ao rei
etéreo e sofre as censuras do grande genitor¹⁶⁷.

Livro VI¹⁶⁸

Enquanto isso Ajax, com grandes forças, mata
Acamante, Menelau captura o enorme Adrasto

¹⁶⁵ Pilêmenes é o rei dos paflagônios, povo da Ásia Menor.

¹⁶⁶ Mavórcio, isto é, de Marte. Sinônimo de belicoso, guerreiro.

¹⁶⁷ Júpiter.

¹⁶⁸ Este livro resume o canto VI da *Ilíada*, mas não completamente. O episódio do encontro de Heitor e sua esposa, Andrômaca, que encerra o sexto livro homérico, no poema latino abre o sétimo livro.

e o arrasta até as esquadras, com as mãos amarradas às costas, 540
a fim de que, por sua força, conseguisse do inimigo felizes triunfos.
Os dânaos perseguem, a juventude troiana cede
e protege os dorsos nus. Heitor Mavórcio sentiu
os deuses lutarem a favor dos dânaos e as vigorosas forças
dos seus serem subtraídas pela vontade da Virgem armígera¹⁶⁹; 545
imediatamente se dirige aos muros, ordena que Hécuba¹⁷⁰
seja chamada e aconselha que as vontades da deusa sejam aplacadas.
Logo as troianas vão às cidadelas armadas
da casta Palas: embelezam os altares com alegres guirlandas e
sacrificam, como de costume, sacras ovelhas de dois anos. 550
E enquanto a mãe Hécuba, suplicante, aos templos de Minerva¹⁷¹ derrama
preces a favor dos queridos filhos e esposo,
nisso Glauco, empunhando o ferro, prepara-se
para lutar com Diomedes, e a quem perguntava o nome,
quem era e de onde trazia a ascendência, com grande força tentava 555
atirar a lança; ao que tentava o Etólio herói¹⁷²:
“Por que te precipitas” – exclama – “que ideia te leva
em desvairio a lutar comigo, celerado, com armas desiguais?
Vês as armas do estrangeiro, que com um golpe a destra de Vênus
feriu e na última batalha lesou Marte. 560
Depõe os ferozes ânimos e detém as hostis armas.”
Depois disso entre si é abandonado o embate da luta;
trocam os escudos e abandonam as batalhas inimigas¹⁷³.

Livro VII

Enquanto isso, busca conversar a fidelíssima esposa
de Heitor, Andrômaca, e o pequeno filho Astíanax 565

¹⁶⁹ Atena, também a deusa da guerra.

¹⁷⁰ Mãe de Heitor e esposa de Príamo.

¹⁷¹ Nome latino de Atena.

¹⁷² Diomedes é descendente de Étolo, o fundador da Etólia, localizada no Peloponeso.

¹⁷³ Na *Ilíada*, é Glauco que pergunta a origem de Diomedes. Ao saber do vínculo de hospitalidade que unia seus antepassados, os dois decidem não lutar, mas sim serem amigos.

segura ao peito; e enquanto que dela o grande herói
quer os beijinhos, subitamente a criança aterrorizada
volta o tímido rosto ao materno peito,
e foge do terrível capacete de alto penacho.

Quando o jovem, deposto o bronze, descobrira a cabeça, 570
imediatamente envolve a criança com os dois braços,
e erguendo as mãos: “Peço, ó ótimo pai¹⁷⁴” – disse –
“que este meu filho, por quem adoro os teus poderes,
imite a bravura paterna desde os primeiros anos.”

Diz isso e, impetuoso, dirige-se pelas portas abertas¹⁷⁵ à 575
batalha, seguido por Páris. Depois que se chegou aos combates,
logo para o meio avança o grande Heitor
e desafia os chefes dos gregos com armas invictas.

Sem demora: imediatamente Ulisses, criador de enganos,
o feroz Idomeneu, o famoso pela estirpe paterna, 580
Meríone, e simultaneamente o chefe dos gregos, o impetuoso Atrida,
os dois Ájax, Eurípilo, belo com brilhantes
armas, e Toante, filho do grande Andrémon,
e o que violou a mão de Vênus com um golpe funesto

avancam, pois estava afastado Aquiles, terror dos troianos, 585
e com a cítara doce acalmava o cruel amor.

Então, quando lançada a sorte no elmo dourado
do rei Atrida, o grande Ájax avança;
de início começam as lutas, arremessando-se os dardos:
em seguida, desembainham as rígidas espadas, com fortes armas 590
combatem, com os olhos examinam as partes descobertas,
e ora os dorsos atacam, ora os duros golpes afastam
com fortes escudos; o enorme clamor até os astros
se eleva, e o ar é preenchido pelas altas vozes.

Nem igual os javalis aguçam as iras em ardores 595
e investem com peito largo, ora com dentes recurvos
atacam fortes dorsos, e alternadamente espumam pelas bocas;

¹⁷⁴ Ou seja, Júpiter.

¹⁷⁵ A partir desse ponto, de fato, que começa o equivalente do livro VII da *Iliada*.

nuvens enegrecidas, espessos raios e chamas
 são lançados, e com grande ruído os bosques são preenchidos. 600
 Tais o Priâmida e o ardor de Ajax na batalha
 alternadamente brandem as espadas e causam feridas.
 Por fim, no ânimo e no dardo furioso, Ajax Telemônio 602
 ataca Heitor insigne na guerra, onde se expunha
 desnudo o colo do varão direciona a brilhante espada.
 Este, hábil, prevê o golpe, com célere destreza 605
 abaixou o dorso, e com escudo o ferro repele.
 Mas a leve espada desliza pelas bordas externas
 do escudo e com pequena ferida toca o pescoço.
 Mais violento atacando, de novo se ergue contra o inimigo
 o Priâmida, e já não com o ferro ataca o filho de 610
 Télamon, mas com um grande golpe de pedra. O feroz Ajax, porém,
 repeliu o enorme golpe com o escudo de sete camadas
 e com a mesma pedra derruba o jovem, atingindo-o.
 Apolo, inimigo dos gregos, levanta-o recolhido
 e renova-lhe o ânimo; já de novo à batalha se reuniam 615
 e empunhavam pela segunda vez as espadas, quando nas ondas o
 cansado Titã começara a imergir os inflamados carros
 e a noite a avançar pelo céu: igualmente se mandam dois homens
 que separam ambos da chacina, e eles rápido
 rebaixam os ânimos. Então Heitor, o maior na guerra: 620
 “Que terra e que país te fizeram homem?
 Pelas forças, és de uma estirpe ilustre e célebre.” Disse.
 E Ajax Telamônio prepara-se para dizer em resposta:
 “Vês o filho da mãe Hesíona e Télamon,
 nobre é a casa e notável pela fama a descendência.” 625
 Heitor, como se recordasse do nome e da história de Hesíona:
 “Cessemos” – disse – “o sangue de ambos é comum”,
 e primeiro presenteia o Eácida com dourada espada;
 por sua vez, recebe um insigne cinturão de relevos coloridos,
 com que se cingira o belicoso Ajax. 630

Depois disso, logo as tropas dos gregos e dos troianos
retiram-se e a negra noite cobre o céu com sombras.
Saciam-se com banquetes abundantes e o sumo de Baco¹⁷⁶,
e ávidos cedem seus corpos ao plácido sono.

Depois, logo que a Aurora futura dispersara as estrelas, 635
à assembleia vieram os frígios. Então Heitor, o maior,
com os aliados lembrando-se das mortes do massacre da véspera,
aconselha que Helena seja devolvida aos invictos aquivos
com presentes que apaziguem as duras chamas de Menelau,
e isto agrada a todos. Então ao cruel Atrida Ideu foi enviado, 640
e levou as propostas dos troianos; e ele nem confia o
espírito ao presente nem os ouvidos às palavras,
e além disso também mandou Ideu retirar-se do acampamento.
Ele obedeceu às ordens e, de novo retornando ao acampamento de Troia,
desdenhado pelo duro inimigo torna. 645

Enquanto isso os dânaos, abatidos com a morte dos seus,
ergueram enormes piras e, indistintamente reunidos,
os corpos fortes dos aliados entregaram às chamas.
Então renovam os fossos e revestem a paliçada com carvalho.

Livro VIII

Quando o Titã com os raios iluminara o brilhante orbe, 650
Júpiter convoca os deuses em assembleia e adverte que os deuses
não lutem com armas contra os seus avisos.
Ele próprio desce pelos etéreos ares do céu
e logo se assenta nos sombreados montes do Ida.

Dali vê as tropas ilíacas, com a destra potente 655
sustém os dourados pratos igualando a balança,
pesa os duros destinos dos frígios e a sorte dos aquivos:
a ruína dos gregos pesa mais com as pesadas armas.
Enquanto isso o Priâmida, de fato a única glória

¹⁷⁶ Baco, ou Dioniso, é o deus do vinho.

da Frígia, ataca os dânaos movido por enorme ira e, forte, ameaça 660
 com o exército inteiro. Os aquivos perturbam-se
 e o acampamento dórico se enche com enorme tumulto.
 O Atrida, encerrado nos muros, exorta os aliados
 e reforça os fracos ânimos dos jovens para as lutas.
 Primeiro o Tidida, luminoso com armas brilhantes, 665
 é levado por medonho ímpeto para o meio dos inimigos.
 Então Agelau aproxima-se dele, por iníquo destino,
 agitando o dardo na medonha mão:a ele o enorme herói
 atinge e atravessa o meio com dura espada.
 Depois Teucro, protegido pelas vastas armas de Ájax, 670
 ataca os frígios e espalha pelos dorsos leves flechas¹⁷⁷.
 Derruba o feroz Gorgicião¹⁷⁸ com uma ferida letal,
 logo as outras linhas de batalha ataca e o auriga do soberbo
 Heitor mata; mas a ele o herói troiano com uma pedra
 atinge e esmaga surpreso, tombando o arco. 675
 Os leais companheiros, porém, o arrebatam da morte
 e o levantam, prostrado. Heitor furioso corre por todos os lados
 e as linhas de batalha inimigas com hostil lança aterroriza.
 Pela segunda vez os dânaos, perturbados com a morte dos seus,
 voltam-se, e de novo as tropas ligeiras para o acampamento 680
 fogem, e os portões fortificam com barreiras de carvalho.
 Porém, os frígios sitiam os gregos reclusos na trincheira,
 com sentinela pressionam os muros e cercam com chamas.
 Os outros jovens estendem seus corpos pelos campos,
 favorecem os cuidados com vinho e relaxam o espírito. 685

Livro IX

Atônitos com tamanho perigo, os chefes dos dânaos
 nem com banquetes aliviam os ânimos nem cuidam dos corpos,
 mas, miseráveis, lastimam seu destino. Logo, impelidos por Nestor,

¹⁷⁷ Na *Iliada*, Teucro permanece do lado de seu irmão Ájax, que o protege com seu escudo.

¹⁷⁸ Um dos filhos de Príamo.

enviam embaixadores e a destra exortam a Aquiles,
para que leve auxílio aos miseráveis. O Tetideu¹⁷⁹ herói 690
não acolhe com o ouvido os pedidos dos dânaos e nenhum presente do rei
deseja receber, não o move o amor restituído
ou Briseida intocada em seu corpo.
Os embaixadores levam a resposta inútil aos pelasgos,
com banquetes e doce sono aliviam os ânimos. 695

Livro X

Vacilando lentamente os astros da segunda parte das sombras,
restava ainda a terceira parte da noite silenciosa,
quando o herói etólio¹⁸⁰, por ordem dos dânaos, do acampamento
sai e escolhe para si o aliado Ulisses,
para que consigo na sombra meio clara da noite silenciosa 700
explore, com dedicação, em que se fiam os troianos,
o que pensam e quão grandes forças preparam para a batalha.
E enquanto o caminho horrendo, locais vigiados à noite, agitados
percorriam, eis que vem Dólón, o qual a juventude troiana
enviara, para que com esperto peito as forças dos dânaos 705
observasse e relatasse o plano dos chefes e dos guerreiros.
Quando de longe o viu Ulisses, aliado de Diomedes,
afastaram-se, ocultando seus corpos furtivamente
atrás de densos arbustos, até que, tomado por uma esperança inútil,
o troiano Eumedíada¹⁸¹ na corrida os passasse, 710
e, facilmente subjugado, não retornasse o passo para seu acampamento.
Depois, quando confiante em seu ânimo e mão ultrapassara,
os homens saltaram e capturaram o jovem que tentava escapar do
caminho, e com ferro e mão o ameaçam.
Este, assustado pelo temor: “Concedei a vida” – disse – 715
“só isto basta; mas, se persistis na ira,

¹⁷⁹ Isto é, Aquiles, filho da divindade marinha Tétis.

¹⁸⁰ Diomedes.

¹⁸¹ Dólón é filho de Eumedes, arauto troiano.

quantos prêmios elogiosos por minha morte recebereis?
 Se indagais, porém, porque vim pelas sombras silenciosas:
 a grande Troia prometeu-me o carro de Aquiles
 se tomasse as vossas riquezas. Este presente persegui 720
 em duvidosos ensejos, o que percebeis vós próprios em pessoa,
 e infeliz sucumbi. Agora vós, pelos poderes dos deuses,
 imploro, pelo mar, pelas ondas do escuro Dite¹⁸²,
 que não quereis tirar esta alma com cruel morte!
 Tal presente pela concedida salvação recebeis: 725
 o plano do rei Príamo, e as forças do povo frígio
 em ordem explicarei.” Depois que os homens souberam o que
 Troia preparava, com a espada desembainhada a garganta
 do jovem cortam. Depois disso, nas tendas de Reso
 entram e o próprio homem, no sono e no vinho sepulto, 730
 matam e despojam, e os aliados deitados
 pela relva, assassinam. Então, feito o triste massacre,
 carregam os ombros com os despojos, e os cavalos trácios, brilhantes
 por branco intenso, roubam, os quais nem Euro¹⁸³ precederia
 nem a flecha poderia superar em veloz corrida. 735
 De lá de novo, à hora da primeira luz, retornam
 às esquadras argólicas; a eles a velhice de Nestor escuta e
 recebe nos portões. Depois que estavam em seus acampamentos,
 os fatos ao chefe relatam: o herói Pelopeu elogia,
 e os seus fatigados membros entregam ao agradável repouso. 740

Livro XI

A luz nascente reenviou os homens para a velha batalha,
 e, refeito o exército, os chefes dos dardânidas e dos dânaos
 dispõem os ânimos para a luta: voa de todos os lados uma nuvem
 de dardos e com ferro o ferro soa; de todas as partes ressoam
 entre si com espadas misturadas: de ambos os lados ameaça 745

¹⁸² Dite é outro nome para Hades, e Dólon se refere aqui às águas dos rios infernais.

¹⁸³ Euro é um dos ventos.

a densa tropa e o suor flui misturado com sangue.
 Por fim o rei dos dânaos, movido por fervente ira,
 mata Antifonte, prostrado por enorme ferida,
 e ao mesmo tempo Pisandro e seu irmão que se lançava à batalha,
 Hipóloco; depois deles, com a espada ataca Ifidamante. 750
 Então o irmão fere a destra com dardo, e ele, mais violento com a dor
 recebida, persegue o filho de Antenor que fugia,
 e feroz com a ferida, reclama vinganças.
 Então Heitor Priâmida avança para a luta, movido pela cruel
 ira, e persegue os feridos gregos por todas as partes; 755
 nem Páris cessa de prosternar as hostis tropas,
 e com o arco tensionado fere a coxa de Eurípilo.

Livro XII

Os Troianos avançam, fogem para o acampamento os pelasgos
 com forças esgotadas, e de todas as partes fortificam os muros
 com vastas barreiras. Então, com uma pedra, Heitor Mavórcio 760
 quebra as portas e solta os carvalhos reforçados com ferro.
 Os frígios invadem a entrada e no primeiro limiar
 derrubam os gregos restantes, expulsando os batalhões
 da trincheira; outros pedem escadas para as muralhas e
 lançam chamas: a vitória aumenta as forças. 765
 Dos muros e por torres altas os dânaos lutam.
 Pedras voam, os troianos aproximam-se, feita a tartaruga¹⁸⁴,
 sobem pelo acesso e nas portas com forças ameaçam.
 Perturbados, fogem já do acampamento todos os pelasgos
 e entram nas popas. A juventude troiana pressiona 770
 e vários dardos lança: ressoa com clamores o ar.

¹⁸⁴ Esta é uma referência à formação de tartaruga, na qual os soldados fazem uma espécie de proteção, colocando os escudos acima da cabeça. Técnica do exército romano, é um dos anacronismos que Itálico coloca em seu resumo. O mesmo se pode dizer também da formação do acampamento grego, descrita nesse livro, em tudo semelhante a um acampamento de guerra romano.

Livro XIII

Netuno concede forças e ânimo aos dânaos:
surge uma luta enorme, de um e outro lado se enfurece o inimigo.
Ásio cai pela destra de Idomeneu; Heitor mata
o feroz Anfímaco e ainda morre na batalha 775
o genro de Anquises, Alcátoo, o qual o magnânimo chefe ritieu¹⁸⁵
derrubara com a espada. Então com a lança o ardente
Deífobo fere Ascálafo e o mergulha sob as ondas.

Livro XIV¹⁸⁶

E quando o feroz Heitor no violento peito se enfurece,
o enorme Ájax o afastou, ao atingi-lo com uma grande pedra, 780
e o derrubou, prostrando-o de corpo inteiro.
Aproxima-se a troiana tropa e lavaram o jovem, que
vomitava rios de sangue, nas águas do Xanto¹⁸⁷.
De lá de novo à luta retornam; faz-se enorme matança
de ambos e a terra emana, suja de sangue. 785
Polidamante com forte golpe mata Protenor;
Ájax Telamônio, o Antenórida Arquéloco¹⁸⁸;
Acamante, o beócio Prômaco, mas derruba-o a destra do
atroz Peneleu; depois cai a priameia juventude¹⁸⁹.

Livro XV¹⁹⁰

Agitada pelo medo, saltam pelas valas e pelos muros cercados 792
de terra, outros são derrubados no próprio fosso.
Enquanto isso se aproxima o medo dos dânaos, o ativo Heitor:
de novo fogem para as esquadras a tropa de Agamêmnon 795

¹⁸⁵ Ou seja, Idomeneu.

¹⁸⁶ Deste livro da *Ilíada*, Itálico resume apenas os últimos 135 versos.

¹⁸⁷ Rio que existia perto de Troia.

¹⁸⁸ Arquéloco, filho de Antenor.

¹⁸⁹ Juventude de Príamo, ou seja, troiana.

¹⁹⁰ Suprimidos da tradução o verso 790, que destoa do contexto (“mais violentamente os troianos se levantam para a guerra acaia”), no qual os troianos, desesperados, fogem.

e de lá repelem o inimigo com forças adversas.
Faz-se a luta diante dos navios, irrita-se Heitor Mavórcio,
pede chamadas, e prepara-se para incendiar toda
a esquadra. Ájax, com vigorosas forças, opõe-se a ele
de pé na primeira popa, com o escudo os incêndios cruéis 800
detém, e sozinho defende mil quilhas.
De um lado os dânaos atiram lanças de robusta ponta,
de outro os frígios lançam tochas ardentes por todos os lados;
o suor dos guerreiros escorre pelos vastos membros.

Livro XVI

Pátroclo não pode mais ver a matança dos 805
seus e, subitamente munido das armas de Aquiles,
avança, e com falsa imagem apavora os troianos.
Os que até então agitavam os dânaos e no ânimo rugiam,
agora fogem inquietos, aos que fogem ele persegue
e perturba, feroz, as frentes de batalha, pelo vasto exército 810
as derruba, e com enorme ferida mata Sarpédon;
e agora a estes pela corrida, agora àqueles ultrapassa ardente
e agita as lutas sob a imagem do terrível Aquiles.
Depois que o violento Heitor o viu, produzindo o massacre das
tropas aliadas e turbando as linhas de batalha, atroz 815
eleva os ânimos, terrível em grandes armas
dirige-se contra ele e o censura em voz alta:
“Para aqui, eia! Para aqui volta o passo, fortíssimo Aquiles:
já conhecerás o que a vingadora destra troiana pode
e quanto vale na guerra o fortíssimo Heitor. 820
Pois, ainda que o próprio Marte te proteja com suas armas,
esta destra, porém, te matará, contrariado Marte.”
Ele se cala e despreza as ameaças e palavras ousadas,
a fim de que o creiam o verdadeiro Aquiles, a que simula.
Então o Dardânida, primeiro, reunidas as forças, 825

atira a lança, a qual Pátroclo repele, derrubada com rápido
 golpe, paga na mesma moeda e, mútuos presentes, 827
 ainda atira à frente uma pedra arremessada com enorme peso: 827a
 ela, repelida pelo escudo, parou na verde terra. 828
 Então desembainham as rígidas espadas e de perto as armas
 entre si misturam, até que o troiano Apolo 830
 revela a falsa aparência do simulado Aquiles
 e desnuda o homem, o qual o maior na guerra, Heitor,
 depois que o flagra lutando em falsas armas,
 ataca: o jovem, desnudado o peito, com ferro
 ele traspassa e, vencedor, retira as armas vulcânicas¹⁹¹. 835

Livro XVII¹⁹²

Ájax Telamônio reivindica o corpo do morto
 e o protege com oposto escudo. A juventude priameia
 com alegria exulta; os dânaos choram suas feridas.

Livro XVIII

Enquanto isso o jovem Nestórida¹⁹³, com a triste juventude
 dos seus, ao acampamento leva o miserável corpo. 840
 Então, quando o horror corta os ouvidos do Pelida,
 empalideceu o infeliz jovem e o calor abandonou os ossos;
 ao mesmo tempo chorando, enlaça os membros com o manto materno¹⁹⁴,
 e o Eácida lamenta a triste morte do companheiro.

¹⁹¹ Em Homero Heitor não despoja o cadáver de Patróclo. Na verdade, no canto XVII, Heitor reouba as armas de Pátroclo dos gregos, quando eles as levam ao seu acampamento, e se veste com elas. Aqui, pode ter acontecido uma síntese dos episódios ou um lapso de Itálico. De fato, as armas de Aquiles usadas por Pátroclo foram outrora de Peleu, pai de Aquiles. As armas forjadas por Vulcano, a pedido de Tétis, são dadas a Aquiles no canto XVIII da *Iliada*, justamente para substituir as armas tomadas por Heitor.

¹⁹² Este livro é resumido drasticamente por Itálico, que menciona apenas três versos. Ele omite o longo e terrível combate entre gregos e troianos pelo corpo de Pátroclo.

¹⁹³ Se trata de Antíloco, filho de Nestor. Na *Iliada*, Antíloco apenas leva a notícia da morte de Pátroclo a Aquiles. Posteriormente, Menelau e Meríones, protegidos pelos dois Ájax, levam o corpo de Pátroclo para o acampamento dos gregos.

¹⁹⁴ Ou seja, as lágrimas; Tétis, mãe de Aquiles, é uma divindade marinha.

Com as unhas a face corta e os penteados cabelos na poeira 845
desfigura, rasga do firme peito as vestes
e, prostrado sobre os membros do morto companheiro,
dá cruéis gemidos e o cobre de beijos.
Logo, quando deixou os gemidos e as lágrimas se acalmaram:¹⁹⁵
“Não impunemente te alegrarás com a morte do meu companheiro, 850
Heitor” – disse – “por minha grande dor, ó violento,
sofrerás os castigos e, nessas armas com que exultas
vencedor, morrerás, derramado o sangue.”
Depois disso, inflamado pela ira, corre até o mar
e armas fortes a Tétis, suplicante, roga: ela, deixadas 855
as ondas, imediatamente o auxílio de Vulcano pede.
Excita as chamas do Etna nas quentes fornalhas
o Mulcíbero¹⁹⁶, e com fortes golpes doma o dourado ouro.
Logo entrega as armas feitas com artes divinas.
De lá voa Tétis. Depois que o grande Aquiles 860
as veste, ao escudo vira o rosto atroz.¹⁹⁷
Ali o Ignipotente gravara a abóbada celeste, as estrelas e terras rodeadas
em toda parte pelas líquidas ninfas¹⁹⁸ do Oceano; [fizera também,
maravilhosamente, as líquidas cidadelas de Nereide] e Nereu cingido ao redor;
a sucessão dos astros, as horas medidas da noite, 865
e as quatro partes do mundo, quanto distava a Ursa do sul,
quanto o poente do róseo nascer do sol,
donde surgia o Lucífero, donde Hespero (ambos um só)
com seus cavalos¹⁹⁹; quanto corria no orbe
a Lua minguante, e com facho resplandecente iluminava o céu; 870
e adicionara aos mares suas divindades: o grande Nereu,
o velho Oceano e o nem sempre idêntico Proteu²⁰⁰;

¹⁹⁵ Este verso é idêntico ao verso 30. Podemos perceber o paralelismo entre as cenas: tanto Crises quanto Aquiles choram por um ente querido. Crises dirige suas súplicas a Apolo, e Aquiles, a Tétis.

¹⁹⁶ Mulcíbero significa, em latim, “o que golpeia” ou “o que abrandar”. Em latim, *Mulciber* poderia vir do verbo *mulcare*, golpear, ou de *mulcere*, abrandar.

¹⁹⁷ Na *Ilíada*, a descrição do escudo de Aquiles ocorre simultaneamente à sua fabricação. Aqui, descreve-se o escudo quando ele já está nas mãos de Aquiles, através do seu olhar. Podemos perceber influência de Virgílio. Na *Eneida*, a descrição do escudo de Eneias é feita de forma semelhante.

¹⁹⁸ Divindades relacionadas às fontes e rios, aqui são genericamente identificadas por Itálico como água.

¹⁹⁹ Lucífero e Hespero designam o mesmo astro, o planeta Vênus, conhecido por seu intenso brilho.

Tritões ferozes e Dóris, amante das ondas;
fizera também as líquidas Nereidas²⁰¹ com maravilhosa arte.

A terra tem florestas e horrendos monstros das feras, 875
rios, montes e cidades de altos muros,
nas quais os povos exercem as leis e o velho direito
disputando; assenta-se ali o juiz, imparcial para as
duas partes, e o processo julga com fronte serena.

Em outra parte castas moças ressoam o Peã²⁰² 880
apresentam danças suaves e a destra agita os tambores;
com o polegar estendido, as delgadas cordas da lira
ele percorre e sete compassos modula na flauta pastoril:
os sons em ressonância compõem o movimento do mundo²⁰³.

Outros os campos cultivam, sulcam as duras terras os novilhos, 885
o robusto ceifador colhe as espigas maduras
e alegre-se com as uvas prensadas o imundo vindimador;
os rebanhos comem os prados, pendem nas rochas as cabras.

No meio, entre estas coisas, estava Marte, dourado em armas,
+ o qual a deusa da poesia restante +²⁰⁴ e ao redor se assentavam 890
as tristes Cloto e Láquesis, de cabelos de serpente.

Livro XIX²⁰⁵

Ornado com tais presentes, o Tetideu²⁰⁶ herói
em meio à batalha se lança num medonho turbilhão;
a ele Juno, com a casta Palas, concede forças,

²⁰⁰ Proteu, divindade marinha, dotado do dom da profecia e do poder de mudar de forma.

²⁰¹ As Nereidas, entre as quais se inclui Tétis, mãe de Aquiles, eram filhas de Dóris e Nereu, já mencionados acima.

²⁰² As castas moças são as Musas, que em seu canto acompanham Apolo, aqui nomeado como Peã; é ele quem toca a lira no verso 882.

²⁰³ A descrição do mundo realizada nessa passagem está de acordo com a doutrina pitagórica da harmonia entre as esferas celestes.

²⁰⁴ Mantivemos as cruzes que indicam lacuna, embora tenhamos traduzido o verso 890.

²⁰⁵ O livro XIX resume os livros XIX, XX e parte do XXI da *Ilíada*, suprimindo as assembleias dos chefes gregos e dos deuses, que constituem grande parte do enredo desses cantos. Itálico prefere destacar logo o conflito entre Aquiles e Eneas, e termina o livro resumindo o começo do canto XXI de Homero, no qual os troianos se refugiam no rio Xanto. O resto do canto XXI se resume no livro XX da *Ilíada latina*.

²⁰⁶ Aquiles, filho de Tétis.

e dão ânimo ao jovem. O Cítireu²⁰⁷ herói o vê 895
e corre contra o homem, mas não com forças equivalentes,
nem era igual ao Eácida²⁰⁸; contudo, a ira impeliu
o jovem a combater contra forças invencíveis.
Se o senhor das grandes águas²⁰⁹ não o tivesse protegido,
para que exilado restabelecesse Troia em férteis terras 900
e pusesse a augusta estirpe sob brilhantes astros,
não teria persistido até nós a origem de célebre descendência²¹⁰.
De lá o Eácida ataca com hostil lança os teucros
e um enorme número de homens derruba em massacre,
sedento do sangue de Heitor. A dardânia juventude, porém, 905
corre aterrorizada, até as rápidas vagas do Xanto,
e pede o auxílio do divino rio; ele
se aproxima e luta-se no meio das ondas do redemoinho.
A ira dava forças, são envoltas em sangue as margens
e os corpos revolvidos, dispersos por todas as vagas. 910

Livro XX

Porém Vênus e o protetor do povo frígio, Apolo,
obrigam as ondas do Xanto a se erguerem contra os dânaos
para afogarem o Eácida, que combatia duramente com a destra
terrível; o rio imediatamente por toda parte, com todas
as águas se espalha e, num vasto redemoinho, impetuoso, 915
é revolvido, prende o herói nas violentas ondas
e impede-lhe os passos. Ele com todo o corpo luta
contra as furiosas águas e fende as correntes hostis,
e ora com os ombros, ora com o peito vasto repele
as dispersadas vagas. Ao longe a prudente Juno o 920

²⁰⁷ Eneias, filho de Vênus, que teria nascido na ilha de Citera.

²⁰⁸ Aquiles, neto de Éaco.

²⁰⁹ Posêidon, em latim Netuno, deus dos mares.

²¹⁰ O mito romano atribui a Eneias a origem de seu povo. Após escapar da guerra de Troia, ele se estabelece na Itália e se torna antecessor dos gêmeos Rômulo e Remo, míticos fundadores da cidade de Roma. Augusto, primeiro imperador romano e sobrinho de Júlio César, atribuía à origem de sua família ao filho de Eneias, Ascânio. Daí a menção à descendência de Eneias nesses versos.

defendeu com fogos, porque cedia às violentas ondas,
e lutaram entre si os santos poderes dos deuses.
De novo ataca os frígios batalhões com enorme massacre
o horrendo Eácida e, renovando o ardor da guerra,
enleia fúnebres frentes de batalhas e horrendas lutas. 925
Nenhuma força o move, não se cansam combatendo
os ferozes peitos; o sucesso aumenta as forças.
Afligidos com alarmante medo, hesitam os troianos,
entre os muros, com força quase esgotada,
refugiam-se, e as portas com barreiras de carvalho fortificam. 930

Livro XXI²¹¹

Apenas um único, Heitor, em que estava toda a salvação troiana,
persiste, o qual nem o onipresente temor da dura morte
nem os pedidos dos pais impediram de ir ao encontro
e querer combater contra o grande Aquiles.
Quando o viu, ao longe, coberto por celestes armas²¹², 935
[diante dos olhos subitamente foi vista a Tritônia Palas],²¹³
ele se apavorou; cerradas as portas, foge o infeliz ao redor
de suas muralhas, e o persegue o Nereu herói²¹⁴:
como em sonhos, quando a ira aterrorizou os peitos,
este correndo persegue próximo, aquele parece fugir, 940
e se apressam ambos; o próprio esforço retarda o passo.
E assim podiam continuar as tentativas em recíprocos perigos,
nem havia descanso, e o temor de todos os lados incita as iras.

²¹¹ O canto homérico XXII se reparte na *Íliada latina* nos livros XXI e XXII. O livro XXI resume o encontro de Aquiles e Heitor. O livro XXII resume a luta entre os dois heróis, até a morte de Heitor.

²¹² As armas que o deus Vulcano fizera para Aquiles, a pedido de Tétis.

²¹³ Suprimimos da tradução do verso 936, que pelos editores é considerado uma glosa do conteúdo dos versos 947 a 950.

²¹⁴ Aquiles é filho de Tétis, por sua vez filha de Nereu, o velho do mar.

Livro XXII

Os miseráveis pais observam dos muros o seu destino
e veem o pálido filho na derradeira hora, 945
a quem o último dia já aniquilava com derradeira luz.
Subitamente diante dos olhos dele a Tritônia²¹⁵, semelhante ao irmão,
apresenta-se, e engana o jovem com simulado aspecto;
pois quando ele se julgou seguro com as armas de Deífobo,
Palas de novo levou aos dânaos os seus poderes. 950
Combatem entre si corpo a corpo, atiradas as lanças,
os invencíveis jovens: este ressoa com vastas armas,
aquele em vão com o escudo repele o inimigo forte
e feroz, troca golpes em mútuos ataques.
O suor desce em rios, a afiada espada gasta a espada 955
e junto se detém pé contra pé e destra contra destra.
O cruel Aquiles já brandia a lança nas mãos 958
e contra o homem a atirou com grandes forças: 957
a ela, esquivada, o hábil Heitor evitou.
Gritam os dânaos. Em resposta o Priameu herói 960
lança o agitado dardo contra as armas de Vulcano.
Mas sem sucesso: de fato, o dardo é curvado pelo
duro ouro e se quebra. Gemeram as tropas dos troianos.
Eles combatem de novo mais fortemente, aproximadas as armas,
e de perto evitam por sua vez as duras espadas. 965
Heitor não pode mais suportar a sorte
suprema e o Eácida de pé, abandonadas as forças.
E enquanto que para trás cede, os fraternos auxílios espera
no perigo e vê não existir nenhuma salvação,
sentiu existir dolos. O que faria? Que deuses, suplicante, 970
invocaria? E em todo corpo se extinguem as forças
e os auxílios negam; com custo a destra segura o ferro,
a noite inimiga cobre os olhos e não socorre ao fatigado

²¹⁵ Atena também é chamada de Tritônia, ou Tritogênia. A origem desses nomes é obscura, e não há etimologia satisfatória. Atena assemelha-se ao irmão de Heitor, Deífobo, nomeado no verso 949.

nenhum auxílio, luta moribundo e segura os gemidos
 no fundo do peito. O Nereu herói persegue 975
 e de longe o oprime, perturbado por todos os lados, então atira a lança
 e com a ponta dura traspassa o meio da garganta.
 Exultam os dânaos, os troianos choram suas feridas.
 Então assim, esgotadas forças, o infeliz Heitor:
 “Eia! Concede aos miseráveis genitores os meus membros, 980
 os quais o pai infeliz comprará com muito ouro:
 os presentes levarás, vencedor. Agora o filho de Príamo implora a ti;
 Príamo, aquele chefe dos chefes, que a Grécia receou
 sozinho: se nem com pedidos nem com presentes vencido,
 nem pelas lágrimas de um infeliz nem por ilustre linhagem te comoves, 985
 tem piedade do aflito pai: que Peleu comova o teu peito,
 por Príamo, e por nosso corpo, Pirro²¹⁶.
 Tais palavras o Priamida. A ele em resposta o duro Aquiles:
 “Por que tentas dobrar com suplicantes palavras o meu
 peito, tu, a quem eu poderia, despedaçado à maneira das feras, 990
 se permitisse a natureza, devorar com meus dentes?
 Na verdade as feras sombrias e todas as aves te
 despedaçarão, e as tuas vísceras alimentarão ávidos cães.
 De ti os manes²¹⁷ de Pátroclo receberão essas alegrias,
 se tiverem discernimento as sombras.” Enquanto o grande Aquiles 995
 com rosto cruel se vangloria, o miserável Heitor a vida
 entregou. Aquiles, ainda não satisfeito de espírito,
 prende-o ao carro pelos pés e os membros exangues
 por três vezes ao redor dos muros, vencedor, arrasta; o sucesso do dono
 exalta os próprios cavalos. Então o arrogante herói 1000
 levou aos dânaos o corpo desfigurado pelo pó.
 Alegram-se os dânaos, choram suas feridas os troianos,
 e igualmente lamentam com a morte e os muros tomados.²¹⁸

²¹⁶ Peleu é pai de Aquiles. Pirro, ou Neoptólemo, é filho de Aquiles. Aqui, Heitor invoca o pai e o filho de Aquiles para comove-lo.

²¹⁷ Referência às almas dos mortos, que vivem, como sombras, no Hades.

²¹⁸²¹⁸ O livro XXII de Homero termina com Andrômaca lamentando a morte de Heitor. Esse episódio é narrado no início do livro XXIV da *Ilíada latina*.

Livro XXIII²¹⁹

Enquanto isso, vencedor, o corpo do amigo chorado
celebra o Eácida, e os cortejos ao funeral conduz. 1005
Então, ao redor do túmulo, toma os miseráveis membros de Heitor,
e para a degradada cinza, mostra as homenagens dos jogos.
O Tidida, com a corrida e com os pés, supera
o feroz Meríone; ao lutar é vencido Ájax,
cujas forças o Laércio²²⁰ enganou com astúcia; 1010
com luvas de pugilato adversas superou a todos Epeu;
com o forte disco Polípetes afastou todos;
Meríone, com o arco. Por fim, acabado o combate,
para seu acampamento volta Aquiles, acompanhado de multidões.

Livro XXIV

Choram os miseráveis frígios o perdido Heitor, e toda Troia 1015
ressoa com triste pranto; derrama deplorável as queixas
a infeliz Hécuba, e com cruéis unhas sulca o rosto;
Andrômaca rasga suas vestes do peito,
ah! espoliada de tamanho homem. Ruiu unicamente em Heitor
toda a causa dos frígios, ruiu com ele a protegida velhice 1020
deplorável de um pai aflito, que nem sua esposa
e a multidão dos filhos²²¹, nem a glória do grande reino
impediu, esquecido da vida, de ir sem armas
e sozinho se dirigir ao acampamento do invicto inimigo.²²²
Os líderes dos dânaos se admiram, e o próprio Eácida 1025
admira a coragem do miserável velho; ele, lançado

²¹⁹ Este livro resume brevemente um dos mais famosos episódios da *Ilíada*: os jogos fúnebres em honra a Pátroclo.

²²⁰ Ulisses, filho de Laertes e rei de Ítaca.

²²¹ Príamo era famoso por sua prole numerosa, da qual destaca-se Heitor, Páris, Deífobo, e as filhas Cassandra (profetisa) e Creúsa, esposa de Eneias.

²²² Este livro reúne episódios de livros distintos da *Ilíada*: Os lamentos de Troia e de Andrômaca pela morte de Heitor estão no livro XXII. A ida de Príamo ao acampamento de Aquiles está no livro XXIV.

aos seus joelhos, aos astros estende as agitadas mãos
 e isto diz: “Ó fortíssimo Aquiles do povo grego,
 ó inimigo dos meus reinos, a ti somente a vencida
 juventude dardânia teme, e nossa velhice sentiu a ti 1030
 cruel demais. Agora peço que sejas afabilíssimo
 e tenhas compaixão do pai aflito, que suplica de joelhos,
 e aceites os presentes, que trago pelo corpo do miserável
 filho, se nem com pedidos nem com ouro te dobras,
 que a tua destra se enfureça nos derradeiros anos de um velho: 1035
 ao menos, pai, eu me juntarei aos cruéis funerais do filho.
 Nem a vida ou grandes honras me concedas,
 mas meu cruel funeral! Apieda-te de um pai
 e aprenda por minha pessoa a ser um pai afável.
 Com a morte de Heitor, venceste os dardânios reinos, 1040
 venceste Príamo; vencedor, recorda-te da sorte
 humana e observa os vários destinos dos heróis.”
 Por fim, movido por esses pedidos, Aquiles levanta
 o velho da terra e o corpo exangue de Heitor
 devolve ao pai. Depois disso, Príamo leva seus presentes 1045
 para a pátria; as tristes exéquias, à maneira dos seus,
 prepara, e conduz os derradeiros funerais.
 Então uma pira é construída, na qual duas vezes seis corpos de gregos
 e cavalos de quatro patas são postos, e carros, trombetas,
 escudos, elmos côncavos e agudos dardos. 1050
 Sobre estas coisas, com enorme gemido, é colocado Heitor.
 Estão ao redor mães de Ílio, que com as mãos arrancam
 os belos cabelos e batem nos despedaçados peitos:
 de fato, naquela fogueira veem os funerais dos filhos.
 Eleva-se o triste clamor dos jovens, com grande 1055
 ruído: ardia naquela chama, de fato, Ílio.
 Entre esses gemidos, com o peito despedaçado, a esposa
 Andrômaca avança e deseja lançar-se em meio
 às chamas segurando Astíanax, a qual a ordenada multidão
 das suas segura. Porém, contra todos resiste, 1060

até que cessaram as forças da desfalecida chama
e aquele grande líder desapareceu em leves cinzas.²²³

Mas já cessa o passo, coloca fim ao trabalho,

Calíope²²⁴, e conduze a quilha do teu vate,

o qual vês costear litorais com poucos remos.

1065

E já tem o porto e a meta do poderoso Homero.

Ó cortejo a acompanhar as Piérides, soltai as amarras,

e tu própria, cingida com o sagrado louro nos virgens

cabelos, depõe tua lira. Ajuda, ilustre Palas,

e tu, Febo, já realizado o curso do vate, favorece.

1070

²²³ É neste verso que de fato se encerra o resumo da *Iliada* de Homero. O que se segue é o epílogo, no qual Itálico completa o acróstico dos versos iniciais.

²²⁴ Uma das Musas, também chamadas de Piérides, como aparece no verso 1067.

6 – Sobre o processo tradutório da *Ilíada Latina*

Sabemos que o exercício tradutório é uma tarefa muito mais árdua e difícil do que simplesmente verter palavras de uma língua para outra. Sabemos, que pela própria especificidade das línguas, não é possível existir uma tradução de todo literal de um texto. Campos (1967, p. 24) ressalta que então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. (...) Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal.

A essa respeito, Benjamin (2004, v.1, p. 211) afirma que a tradução toca fugazmente e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via, no interior da liberdade do movimento da língua.

Tivemos dificuldades em estabelecer nossos critérios para essa tradução, pois a própria teoria tradutória é uma ciência complexa e na qual não há como ter uma definição de método científico que se aplique a qualquer tipo de texto ou processo de trabalho, embora Dolet elenque algumas regras ao se realizar uma tradução. São elas:

Em primeiro lugar, é preciso que o tradutor entenda perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido, pois com tal compreensão sua tradução nunca será obscura; e se o autor traduzido for confuso, poderá torná-lo fácil e totalmente inteligível. A segunda coisa requerida na tradução é o conhecimento perfeito por parte do tradutor da língua do autor que ele traduz; e que ele seja igualmente excelente na língua na qual se propõe a traduzir. Em terceiro lugar, quando se traduz, não se faz necessário submeter-se até o ponto de verter palavra por palavra. Se alguém assim o faz, isso se deve à pobreza e à falta de engenho. Pois, se possuir as qualidades mencionadas acima (as necessárias ao bom tradutor), sem se ater à ordem das palavras, prestará atenção aos pensamentos, de modo a expressar a intenção do autor, preservando com esmero a propriedade de ambas as línguas. A quarta regra que quero dar agora deve ser mais observada nas línguas não sistematizadas do que nas outras. Chamamos de línguas ainda não sistematizadas e aceitamos aquelas como a francesa, a italiana, a espanhola, a alemã, a inglesa e outras vulgares. Se por ventura, pois, traduzires algum livro em latim para uma dessas línguas (...) é preciso que evites usurpar palavras muito próximas do latim e pouco usadas no passado. Contenta-te com as comuns, sem inventar neciamente certas expressões por um capricho censurável. Chegamos agora à quinta regra, que um bom tradutor deve observar. Ela é tão importante que, sem ela, qualquer composição fica pesada e pouco agradável. Mas, em que consiste? Nada além da observância da harmonia do discurso (...). (Dolet, 2004, v.2, p. 15 a 19)

Cabe ao tradutor estabelecer seus critérios, de acordo com: o tipo de leitor a quem sua tradução se dedica, fazer tradução de poesia em verso ou prosa (se em verso, que tipo de

metro adotar?) havendo, ainda, várias questões a respeito do vocabulário e do estilo a serem adotados.

Sobre os critérios adotados pelo tradutor, Rónai afirma:

Mais ou menos conscientes das dificuldades da sua tarefa, os tradutores sabem ser impossível salvar todos os valores do original e por isso sempre consentem em sacrificar alguma coisa. No caso da *Eneida*, muitos substituem o hexâmetro por metros mais familiares em sua língua; alguns tentam compensar por meio de rimas o ritmo sacrificado; outros adotam o verso branco e resignam-se a aumentar o número de versos; outros abrem mão decididamente do verso e fazem uso de algum tipo de prosa poética. (Rónai, 1981, p. 117 e 118)

Foi justamente considerando esses vários critérios que decidimos por estas diretrizes: visamos, na nossa tradução, o leitor leigo, que não tem conhecimento da língua e da literatura latina.

Escolhemos manter a tradução do poema *Ilíada Latina* em versos, procurando seguir, sempre que possível, o verso em latim linearmente. Sacrificamos, porém, o ritmo do hexâmetro datílico em detrimento do sentido linguístico. Por esse motivo, adotamos versos brancos e livres. Buscamos sempre manter o sentido o mais próximo possível do original em latim. A esse respeito, Benjamin (2004, p. 207 a 209) ressalta que diante do sentido, sua língua tem o direito, aliás, o dever, de desprender-se, para fazer ecoar sua própria espécie de *intentio* enquanto harmonia, complemento da língua na qual se comunica, e não sua *intentio* enquanto reprodução de sentido.

Ainda que a divisão em livros não tenha sido feita por Béblio – mas sim por editores medievais – mantemos essa divisão na nossa tradução, a fim de facilitar a consulta e a comparação com a *Ilíada* de Homero.

Além de manter a tradução linear verso a verso, mantivemos as mesmas equivalências lexicais e sintáticas em cada repetição de um mesmo vocábulo, verso, hemistíquio ou epíteto. Algumas vezes, todavia, foi necessário fazer certas adaptações dos termos dentro de um mesmo verso ou em mais de um verso, pois a língua portuguesa não possui a mesma flexibilidade de ordem de vocabulário que o latim possui. Para Rónai (1981, p. 78), todo texto é alguma coisa mais do que simples soma das palavras que o compõem. O que devemos traduzir é sempre algo mais, isto é, a mensagem.

Introduzimos notas de rodapé para esclarecer o leitor acerca de temas mitológicos ou passagens problemáticas, além de essas notas servirem de amparo quando o texto latino se mostrava particularmente complexo em ser traduzido, devido a alguns termos que serão

abordados em mais detalhes adiante, e também pela extrema condensação da *Ilíada*, o que gerou algumas passagens confusas.

A partir deste estudo da teoria tradutória nos foi possível escolher melhor nossos critérios para traduzir, o que nos possibilitou fazer uma tradução mais consciente da *nossa* versão integral da *Ilíada latina*. Rónai (1987, p. 23) afirma que a arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências, e foi isso que tentamos fazer nesse trabalho de tradução.

6.1 – dos nomes das personagens

É necessário cuidado na hora de traduzir nomes próprios de línguas antigas, pois são várias as formas que eles podem possuir como, por exemplo, em português, temos Agamêmnon, Agamenão, etc. É comum adaptações de acordo com a língua-alvo (Titus Livius torna-se Tite Live em francês, ou Tito Lívio em português. Temos, ainda, Juvenal em português ou Giovenale em italiano).

Embora existam dicionários onomásticos, é comum que uma forma se sobreponha a outra. Se seguíssemos o parâmetro de formação em português de palavras latinas que possuem o genitivo em –onis, como em leão (leo, leonis), o nome de Cícero deveria ser Cicerão (o mesmo fenômeno ocorre na língua espanhola). A forma do nome Cícero, porém, é a consagrada e usada em nosso idioma, assim como o nome do imperador Nero (e não Nerão).

Conservamos a tradução dos nomes de acordo com a nomenclatura consagrada em português. Seguimos também a nomeação dos personagens feita por Frederico Lourenço na *Ilíada*, buscando a uniformidade com a tradução que adotamos do texto grego.

Mantivemos também os vários epítetos usados por Bêbio Itálico para designar os gregos. Os inimigos dos troianos são chamados ora de aqueus, argivos ou dânaos. Aqueu, é um étnico: a Grécia possui uma região chamada Acaia. Argivo designava na origem os habitantes da cidade de Argos, tanto do Peloponeso como de Argos Pelásgico na Grécia central. Dânaos é um derivado do nome do rei Dânao, fundador de Argos.²²⁵

²²⁵ Emílio Crespo afirma que, apesar de dânao ser equivalente a aqueu ou argivo, provavelmente não é sinônimo desses termos. “Los nombres de persona de los troyanos y de los griegos en la Iliada”. In: *CLASSICA*: revista brasileira de estudos clássicos. São Paulo: SBEC, 2004/2005, v. 17/18, p. 34.

Já o termo troiano é relativo à cidade de Troia. Ilíaco se refere a Ílio, sinônimo de Troia. O termo troiano ora designa somente os troianos, ora também designa seu aliados (troianos, dardânios e lícios).

6.2 – da tradução de termos complexos

Pudemos perceber que, por ter sido um exercício de adaptação realizado na juventude por Bêbio Itálico e por possuir uma linguagem bastante modesta, do ponto de vista vocabular, sob esse aspecto em geral não deparamos intransponíveis barreiras ao traduzir para o português a *Ilíada Latina*.

Contudo, é possível destacar dois termos pelas dificuldades apresentadas por não possuírem uma correspondência direta em português, pois expressam ideias muito inerentes à cultura romana.

Rónai ressalta que essas palavras são chamadas de holófrases, pois exprimem noções peculiares a um certo idioma e cultura. A respeito desse tipo de palavras, ele afirma que em sentido mais lato é possível chamar de holófrases palavras que designam noções peculiares a uma civilização, sem correspondente nos demais ambientes culturais (Rónai, 1981, p. 47).

Destacamos duas palavras que se encaixam nessa categoria de holófrase: *manes* e *numen*. Nas palavras de Rónai (1981, p. 47), são palavras essas que, por mais que tentemos traduzi-las recorrendo a todos os circunlóquios possíveis, chegamos à conclusão de só haver exprimido parte do seu conteúdo complexo.

Comparamos a definição dessas palavras em alguns dicionários de latim, e buscamos a tradução do termo que melhor se encaixava no sentido linguístico original e que também tivesse motivações em português.

Vejamos alguns significados do termo *manes*. Temos, no dicionário latim-inglês da Oxford²²⁶, a seguinte definição:

Manes ~ ium, m.pl.

- 1) Di ~ es, the spirits of the dead, regarded as minor supernatural powers. B ~es alone
- 2) Mortal remains, ashes b) a corpse
- 3) (poet.) the abode of the dead, the underworld.

²²⁶ GLARE, P.G.W. (ed.). Oxford Latin dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1982.

- 4) (poet.) death; doom, fate.

Já o dicionário latim-português de Francisco Torrinha²²⁷, tem a seguinte definição:

Manes, ium, m.pl.

- 1) etim. Os deuses bons
- 2) os espíritos dos mortos (por eufemismo); as almas (dos pais); os manes; a alma dum morto.
- 3) Cadáver; restos mortais; cinzas dum morto
- 4) Regiões infernais; penas, castigos (nos infernos)

O dicionário de Saraiva, que tem por base o dicionário latim-francês de Quicherat, nos dá o seguinte²²⁸:

Manes, ium, s. m. pl. de Manis

Manes, alma d'um defuncto. Cadáver, restos mortais, ossos, cinzas d'um morto. Os infernos. Penas, castigos, punição (nos infernos)

O dicionário de Ernersto Faria registra a seguinte definição:

Manes, ium, subs.m.pl.

- 1) Os deuses bons, epíteto pelo qual se designavam, por eufemismo, os espíritos dos mortos, e especialmente dos pais; depois, passou a designar as almas dos mortos, veneradas por gregos e romanos, que lhe dedicaram o mês de fevereiro (Cic. Leg. 2, 22)
- 2) Morada dos manes, os infernos (Verg. Em. 4, 387).

No dicionário de Gaffiot²²⁹, temos:

Manes, ium, subs.m.pl.

- 1) mânes, âmes des morts, les dieux mânes, mânes d'un mort.

²²⁷ TORRINHA, Francisco. Dicionário latino português. Porto: Edições e execução de gráficos reunidos Ltda., 2001

²²⁸ SARAIVA, F.R. S. Novíssimo dicionário latino-português. 10 edição. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

²²⁹ GAFFIOT, Félix. Dictionnaire illustré Latin-français. Paris: Hachette, 1957.

- 2) Séjour des mânes, les enfers, châtements infligés après la mort, cadavre;

Temos a definição do termo em língua portuguesa, do dicionário de Aurélio Buarque²³⁰, que assim define *manes*:

Manes [do lat. *manes*] s.m.pl.

- 1) Entre os antigos romanos, as almas dos mortos, consideradas como divindades e invocadas sobre os túmulos.
- 2) *P.ext.* As almas, os espíritos.

No dicionário de Houaiss²³¹, temos:

Manes, ium, subs.m.pl.

- 1) Para os antigos romanos, as almas deificadas de ancestrais, já falecidos.
- 2) *P. ext.* as almas dos mortos.

No livro XXII, mantivemos o termo “manes” em português mesmo, e colocamos uma breve nota de rodapé explicando este termo. Nessa passagem, Aquiles afirma a Heitor que sua morte alegrará a alma de Pátroclo. De fato, é somente nesse momento que se usa o termo *manes* em todo o poema latino. Assim ficou a tradução dos versos 994 e 995, com a nota de rodapé:

*Haec ex te capient Patrocli gaudia manes,
si sapiunt umbrae. (...)*

De ti os manes²³² de Pátroclo receberão essas alegrias,
se tiverem discernimento as sombras. (...)

Evitamos traduzir *manes* por “alma”, pois na cultura brasileira não temos o culto aos mortos – como existia na Antiguidade, na qual os mortos eram reverenciados – além de evitarmos a cristianização do termo no contexto da *Ilíada Latina*.

Assim, para a tradução desse termo, tivemos que recorrer à estratégia defendida por Rónai (1987, p. 16 e 17), já que, sabendo de antemão que não existe equivalente perfeito,

²³⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo, 2004.

²³¹ HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

²³² Referência às almas dos mortos, que vivem, como sombras, no Hades.

resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se das muletas do grifo, das aspas ou das notas de pé de página.

Quanto ao termo *numen*, temos no dicionário de Ernesto Faria:

Numen, -inis, subs. n.

I – Sent. primitivo: 1) Movimento de cabeça, assentimento, consentimento; daí, em sent. próprio: 2) Vontade, injunção.

II – Sent. particular: 3) Nume, poder divino, vontade divina. Onde: Divindade, deus, deusa (sent. concreto) (Verg. Em. 3, 543) 5) Majestade, poder, grandeza, (sent. abstrato).

O dicionário de Saraiva assim registra o termo:

Numen, -inis, subs. n.

- 1) Movimento de cabeça, aceno, consentimento, vontade, permissão.
- 2) Inclinação, pendor, ação de pender.
- 3) Poder ou vontade (divina)
- 4) Poder, majestade, grandeza.
- 5) Divindade, deus, deusa.
- 6) Força maior.

Já Torrinha define:

Numen, -inis, subs. n.

- 1) Movimento de cabeça, assentimento, consentimento.
- 2) Poderes divinos, vontade divina.
- 3) Divindade, deus, deusa.
- 4) Poder, majestade, grandeza.
- 5) Inclinação, pendor.

Félix Gaffiot assim define:

Numen, -inis, subs. n.

Mouvement de la tête, manifestant la volonté.

- 1) Volonté, injonction, la volonté de l'esprit, volonté divine, puissance agissante de la divinité.
- 2) La divinité, la majesté divine, divinité, dieu, déesse, les statues divinités.
- 3) La puissance divine de l'histoire.

No dicionário da Oxford, temos:

Numen, -inis, subs. n.

- 1) A motion of the head, a nod b. inclination, bias.
- 2) Divine or supernatural power or influence.
- 3) Divine power as controlling events and activities, divine will or sanction b. divine power as exercised on behalf of a person or thing.
- 4) Divine nature or majesty, divinity, god head.
- 5) A supernatural force in a place, divine presence, deity, god.

Dependendo do contexto da narrativa, optamos por três diferentes traduções do termo *numen*, usado somente para os deuses, e o traduzimos ora por “vontades”, “poderes” ou “divindades”.

Adotamos o termo “vontades” para contextos de súplica a um deus, ou a consultas de oráculos. Podemos destacar as seguintes passagens: no livro I (v. 32 e 33), Crises, sacerdote de Apolo, após ter sido expulso do acampamento dos gregos sem recuperar sua filha, assim se refere ao deus:

*Quid coluisse mihi tua numina, Delphice, prodest
aut castam uitam multos duxisse per annos?*

De que me adianta, Délfico, eu ter honrado tuas vontades,
ou ter levado uma vida casta por muitos anos?

No livro I (vv.52 a 57), Aquiles pede a Calcante para consultar o oráculo e saber o motivo da cólera de Apolo contra os gregos. Temos:

*(...) Tunc Calchas numina diuum
consulit et causam pariter finemque malorum
inuenit effarique uerens ope tutus Achillis
haec ait: "Infesti placemus numina Phoebi
reddamusque pio castam Chryseida patri,
si uolumus, Danaï, portus intrare salutis".*

(...) Então Calcante consulta as vontades divinas, ao mesmo tempo a causa e o fim dos males encontra e, temendo falar, mas assegurado no poder de Aquiles, diz isto: “Aplaquemos as vontades do hostil Febo e devolvamos a casta Criseida ao pai piedoso, se quisermos, dânaos, adentrar os portos da salvação”.

Adotamos a tradução de *numen* por “poder” nas passagens com invocações às divindades ou aos seus feitos. Temos os seguintes exemplos, em que Aquiles invoca sua mãe, e Tétis pede a Zeus que honre Aquiles (Livro I, 81 a 89):

*inuocat aequoreae Pelides numina matris
ne se Plistheniden contra patiatur inultum.
At Thetis audita nati prece deserit undas
castraque Myrmidonum iuxta petit et monet armis
abstineat dextram ac congressibus; inde per auras
emicat aetherias et in aurea sidera fertur.
Tunc genibus regis sparsis affusa capillis:
"Pro nato ueni genetrix en ad tua supplex
numina, summe parens; (...)*

o Pelida invoca os poderes da aquática mãe²³³ para não permanecer sem vingança diante do Plistênida²³⁴. Porém Tétis, tendo ouvido o pedido do filho, deixa as ondas, vem para perto do acampamento dos mirmidões, e o aconselha a manter a destra afastada das armas e combates; de lá, pelos ares etéreos se ergue e é levada às áureas estrelas. Então ela, de cabelos soltos²³⁵, lança-se aos joelhos do rei: “Vim em favor do filho, eis, a mãe suplicante dos teus poderes, ó pai supremo; (...)

Outra passagem na qual traduzimos *numen* por “poder”, no livro V (v. 399 e 400), em que a deusa Atena protege Diomedes, que ataca os troianos:

*sic ruit in medios hostes Calydonius heros,
uirginis armigerae monitis et numine tutus.*

assim ao meio dos inimigos aquele herói Calidônio²³⁶ se lança, protegido pelos conselhos e pelo poder da armada virgem²³⁷.

²³³ A divindade marinha Tétis, casada com o mortal Peleu, mãe de Aquiles. É filha do deus marinho Nereu e de Dóris.

²³⁴ Agamêmnon, que seria sobrinho de Plístenes. Este epíteto é bastante raro na literatura clássica.

²³⁵ Sinal de luto ou súplica.

²³⁶ Diomedes, filho de Tideu, era neto de Eneu, rei da Calidônia. Daí o epíteto calidônio e, no verso 466, Enida.

²³⁷ Palas Atena, deusa da sabedoria, da guerra e da estratégia.

E também no livro VI (v. 543 a 547), temos a tradução de *numen* por “poder” e por “vontades”, respectivamente, no episódio em que Heitor percebe que Atena é contrária aos troianos:

(...) *Sensit Mauortius Hector
pro Danais pugnare deos ualidasque suorum
uirginis armigerae subduci numine uires
continuoque petit muros Hecubamque uocari
imperat et diuae placari numina suadet.*

(...) Heitor Mavórcio sentiu os deuses lutarem a favor dos dânaos e as vigorosas forças dos seus serem subtraídas pelo poder da Virgem armígera²³⁸; imediatamente se dirige aos muros, ordena que Hécuba²³⁹ seja chamada e aconselha que as vontades da deusa sejam aplacadas.

Também adotamos o termo “poder” para traduzir *numen* nas seguintes passagens: no canto VII (v. 572 a 574), Heitor pede a Júpiter que conceda força a seu filho, Astíanax. Ele diz:

(...) *"Precor, o pater optime" - dixit -
"ut meus hic, pro quo tua numina, natus, adoro,
uirtutes patrias primis imitetur ab annis."*

(...) “Peço, ó ótimo pai²⁴⁰” – disse –
“que este meu filho, por quem adoro os teus poderes,
imite a bravura paterna desde os primeiros anos.”

Na súplica de Dólón a Diomedes e Ulisses, no canto X (v. 722 a 724), ele pede aos heróis gregos que lhe poupem a vida:

(...) *Nunc uos per numina diuum,
per mare, per Ditis fluctus obtestor opaci,
ne rapere hanc animam crudeli caede uelit.*

(...) Agora vós, pelos poderes dos deuses, imploro, pelo mar, pelas ondas do escuro Dite²⁴¹, que não quereis tirar esta alma com cruel morte!

Adotamos também a tradução de *numen* por “poder” nas passagens em que deuses interferem na guerra. Isso ocorre em dois momentos. No canto XX (v. 920 a 922), Juno interfere na luta entre Aquiles e o rio Xanto:

²³⁸ Palas Atena.

²³⁹ Mãe de Heitor e esposa de Príamo.

²⁴⁰ Ou seja, Júpiter.

²⁴¹ Dite é outro nome para Hades, e Dólón se refere aqui às águas dos rios infernais.

(...) *Quem longe prouida Iuno
asseruit, rapidae quia cederet, ignibus, undae,
sanctaque pugnarunt inter se numina diuum.*

(...) Ao longe a prudente Juno o
defendeu com fogos, porque cedia às violentas ondas,
e lutaram entre si os santos poderes dos deuses.

No canto XXII (v. 949 e 950), Atena, após enganar Heitor, passando-se por Deífobo, ajuda Aquiles.

*nam cum Deiphobi tutum se credidit armis,
transtulit ad Danaos iterum sua numina Pallas.*

pois quando ele se julgou seguro com as armas de Deífobo,
Palas de novo levou aos dânaos os seus poderes.

Já a tradução de *numen* por “divindade” foi adotada nas seguintes passagens: no canto XVIII (v. 871 a 873), no episódio da descrição do escudo de Aquiles, o narrador informa o que Hefesto colocou no mar:

*addideratque fretis sua numina: Nerea magnum
Oceanumque senem nec eundem Protea semper,
Tritonasque feros et amantem Dorida fluctus;*

e adicionara aos mares suas divindades: o grande Nereu,
o velho Oceano e o nem sempre idêntico Proteu²⁴²;
Tritões ferozes e Dóris, amante das ondas;

No canto XXII (v. 970 a 972), em que Heitor está prestes a ser morto por Aquiles:

*Quid agat? quae numina supplex
inuocet? et toto languescunt corpore uires
auxiliumque negant; retinet uix dextera ferrum,*

O que faria? Que divindades, suplicante,
invocaria? E em todo corpo se extinguem as forças
e os auxílios negam; com custo a destra segura o ferro,

Além desses dois termos – sobretudo *numen*, que aparece várias vezes na *Ilíada Latina* – temos outras palavras que aparecem eventualmente, e que também designavam conceitos inerentes à cultura romana. Temos a *gloria*, *honor*, *uirtus* e *labor*. Não nos aprofundaremos nesses conceitos, pois na *Ilíada Latina* esses termos estão esvaziados do sentido cultural que lhes pertencem, e, por conseguinte, desempenham papel modesto.

²⁴² Proteu, divindade marinha, dotado do dom da profecia e do poder de mudar de forma.

Pereira (1993, v. 2, p. 333 e 335) afirma que a *gloria* é o público reconhecimento das qualidades do cidadão. A *gloria* alcançada ao serviço da *res publica* tinha mesmo as suas consagrações externas, como a ovação e, sobretudo, o triunfo. O termo *gloria* aparece apenas duas vezes na *Ilíada Latina*, nas seguintes passagens, e não possui o sentido de *gloria*, como definido acima, mas apenas o significado de renome ou reputação:

*At Schedius uirtute potens et Epistrophus ingens,
gloria Myrmidonum, saeui duo robora belli,* (v. 179 e 180)

E Esquédio poderoso em bravura e o enorme Epístrofo,
glória dos Mirmidões, duas forças na guerra cruel,

(...) *Ruit omnis in uno
Hectore causa Phrygum, ruit hoc defensa senectus
afflicti miseranda patris, quem nec sua coniunx
turbaque natorum nec magni gloria regni
oblitum tenuit uitae, quin iret inermis
et solum inuicti castris se redderet hostis.* (v. 1019 a 1024)

(...) Ruiu unicamente em Heitor
toda a causa dos frígios, ruiu com ele a protegida velhice
deplorável de um pai aflito, que nem sua esposa
e a multidão dos filhos²⁴³, nem a glória do grande reino
impediu, esquecido da vida, de ir sem armas
e sozinho se dirigir ao acampamento do invicto inimigo.²⁴⁴

Sobre o termo *honor*, Pereira ressalta (1993, v. 2, p. 337) que é o reconhecimento público do mérito, que actua como estímulo, e tem, por conseguinte, uma função pedagógica na cidade. *Honor* também aparece poucas vezes na *Ilíada Latina*. Em ambas as passagens, *honor* não designa um reconhecimento público ou mérito de alguma ação, mas tem o sentido de “homenagem” e “honras”. Temos:

*Interea uictor defleti corpus amici
funerat Aeacides pompasque ad funera ducit.
Tum circa tumulum miseris rapit Hectoris artus
et uapido cineri ludorum indicit honores.* (v. 1004 a 1007)

Enquanto isso, vencedor, o corpo do amigo chorado
celebra o Eácida, e os cortejos ao funeral conduz.
Então, ao redor do túmulo, toma os miseráveis membros de Heitor,
e para a degradada cinza, mostra as homenagens dos jogos.

(...) *si nec precibus nec flecteris auro,
in senis extremis tua dextera saeuat annis:
saltem saeua pater comitabor funera nati!
Nec uitam mihi nec magnos concedere honores,
sed funus crudele meum!* (...) (v. 1034 a 1038)

²⁴³ Príamo era famoso por sua prole numerosa, da qual destaca-se Heitor, Páris, Deífobo, e as filhas Cassandra (profetisa) e Creúsa, esposa de Eneias.

²⁴⁴ Esses versos fazem referência à ida de Príamo ao acampamento de Aquiles.

(...) se nem com pedidos nem com ouro te dobras,
que a tua destra se enfureça nos derradeiros anos de um velho:
ao menos, pai, eu me juntarei aos cruéis funerais do filho.
Nem a vida ou grandes honras me concedas,
mas meu cruel funeral! (...)

Pereira afirma que a etimologia de *uirtus* vem de *uir* (homem) e do sufixo -tut-, que indica estado. Assim, *uir* significaria “ser homem” no sentido de “ser homem direito”. Pereira ressalta que a palavra é muito antiga em latim, e aparece na Lei das Doze Tábuas, com o significado de ‘valentia’. Ela diz que “esta ‘valentia’ corresponde à *andreia* grega, ou, se quisermos, ao sentido primário da *aretê* homérica, sentido este que não se perderá (Pereira, 1993, v.2, p. 397). Esse complexo termo, posteriormente, adquire novos significados.

Do sentido restrito de ‘valentia’, ‘coragem’, sobretudo no sentido militar, passando pelas qualidades de caráter, a evolução da *uirtus* romana é muito semelhante à da *aretê* grega, que, por sua vez, percorre um longo caminho desde o campo da ação bélica e da palavra ajustada, dos heróis da *Ilíada*, ao sentido preciso e profundo de ‘virtude’ que assume a partir de Sócrates. (Pereira, 1993, v.2, p. 407)

O termo *uirtus* aparece várias vezes na *Ilíada Latina* e, por tratar-se de uma adaptação de uma obra épica, *uirtus* sempre tem o sentido de bravura, força e coragem, como podemos ver nos seguintes trechos. No catálogo das naus do canto II, temos os dois exemplos:

At Schedius uirtute potens et Epistrophus ingens, (v. 179)

E Esquédio poderoso em bravura e o enorme Epístrofo,

*quem sequitur totidem ratibus Telamonius Ajax,
egregia uirtute potens (...)* (v. 205 e 206)

ao qual Ájax Telamônio²⁴⁵ segue com outros tantos navios,
poderoso por sua notável força;

Helena, quando reencontra Páris – salvo por Afrodite do confronto com Menelau – lhe diz:

*An nondum uaga fama tuas peruenit ad aures
de uirtute uiri?* (v. 328 e 329)

Acaso ainda não chegou aos teus ouvidos a errante fama
da bravura do homem? (...)

²⁴⁵ Ájax, de Salamina, filho de Télamon. Depois de Aquiles, era o mais forte dos guerreiros gregos, e protagoniza alguns dos episódios mais heroicos da *Ilíada*.

Nas cenas de batalha, temos:

(...) *Pugnabat ubique
immixtis ardens amborum exercitus armis
et modo Troianis uirtus, modo crescit Achiuis
laetaque per uarios petitur uictoria casus.* (v. 385 a 388)

(...) Por todas as partes lutava
o exército ardoroso de ambos com armas misturadas,
e ora a força aumentava para os troianos, ora para os aquivos,
e a alegre vitória é buscada por lances incertos.

*Virtus clara ducis uires accendit Achiuum
et spes exacuit languentia militis arma* (v. 506 e 507)

A famosa coragem do chefe acende as forças dos aquivos
e a esperança estimula as arrefecidas armas do soldado

O termo *labor*, nas palavras de Pereira (1993, v.2, p. 388), significa “noção de ‘carga’ e, por enfraquecimento de sentido, de ‘trabalho’, ‘esforço’, ‘labor’”. Através do *labor*, isto é, da realização de uma atividade, o cidadão ganha reconhecimento na comunidade a que pertence (Pereira, 1993, v. 2, p. 389). *Labor* designa vários tipos de atividades, como a agrícola, a oratória, a militar, etc. Na *Ilíada Latina*, Bébio usa esse termo para designar “tarefa” ou “esforço”, como podemos ver nos trechos abaixo. No primeiro, Júpiter responde a súplica de Tétis:

*Iuppiter haec contra: "Tristes deponere querelas,
magni diua maris, mecum labor iste manebit.* (v. 93 e 94)

Estas coisas em resposta, Júpiter: “Deixa as tristes queixas,
deusa do grande mar, comigo estará esta tarefa.

Abaixo, Páris diz a Helena, que quando enfrentar Menelau novamente

*Mox illum nostris succumbere turpiter armis
aspicies aderitque meo Cytherea labori.* (v. 334 e 335)

Em breve o verás sucumbir torpemente por nossas armas
e Citereia favorecerá o meu esforço.

Da fuga dos soldados, têm-se os versos:

*hic cursu super insequitur, fugere ille uidetur,
festinantque ambo, gressum labor ipse moratur,* (v. 940 e 941)

este correndo persegue próximo, aquele parece fugir,
e se apressam ambos; o próprio esforço retarda o passo.

Sobre a morte de Tlepólemo, o termo *labor* faz referência aos doze trabalhos de Hércules:

*Quem contra infelix non aequis dimicat armis
Tlepolemus magno satus Hercule, sed neque uires
hunc seruare patris nec tot potuere labores,
quin caderet tenuemque daret de corpore uitam.* (v. 522 a 525)

Contra ele o infeliz Tlepólemo, filho do grande Hércules,
luta com armas desiguais, mas nem as forças
nem os tantos trabalhos do pai puderam-no salvar
de cair e entregar a tênue vida do corpo.

Por fim, no trecho abaixo que configura o epílogo da *Ilíada Latina*, *labor* se refere a atividade poética:

*Sed iam siste gradum finemque impone labori,
Calliope, uatisque tui moderare carinam,
remis quem cernis stringentem litora paucis,
iamque tenet portum metamque potentis Homeri.* (v. 1063 a 1066)

Mas já cessa o passo, coloca fim ao trabalho,
Calíope²⁴⁶, e conduz a quilha do teu vate,
o qual vês costear litorais com poucos remos.
E já tem o porto e a meta do poderoso Homero.

Sobre a tradução, Campos afirma:

A tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecação implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica. (Campos, 1967, p. 31)

Nossa maior preocupação, assim, ao traduzir, consistiu em dois aspectos: o primeiro, em ser, como possível, fiéis aos sentidos linguísticos do original latino; o segundo, em buscar uma harmonia no texto traduzido para o português; foi o que tentamos obter neste trabalho.

²⁴⁶ Uma das Musas, também chamadas de Piérides, como aparece no verso 1067.

Referências bibliográficas

Edições e traduções de textos antigos

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

HOMER. *Ilias*. (Bibliotheca Scriptorum Græcorum et Romanorum Teubner). Edição e notas por M. West. Leipzig: Saur, 2000.

_____. *Iliad*. Edição por D. Monro et T. Allen. Oxford: Oxford University Press, 1902; 3^{ème} éd., Oxford, 1920.

_____. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

_____. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

HOMÉRE. *Iliade*. Texte établi par Paul Mazon. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1937 – 1955 v.4.

HORÁCIO. *Obras completas*. Trad. José Agostinho de Macedo, Antônio Luiz de Seabra e Francisco Antônio Picot. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

ITÁLICO, Silio. *La guerra púnica*. Edición de Joaquín Villalba Álvarez. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

MARTIAL. *Epigrams*. Cambridge: Harvard University Press, 1947. The Loeb Classical Library, vol.1.

OVIDE. *Les metamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955. 3 v.

_____. *L'art d'aimer*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1951.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Manuel Maria Barbosa du Bocage. São Paulo: Hedra, 2006.

PETRÔNIO; BIANCHET, Sandra Braga. *Satyricon*: edição bilíngüe. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

PLATÃO. *República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SCAFFAI, Marco (ed). *Baebii Italici Ilias Latina*: Introduzione, edizione critica, traduzione italiana, e commento. 2 ed. Bologna: Pàtron, 1997.

- SÊNECA, L.A. *Obras: consolação a minha mãe Hêlvia, da tranquilidade da alma, Medéia, Apokolokintosis*. Trad. G.D. Leoni. São Paulo: Atena Editora, 1961.
- SENEQUE. *Dialogues*. Texte établi et traduit par Rene Waltz et Abel Bourgery. Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1941-1966. 4 v.
- TÁCITO, C. Cornélio. *Anais*. Trad. Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: [s.e.], 1964.
- TREVIZAM, Matheus. A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da 'Ars amatoria' de Ovídio. Dissertação de mestrado. Campinas: IEL-UNICAMP, 2003.
- VEGA, María Felisa del Barrio. LÓPEZ, Vicente Cristóbal (eds). *La Ilíada Latina ; Diario de la guerra de Troya de Dictis Cretense ; Historia de la destrucción de Troya de Dares Frigio*. Madrid: Gredos, 2001.
- VIRGILE. *Eneide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par Andre Bell essort. 6 ed. Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1948. 2 v.
- VERGÍLIO. *Eneida*. Trad. de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 8ª edição, s.d.
- _____; VASCONCELLOS, Paulo Sérgio (org.). *Eneida*. Trad. de José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Dicionários

- ALMOYNA, Julio Martinez. *Dicionário de espanhol-português*. 2 ed. Porto: Porto ed., 1999.
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1952.
- BENEDETTI, Ivone Castilho. *Dicionário Martins Fontes italiano-português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CARVALHO, Olívio. *Dicionário de francês-português*. 2 ed. Porto: Porto ed., 1997.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário latino – português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2004.
- GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustre latin français*. Paris: Hachette, 1957.
- GLARE, P.G.W.(ed.). *Oxford latin dictionary*. Oxford: Claredon Press, 1982.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. e JONES, H. S. *Greek-English lexicon with a revised supplement*, 9 ed., Oxford: Clarendon Press, 1996.
- REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Tessitura, 2005.
- SARAIVA, F.R. dos Santos; QUICHERAT, L. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.
- SUMMERS, Della. *Longman dictionary of contemporary English*. 3 ed. Bungay: Longman Dictionaries, 1995.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Edições e execução de gráficos reunidos Ltda., 2001.

Bibliografia sobre literatura grega e latina

- ALMEIDA, Zélia Cardoso. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BUTLER, H. E. *Post-Augustan Poetry*. Charleston: Biblio Bazaar, 2008.
- CODOÑER, Carmen (org.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 2007.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- CRESPO, Emilio. “Los nombres de persona de los troyanos y de los griegos en la Iliada”. In: *CLASSICA*: revista brasileira de estudos clássicos. São Paulo: SBEC, 2004/2005, v. 17/18.
- CRUSIUS, Federico. *Iniciación en la métrica latina*. Barcelona: Bosch, 1951.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- DUFF, John Wight. *A Literary History of Rome: From Tiberius to Hadrian*. 3 ed. London: Benn, 1964.
- FOLEY, John Miles (ed.). *A companion to ancient epic*. Oxford: Blackwell, 2005.
- FONTES, Joaquim Brasil. *Eros, tecelão de mitos*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- GRIFFIN, Miriam T. *Nero: the end of a dynasty*. London: Routledge, 2000.
- GRILLO, A. *Critica del testo, imitazione e narratologia: ricerche sull'Ilias Latina e la tradizione epica classica*. Firenze: Felice le Monnier, 1982.
- GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

- HARDIE, Philip. *The epic successors of Virgil: a study in the dynamics of a tradition*. Cambridge: University Press, 1993.
- HAVELOCK, Eric. A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JÆGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. por A. M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. (eds.). *Historia de la literatura clásica*. (Cambridge University) Madrid: Gredos, 1989 v. 2 Literatura latina.
- KIRK, G. S. (ed.) *The Iliad: a commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, 6v.
- _____. *The songs of Homer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1962.
- LEITE, J. F. Marques. *Pequeno ensaio de métrica latina*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1940.
- LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- MAFRA, Johnny José. *Cultura clássica grega e latina*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1981.
- MARTINDALE, Charles (org.). *The Cambridge Companion to Virgil*. Cambridge; University Press, 1997.
- MONTANARI, Franco (org.). *La poesia latina*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, [s.d.].
- MORTOZA, Marina Pelluci Duarte. *Imagens do amor como doença em Safo*. Monografia de conclusão de curso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- NAGY, G. *Greek mythology and poetics*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1990.
- _____. *Poetry as performance. Homer and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- _____. *The best of the Achaeans: concepts of the hero in archaic greek poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória (orgs.). *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PARRY, Adam (ed.). *The making of homeric verse*. New York: Arno Press, 1980.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de historia da cultura classica*. 7. ed. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1993, 2 v.

- PESSANHA, Nely Maria. “Características básicas da epopéia clássica”. In: APPEL, Myrna Bier; GOETTENS, Miriam Barcellos (orgs.) *As formas do épico: da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1992.
- QUINT, David. *Epic and empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. Princeton: Princeton University Press, [s.d.].
- REDFIELD, James M. *Nature and culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. Chicago: Chicago University Press, 1975.
- RIGALL, Juan Casas. *Libro de Alexandre*. Madrid: Editorial Castalia, 2007.
- SCAFFAI, M. Aspetti e problemi dell’*Iliad*. In: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* (ANRW). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1985, 3 teilband.
- SLATKIN, L. M.) *The power of Thetis: allusion and interpretation in the Iliad*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e oralidade na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus, 2005.
- THOMPSON, Diane P. *The Trojan War: literature and legends from the Bronze Age to the present*. Jefferson: McFarland, 2004.
- VÁRIOS. *Lexikon iconographicum mythologiae classicae*. Munique: Artemis, 1981-1997, 8 vol.
- VIVANTE, Paolo. *The epithets in Homer: a study in poetic values*. New Haven: Yale University Press, 1982.
- _____. *Homer*. New Haven: Yale University Press, 1985.
- VON ALBRECHT, Michael. *Roman epic: an interpretative introduction*. Leiden: Brill, 1999.
- WEST, M. The rise of the greek Epic. *Journal of Hellenic Studies*, n. 108, p. 151-172, 1988.
- _____. The invention of Homer. *Classical Quarterly*, n. 49, p. 364-382, 1999.
- YOUNG, Arthur M. *Troy and her legend*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1948.

Bibliografia sobre tradução

- BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: Núcleo de tradução/UFSC, 2004, vol. 1.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

DOLET, Etienne. A maneira de bem traduzir de uma língua para outra. In: FAVERI, Cláudia Borges; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.). *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: Núcleo de tradução/UFSC, 2004, vol. 2.

MAROUZEAU, Jules. *La traduction du latin: conseils pratiques*. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres: 1937.

RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 6ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

_____. *A tradução vivida*. 2 edição ampliada. RJ: Nova Fronteira, 1981.